



A Conspiração de Deus

Como a Política e a Religião Querem Acabar
com A Liberdade Humana



Digitalizado, Corrigido e Adaptado por
Gullan Greyl

<http://www.gullangreyl.pt>

1ª Edição, 2010

12-09-2023

SINTESE

A Conspiração de Deus desmascara a antiga aliança entre padres e políticos para destruir a liberdade humana, a alegria, a prazer, o conforto e a luxúria. Os políticos homenageiam os padres para legitimar o seu poder e os padres reforçam as regras de comportamento humano impostas pelos políticos. Tudo em nome de Deus.

Acreditar em Deus e não acreditar em Deus são dois extremos do mesmo espectro. Mas Osho não defende a crença – ele promove a experiência. Através da meditação, conseguimos descobrir a verdade universal da nossa consciência – e, através desta experiência direta da verdade do nosso ser, descobrimos que a vida é autossuficiente e não precisa da ficção de Deus.

A
CONSPIRAÇÃO
DE DEUS

COMO A POLÍTICA E A RELIGIÃO QUEREM ACABAR
COM A LIBERDADE HUMANA

OSHO

1ª Edição, 2010

Índice

PREFÁCIO	1
INTRODUÇÃO.....	3
Pode dizer alguma coisa sobre dúvida e negatividade? Qual é a diferença?	3
O Osho é contra Deus e Jesus?	8
Quando diz que Deus não existe, isso significa que é ateu?	18
CAPÍTULO 1.....	21
DEUS MORREU E O HOMEM ESTÁ LIVRE... PARA QUÊ?	21
CAPÍTULO 2.....	58
DEUS É UM INSULTO PARA O HOMEM	58
CAPÍTULO 3.....	91
DEUS É COMO O AMANHÃ.....	91
CAPÍTULO 4.....	119
DEUS É UMA MENTIRA	119
CAPÍTULO 5.....	152
DEUS É A SUA INSEGURANÇA.....	152
CAPÍTULO 6.....	188
DEUS É O PECADOR ORIGINAL	188
CAPÍTULO 7.....	214
DEUS É O NEGÓCIO DO PADRE.....	214
SOBRE O AUTOR	260

PREFÁCIO

A mente cética é uma das coisas mais bonitas do mundo.

Ela foi condenada pelas religiões porque estas não foram capazes de responder a perguntas céticas; só queriam crentes.

E a mente cética é justamente o oposto da mente crente.

Eu sou totalmente a favor da mente cética. Não acredite em nada, a não ser que o tenha experimentado. Não acredite em nada — continue a questionar, o tempo que for preciso.

A verdade não é barata. Não está à disposição do crente; ela só está ao dispor do cético.

Lembre-se apenas de uma coisa: não seja cético a meio gás. Seja totalmente cético. Quando lhe digo para ser um cético total, quero dizer que as suas ideias céticas também devem ser postas à prova, tal como as crenças de qualquer pessoa. O ceticismo, quando é total, queima-se a si mesmo, porque é preciso questionar e duvidar do próprio ceticismo. Não pode deixar o seu ceticismo acima de qualquer dúvida; caso contrário fica na mesma posição do crente. Se conseguir duvidar do cético que há em si, então o místico não deve estar longe.

O que é um místico? — alguém que não tem resposta, alguém que fez todas as perguntas possíveis e descobriu que nenhuma pergunta pode ter resposta. Ao descobri-lo, ele deixou de questionar. Não é que tenha encontrado a resposta — ele simplesmente descobriu uma coisa: que não existe resposta em parte alguma.

A vida é um mistério, não é uma pergunta. Não é um quebra-cabeças para resolver, não é uma pergunta para ser respondida, mas um mistério para ser vivido, um mistério para ser amado, um mistério para ser dançado.

Uma mente completamente cética está destinada a tornar-se, por fim, num místico; por isso, as minhas portas estão abertas a todos. Eu aceito o cético porque sei como torná-lo num místico. Eu convido o deísta porque sei como destruir o seu deísmo. Eu convido o ateu porque sei como destruir o seu ateísmo. As minhas portas não impedem ninguém de entrar porque o que eu lhe dou não é uma crença. Proponho apenas uma metodologia, uma meditação para que descubra por si mesmo o que na realidade acontece.

Eu descobri que não existe resposta. Todas as perguntas são fúteis, e todas as respostas são mais fúteis ainda.

As perguntas têm sido feitas por gente tola, e as grandes filosofias surgiram por causa das suas perguntas. Estas filosofias são criadas pelo esperto e pelo astuto.

Mas se quiser ter uma relação com a realidade, não pode ser tolo nem astuto. Tem de ser inocente.

Por isso, o que quer que você traga — ceticismo, ateísmo, deísmo, comunismo, fascismo, qualquer tipo de disparate que possa trazer para aqui — , aplicarei o mesmo remédio.

Não importa que tipo de disparate está formado na sua cabeça quando aqui vem. Cortar-lhe-ei a cabeça sem qualquer distinção. O que está na sua cabeça não interessa — eu preocupo-me em cortar!

Eu sou só um lenhador.

INTRODUÇÃO

Uma pergunta:

Pode dizer alguma coisa sobre dúvida e negatividade? Qual é a diferença?

A diferença entre dúvida e negatividade é enorme. Elas são parecidas; na superfície têm a mesma cor, mas bem no fundo a diferença é insuperável.

Primeiro, a dúvida não é negatividade; também não é positividade. A dúvida é uma mente aberta, sem qualquer preconceito. É uma abordagem inquiridora. Dúvida é não dizer nada, é simplesmente levantar a questão. Essa questão só procura saber, descobrir o que é a verdade.

A dúvida é uma peregrinação. É um dos valores mais sagrados dos seres humanos. A dúvida não quer dizer não. Ela diz apenas: «Eu não sei e estou preparado para saber. Estou preparado para ir o mais longe possível, mas a não ser que eu próprio venha a saber, como posso dizer que sim?»

A negatividade já disse que não. Não é uma investigação. Ela chegou a uma conclusão, da mesma maneira que alguém chegou à conclusão de dizer sim. Uma pessoa diz que Deus existe; a sua proposição é positiva. Outra diz que Deus não existe; a sua proposição é negativa. Mas ambas estão a navegar no mesmo barco, elas não são pessoas diferentes. Elas não indagaram. Nem o deísta duvidou, nem o ateu duvidou; ambos aceitaram um conhecimento emprestado. A dúvida diz: «Eu gostava de saber, e a menos que eu saiba por mim próprio, não é um conhecimento. Só a minha experiência é que vai ser decisiva.» A pessoa que duvida não é arrogante, não está a negar nada. Está apenas aberta à investigação.

Dúvida não é descrença — aí é que as religiões têm confundido as pessoas. Elas confundem dúvida com descrença. Na verdade, descrença e crença são exatamente o mesmo. Ambas aceitam o conhecimento vindo dos outros, dos livros, dos mestres. E lembre-se: de tudo o que não sabe, você já começou a acreditar ou a não acreditar nisso... e aí perdeu uma grande oportunidade para indagar. A verdade é que, tanto com o sim como com o não, você já fechou os olhos. E não viajou. É mais fácil dizer sim, é mais fácil dizer não, porque não é preciso fazer nada. Mas a dúvida precisa de coragem.

Duvidar carece de coragem para ficar num estado de não saber e continuar a questionar tudo até ao momento em que entra na realidade. Quando cai na realidade, não há negatividade nem positividade. Muito simplesmente sabe — é a sua experiência. Eu não vou dizer que é positividade porque a positividade tem

sempre o outro polo de negatividade. Uma experiência vai para além das duas; todo o mundo de polaridades é transcendido. Esta é a verdadeira sabedoria.

A dúvida é o caminho para a verdade. Não ou sim não são caminhos para a verdade; eles detêm-no. Vai parecer muito estranho dizer que o sim faz a mesma coisa que o não. Nos dicionários eles são antónimos, mas na realidade não o são. Eles apenas parecem opostos, mas nenhum deles colocou a questão. Nenhum deles tentou descobrir qual é o caso.

O comunista acredita, exatamente como o católico acredita. O comunista acredita que Deus não existe. Pode chamar-se descrença, mas é a sua crença. Ele não investigou, ele não meditou; ele não fez nada para descobrir que Deus não existe. O deísta diz que Deus existe. Ele também não fez nada. Ambos escolheram sem se mexerem um centímetro na direção da verdade. É por isso que acontece uma coisa muito estranha: a pessoa que é um deísta, um crente, pode tornar-se um descrente, um ateu, num momento apenas; e vice-versa.

Antes da revolução, a Rússia era um dos países mais deístas e religiosos do mundo. Milhões de russos estavam dispostos a sacrificar a sua vida por Deus. Depois da revolução, quando a autoridade mudou, quando o padre mudou, quando a Bíblia Sagrada foi substituída pelo sagrado *Das Kapital*, em dez anos todo o país se tornou ateu.

Foi espantoso! Gente que tinha acreditado toda a sua vida que Deus existia começou a deixar de acreditar. Nem os comunistas conseguiam compreender que estas pessoas fossem as mesmas pessoas que teriam morrido por Deus — e agora estão prontas a morrer pelo não-Deus? Ninguém analisou a situação até agora, o que terá acontecido? Esta é a análise do facto: a negatividade e a positividade são ambas sistemas de crenças.

A dúvida é contra as duas. A dúvida é a insistência do indivíduo em querer provar, em querer experimentar a verdade. Ele não está preparado para a aceitar de outra pessoa, desta maneira ou daquela.

Só pessoas muito, muito estranhas é que duvidam. Mas deixe que lhe diga: bem-aventurados aqueles que duvidam, porque irão herdar o reino da verdade. É árduo duvidar, é arriscado, é perigoso. Uma pessoa vai até ao desconhecido, sem qualquer preparação, sem qualquer preconceito. Está a entrar no buraco negro, sem sequer acreditar que o outro lado do túnel existe e que vai de novo sair da escuridão. Não existe crença; apenas um desafio que é aceite. Há só uma procura, uma pergunta. A própria pessoa torna-se uma pergunta.

É muito consolador ter uma resposta, e se ela está livremente ao dispor, tal como está... Jesus diz: «Acredita em mim e não precisas de te importar: eu vou tomar conta. Eu vou escolher-te no Dia do Julgamento. Eu vou recomendar-te a Deus: "Este é o meu povo — eles devem entrar no paraíso." Tudo o que tens a fazer é acreditar.»

Um verdadeiro atalho — acredita apenas. É por isso que milhares de pessoas em todo o mundo acreditaram, e milhares de outras não acreditaram. As suas fontes são diferentes mas a abordagem básica é a mesma.

Há muito tempo havia uma filosofia na Índia chamada *charvaka*. Essa filosofia dizia que não existe Deus, nem céu, nem inferno, nem castigo para as suas más ações nem recompensa pelas suas boas ações. Milhares acreditaram nela. É negativa, completamente negativa, mas muito confortável. Pode roubar, pode assassinar, pode fazer tudo o que quiser; depois da morte nada sobrevive. O Ocidente fica em muitos aspetos aquém do Oriente, especialmente no que diz respeito à religião, à filosofia e à cultura. A ideologia *charvaka* tem 5000 anos; foi só no final do século passado que Karl Marx disse que Deus não existe. Ele não sabia da *charvaka* e pensou que tinha feito uma grande descoberta. Há cinco milhares de anos que os *charvakas* já o diziam; mas eles não tinham investigado.

O homem que criou a filosofia foi Brihaspati — deve ter sido um homem com uma personalidade carismática. Ele convenceu as pessoas que podiam fazer o que quisessem porque o ladrão, o assassino, o santo, todos caem: do pó voltam ao pó. E depois da morte nada sobra; o santo desaparece, o pecador desaparece. Por isso não se preocupe com o depois da vida, porque isso não existe. E não se trata de investigação, porque os *charvakas* e o seu mestre Brihaspati nunca tinham passado para além da morte. Segundo a sua filosofia, se eles tivessem passado para além da morte não teriam voltado — por isso, com que base dizem eles que não sobra nada? Ninguém visitou a terra da morte. Mas é muito fácil acreditar.

Vale a pena citar a sua famosa afirmação. Brihaspati diz: «Rinam kritva ghritam pivet», ou seja, «Mesmo se tiveres de pedir dinheiro emprestado, pede, mas bebe *ghee* o mais que puderes» — porque depois da morte ninguém vai ser questionado, nem castigado. A pessoa que lhe deu dinheiro não o pode levar ao tribunal de Deus; não existem essas coisas. A filosofia de base é apenas «Come, bebe e sê feliz». Se acreditar nisso, os deístas vão achar que é descrença.

Foi também o que Karl Marx fez pelos comunistas. Ele disse que não existe alma, nem consciência; trata-se de um subproduto da matéria; por isso, quando o corpo se desvanece, não sobra nada. Esta atitude tornou-se muito perigosa, porque os comunistas podiam matar pessoas sem pensar duas vezes. A sua crença era que ao matar não se comete nenhum pecado. Não há ninguém dentro de uma pessoa; não existe interior. Um homem é química, biologia, fisiologia — mas não existe alma. Joseph Estaline foi capaz de matar quase um milhão de pessoas depois da revolução sem sentir sequer uma ligeira dúvida sobre o que estava a fazer.

Na União Soviética, o homem foi reduzido a um mecanismo. Pode-se matar — ninguém é morto, até porque o ser humano não existe. É como um relógio a

funcionar. Ele mexe, ele mostra-nos o tempo; isso não significa que tenha alguém dentro. Se puser o relógio de lado, não vai encontrar nada. Isto era o que Karl Marx pregava aos comunistas, que o homem se assemelha a um relógio. E de repente quase metade do mundo acreditou em Karl Marx. Estranho — estas mesmas pessoas tinham acreditado em Deus. Russos, chineses, indianos, muçulmanos — pessoas de todo o tipo mudaram do sim para o não. Mudar do sim para o não é muito fácil porque eles não são diferentes. Basicamente eles dão-lhe uma consolação sem a dura jornada rumo à verdade.

Eu perguntei a muitos comunistas, comunistas muito velhos... Na Índia, S. A. Dange era membro do partido comunista internacional juntamente com Lenine, Trotsky e Estaline. Ele foi uma testemunha da revolução russa. Eu perguntei-lhe:

— Alguma vez meditou?

— Se meditei... para quê? — questionou ele. — Por que devia eu meditar?

— Se você nunca meditou — respondi eu —, então não tem a autoridade para dizer que não existe alma, nem Deus, nem consciência. Sem ir dentro de si próprio, como pode dizer que não existe ninguém? E veja o absurdo disso: quem está a dizer que não existe ninguém? Mesmo para o negar, vai ter de aceitar que existe alguém. Mesmo para dizer que não existe ninguém, alguém tem de se assumir.

É exatamente o que se passa com as religiões.

Ninguém encontrou Deus — nenhum cristão, nem hindu, nem muçulmano —, mas todos eles disseram que sim porque a multidão em que nasceram foi a multidão de deístas. Dizer que não dentro dessa multidão ter-lhes-ia criado dificuldades. O sim foi apenas a regra do jogo aceite. Eles veneraram, eles rezaram, sem saber por que o faziam. Mas todos os outros o estavam a fazer, por isso devia estar certo.

Quando a multidão mudou — por exemplo na Rússia, as mesmas pessoas que estavam seguras de Deus ficaram na incerteza. Levou dez anos a mudar de uma certeza para outra certeza... um intervalo de incerteza, mas incerteza não é dúvida.

A dúvida é apenas uma pergunta, e a dúvida diz: «Eu quero *saber*.» Ela não tem ideologia. A dúvida é uma procura completamente pura.

Você perguntou qual é a diferença entre a dúvida e a negatividade.

Negatividade e positividade são a mesma coisa. A dúvida é diferente de ambas. Ela não faz de si um deísta, ela não faz de si um ateu. A positividade faz de si um crente religioso, um deísta; a negatividade faz de si um descrente, não

religioso, um ateu. A dúvida não faz de si nada. Ela apenas o transforma num inquiridor. E essa é a dignidade do homem.

Eu ensino a dúvida porque sei que se você conseguir duvidar até ao último suspiro, então poderá entender a verdade do seu próprio ser, e simultaneamente a verdade de toda a existência. E isso será a sua libertação, isso será liberdade.

A dúvida não é cristã nem hindu, não é americana nem alemã. O sim pode ser hindu, o sim pode ser muçulmano, o sim pode ser cristão; o não pode ser comunista, o não pode ser fascista — mas a dúvida é apenas uma procura, uma procura individual.

O sim e o não pertencem ambos às massas. As dúvidas fazem-no afirmar a sua individualidade, ajudam-no a encontrar o seu caminho por si próprio, não aceitando os mapas que lhe são dados pelos outros.

É fácil acreditar, é fácil não acreditar. Mas conhecer é um caminho realmente perigoso. Não seja negativo nem positivo, esteja antes aberto, disponível, à procura, com um ponto de interrogação, e continuando sempre a procurar. Muitas vezes a sua mente irá dizer que é bom acreditar — porque o caminho é difícil, e uma pessoa nunca sabe para onde vai, se vai encontrar alguma coisa ou não. Mas não dê ouvidos à mente. A mente criou todas estas filosofias do «sim», todas estas filosofias do «não».

A dúvida nunca criou nenhuma filosofia; a dúvida criou silêncio. E a dúvida vai criar a religião. Elas são exatamente o mesmo — a mesma aplicação da dúvida em diferentes campos.

Sobre os objetos, o mundo exterior que se espalha por milhões de estrelas, a dúvida trouxe um enorme conhecimento em apenas trezentos anos. Você carrega outro mundo dentro de si mesmo, que não é de forma alguma mais pequeno que o mundo que vê cá fora; talvez seja maior. Por que é que eu digo que talvez seja maior? Uso a palavra «talvez» para o deixar intrigado. Eu sei que é maior, pela simples razão de que você conhece as estrelas, conhece o Sol, conhece a Lua — mas a Lua não o conhece, o Sol não o conhece. As estrelas são enormes, o universo é vasto, mas você é o único que conhece. Tem, por isso, algo mais que o universo inteiro. É por essa razão que eu digo que carrega dentro de si algo maior que o universo, algo mais que o universo. Interrogue-se.

Um dos mais belos homens do século XX foi Maharishi Raman. Ele era um homem simples, sem instrução, mas nunca aceitou a ideologia, a religião em que nasceu. Quando tinha apenas dezassete anos de idade, ele saiu de casa à procura da verdade. Ele meditou durante muitos anos nos montes de Arunachal no sul da Índia, e por fim descobriu-se a si mesmo. Depois disso, os seus ensinamentos limitavam-se a três palavras, porque essas três palavras tinham-lhe revelado todo o mistério da existência. A sua filosofia é a mais concisa. Quais

são essas três palavras? Quando alguém ia ter com ele — porque à medida que ele se tornou conhecido, as pessoas vinham de todas as partes do mundo pedir-lhe conselhos —, todo o seu ensinamento se resumia a sentar-se em silêncio e fazer só uma pergunta: «Quem sou eu?», que estava sempre a repetir.

Um dia a pergunta irá desaparecer, e só você ficará. Essa é a resposta.

Não é que vá encontrar a resposta escrita nalguma parte; vai é encontrar-se a si mesmo. Continue a escavar com esta pergunta — esta pergunta é como escavar —, mas está a ver a pergunta? É uma dúvida: quem sou eu? Ela não aceita que o espiritualista diga que você é uma alma. Ela não aceita que o materialista diga que não existe ninguém, não perca tempo; come, bebe e sê feliz. É uma dúvida. Essas três palavras são seguidas de um ponto de interrogação: quem sou eu?

E isto é suficiente. Se conseguir continuar pacientemente, um dia a pergunta vai desaparecer de repente e o que sobra é a sua realidade. Essa é a resposta. E no momento em que se conhecer a si mesmo, terá conhecido tudo o que vale a pena conhecer.

O Osho é contra Deus e Jesus?

Eu não sou contra Deus.

Eu procurei e busquei-o em toda a parte, e isto foi o que encontrei — ele não está em lado nenhum. Eu olhei para dentro, eu olhei para fora; eu fiz tudo o que é possível fazer. Deus não existe. Isto é uma afirmação factual, sem raiva, sem inimizade. O que posso fazer se ele não existe? Não é culpa minha.

Mas a mente do homem quer uma posição radical. É necessário compreender.

Por que é que a mente do homem quer uma posição radical? Você tem de ser um deísta ou um ateu; tem de ser pró ou contra. Ela não lhe permite uma terceira alternativa. O motivo é simples: a terceira alternativa é a morte da mente. A mente vive do extremismo; esse é o seu verdadeiro alimento.

Mesmo no meio, onde as duas polaridades se dissolvem e as contradições se encontram, a mente deixa de funcionar. A mente não consegue entender como é que as contradições se podem encontrar, como as polaridades podem ser unas. Mas na existência elas encontram-se, elas são uma única. Já viu a vida e a morte separadas? É a sua mente que cria as categorias e as palavras separadas. Mas olhe para a existência — a vida transforma-se em morte, a morte transforma-se em vida. Não existe divisão, elas são parte de um todo.

Foi a mente que criou a ideia de beleza e fealdade. Mas na existência... acha que se todas as mentes humanas desaparecessem da terra por um

momento, existiria beleza ou fealdade nalguma coisa? A rosa continuaria a ser bonita? Não, se a mente não estiver lá, não há ninguém para julgar, e a beleza e a fealdade são juízos da mente.

A rosa estará lá, tal como o espinho, mas não haverá avaliação porque não estará lá o avaliador. Eles vão existir os dois sem hierarquia. A rosa não será maior que o espinho. O cravo não será uma flor pobre e a rosa uma flor rica; elas estarão ao mesmo nível.

Todas as hierarquias são criadas pela mente: o mais baixo, o mais alto, pró e contra.

Pense de outra forma: por um momento, deixe a mente ficar mas pare o julgamento — o que é um pouco mais difícil. Visualize um estado em que todas as mentes tenham desaparecido e conseguirá ver certamente que não é possível uma coisa ser feia ou bonita. As coisas vão estar lá tal como são, sem comparação, sem julgamento, sem rótulos.

Agora experimente a outra hipótese, que é um pouco mais difícil. Deixe a mente ficar lá — todas as mentes estão lá mas ninguém julga — durante uma hora, sem julgamentos. Pode a beleza estar lá, pode a fealdade estar lá? Pode uma coisa ser moral e outra coisa ser imoral? Pode haver um pecador e um santo? Durante essa hora, todas estas categorias vão desaparecer e você terá, pela primeira vez, um contato real com a realidade tal como ela é, não como é projetada por si, fabricada pela sua mente. A sua mente está continuamente a fabricar a realidade; caso contrário, quem seria santo e quem seria pecador? A mente do homem está sempre pronta para um extremo porque o extremo é a sua força vital. E quando dois extremos se encontram, eles anulam-se reciprocamente e deixam um vazio. Esse é o sentido do caminho do meio: deixe os extremos chegarem a um ponto em que se anulem mutuamente e de repente vai deixar de ser um ateu ou um deísta. Essas questões tornam-se irrelevantes. Mas o que se passa é que a mente não está disposta a largar — na religião, na filosofia, ou mesmo na ciência.

Vi há pouco tempo um documentário sobre a história da matemática. Toda a história da matemática pode ser vista como o problema da mente humana. Durante dois mil anos ou mais, no Ocidente, e durante cinco a dez mil anos no Oriente, os matemáticos tentaram encontrar a ciência definitiva. Uma coisa é certa aos olhos deles: só a matemática pode tornar-se a ciência definitiva, pela simples razão de que não há coisas matemáticas à nossa volta. É uma ciência pura. Não vemos objetos matemáticos: isto é uma cadeira matemática e isto é uma casa matemática. A matemática é apenas um jogo ideológico puro. Ela não é feita de coisas, mas de ideias. E porque as ideias são propriedades da sua mente, pode depurá-las até à sua pureza última. Por isso foi aceite que a matemática se pode tornar na mais pura ciência possível. Mas isso criou problemas. Os matemáticos não estavam cientes de que a nossa mente em si

mesma é o problema, e queriam que esta tentasse criar uma ciência sem problemas, sem contradições, sem paradoxos.

Pode tentar jogar o jogo. Pode construir um grande edifício, mas quando olhar para a base, vai perceber que o problema último continua por resolver. Por exemplo, a geometria de Euclides... eu não consegui entrar muito nela pela simples razão de que não concordava com as hipóteses de base. O meu professor de geometria disse-me apenas:

— O teu problema não tem nada que ver comigo. Encontra Euclides — sai da aula, encontra Euclides e resolve as coisas com ele! Eu sou um pobre professor, eu só ganho o meu salário; não tenho nada que ver com os seus axiomas fundamentais. Eu ensino aquilo que está escrito no livro. Não estou nada interessado se as suas hipóteses fundamentais estão certas ou erradas. Podes sair! Ele não me deixava entrar na aula, e eu disse:

— Mas como pode continuar a ensinar, ano após ano, sabendo que as premissas básicas são absurdas?

— Eu não sabia — respondeu ele —, és tu quem está a insistir com a minha mente que elas são absurdas. Eu nunca me preocupei; eu não sou um cientista nem um matemático, sou apenas um pobre professor. E nunca quis ser professor. Concorri a outros trabalhos, mas nunca consegui vaga. É só por obrigação que eu sou professor aqui. Por isso não me atormentes. O teu problema é com Euclides — não me metas ao barulho. Se quiseres ler o que está escrito no livro, estou preparado. Mas se me dizes que os fundamentos estão errados...

— Não posso continuar sem ter a certeza da base — disse eu — porque isso é perigoso: os alicerces estão em falta e mesmo assim diz-me para subir ao arranha-céus? Eu não posso avançar nem um centímetro. Primeiro tenho de ter a certeza que os alicerces existem e conseguem suportar o arranha-céus. Você vai cair — isso é problema seu —, mas eu não vou cair consigo. Se se quiser suicidar, força nisso.

— Isto é estranho! — disse ele. — Com Euclides, ninguém se suicida. Do que é que estás a falar?

— Estou a falar exatamente daquilo que ouviu — repliquei. — É suicídio. Nenhuma das hipóteses de Euclides é demonstrável.

E ainda assim, há dois mil anos que Euclides representa os alicerces, não só da geometria mas de todas as outras ciências, porque ele tem de ser usado nas outras ciências. Ele diz, por exemplo, que uma linha tem apenas comprimento — apenas comprimento.

E eu pedi ao meu professor:

— Desenhe uma linha que só tenha comprimento. Quando a desenha, ela vai também ter alguma largura, por muito estreita que seja. — E um ponto, segundo Euclides, não tem comprimento nem largura. Continuei: — Faça um ponto que não tenha comprimento nem largura. E o mesmo Euclides diz que uma linha é composta por pontos, um ponto após outro, numa fila. Ora, uma linha só tem comprimento e o ponto não tem comprimento nem largura — então como pode a linha ter comprimento? Porque ela só tem pontos em fila. De onde aparece o comprimento?

Ele juntou as mãos para mim e disse:

— Deixa-me em paz. Eu disse-te que sou apenas um pobre professor e tu és superior a mim.

— Isso não é resposta — contestei. — Você pode aceitar simplesmente que essas regras não têm explicação.

Mas a mente tem alguma dificuldade em aceitar a ideia de que existe uma coisa que não tem explicação. A mente tem um desejo louco de explicar tudo... se não for totalmente explicado, pelo menos que tenha alguma justificação. Tudo o que seja um quebra-cabeças, um paradoxo, vai perturbar a mente.

A história da filosofia, da religião, da ciência, da matemática tem toda ela a mesma origem, a mesma mente — a mesma comichão. Pode coçar-se de uma forma, outra pessoa pode fazê-lo de outra maneira, mas a comichão tem de ser compreendida. A comichão é a crença de que a existência não é um mistério: a mente só se pode sentir em casa se a existência for de alguma forma desmistificada.

A religião fê-lo criando Deus, o Espírito Santo, o único filho gerado; outras religiões criaram coisas diferentes. É a maneira que arranjam de tapar um buraco que é impossível de tapar; o que quer que faça, o buraco está lá. Na verdade, quanto mais o tapar, mais enfaticamente ele estará lá. O próprio esforço de o tapar mostra o seu medo de que alguém veja o buraco.

⋮

Costumava acontecer-me todos os dias na infância, porque eu gostava de trepar às árvores: quanto mais alta era a árvore, maior era a alegria. E naturalmente que caí muitas vezes; ainda hoje tenho arranhões nas pernas, nos joelhos e em todo o lado. Como estava sempre a trepar às árvores e a cair, rompia todos os dias as roupas, e a minha mãe dizia:

— Não vás para a rua com esse buraco na tua roupa. Deixa-me fazer um pequeno remendo.

— Não, um remendo não — dizia eu.

— Mas as pessoas vão ver que tu, o filho do melhor mercador de tecidos da cidade, andas sempre a vaguear por todo o lado com as roupas rasgadas e que ninguém tas arranja — retorquiu ela.

— Se o remendar, depois fica feio — contestei eu. — Assim toda a gente pode ver que foi acabado de fazer. Eu não saí de casa com este buraco. Foi acabado de fazer. Eu acabei de cair duma árvore. Mas com o seu remendo... isto é uma coisa velha que eu ando a esconder. O seu remendo vai fazer-me parecer pobre, enquanto a minha camisa rasgada apenas me faz parecer corajoso. Não se preocupe com isso.

⋮

Mas os diferentes ramos da história da mente têm todos feito este remendo — em particular na matemática, porque a matemática é simplesmente um jogo da mente. Há matemáticos que pensam que não é, tal como há teólogos que pensam que Deus é uma realidade. Deus é apenas uma ideia. Se os cavalos tivessem ideias, o seu Deus seria um cavalo. Pode ter a certeza absoluta de que não seria um homem, porque os homens têm sido tão cruéis para os cavalos que só podem ser vistos como diabos, não como deuses. Mas então cada animal teria a sua própria ideia de Deus, tal como cada raça humana tem a sua ideia de Deus.

As ideias são substitutos para quando a vida é misteriosa e encontramos buracos que não podem ser preenchidos pela realidade. Enchemos então esses buracos de ideias; e pelo menos começamos a sentir-nos satisfeitos por compreendermos a vida.

Alguma vez pensou na palavra «compreender»? É tudo o que pode fazer com que fique abaixo de si, que está debaixo do seu dedo, sob o seu poder, debaixo do seu sapato, de que você é senhor. As pessoas têm tentado compreender a vida para a poderem pôr também debaixo dos seus pés e declararem: «Nós somos os senhores. Já não há nada que não seja compreendido por nós.»

Mas isto não é possível. Faça o que fizer, a vida é um mistério e vai permanecer um mistério. Mesmo que chegue a perceber tudo na vida, um novo problema vai surgir: «Quem é esta pessoa, esta mente, esta consciência, que compreendeu tudo? De onde é que isso vem?»

Naquele documentário eles falavam de um dos matemáticos da parte inicial do século XX — um matemático muito famoso, um dos maiores na história da matemática. O seu nome era Freger e tinha dedicado a sua vida inteira a criar um sistema matemático que ia dissipar todos os paradoxos, todos os mistérios, todos os quebra-cabeças, e resolver tudo — a solução derradeira. Ele estava quase a publicá-lo — já está publicado agora, e foi uma tarefa enorme. Mas

Bertrand Russell — um jovem naquele tempo, não muito famoso, só conhecido por algumas pessoas como filósofo — também estava interessado na matemática. Mais tarde, Russell escreveu um dos livros mais monumentais de sempre sobre matemática, *Principia Mathematica*, em que trezentas e sessenta e duas páginas são dedicadas apenas a provar que um mais um é igual a dois. O livro é impossível — tentar lê-lo é suficiente para levar uma pessoa à loucura! Até Bertrand Russell admitiu: «Depois de escrever aquele livro eu nunca voltei a ser tão inteligente; toda a minha inteligência se perdeu.» Certamente que ele pôs demasiada energia nele, e um tipo de energia estranha; ninguém lê aquele livro.

Bertrand Russell interessava-se pela matemática. Sabendo que Freger tencionava publicar um livro que ia resolver todos os paradoxos, mistérios e problemas matemáticos, ele enviou-lhe um paradoxo — um simples paradoxo. Quando o recebeu, Freger ficou desolado, e perdeu todo o entusiasmo. Os livros estavam prontos — dois volumes, o trabalho da sua vida inteira — e este homem manda-lhe um pequeno paradoxo e uma breve carta que dizia: «Antes de publicar o seu livro, pense por favor neste paradoxo.» Esse paradoxo ficou famoso como o paradoxo de Bertrand Russell.

É muito simples, mas Freger não teve resposta para ele. Ele não publicou os livros em vida; eles foram publicados depois da sua morte. Estes são monumentais, mas ele falhou o propósito de resolver todos os paradoxos. Afinal, não conseguiu resolver o simples paradoxo de Russell.

O paradoxo é mesmo muito simples: todos os bibliotecários do país são obrigados a fazer um catálogo de todos os livros existentes na sua biblioteca, catálogo esse que devem enviar para a biblioteca nacional. Um bibliotecário fez o seu catálogo e ia embrulhá-lo e enviá-lo para a biblioteca nacional, quando lhe surgiu uma pergunta na mente: «Devo também incluir este catálogo no meu catálogo ou não? — porque agora este é também um livro na minha biblioteca.» E a ordem era clara, de que todos os livros na biblioteca deveriam ser catalogados. «Então o que devo fazer com este? Este é um livro da biblioteca, por isso incluí-lo parece ser a coisa certa para respeitar a ordem.»

Este problema deve ter surgido na mente de muitos bibliotecários. Então o que aconteceu foi que chegaram dois tipos de catálogos à biblioteca nacional, que foram separados em duas pilhas, uma que tinha os catálogos com o próprio catálogo incluído, e outra que não tinha. O responsável da biblioteca nacional recebeu ordens para fazer um catálogo de todos aqueles catálogos que não incluíam o próprio catálogo. Então ele fez um catálogo com todos os catálogos que não incluíam o próprio catálogo. Mas quando estava a acabar, ficou confuso sobre o que fazer com o seu próprio catálogo. Se ele não o incluísse, então um catálogo que não se incluía a si próprio ficaria de fora do seu catálogo. Se ele o incluísse, então este não seria um catálogo apenas com os catálogos que não se incluíam a si mesmos.

Então Russell enviou este simples paradoxo: «O que deve fazer este bibliotecário? Antes de continuar a resolver outros problemas maiores, por favor resolva este! Este bibliotecário está em dificuldade.»

Ora, qualquer coisa que se faça está errada. Se não incluir este catálogo, então um catálogo que não se inclui a si mesmo fica a faltar no seu catálogo, deixando este de conter todos os catálogos que não se incluem a si próprios. Se o incluir, então o catálogo deixa de ser um catálogo só com aqueles que não incluem... Está a seguir-me?

Eu não vejo qualquer problema. Mas Freger estava acabado; Russell também não tinha uma resposta. E todas as ciências, todas as filosofias, todas as religiões chegam ao mesmo: nalgum momento atingem um ponto em que o levam a aceitar sem questionar, cegamente... isso é o que a religião chama fé, crença.

É um remendo. Ao pedir-lhe para acreditar nisso, para ter fé nisso, estão a dizer-lhe que não deve tentar tirar o remendo porque há um buraco — abismal, sem fundo... tape-o! Mas ao tapá-lo, ele não se dissipa. Nada se resolve; tapá-lo nada ajuda, a sua cegueira não desaparece. Então porquê tapá-lo? Basta fechar os olhos.

É por isso que todos os seguidores são seguidores cegos — porque se tivessem olhos, então teriam problemas. Então iriam encontrar problemas que estão por resolver, perguntas que estão por responder. Para que é que Deus foi criado? — só para resolver a questão irresolúvel de quem criou o universo. A partir dessa pergunta, todas as religiões arriscam alguma hipótese — «Deus criou o mundo...» Mas a pergunta é exatamente a mesma do paradoxo de Bertrand Russell. Não é diferente. Uma é matemática e a outra é religiosa, mas o problema é o mesmo. O axioma é que tudo o que existe teve de ser criado por alguém. Como pode ter aparecido por si mesmo? Este é o problema. Tudo o que existe foi criado; caso contrário, como podia sequer ter surgido? E Deus é trazido à baila para o ajudar a resolver o problema de quem criou o universo.

Mas o que vai fazer com Deus? Deus existe? Se Deus existe, então quem o criou? Se Ele não existe, então como pôde criar o universo? Se o próprio Deus não existe, como pôde Ele criar a existência? E se Ele existe, então o que dizer da sua máxima básica de que tudo o que existe precisa de um criador? Não, não pergunte isso. Isso é o que todas as religiões dizem — não pergunte quem criou Deus. Mas isto é estranho — por que não? Se a pergunta é válida para a existência, por que se torna inválida quando se aplica a Deus?

Quando pergunta quem criou Deus, está a cair num absurdo regressivo. Pode sempre continuar: Deus um, Deus dois, Deus três, e continua a numerá-los... mas por fim a pergunta vai ser a mesma. Depois de milhares de deuses, irá perceber que a pergunta continua limpa, clara, intacta. Nem uma amassadela

foi feita na pergunta por todas as suas respostas. Quem criou a existência? — é a mesma questão.

Para mim, a existência é um mistério. Não é preciso que ela fique abaixo dos nossos pés, não é preciso que a existência seja compreendida. Viva-a, ame-a, goze-a — seja-a. Por que está a tentar compreendê-la?

Eu não sou contra Deus, eu só sou contra uma hipótese estúpida que não leva a lado nenhum.

Pergunta-me se eu sou também contra Jesus Cristo. Por que havia de ser contra esse pobre coitado? Eu tenho pena dele, fico triste por ele. Eu não acho que ele merecesse ser crucificado. Sim, ele era um bocado louco — não o posso negar —, mas só porque uma pessoa é um pouco louca, isso não quer dizer que precise de ser crucificada. A crucificação não é uma cura para a loucura.

Na verdade, ao crucificar Jesus criou-se o cristianismo e levou-se muita gente à loucura. A crucificação é responsável por todo este disparate que acontece há dois mil anos e continua a acontecer. Foi a crucificação que fez de Cristo — sem o seu conhecimento — o fundador do cristianismo. Eu não sou contra esse coitado. Na verdade, ele merecia um tratamento um pouco melhor. Se nós o pudéssemos encontrar nalguma parte, não haveria necessidade de o crucificar; ele precisa de algumas terapias para o pôr bom, para o pôr inteiro. Um pouco de desprogramação: «Tu não és o filho de Deus — deixa essa ideia. É isso que te faz parecer desnecessariamente um palhaço. E não prova que tu sejas um messias, isto simplesmente prova que tu és maluco.»

Nós pusemos muitas porcas que se estavam a desfazer. Basta as porcas de algumas pessoas ficarem folgadas, os parafusos de algumas pessoas ficarem apertados — só temos de os ajustar um pouco. Jesus não era nada perigoso. Ele era um tipo simpático, mas ser simpático, por si, não é proteção contra a loucura. Ele era simpático e ingénuo. Ele ouviu esta ideia proclamada repetidas vezes: «Há-de vir o messias que vai salvar toda a humanidade», e isso entrou na sua cabeça; ele tinha a cabeça inchada. Bastava um pequeno tratamento e ele teria ficado perfeitamente bem. Eu não sou contra ele, eu sinto muito por ele. Foi demasiado pô-lo na cruz; Jesus não tinha cometido nenhum crime. E a liberdade de expressão permite-o; qualquer pessoa pode dizer «Eu sou o filho de Deus». Eu não acho que isso fira alguém, ou que tire os direitos a alguém. Qualquer um pode dizer que é filho de Deus, não há problema nisso.

Por que fizeram um escândalo tão grande à volta de Jesus? Não havia necessidade. Tudo o que ele precisava era de ser ignorado. Se ninguém tivesse reparado nele, ele teria percebido por si próprio, sem nenhuma terapia. Mas porque as pessoas começaram a reparar nele e começaram a ficar zangadas com ele, ele ficou cada vez mais obcecado com a ideia.

É uma conclusão natural: «Se as pessoas estão perturbadas, irritadas, então deve haver alguma coisa, caso contrário por que se iriam importar? Se eu fosse só um homem louco, eles teriam rido e ido embora.» Mas toda a Judeia, todos os rabis estavam perturbados. Isso foi prova suficiente para Jesus de que o que ele estava a dizer devia ter algum significado. Estes velhos doidos, estes rabis, destruíram aquele jovem. Ao dar-lhe importância, atenção, eles estragaram-no. Na verdade, eles precisavam de ser castigados e ele é que foi castigado. Eu tenho pena dele. Eu não sou contra ele. Eu sou completamente a favor do seu tratamento, cura e de uma vida longa e saudável.

... Como sempre tenho explicado, quero que a existência seja aceite como um mistério, porque só como um mistério ela é bela, suportável, adorável, feliz, extática.

É bom que a existência não possa ser desmistificada.

Não há maneira de a desmistificar, e eu sou a última pessoa a desmistificar alguma coisa. O meu objetivo é o oposto. É isso que tenho feito toda a minha vida — mistificar tudo. Não é uma tarefa difícil porque as pessoas fizeram desmistificações forçadas sobre as coisas; eu apenas retiro a cobertura, o remendo, e dou-lhes a vida nua e crua, como ela é.

Em parte nenhuma existe uma resposta que seja final. E nunca haverá uma resposta que resolva todos os problemas; portanto, Deus é uma impossibilidade porque Deus significa a resposta final.

E é bom que Deus não exista, caso contrário nós estaríamos condenados. Então não haveria a possibilidade de alegria, liberdade, exploração, êxtase — Deus teria matado tudo. Por isso é que digo que, mesmo que Deus existisse, eu tê-lo-ia ensinado a matá-Lo. Mas felizmente ele não existe, por isso estamos salvos de qualquer forma de violência; caso contrário, eu teria permitido essa violência. Embora eu seja a favor do vegetarianismo, se Deus ali estivesse, ter-vos-ia dito: «Acabem com Ele! Porque com Ele a vida é impossível.»

Já pensou nas implicações? Só sem Deus é que você é livre. Aí o seu ser interior tem liberdade. Então a sua essência tem todas as potencialidades para crescer. Então não há ninguém para dominar, ninguém para ditar, ninguém para manipular. Você não é responsável por ninguém, a não ser por si mesmo. Ninguém pode questionar por que fez isto ou aquilo; ninguém o pode punir ou recompensar. Não há maneira de o manipular de alguma forma para um certo estilo de vida, porque Deus não existe.

E não existindo Deus, como pode haver um messias e o filho de Deus? É por isso que eu digo que Jesus é louco. É só por amor e compaixão que o chamo louco, mas eu não sou contra ele. Se tivesse estado lá, eu teria dito aos judeus e a Pôncio Pilatos:

— O que estão a fazer? Vocês estão a criar uma religião — de loucos! Ao crucificarem este homem, estão a cometer um crime contra toda a humanidade durante séculos. Deixem-no em paz, deixem-no falar. Que problema há nisso? É apenas entretenimento puro. As pessoas apreciam, elas juntam-se e ouvem-no — não há problema nisso. E ele não está a dizer nada contra as escrituras. Deixem-no em liberdade para que não seja criada nenhuma religião.

O próprio Jesus foi incapaz de criar o cristianismo, isso é fácil de ver. Tudo o que ele soube gerir foram doze dodôs ignorantes; eles tornaram-se nos seus apóstolos. Mas neste mundo é muito difícil perceber quem é o maior dodô — muito difícil. Esses dodôs eram ótimos, mas hoje há dodôs ainda maiores. Há dodôs e dodôs...

Jesus não teria sido capaz de inventar o cristianismo. Ele não tinha poder organizacional, ele não tinha a capacidade de influenciar a nata da sociedade. Como ia ele criar uma religião? Mas a crucificação conseguiu tudo.

Neste mundo as coisas funcionam de uma forma muito estranha. Depois de Jesus ter sido crucificado, milhares de pessoas que nunca tinham querido saber dele sentiram compaixão por ele. As mesmas pessoas que não o ouviriam ainda que ele se cruzasse com elas sentiram compaixão por ele. E isso era natural. Até os judeus acharam que aquilo era demasiado. O homem estava inocente... talvez falasse de uma forma ultrajante, mas era só falar, ar quente, nada de importante. Não havia necessidade de crucificar o rapaz.

Isso gerou uma grande onda de compaixão. Essa compaixão é um fenómeno natural. E aqueles doze dodôs descobriram pela primeira vez que aquela gente, que nunca tinha ouvido o seu mestre, os estava a ouvir a eles. Aos poucos, as pessoas começaram a juntar-se. Eles criaram a Bíblia, eles criaram a igreja. Eles inventaram histórias, milagres — o que é mais fácil quando a pessoa já cá não está. Naqueles dias, estas coisas eram meros rumores. Mas um rumor de uma boca para outro ouvido tem tendência para se tornar maior, porque toda a gente quer acrescentar qualquer coisa, um pouco de picante.

Durante trezentos anos, Jesus tornou-se mil vezes maior do que alguma vez fora; agora ele era um mito. A pessoa real fora apenas um comum filho de carpinteiro a falar para as paredes. Mas passados trezentos anos a imaginação das pessoas tinha feito o trabalho todo.

E depois, durante estes dois mil anos, eruditos, professores, teólogos, filósofos — todos eles têm aumentado o mito tanto quanto podem e retirado de Jesus significados, palavras, filosofias e ideologias das quais o pobre coitado nunca se apercebeu.

Eu não sou contra Deus, ou contra Jesus Cristo — ou contra alguém.

Sou, sim, pela verdade. E se ela vai contra alguém, nada posso fazer.

Quando diz que Deus não existe, isso significa que é ateu?

Deus não existe, mas isso não significa que eu seja ateu. Certamente que não sou um deísta — afinal, estou a dizer que Deus não existe —, mas isso não significa que se deva saltar para o oposto, o ateu. O ateu também diz que Deus não existe, mas há uma diferença enorme entre a minha afirmação e a afirmação do ateu — porque eu digo ao mesmo tempo que o divino existe.

A ideologia *charvaka* não concordará neste ponto; Epicuro, Marx, outros ateus não concordarão neste ponto. Para eles, negar Deus significa negar a consciência. Para eles, negar Deus significa que o mundo é apenas matéria e nada mais, e que tudo o que vemos como consciência é apenas um subproduto de certos aspetos da matéria juntos, apenas um subproduto. Tirem estas coisas e o subproduto desaparece.

É como um carro de bois: tira-se as rodas, tira-se as outras peças e é sempre possível perguntar: «Este é o carro de bois?» Quando se tira as rodas, certamente que a resposta será: «Não é.» Nenhuma parte é o todo. Pode separar cada parte, peça a peça, até ter removido todas, e nenhuma das partes em separado será o carro de bois. No final podem perguntar-lhe: «Onde está agora o carro de bois? — porque não o retirámos; em nenhum momento dissemos que o carro de bois tinha sido retirado.»

«Carro de bois» era só uma combinação. Não tinha existência por si próprio, era um subproduto. É isso que Marx quer dizer quando afirma que a consciência é um epifenómeno: retire o corpo, retire o cérebro, retire tudo o que constitui o ser humano e não vai encontrar nada que se pareça com a consciência. E uma vez que tenha retirado tudo, não é que a consciência fique para trás; era só uma combinação. Você tirou a combinação.

Por isso, quando eu digo que Deus não existe, não estou a concordar com Marx ou Epicuro. E certamente que não estou a concordar com Jesus, Krishna, Moisés, Maomé, quando eles dizem que Deus existe, porque eles veem Deus como uma pessoa. Ora, pensar em Deus como uma pessoa é apenas fruto da imaginação. O Deus dos chineses tem um rosto chinês, e o Deus dos africanos tem um rosto africano, e certamente que o Deus dos judeus terá um nariz judeu; não pode ser de outra maneira. Isto é só uma projeção. Dar personalidade a Deus é uma projeção sua.

Quando eu digo que Deus não existe, estou a negar a personalidade a Deus. Estou a dizer que Ele não é, mas que existe um divino enorme. Ou seja, uma energia impessoal, energia pura. É feio impor-lhe uma forma. E é isso que as pessoas fazem.

O deus cristão vai desaparecer no momento em que o cristianismo desaparecer, os deuses hindus vão desaparecer no momento em que o hinduísmo desaparecer. Está a ver o que eu quero dizer? É uma projeção sua.

Se continuar a projetá-lo, estará lá. Se não estiver lá para o projetar, se o projetor não estiver lá, o deus desaparece. Eu não sou a favor desses deuses que foram projetados pela mente pequena do homem. E claro que a mente pequena do homem é forçada a atribuir qualidades a Deus que são as suas próprias qualidades.

O deus do Talmude diz: «Eu sou um Deus zangado. Eu não sou simpático; eu não sou o teu tio.» Ora, isto é perfeitamente significativo num contexto judeu, mas para um hindu, Deus dizer «eu sou um Deus zangado» é uma completa impossibilidade. Ira e Deus? — não podem cruzar-se. O deus judeu é zangado; ele é muito humano. E se você não o venerar, se for contra ele, ele vai destruí-lo. Isto não agradaria a um hindu, é impossível. Não agradaria ao muçulmano, porque o muçulmano reza todos os dias: «Deus, o compassivo...» A compaixão é a qualidade mais profunda que ele projeta em Deus. Logo, Deus só pode ser compaixão, nada mais. O muçulmano diz que deve aceitar o seu pecado, porque Deus é compassivo. Você será perdoado.

Omar Khayyam, um dos grandes poetas da literatura persa, diz: «Não me impeçam de beber vinho, desfrutar das mulheres, porque Deus é compassivo. Não me digam que estou a cometer um pecado, deixem-me cometer tantos pecados quanto possível. A Sua compaixão é muito maior do que todos os meus pecados somados. Parar com uma certa atividade por medo de vir a ser punido por Deus é não acreditar na Sua compaixão.» Ora, isto é uma atitude diferente — mas são tudo atitudes humanas.

Logo, quando eu digo que Deus não existe, estou a dizer que Deus não existe como pessoa; toda a personalidade é uma projeção humana. Por isso, tirem a personalidade e deixem Deus ser livre, livre da prisão da personalidade que lhe impuseram.

Eu não sou um ateu. Para mim, o universo inteiro está cheio da energia de Deus e nada mais.

Tem de compreender um aspeto fundamental. O mundo é feito de verbos, não de nomes. Os nomes são uma invenção humana — necessária mas, apesar de tudo, uma invenção humana. A existência é na realidade feita de verbos, só de verbos, não de nomes e pronomes. Repare nisto. Está a ver uma flor, uma rosa. Chamar-lhe flor não está certo, porque ela não parou de florescer, ela ainda está a florescer; é um verbo, é um fluxo. Para lhe chamar flor transformou-a num nome. Está a ver um rio. Ao chamar-lhe rio está a transformá-lo num nome. Ele está a correr. É muito mais exato do ponto de vista existencial dizer que ele está a correr, a fluir. E tudo está a mudar, a fluir. A criança está a tornar-se um jovem; o jovem está a ficar velho; a vida transforma-se em morte; a morte transforma-se em vida. Tudo está em continuidade, em mudança contínua; é um contínuo. Nunca chega a uma paragem, a um ponto final. Só vem com a linguagem. Na existência não há ponto final.

Lembra-se de quando deixou de ser uma criança? — quando, em que ponto, veio o final e você se tornou num jovem? Não há um lugar, uma demarcação, um ponto final. A criança continua a fluir em si. Se fechar os olhos e olhar para dentro, vai descobrir que tudo o que foi continua lá, a fluir. Você foi absorvendo cada vez mais, mas tudo o que foi continua lá. O rio vai crescendo, juntam-se-lhe novos riachos, mas o original continua lá.

Se tivesse visto o Ganges na Índia, um dos mais belos rios do mundo, iria compreender. O ponto de onde ele surge é tão pequeno que a cara de uma vaca — naturalmente de pedra, a cara de uma vaca esculpida em pedra — é suficiente. Através dessa cara de vaca o Ganges cai, começa a sua viagem... tão pequeno. E quando o vê perto do oceano, quando ele se encontra com o oceano, parece quase o próprio oceano... tão vasto. Mas essa pequena corrente a cair em Gangotri, muito longe, a milhares de quilómetros de distância nos Himalaias, a partir da boca de uma vaca em pedra — essa corrente ainda está lá. Muitos rios chegaram e caíram por ali e fizeram-no oceânico. Ainda está vivo. Mesmo enquanto está a correr para o oceano, ele permanece vivo, continua a movimentar-se. Talvez se vá transformar numa nuvem; talvez volte a chover. Ele vai continuar sempre. A existência continua incessantemente; nunca pára. Não tem período de descanso. Não há um lugar onde se possa estabelecer que uma coisa chegou ao seu fim. Nada chega ao seu fim. Não se pode encontrar o início, nem se pode encontrar o fim. É um processo sempre a fluir.

Quando diz «Deus» está a usar um nome, uma coisa estática, morta. Quando eu digo «divino», estou a usar uma palavra para uma coisa viva, a fluir, em movimento. Então estes pontos têm de ser claros para si. Eu não sou um deísta como Jesus ou Maomé ou Krishna, porque não posso concordar com a ideia de um Deus morto.

Deus — perfeito, absoluto, onipotente, onisciente, onipresente; estas são as palavras usadas para Deus por todas as religiões — está morto, não pode estar vivo, não pode respirar. Não, eu rejeito um Deus assim, porque deste modo todo o universo estaria morto.

O divino é uma dimensão completamente diferente. O verdejante na árvore, o florescer da rosa, o pássaro em voo — todos são parte dele. Então Deus não está separado do universo. Ele é a própria alma do universo. Então o universo vibra, palpita, respira... o divino.

Por isso eu não sou ateu, mas também não sou deísta.

CAPÍTULO 1

DEUS MORREU E O HOMEM ESTÁ LIVRE... PARA QUÊ?

A responsabilidade pertence a alguém que tem a liberdade de agir. Só pode existir Deus ou a liberdade, não podem existir os dois juntos. Esta é a implicação básica da afirmação de Friedrich Nietzsche: «Deus morreu, logo o homem é livre.»

No seu primeiro encontro, Seigen perguntou a Sekito:

— De onde vens?

Sekito respondeu:

— Eu venho de Sokei.

Seigen levantou de repente o seu hossu¹ e perguntou:

— Encontraste disto por lá?

— Não — replicou Sekito —, não só não havia disto por lá, como também não havia na terra ocidental.

— Tu chegaste à parte ocidental, não chegaste? — perguntou Seigen, ao que Sekito respondeu:

— Se eu tivesse chegado, tê-lo-ia encontrado.

— Ainda não chega — disse Seigen —, explica melhor.

Sekito retorquiu:

— Também tens de falar da tua parte. Por que é que só insistes comigo?

— Não tenho problemas em responder-te — disse Seigen —, mas ninguém concordaria com isso. Quando estavas em Sokei — continuou —, o que encontraste lá?

— Mesmo antes de ir a Sokei — disse Sekito —, eu não tinha perdido nada. — E perguntou: — Quando tu foste a Sokei, conheceste-te a ti próprio?

— Então e tu? — perguntou Seigen. — Tu conheces-me agora?

— Sim, conheço — respondeu Sekito. — Como posso conhecer-te ainda mais? Osho — prosseguiu ele —, há quanto tempo vieste de Sokei para aqui?

— Eu também não sei — respondeu Seigen. — E tu, quando saíste de Sokei?

— Eu não venho de Sokei — disse Sekito.

— Tudo bem — respondeu Seigen —, agora eu sei de onde tu vens.

— Osho — disse Sekito —, tu és grandioso, não percas tempo.

Meus amigos, hoje começa uma nova série de palestras: Deus Morreu, Agora o Zen é a Única Verdade Viva. Esta série é dedicada a Friedrich Nietzsche, que foi o primeiro homem na história da humanidade a declarar: «Deus morreu, logo o homem está livre.»

Foi uma afirmação grandiosa com muitas implicações. Gostaria por isso, em primeiro, de analisar a afirmação de Nietzsche.

Todas as religiões acreditam que Deus criou o mundo e também a humanidade. Mas se você foi criado por alguém, então é apenas uma marioneta, não tem uma alma própria. E se tiver sido criado por alguém, ele pode tirar-lhe a vida a qualquer momento. Assim como não lhe perguntou se queria ser criado, também não lhe vai perguntar: «Queres perder a vida?»

Deus é o maior ditador, se as pessoas aceitarem a ficção de que ele criou o mundo e também criou a humanidade. Se Deus for uma realidade, então o homem é um escravo, uma marioneta. Todas as cordas estão nas mãos de Deus, incluindo a sua vida. Então não existe nenhuma iluminação. Então não existe nenhum Gautama, o Buda, porque não existe liberdade. Ele puxa as cordas, você dança; Ele puxa as cordas, você chora; Ele puxa as cordas, você começa com os assassinios, os suicídios, a guerra. Você é apenas uma marioneta nas mãos de Deus.

Assim não existe pecado ou virtude, não existem santos e pecadores. Nada é bom e nada é mau, porque você é apenas uma marioneta. Uma marioneta não pode ser responsável pelas suas ações. A responsabilidade cabe a alguém que tem a liberdade de agir. Ou existe Deus ou existe a liberdade, não podem existir os dois em simultâneo. Esta é a implicação fundamental da afirmação de Friedrich Nietzsche: Deus está morto, *logo* o homem é livre.

Nenhum teólogo, nenhum fundador de religiões pensou nisto: quando uma pessoa aceita Deus como o criador, está a destruir toda a dignidade da consciência, da liberdade, do amor. E assim se retira ao homem toda a responsabilidade e toda a liberdade. Toda a existência é reduzida à ideia extravagante de um tipo estranho chamado Deus.

A afirmação de Nietzsche limita-se, no entanto, a ser apenas uma face da moeda. Ele tem toda a razão, mas apenas sobre uma face da moeda. Ele fez uma afirmação muito significativa e cheia de sentido, mas esqueceu-se de uma coisa, que teria de acontecer porque a sua afirmação se baseia na racionalidade, na lógica e na inteligência. Não se baseia na meditação.

O homem é livre, mas livre para quê? Se Deus não existe e o homem é livre, isso apenas quer dizer que o homem é agora capaz de fazer qualquer coisa,

boa ou má; não há ninguém que o julgue, ninguém que o perdoe. Esta liberdade será apenas dissolução.

Aqui entra o outro lado. Ao eliminar Deus, o homem fica completamente vazio. É certo, proclama a sua liberdade, mas com que propósito? Como vai ele usar a sua liberdade de uma forma criativa e responsável? Como vai ele evitar que a liberdade se reduza à dissolução?

Friedrich Nietzsche não sabia nada sobre meditações — esta é a outra face da moeda. O homem é livre, mas a sua liberdade só pode ser uma alegria e uma bênção para ele se estiver apoiada na meditação. Elimine Deus — isso está certo, Ele foi o maior risco para a liberdade humana —, mas dê ao homem também algum sentido e significado, alguma criatividade, alguma receptividade, algum caminho para encontrar a sua existência eterna. O zen é a outra face da moeda.

O zen não tem nenhum Deus, essa é a sua beleza. Mas tem uma ciência enorme para transformar a sua consciência, para lhe trazer tanto conhecimento que não poderá praticar o mal. Não é um mandamento do exterior, ele vem do seu ser mais profundo. Quando conhecer o centro do seu ser, quando souber que é um só com o cosmos — e o cosmos nunca foi criado, ele esteve lá todo o sempre, e estará lá todo o sempre, da eternidade à eternidade —, quando conhecer o seu ser luminoso, o seu Gautama Buda escondido, é impossível que faça alguma coisa errada, é impossível que faça algum mal, é impossível que cometa algum pecado.

Na última fase da sua vida, Friedrich Nietzsche ficou quase maluco. Ele foi hospitalizado, internado num manicômio. O que aconteceu a tal gigante? Ele tinha concluído que Deus morreria, mas essa é uma conclusão negativa. Ele ficou vazio, mas a sua liberdade não tinha sentido. Não havia alegria nisso, porque apenas estava livre de Deus, mas para quê? A liberdade tem dois lados: de e para. O outro lado estava a faltar. Isso levou-o à loucura.

O vazio leva sempre as pessoas à loucura. Elas precisam de uma base, precisam de um centro, precisam de uma relação com a existência. Estando Deus morto, toda a sua relação com a existência terminou. Estando Deus morto, você fica sozinho, sem raízes. Uma árvore não pode viver sem raízes, nem você.

Deus era não-existencial, mas era uma boa consolação. Costumava preencher o interior das pessoas, apesar de ser uma mentira. Mas mesmo uma mentira, repetida milhares e milhares de vezes por milénios, se transforma quase em verdade. Deus foi a maior consolação para as pessoas no seu medo, no seu pavor, na sua consciência da velhice e da morte, e para além — a escuridão desconhecida. Deus foi uma tremenda consolação, apesar de ser uma mentira. As mentiras podem consolá-lo, tem de o entender. Na verdade, as mentiras são mais doces que a verdade.

Gautama Buda disse uma vez: «A verdade é amarga ao início e doce no final, e as mentiras são doces ao início e amargas no final» — quando são descobertas. Então vem uma enorme amargura, ao perceber que foi enganado pelos seus pais, por todos os seus professores, por todos os seus padres, por todos a quem chama líderes. Foi continuamente enganado. Essa frustração traz uma grande e generalizada desconfiança. «Ninguém é merecedor de confiança...» Fica criado um vazio.

Então Nietzsche não estava maluco na última fase da sua vida, foi só a conclusão inevitável da sua abordagem negativa. Uma inteligência só pode ser negativa; ela pode argumentar e criticar e ser sarcástica, mas não lhe pode dar qualquer tipo de alimento. Não consegue obter qualquer alimento de um ponto de vista negativo. Por isso ele perdeu o seu Deus e perdeu a sua consolação. Ele libertou-se apenas para ser maluco.

E não foi só Friedrich Nietzsche, por isso não se pode dizer que tenha sido simplesmente um acidente. Muitos gigantes intelectuais vão parar a manicómios ou suicidam-se, porque ninguém pode viver numa escuridão negativa. O ser humano precisa de luz e de uma experiência de verdade positiva e afirmativa. Nietzsche destruiu a luz e criou um vazio em si próprio e nos outros que o seguiram.

Se sente um vazio lá bem no fundo, um completo vazio sem sentido, é por causa de Friedrich Nietzsche. Toda uma filosofia cresceu no Ocidente: Nietzsche foi o fundador desta abordagem tão negativa da vida.

Soren Kierkegaard, Jean-Paul Sartre, Marcel, Jaspers, Martin Heidegger... — todos os grandes gigantes da primeira metade deste século — falaram apenas da falta de sentido, dor, sofrimento, ansiedade, pavor, medo, angústia. E a esta filosofia chamou-se no Ocidente existencialismo. Mas não é. É simplesmente não-existencialismo. Ela destrói tudo o que consola as pessoas.

Eu concordo com a destruição porque o que estava a consolar o homem era tudo mentira. Deus, o céu, o inferno — são tudo ficções criadas para consolar. É bom que sejam destruídos, mas assim o homem fica num completo vazio. O existencialismo nasceu desse vazio, é por isso que só fala da falta de sentido: «A vida não tem sentido.» Ele fala sobre a falta de significado: «Tu és apenas um acidente. Se estás aqui ou não, isso não importa nada à existência.» E estas pessoas chamam à sua filosofia existencialismo. Deviam chamar-lhe accidentalismo. Você não é necessário; só apareceu por acidente, no limite, não se sabe bem como. Deus estava a fazer de si uma marioneta e estes filósofos, de Nietzsche a Jean-Paul Sartre, fazem de si um acidente.

Existe uma enorme necessidade no ser do homem de ter uma relação com a existência. Ele precisa de possuir raízes na existência, porque só quando as raízes se aprofundam na existência é que ele vai florescer num buda, vai

florescer em milhões de flores, é que a sua vida vai fazer sentido. E a sua vida será então superabundante de sentido, significado, felicidade; a sua vida será apenas uma celebração.

Mas a conclusão dos intitulados existencialistas é de que você não é necessário, a sua vida não tem sentido nem significado. A existência não precisa de si para nada!

Por isso eu quero completar a obra de Friedrich Nietzsche; ela está incompleta. Ela vai levar toda a humanidade à loucura — não só Friedrich Nietzsche, mas toda a humanidade. Sem Deus certamente que você é livre, mas para quê? Vai estar de mãos vazias.

No fundo, já estava de mãos vazias anteriormente, porque as mãos que pareciam cheias estavam cheias de mentiras. A diferença é que agora está completamente consciente de que as suas mãos estão vazias e não tem para onde ir.

⋮

Eu ouvi falar de um ateu muito famoso. Ele morreu e a sua mulher trouxe as suas melhores roupas, os seus melhores sapatos, antes de o porem no caixão — a melhor gravata, a mais cara de todas. Ela queria proporcionar-lhe uma boa despedida. Ele estava vestido como nunca se vestira em toda a sua vida. E vieram os amigos e vizinhos. E uma mulher disse:

— Estranho! Ele está todo bem vestido e não tem para onde ir.

Mas esta é a situação que qualquer filosofia negativa vai deixar à humanidade inteira: bem vestido, pronto para ir, mas sem ter para onde ir! Esta situação gera insanidade.

Não foi por acidente que Friedrich Nietzsche ficou louco, foi o resultado da sua filosofia negativa. Por isso, eu chamo a esta série de palestras «*Deus Morreu, Agora o Zen é a Única Verdade Viva*».

Concordo absolutamente com Friedrich Nietzsche no que diz respeito a Deus, mas quero completar a sua afirmação, coisa que ele não pôde fazer. Ele não era um ser desperto, ele não era um ser iluminado.

Gautama Buda também não tinha um Deus, nem Mahavira tinha um Deus, mas eles nunca ficaram malucos. Todos os mestres zen e todos os grandes mestres tao — Lao-Tsé, Chuang-Tsé, Lieh-Tsé —, ninguém ficou maluco, e eles não tinham nenhum Deus. Eles não tinham nenhum céu ou inferno. Qual é a diferença? Por que é que Gautama Buda não ficou maluco?

E não foi só Gautama Buda. Em vinte e cinco séculos, centenas dos seus tornaram-se iluminados, e eles nem sequer falam de um Deus. Eles nem sequer

dizem que Deus não existe, porque não é preciso. Eles não são ateus. Eu não sou ateu, nem sou deísta. Deus simplesmente não existe, por isso não faz sentido o ateísmo ou o deísmo.

Mas eu não sou maluco. Você é minha testemunha. Isto não cria um vazio em mim; pelo contrário, por Deus não existir, eu ganhei a dignidade de um indivíduo que é livre — livre de se tornar um buda. Esse é o objetivo último da liberdade. A menos que a sua liberdade se torne no verdadeiro florescer da consciência, e que a experiência da liberdade o leve à eternidade, o leve às raízes, ao cosmos e à existência, você cairá na loucura. A sua vida não terá sentido, não terá significado. Os seus atos não importam. A existência, de acordo com os chamados existencialistas, que são todos seguidores de Friedrich Nietzsche, o fundador, é completamente ignorante. Eles eliminaram Deus, por isso pensam — e de acordo com a lógica parece ser verdade — que se Deus não existe, a existência também está morta, sem inteligência, sem vida. Deus costumava ser a vida, Deus costumava ser a consciência, Deus costumava ser o verdadeiro sentido, o sal do nosso ser. Se Deus já não está lá, toda esta existência fica sem alma, a vida torna-se um mero subproduto da matéria. Por isso quando você morrer, tudo irá morrer, nada vai ficar.

E não existe a questão de ser bom ou mau. Para a existência é absolutamente indiferente, ela não quer saber de si. Deus costumava cuidar de si. Quando Deus é eliminado, uma grande estranheza começa a acontecer entre si e a existência. Não existe relação, a existência não quer saber, não *pode* saber porque ela já não é consciente. Já não é um universo inteligente, é apenas matéria morta, tal como você. E a vida que você conhece é apenas um subproduto.

Um subproduto desaparece imediatamente quando os elementos que o constituíam se separam. Por exemplo, algumas religiões acreditam que o homem é formado por cinco elementos: terra, ar, fogo, água, céu. Quando estes cinco elementos se juntam, a vida é produzida como um subproduto. Quando estes cinco elementos se separam pela morte, a vida desaparece.

Vou explicar melhor. Sabe quando se está a aprender a andar de bicicleta e se cai várias vezes? Eu também aprendi, mas nunca caí enquanto aprendia, porque primeiro observava os aprendizes e por que é que eles caíam. Eles caíam porque não tinham confiança. Para estar sobre duas rodas é preciso um enorme equilíbrio, e se você hesitar... é como andar na corda bamba. Se hesitar só por um momento, aquelas duas rodas não o vão manter no seu assento. É preciso andar a uma certa velocidade para aquelas duas rodas poderem mantê-lo em equilíbrio, e o aprendiz anda sempre devagar. Obviamente — parece lógico —, quando se é um aprendiz, não se deve andar com muita velocidade.

Eu vi todos os meus amigos aprenderem a andar de bicicleta, e eles diziam-me sempre:

— Por que é que não aprendes?

— Eu estou a ver primeiro — respondia eu. — Estou a ver por que é que vocês caem e como é que passados alguns dias deixam de cair.

E quando percebi a ideia, fui o mais rápido que pude logo na primeira vez! Os meus amigos ficaram perplexos:

— Nunca vimos um aprendiz ir tão depressa. Um aprendiz está condenado a cair algumas vezes e só depois aprende a equilibrar-se.

— Eu estive a observar — expliquei — e apanhei o truque. O truque é que não estamos confiantes nem alerta de que é necessária uma certa velocidade para manter a bicicleta em movimento. Ninguém consegue pará-la e sentar-se em cima dela sem cair, é precisa uma certa aceleração, por isso têm de continuar a pedalar.

Quando eu percebi exatamente qual era o problema, fui tão depressa que a minha aldeia em peso se questionou: «O que lhe irá acontecer, porque ele não sabe... e vai tão depressa!»

Foi difícil para mim saber como parar; se eu parasse, a bicicleta ia cair. Então tive de ir para um lugar onde havia uma grande árvore de Bodhi junto da estação de comboios, a quase cinco quilómetros da minha casa. Fui tão depressa esses cinco quilómetros que as pessoas davam a passagem, saíam da frente. Eles diziam: «É uma completa loucura!»

Mas a minha loucura tinha método. Eu estava a ir diretamente para aquela árvore, porque sabia que a árvore tinha ficado oca. Guiei então a minha bicicleta até à árvore oca para que a roda da frente ficasse no seu interior. Aí eu podia parar, já não havia o problema de cair.

Um homem da aldeia que estava a trabalhar nas suas terras viu isto e disse:

— É estranho... Se não houvesse uma árvore como esta, como ias parar?

— Agora eu aprendi a parar, porque acabei de o fazer — respondi.

— Já não vou precisar de uma árvore. Mas esta foi a minha primeira experiência. Eu não tinha visto outras pessoas a pararem, só as tinha visto a cair. Por isso não tinha experiência de parar, ia depressa para chegar à árvore de Bodhi.

Uma parte dela tinha ficado completamente oca, e era uma árvore enorme, por isso eu sabia que conseguiria pôr a minha roda dentro e ser apoiado pela árvore. Mas depois de ter parado, já tinha aprendido a parar.

Eu aprendi a conduzir com um homem chamado Majid, que era muçulmano. Ele era um dos melhores condutores da cidade, e gostava muito de mim. Na verdade, foi Majid que escolheu o meu primeiro carro. Então ele disse-me:

— Eu vou ensinar-te.

— Eu não gosto de ser ensinado. Guie devagar para que eu possa ver e observar.

— O que queres dizer? — perguntou ele.

— Eu só aprendo observando — expliquei. — Não quero nenhum professor!

— Mas isso é perigoso! — disse ele. — Uma bicicleta está bem. No máximo podias ter-te magoado ou a outras pessoas, mas não muito. Mas um carro é uma coisa perigosa.

— Eu sou um homem perigoso — afirmei. — Guie devagar e diga-me tudo sobre os pedais, onde está o acelerador, onde está o travão... diga-me só. E quando for devagar, eu irei caminhando ao seu lado, observando apenas o que está a fazer.

— Se queres dessa maneira, eu posso fazê-lo — consentiu ele —, mas tenho muito receio. Se fizeres a mesma coisa com o carro que fizeste com a bicicleta...

— É por isso que estou a tentar observar mais de perto — expliquei. E assim que entendi a ideia, pedi-lhe para sair. E fiz a mesma coisa que tinha feito com a bicicleta. Fui tão rápido que Majid, o meu instrutor, corria atrás de mim, a gritar:

— Mais devagar!

E naquela cidade não havia limite de velocidade, porque nas ruas indianas não se pode ir a mais de cinquenta e cinco. Não é necessário pôr sinais com o limite de velocidade a cinquenta e cinco milhas por hora em todo o lado, porque de qualquer maneira não se consegue andar mais depressa.

Mas aquele pobre coitado estava com muito medo. Ele veio a correr atrás de mim. Ele era um homem muito alto, um corredor campeão, era muito possível que um dia se tornasse campeão da Índia ou participasse nas Olimpíadas. Ele esforçou-se por me seguir, mas rapidamente eu desapareci da sua vista.

Quando regressei, ele estava a rezar debaixo de uma árvore, a rezar a Deus pela minha segurança. E quando parei ao seu lado, tão perto que ele saltou, até esqueceu a sua oração.

— Não se preocupe — tranquilizei-o. — Eu aprendi tudo. O que estava a fazer aqui?

— Eu segui-te — explicou ele —, mas tu desapareceste logo. Então pensei: a única coisa a fazer é rezar a Deus para o ajudar, porque ele não sabe nada de condução. Ele está sentado no lugar do condutor pela primeira vez, e nem sabemos para onde foi. Como voltaste? Onde voltaste para trás?

— Eu não sabia como virar — afirmei —, porque você apenas tinha seguido em frente e eu estava a andar ao seu lado. Por isso tive de ir à volta da cidade. Não fazia ideia de como voltar para trás, que sinais fazer, porque você não me tinha ensinado nenhuns sinais. Mas consegui. Dei a volta à cidade tão depressa que os outros carros todos me deram passagem. E regresssei.

— *Khuda hafiz* — disse ele, o que significa: «Deus salvou-te.»

— Não traga Deus para aqui — contrariei.

Quando reconhece que é preciso um certo equilíbrio entre o negativo e o positivo, é porque tem as suas raízes na existência. Acreditar em Deus é um extremo; o outro extremo é não acreditar em Deus, e é preciso estar exatamente no meio, completamente equilibrado. O ateísmo torna-se irrelevante, o deísmo torna-se irrelevante. Mas o seu equilíbrio traz uma nova luz, uma nova alegria, uma nova felicidade para si, uma nova inteligência que não vem da mente. Essa inteligência que não vem da mente torna-o consciente de que toda a existência é tremendamente inteligente.

Não só está viva como tem sensibilidade e inteligência. Quando vê que o seu ser interior está equilibrado, silencioso e pacificado, de repente as portas que tinham sido fechadas pelos seus pensamentos são agora abertas, e toda a existência se torna clara para si. Você não é accidental. A existência precisa de si. Sem você, alguma coisa vai faltar na existência e ninguém o pode substituir.

É isso que lhe dá dignidade, o facto de que toda a existência vai sentir a sua falta. As estrelas e o sol e a lua, as árvores e os pássaros e a terra — tudo no universo vai sentir que um pequeno lugar está vago e não pode ser preenchido por ninguém a não ser você. Isto vai dar-lhe uma tremenda alegria, uma grande satisfação por estar ligado à existência, e por esta se importar consigo. Quando estiver puro e seguro, vai poder ver um amor tremendo cair sobre si de todas as dimensões.

Você é a mais alta evolução da existência, da inteligência, e ela está dependente de si. Se conseguir elevar-se acima da sua mente e da sua inteligência, em direção à não-mente e à inteligência desta, a existência vai celebrar: uma vez mais, uma pessoa atinge o ponto máximo. Uma parte da existência terá crescido, de repente, até às mais altas possibilidades do potencial intrínseco que há em todos.

Há uma parábola que conta que no dia em que Gautama Buda se tornou iluminado, a árvore sob a qual ele se tornou iluminado, sem ponta de vento,

começou a abanar. Ele estava espantado porque não havia vento, nenhuma outra árvore ali se mexia, nem uma só folha se mexia. Mas a árvore sob a qual ele estava sentado abanava, como se estivesse a dançar. Ela não tinha pernas, ela estava bem enraizada na terra, mas podia ao menos mostrar a sua alegria.

É um fenômeno muito estranho que alguns químicos que o fazem inteligente, que lhe dão uma mente melhor, possam ser encontrados na árvore de Bodhi em quantidades maiores do que em qualquer outra árvore. Por isso não é só coincidência que a árvore sob a qual Gautama Buda se tornou iluminado continue a ser chamada conforme o seu nome. Bodhi quer dizer iluminação. E a árvore, descobriram-no os cientistas, tem uma maior quantidade de inteligência que qualquer outra árvore no mundo. Tem tantos desses químicos que transborda.

Quando Manjushree, um dos mais próximos discípulos de Gautama Buda, se tornou iluminado, a história é que a árvore sob a qual ele estava sentado começou de repente a encher-se de flores, mesmo fora de época.

Pode ser apenas uma parábola. Mas estas parábolas indicam que não estamos separados da existência, que a nossa alegria será partilhada até pelas árvores, até pelas rochas, que a nossa iluminação será um festival para toda a existência.

É a meditação que preenche o seu ser interior e afasta o vazio que costumava ser preenchido por uma grande mentira, Deus. E muitas mentiras cresceram à volta de Deus.

Se ficar com o negativo, acabará louco mais tarde ou mais cedo, porque terá perdido todo o contato com a existência, terá perdido todo o sentido, toda a possibilidade de encontrar sentido. Certamente já largou algumas mentiras, o que é bom, mas não é suficiente para alcançar a verdade.

Deixe as mentiras e faça algum esforço para ir para dentro à procura da verdade. A ciência do Zen é isso. Foi por essa razão que chamei a esta série «Deus Morreu, Agora o Zen é a Única Verdade Viva». Se Deus está morto e você não se aproximar da experiência do Zen, vai ficar louco. A sua sanidade depende agora só do Zen, é essa a única maneira de encontrar a verdade. Só então estará completamente ligado à existência e deixará de ser uma marioneta, passará a ser um mestre.

E um homem que conhece a sua relação, a sua relação profunda com a existência, não pode cometer nada contra a existência, contra a vida. É totalmente impossível. Ele só pode emitir tanta felicidade, tanta bênção, tanta graça como a que está preparado para receber. Mas as nossas fontes são inesgotáveis. Quando tiver encontrado as suas fontes inesgotáveis de vida e o seu êxtase, então não importa se tem um Deus ou não. Não importa se existe um inferno ou um céu. Isso não tem a mínima importância.

Por isso, quando as pessoas religiosas leem Zen ficam completamente perplexas, porque ele não fala de nada que alguma vez lhes tenham ensinado. Ele fala de estranhos diálogos que não têm nada... nenhum lugar para Deus, nenhum lugar para o paraíso, nenhum lugar para o inferno. É uma religião científica. A sua procura não se baseia na crença, a sua busca baseia-se na experiência. Tal como a ciência se baseia objetivamente na experiência, o Zen baseia-se subjetivamente na experiência. Uma ciência vai para fora, outra ciência vai para dentro.

Nietzsche não tem ideia de como se vai para dentro. O Ocidente tem sido o lugar errado para pessoas como Friedrich Nietzsche. Se ele tivesse vivido no Oriente, teria sido um mestre muito maior, um homem de uma sanidade completa. Teria pertencido à mesma categoria, à mesma família, dos budas.

Mas infelizmente o Ocidente ainda não aprendeu a lição. Ele continua a trabalhar no duro sobre objetos. Um décimo da nossa energia seria suficiente para encontrar a verdade interior. Até um Albert Einstein morre em profunda frustração. A frustração foi tão grande que antes de morrer lhe perguntaram: «Se nascesse de novo, o que gostaria de ser?» Ele respondeu: «Jamais um físico. Eu seria antes um canalizador.»

O maior físico que o mundo conheceu morre tão frustrado que não quer ter nada que ver com a física, nada que ver com a ciência. Ele gostaria de ter tido uma profissão simples como a de canalizador. Mas mesmo isso não vai ajudar. Se a física não ajudou, se a matemática não ajudou, se uma inteligência tão grande como a de Albert Einstein morre em frustração, ser um canalizador não vai ajudar. Continua a estar no exterior. Um cientista pode estar envolvido demasiado a fundo; um canalizador pode não estar tão envolvido, mas continua a trabalhar no exterior. Ser canalizador não lhe vai dar o que ele precisa. Ele precisa do silêncio da meditação. Desse silêncio floresce o sentido, o significado, uma alegria tremenda de que não somos um acidente.

O que lhe estou a ensinar, garanto, é um existencialismo autêntico, e o que no Ocidente é ensinado como existencialismo é apenas accidentalismo. Eu ensino-o a entrar em contato com a existência, a descobrir onde está ligado, em linha com a existência. De onde recebe a sua vida a cada momento? De onde vem a sua inteligência? Se a existência não for inteligente, como pode você ser inteligente? Onde a vai buscar?

Quando vê as flores de rosa a desabrochar, alguma vez pensou que toda essa cor, toda essa suavidade, toda essa beleza estava escondida algures na semente? Mas a semente por si não era suficiente para se tornar uma rosa, ela precisou da ajuda da existência — o solo, a água, o sol. Então a semente desapareceu no solo e o arbusto começou a crescer. Agora ele precisa de ar, precisa de água, precisa da terra, precisa do sol, precisa da lua. Todos estes juntos transformam a semente, que era quase como um pedaço morto de pedra.

De repente dá-se uma transformação, uma metamorfose. Estas rosas, estas cores, esta beleza, este perfume, não podem vir dela, a não ser que já estivessem na existência. Eles podiam estar todos escondidos, podiam estar tapados na semente. O facto de haver uma transformação implica que já lá estavam antes — talvez como um potencial.

Você tem inteligência...

≈

Vou contar a história de Ramakrishna e Keshav Chandra Sen.

Keshav Chandra foi uma das pessoas mais inteligentes do seu tempo. Ele fundou uma religião baseada apenas na sua filosofia intelectual, *brahmasamaj*, a sociedade para Deus. E tinha centenas e milhares de pessoas inteligentes, um grupo muito inteligente, como seus seguidores. E ele ficava surpreendido por aquele Ramakrishna sem estudos, que nem sequer tinha terminado a escola primária — na Índia a escola primária, o primeiro ciclo escolar, demora quatro anos; e ele só tinha feito metade... Como é que milhares de pessoas iam ter com aquele idiota? Isto estava na mente de Keshav Chandra.

Por fim ele decidiu que tinha de derrotar este homem, porque não conseguia imaginar que o outro não pudesse ser derrotado pelos seus argumentos. Isso era-lhe impossível de imaginar. Este idiota de uma pequena aldeia estava a reunir milhares de pessoas todos os dias! De toda a parte vinham pessoas para o ver e para tocar os seus pés!

Keshav Chandra e os seus seguidores informaram Ramakrishna:

— Eu vou aí no dia tal para te desafiar sobre todos os aspetos da tua fé. Prepara-te!

Os seguidores de Ramakrishna estavam com muito medo. Eles sabiam que Keshav Chandra era um grande lógico; o pobre Ramakrishna não seria capaz de responder a nada. Mas, mesmo assim, este estava muito alegre, ele dançava. E disse:

— Estive à espera todo este tempo. Quando Keshav Chandra vier, será um dia de grande alegria!

— O que estás a dizer? — perguntaram-lhe os discípulos. — Será um dia de grande tristeza, porque tu não consegues argumentar com ele.

— Esperem — disse Ramakrishna. — Quem vai argumentar com ele? Eu não preciso de argumentar. Deixem-no vir.

Mas os seus discípulos tremiam com muito medo de que o seu mestre fosse derrotado, completamente esmagado. Eles conheciam Keshav Chandra. Naquele século, neste país, não houve inteligência que se lhe comparasse.

E Keshav Chandra veio com uma centena dos seus melhores discípulos para assistirem à discussão, ao debate, ao desafio. Ramakrishna estava na rua à sua

espera, muito longe do templo onde costumava viver. E ele abraçou o seu opositor, que se sentiu um pouco embaraçado, embaraço esse que foi crescendo.

Ramakrishna pegou na mão dele e levou-o para dentro, e disse:

— Eu esperei e esperei durante anos. Por que não vieste antes? Keshav Chandra respondeu:

— Que homem estranho, parece não ter medo nenhum! Estás a perceber? Eu vim aqui para ter uma discussão!

— Claro — disse Ramakrishna.

Então sentaram-se perto do templo, na margem do Ganges, num lugar lindíssimo, debaixo de uma árvore.

— Começa — ordenou Ramakrishna.

E Keshav Chandra perguntou-lhe:

— O que dizes acerca de Deus?

— Tenho de dizer alguma coisa sobre Deus? — questionou Ramakrishna. — Não consegues ver Deus nos meus olhos?

Keshav Chandra ficou um bocado desconcertado:

— Que tipo de argumento é esse?

— Não consegues sentir Deus na minha mão? — continuou Ramakrishna. — Chega-te mais perto, rapaz.

— Que tipo de argumento...? — questionou de novo Keshav Chandra.

Ele tinha estado em vários debates, ele tinha derrotado grandes eruditos, e este homem da aldeia... Em hindi a palavra para idiota é *ganwar*, que na verdade quer dizer o homem da aldeia, *gaon* significa «aldeia» e *ganwar* significa «da aldeia»; este termo é usado no sentido de estúpido, atrasado, idiota.

— Se consegues entender a linguagem dos meus olhos — prosseguiu Ramakrishna —, se consegues entender a energia da minha mão, és prova suficiente de que a existência é inteligente. De onde recebeste a tua inteligência?

Este argumento era formidável. E continuou:

— Se tu tens esta grande inteligência — e eu sei que és uma pessoa muito inteligente, pelo que sempre te admirei —, diz-me de onde ela vem? Se a existência não for inteligente, tu não a podes ter. De onde? Tu és a prova de que a existência é inteligente, e é isso o que eu entendo por Deus. Para mim Deus não é uma pessoa sentada numa nuvem. Para mim Deus significa apenas que a existência é inteligente. É um universo inteligente; nós pertencemos e nós somos necessários. Ele alegra-se nas nossas alegrias, ele celebra as nossas celebrações, ele dança com a nossa dança. Já viste a minha dança? — e começou a dançar.

— Tenho mais que fazer! — exclamou Keshav Chandra.

Mas ele dançou maravilhosamente. Ele era um bom dançarino, porque costumava dançar no templo, às vezes passava o dia nisso — sem pausa para café! Ele dançava e dançava até cair no chão.

Então começou a dançar com uma tal alegria e raça que de repente houve uma transformação em Keshav Chandra. Ele esqueceu toda a sua lógica, ele viu a beleza deste homem, ele viu o esplendor deste homem, ele viu uma alegria que nunca tinha sentido.

Todo o intelecto, todos os argumentos eram apenas superficiais, lá dentro havia um completo vazio. Este homem era tão abundante! Ele tocou os pés de Ramakrishna e disse-lhe:

— Perdoa-me. Eu estava completamente errado sobre ti. Eu não sei nada, e tenho estado só a filosofar. Tu sabes tudo, e não dizes uma única palavra.

— Só te perdoou com uma condição — respondeu Ramakrishna.

— Qualquer condição da tua parte — aceitou Keshav Chandra.

— Estou preparado.

— A condição é que de vez em quando tens de vir discutir comigo, debater comigo, desafiar-me.

Este é o jeito de um místico; e Keshav Chandra foi completamente derrotado. Ele tornou-se um homem totalmente diferente; começou a aparecer todos os dias. E depressa foi abandonado pelos seus discípulos:

— Ele ficou maluco — diziam. — Aquele maluco contagiou-o. Só havia um louco, agora há dois. Até já dança com ele.

Mas Keshav Chandra, que tinha sido um homem triste, mesquinho, sempre a queixar-se de tudo, porque vivia num espaço negativo, de repente floresceu, as flores entraram no seu ser, um novo perfume. Ele esqueceu toda a lógica. Este homem ajudou-o a saborear algo que está para além da mente.

Zen é o método que nos leva para além da mente. Por isso vamos discutir Deus e Zen ao mesmo tempo. Deus tem de ser negado e o Zen tem de ser enraizado no seu ser. A mentira tem de ser destruída e a verdade tem de ser revelada. Foi por isso que escolhi falar de Deus e de Zen ao mesmo tempo. Deus é uma mentira, Zen é uma verdade.

Agora as vossas perguntas. A primeira:

Deus está mesmo morto? A própria ideia da Sua morte cria uma intensa ansiedade, medo, temor e angústia.

Da maneira como vejo as coisas, Deus nunca existiu, por isso como pode Ele estar morto? Em primeiro lugar, Ele nunca nasceu. Foi inventado pelos padres, e foi inventado exatamente por estas razões: porque o homem estava

em ansiedade, o homem estava com medo, o homem estava atemorizado, o homem estava angustiado.

Quando não havia luz, nem fogo — pensem só nesses dias da humanidade —, com animais selvagens à volta, e a noite escura, sem fogo, um frio intenso, sem roupas, e os animais selvagens à procura de comida na noite, e as pessoas escondidas em grutas, sentadas nas árvores só para os evitar... De dia, ao menos eles conseguiam ver que um leão se aproximava e podiam tentar escapar. Mas de noite estavam completamente à mercê dos animais selvagens.

E então descobriram que chega um tempo em que as pessoas ficam velhas sem motivo, e um dia alguém morre. Eles não conseguiam perceber o que estava a acontecer. Este homem estava a falar, a respirar, a andar, estava perfeitamente bem. De repente já não estava a respirar, já não estava a falar. Foi um choque tal para o homem primitivo que a morte se tornou um tabu: não falem dela. Só o simples facto de falar sobre ela gerava medo, medo de que mais cedo ou mais tarde você acabasse por ficar na mesma fila, com a fila a tornar-se cada vez mais pequena a cada momento. Alguém morre e isso aproxima-o a si da morte; outro morre e você fica ainda mais próximo da morte.

Mesmo falar da morte tornou-se um tabu, e não só para as pessoas primitivas comuns, também para as mais sofisticadas. O fundador da psicanálise, Sigmund Freud, não suportava a palavra «morte». Ninguém estava autorizado a mencionar essa palavra à sua frente, porque à simples menção da palavra «morte» ele teria um ataque, ficaria inconsciente e começaria a espumar. Tal era o medo do homem que inventou a psicanálise.

Uma vez Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, outro grande psicanalista, estavam a viajar da Europa para os Estados Unidos para darem conferências sobre psicanálise em várias universidades. No convés do navio, Carl Gustav Jung mencionou a morte. Sigmund Freud caiu imediatamente no convés. E por este motivo Jung foi expulso do movimento psicanalítico e obrigado a fundar outra escola. Ele chamou-lhe psicologia analítica. Um nome diferente, mas o mesmo processo. E o motivo para a sua expulsão foi a referência à morte.

Têm existido dois tabus no mundo, e esses dois tabus são duas polaridades da mesma energia. Uma é o sexo, que tem sido tabu, «não falem disso»; a outra é a morte, igualmente tabu, «não falem disso». Ambas estão relacionadas: no princípio está o sexo, no fim está a morte; é o sexo que traz a morte.

Só há um animal que não morre, a amiba. E vocês sabem isso muito bem porque Pune está cheio de amibas. Eu escolhi este lugar em especial, porque as amibas são seres imortais. E a sua imortalidade depende do facto de não serem seres sexuais. Não morrem porque não são o resultado do sexo. O sexo e a morte estão completamente interligados. Tente compreender.

O sexo trá-lo à vida, e a vida termina na morte. O sexo é o princípio, a morte é o fim. No meio está o que se chama vida.

A amiba é um animal não-sexual, o único monge celibatário no mundo inteiro. Ela reproduz-se de maneira muito diferente. Deus deve estar tremendamente feliz — se existir — com as amibas; elas são todas santas. Limitam-se a comer e a ficar cada vez mais gordas, e a determinada altura dividem-se em dois. Quando uma amiba fica tão gorda que se torna impossível mover-se, ela divide-se em dois.

Esta é uma forma diferente de reprodução. Mas porque não envolve sexo, não há masculino nem feminino. Ambas as amibas começam a comer de novo. Em breve estarão suficientemente gordas para se voltarem a dividir. Elas usam um método matemático. Não há morte, uma amiba nunca morre — a menos que seja assassinada! Ela pode viver pela eternidade fora, se a ciência médica não a assassinar. Mas a sua imortalidade depende do facto de não ser um produto do sexo. Qualquer animal que nasça do sexo vai morrer, não pode ser imortal no corpo.

Estas duas coisas têm sido tabus no mundo: o sexo e a morte. Ambos se têm mantido escondidos.

Eu fui condenado pelo mundo inteiro, por ter falado de todos os tabus sem qualquer inibição, porque quero dar-lhe a conhecer tudo sobre a vida, do sexo à morte. Só então poderá superar o sexo e a morte. No seu entendimento, pode começar a aproximar-se de algo que está para além do sexo e para além da morte. Isso é a sua eternidade, isso é a sua energia de vida, energia pura.

Através do sexo nasce o seu corpo, e não você.

Através da morte morre o seu corpo, e não você.

Por isso é completamente desnecessário fazer deles tabus. Mas as religiões investiram muito na criação de ansiedade, medo, temor e angústia, e a natureza já os estava a produzir.

As religiões, em especial os padres em todo o mundo, qualquer que seja a sua confissão, exploraram o medo do homem, deram-lhe Deus, uma ficção, uma mentira — que pelo menos temporariamente cobre a ferida. «Não tenhas medo, Deus toma conta de ti. Não estejas com pavor ou ansiedade, Deus existe e tudo está bem. Tudo o que tens a fazer é acreditar em Deus e acreditar no representante de Deus, o padre, e acreditar na escritura sagrada que Deus enviou ao mundo. Tudo o que tens a fazer é acreditar.» E esta crença tem coberto a sua ansiedade, medo, temor e angústia.

Então, quando ouve que Deus está morto, a própria ideia da sua morte cria-lhe uma ansiedade intensa. Isso significa que a sua ferida foi destapada. Mas

uma ferida coberta não é uma ferida sarada; na verdade, durante o processo de cura ela tem de ficar a descoberto. Só com os raios de sol, ao ar livre, ela vai começar a sarar. Uma ferida nunca deve ser coberta, porque ao tapá-la vai começar a esquecer-se dela. Você quer esquecer-se dela. Uma vez tapada, não são só os outros que não a veem, você próprio não a vê. E debaixo da cobertura ela vai-se transformando num cancro.

As feridas têm de ser saradas, e não tapadas. Tapar não é o caminho. Deus era a cobertura, é por isso que o próprio conceito de Deus estar morto gera medo. O que quer que venha à sua mente, ansiedade intensa, medo, temor e angústia — estas eram as coisas que os padres tapavam com a palavra «Deus».

Mas, ao tapar, eles impediram a evolução do homem para o estado de buda, eles travaram o processo de cura do homem, travaram a sua busca pela verdade. Uma mentira foi-lhe dada como verdade; naturalmente que não precisa de buscar a verdade se já a tiver.

É absolutamente necessário que Deus esteja morto. Mas eu quero que compreenda o *meu* ponto de vista. Foi bom Friedrich Nietzsche ter declarado que Deus estava morto. Eu declaro que ele nunca nasceu. É uma ficção criada, uma invenção, não uma descoberta. Entende a diferença entre invenção e descoberta? Uma descoberta é sobre a verdade, uma invenção é produzida por si. É uma ficção criada pelo homem.

Certamente que deu consolação, mas a consolação não é a coisa certa! A consolação é um ópio. Ela deixa-o sem consciência da realidade, e a vida passa por si tão rapidamente — setenta anos terão passado num instante.

Uma pessoa que lhe dê um sistema de crenças é sua inimiga, porque o sistema de crenças torna-se um obstáculo para os seus olhos, não o deixa ver a verdade. O próprio desejo de encontrar a verdade desaparece.

Mas no início é duro que todos os seus sistemas de crenças lhe sejam retirados. O medo e a ansiedade que tinha vindo a suprimir há milénios, que estão lá, muito vivos, virão imediatamente à superfície. Nenhum Deus os pode destruir, só a procura da verdade e a experiência da verdade — não uma crença — são capazes de curar todas as suas feridas e fazer de si um ser inteiro. E a pessoa inteira é a pessoa santa, para mim.

Então, se tirarmos Deus e isso o fizer sentir medo e temor, ansiedade e angústia, quer dizer simplesmente que Deus não é o remédio. Era só um truque para o manter de olhos fechados. Era uma estratégia de cegueira para o manter na escuridão, e para o fazer ter esperança de que para além da morte está o paraíso. Porquê para além da morte? É porque você tem medo da morte, por isso o padre cria um paraíso para além da morte só para fazer desaparecer esse medo. Mas ele não desaparece, só é reprimido no seu inconsciente. E quanto mais fundo for reprimido, mais difícil será libertar-se dele.

Eu quero destruir todos os sistemas de crenças, todas as teologias, todas as religiões. Eu quero abrir as vossas feridas para que possam ser curadas. A verdadeira medicina não é um sistema de crenças; a verdadeira medicina é a meditação. Sabe que estas palavras, medicina e meditação, têm a mesma raiz? A medicina cura o corpo, a meditação cura a alma. Mas a sua função é a mesma, curar.

Quando deixar cair Deus, você estará certamente livre. Mas nesta liberdade vai ficar cheio de ansiedade, medo, temor, angústia. A menos que se comece a virar para dentro para descobrir o seu ser autêntico, o seu rosto original, o seu buda, não deixará de tremer, toda a sua vida será destruída, pode até ficar louco, à semelhança de Friedrich Nietzsche.

E ele não foi a única pessoa a ficar louca. Houve muitos filósofos que se suicidaram porque descobriram que não havia nada na vida, e nunca olharam para dentro. Tendo descoberto que não havia sentido, nem significado... para quê continuar a viver? Um dos grandes romances de sempre, talvez o melhor romance em todas as línguas, é *Os Irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévsky. É muito mais importante ler este livro do que a Bíblia Sagrada, ou o sagrado Corão, ou a sagrada Gita, ou os três juntos. *Os Irmãos Karamazov* contém um ensinamento tão profundo sobre tudo... mas Fyodor Dostoiévsky ficou maluco.

Ele criou os melhores romances do mundo, mas viveu uma vida muito infeliz, muito triste, muito assustada. Ele não era um homem alegre, embora possuísse um tremendo conhecimento — intelectual — sobre todos os problemas que o homem está condenado a enfrentar. Ele abordou todos os problemas. *Os Irmãos Karamazov* é um romance tão volumoso que hoje em dia ninguém o lê: as pessoas só gostam de ver televisão. Deve estar próximo de mil páginas, e com um raciocínio intenso.

O irmão mais novo — são três irmãos — é muito devoto, crente, temente a Deus, e quer tornar-se monge e ir para um mosteiro. O segundo irmão é totalmente contra Deus, totalmente contra a religião, e numa discussão com o mais novo — eles estão sempre a discutir estes assuntos:

— Se eu alguma vez encontrar Deus — diz ele —, a primeira coisa que vou fazer é devolver-lhe o bilhete e dizer-lhe: «Guarda-o. Eu não quero a tua vida, ela não tem sentido. Mostra-me apenas a saída, eu não quero estar no mundo. Eu só quero sair da existência; a morte parece-me ser muito mais pacífica que a tua pretensa vida. Fica com o bilhete, eu não quero viajar neste comboio. E tu nunca me perguntaste; é contra os meus desejos. Tu obrigaste-me a entrar neste comboio, e agora estou a sofrer desnecessariamente. Eu não tenho liberdade de escolha. Por que me fizeste nascer?»

Isto era o que ele teria perguntado se encontrasse Deus:

— A que propósito me fizeste nascer? Criaste-me sem a minha autorização. Agora isto é uma perfeita escravidão. E um dia, sem me perguntares, vais matar-me. Tu semeaste todo o tipo de doença em mim, tu semeaste todo o tipo de pecado em mim, pelos quais sou condenado, e tu és o motivo.

Quem colocou o sexo em si? Deve ter sido Deus, que criou o homem e disse a Adão e Eva para irem para o mundo e para se multiplicarem, gerarem tantos filhos quantos conseguissem. Obviamente que Ele os fez sexuais e que criou o casal.

Ivan Karamazov, o irmão ateu, diz:

— Se eu o encontrar — e quem sabe, talvez ele ainda esteja vivo e Friedrich Nietzsche esteja enganado —, vou matá-lo. Eu serei o primeiro a libertar toda a humanidade deste ditador que por um lado cria o sexo, a violência, a ira, a ganância, a ambição, todo o tipo de venenos no homem, e por outro lado põe os seus representantes a pregar que o sexo é pecado, que devemos ser celibatários. Estranho...

George Gurdjieff costumava dizer: «Todas as religiões estão contra Deus.» Há um sentido nesta afirmação. Ele não era homem para fazer uma afirmação sem um discernimento profundo e intenso. Quando ele diz que todas as religiões estão contra Deus, ele quer dizer que Deus nos dá o sexo e as religiões pregam o celibato. O que querem elas? Deus dá-nos a ganância, as religiões pregam o não à ganância. Deus dá-nos a violência, as religiões pregam a não-violência. Deus dá-nos a raiva, as religiões pregam o não à raiva. Este argumento de que todas as religiões estão contra Deus não podia ser mais claro.

Ivan Karamazov disse:

— Se eu o encontrar nalgum lugar, vou matá-lo, mas antes de o matar vou fazer-lhe todas estas perguntas.

O romance inteiro é um tremendo debate. O terceiro irmão não é irmão verdadeiro deles. Ele não nasceu da esposa do pai, mas de uma empregada. O terceiro irmão é escondido dos olhares da sociedade, por isso não se desenvolve. Ele é quase como um animal: ele come, bebe e vive num lugar escuro no grande palácio dos Karamazovs. Decerto que a sua vida não tem qualquer sentido.

E Ivan Karamazov diz:

— Pensa no teu meio-irmão, ilegítimo, que Deus também criou. Qual é o significado da sua vida? Ele nem sequer pode sair de dia, ao ar livre. O nosso pai mantém-no fechado na escuridão. Ninguém o vem ver nunca, ninguém o vai cumprimentar. Ninguém é seu amigo neste mundo. Ele não conhece mais ninguém. Ele não consegue falar bem porque nunca falou com ninguém. A sua vida assemelha-se em tudo à de um animal: comer, beber, dormir; comer,

beber, dormir... Ele nunca vai conhecer uma mulher, ele nunca vai conhecer o amor. O que vai acontecer ao seu instinto sexual?

É um debate muito intenso sobre todos os problemas com que se enfrenta qualquer homem inteligente. Ivan vai trazendo ao de cima todos esses problemas:

— O que achas que Deus diz sobre o meu meio-irmão? Qual é o seu significado? Por que é que Ele o criou desta forma? Se alguém for responsável, Ele é responsável e eu vou vingar-me. Deixem-me só encontrá-lo! E espero — diz Ivan Karamazov — que Nietzsche não tenha razão, que Ele não esteja morto. Caso contrário vou perder a oportunidade de O matar. Eu quero matá-Lo para que toda a humanidade se liberte d'Ele.

Mas depois de tornar a humanidade livre... liberdade para quê? Para o medo? Para a morte? Para o suicídio? Para o assassinio? Para o roubo? Liberdade para quê?

≈

Um romance existencialista conta que um jovem é levado a tribunal por ter morto um estranho na praia, alguém cujo rosto ele nem sequer viu. Ele foi por trás deste homem, que estava sentado a ver o pôr-do-sol, espetou uma faca nas suas costas e matou-o. Nem sequer viu quem ele era.

Era um caso muito estranho. Não se mata a não ser que haja uma inimizade, uma raiva, um sentimento de vingança. Mas eles nem sequer eram conhecidos um do outro, eles não eram sequer amigos. Uma pessoa pode matar os amigos — os amigos estão sempre a matar-se uns aos outros —, mas ele não era sequer um amigo, quanto mais um inimigo? Só pode fazer de alguém um inimigo se antes o tiver feito seu amigo. Esse passo é necessário: primeiro amigo, depois inimigo. Não pode fazer de alguém inimigo diretamente. É necessário algum conhecimento, alguma amizade para criar um inimigo.

No tribunal estavam todos perplexos. O juiz perguntou ao homem:

— Por que matou um estranho cujo rosto não tinha visto, cujo nome não conhecia?

— Isso não importa — respondeu o homem. — Eu estava a sentir-me tão entediado que queria fazer alguma coisa, uma coisa que pusesse a minha fotografia em todos os jornais. E aconteceu; agora sinto-me um pouco menos entediado. E de qualquer forma a vida não tem sentido. O que estava a fazer aquele idiota? O que ia ele fazer se eu não o tivesse matado? Ia repetir as mesmas coisas que tinha feito muitas vezes. Então qual é o problema? Por que fui trazido ao tribunal?

O juiz parecia completamente perplexo: não havia testemunhas, exceto o próprio homem que dizia: «Eu matei aquele homem, mas sem testemunhas não me podem castigar. Eu posso estar a mentir, quem sabe? Não há outras testemunhas.»

Então trouxeram a tribunal testemunhas circunstanciais. Um vizinho disse:

— Este homem é estranho. A mãe dele morreu no domingo, e quando foi informado ele disse: «Essa mulher sempre causou problemas — e inevitavelmente aos domingos. Domingo é um dia de folga, ela não podia ter morrido num sábado ou numa sexta? Mas eu sabia perfeitamente desde o início que essa mulher, que tem sido uma tortura toda a minha vida, ia estragar um dos meus dias de folga. E aconteceu mesmo.»

E quando lhe perguntaram: «Por que ficaste tão zangado?», ele respondeu: «Estou zangado porque tinha comprado bilhetes para ir ao cinema com a minha namorada, e esta mulher podia ter morrido em qualquer outro dia. Qual é a ideia de morrer num domingo? Eu não entendo. Mas conheço a mente dela.»

Outro homem chegou e disse:

— Ele enterrou a mãe e nessa mesma noite já estava a dançar numa discoteca com uma mulher muito jovem e bonita. E quando alguém lhe disse «A tua mãe morreu esta manhã. Não parece correto que estejas a dançar à noite numa discoteca», ele ripostou: «O que queres dizer? Agora sempre que eu dançar vai ser depois da morte da minha mãe, por isso o que importa se é passado doze horas, doze dias ou cinco anos? Vai sempre ser depois da morte da minha mãe. Tu queres que eu nunca mais dance porque a minha mãe morreu?»

Ele é completamente lógico, mas desumano.

Então as testemunhas continuaram os seus relatos:

— Este homem é estranho. Ele pode fazer qualquer coisa, mas parece que não dá importância a nada.

E o homem respondeu:

— Eu não vejo qualquer importância na própria vida. Qual é o crime de matar um homem? Eu estou simplesmente a libertá-lo da escravidão. Não estou a cometer um pecado nem um crime. Estou apenas a ajudar um homem que era demasiado covarde para se suicidar.

Uma filosofia negativa vai ter estes resultados. Uma filosofia negativa basicamente vai conduzir a humanidade à loucura, e a sua última consequência só pode ser o suicídio.

Um grande filósofo negativo da Grécia, Zeno, pregou toda a sua vida que o suicídio é a única saída. Milhares dos seus discípulos suicidaram-se. Ele dizia:

— A vida não tem sentido, não tem significado. Só por cobardia é que as pessoas continuam a viver. Elas não conseguem ter coragem suficiente para dar um salto e pôr-lhe um fim. Não sejas um covarde. Só o suicídio pode provar que não és um covarde.

Ele era muito convincente. Para muitos pode ser convincente:

«Só o suicídio pode provar que não és um covarde, porque qual é o interesse de viver? O que é que fizeste até agora? Viveste metade da vida, com que resultado? Qual é a consequência? Vais viver da mesma maneira a metade que resta, e vais morrer como um animal. Pelo menos tem a dignidade de te suicidares!»

Esse homem dizia que a morte não está nas suas mãos, mas que pelo menos não deixasse a morte ser também o seu senhor. Seja senhor da sua morte, suicide-se! Os seus argumentos eram muito profundos. Ele dizia:

— Tu és impotente no que se refere ao nascimento, não podes fazer nada. Tem de acontecer, mas sobre a morte há uma possibilidade: ou morres como um animal, ou te suicidas como um homem. O suicídio dá ao homem a dignidade de ser livre para escolher a sua morte.

Ele convenceu muitos jovens e eles suicidaram-se. Pouco antes de ter morrido, com noventa anos, alguém lhe perguntou:

— Milhares de pessoas suicidaram-se de acordo com a tua filosofia e argumentação, por que não te suicidaste? Por que viveste uma longa vida?

O homem respondeu:

— Eu tive de viver, só para ensinar a minha filosofia. Foi um fardo, mas tive de viver por compaixão! Caso contrário, quem iria ensinar? A única abordagem correta para com a vida é a morte. Eu sofri a vida inteira. Eu deixei cair a minha própria dignidade ao não me suicidar, porque tive de cuidar dos meus concidadãos, sobretudo dos meus discípulos. E estou muito contente por todos eles se terem suicidado. Agora posso morrer em paz, fiz o meu trabalho.

A filosofia negativa vai chegar a estas conclusões. O Zen é a única alternativa que existe, uma alternativa positiva, porque lhe dá um sentido de rumo, um sentimento de realização, um sentimento de eternidade, e um sentimento de ir para além do nascimento, da morte, do corpo, e de ser uno com esta bonita existência que é imensamente inteligente.

A segunda pergunta:

É possível ao homem viver sem Deus?

Sim. Na verdade, só é possível ao homem viver sem Deus. Um homem com Deus não vive, ele hesita sobre cada ponto do viver, ele não tem entusiasmo.

Ele está a fazer amor e preocupa-se com o inferno. Como pode ele amar uma mulher quando a Bíblia continua a dizer que a mulher é a porta de entrada para o inferno? Ele está a fazer amor, e a pensar na Bíblia e no sermão de domingo: «A mulher é a porta do inferno. O que estás a fazer?» Então ele nem pode amar, nem pode viver sem amor. Deus fez cada homem muito esquizofrénico, dividido em tudo no seu coração.

Você ganha dinheiro, e ao mesmo tempo sabe que a ganância é um pecado. Se não ganhar dinheiro, então morre de fome. A sua natureza revolta-se contra a fome, obriga-o a ganhar alguma coisa para se alimentar. A natureza puxa-o para um lado, Deus e os seus representantes puxam-no para o outro lado. A sua posição é muito estranha.

Em hindi temos um provérbio magnífico. Na Índia, os burros são usados pelo lavadeiro para carregar as roupas para o rio. E depois de lavar, ele volta a pôr as roupas sobre o burro e leva-as a cada casa de onde as recolheu de manhã. Então o provérbio é: «A sua vida é como o burro de um lavadeiro.» Ele nunca está em casa nem sequer no rio, está sempre a meio, a ir de casa para o rio, a ir do rio para casa. O burro do lavadeiro significa a esquizofrenia. Você está sempre a metade em cada ato, mas não se apercebe disso porque toda a humanidade é esquizofrénica. Você ama, mas odeia a mesma pessoa que ama. O que criou este ódio? É o facto de amar esta mulher, e esta mulher é a porta do inferno. Está assim condenado a odiá-la também. Os amigos que faz numa noite, pela manhã tornam-se seus inimigos. Vão-se afastando e vão-se reaproximando. Isto acontece continuamente — o burro do lavadeiro.

Você pergunta: «É possível ao homem viver sem Deus?» Só é possível viver na totalidade, viver em meditação, viver por completo *sem* Deus.

Vale a pena lembrar a afirmação de Sigmund Freud. Por ter trabalhado toda a vida com o sexo, ele pensou que o sexo era a causa de todos os problemas. Mas nunca percebeu que o problema não é o sexo, a supressão do sexo é que é o problema. O padre é o problema, Deus é o problema, as escrituras sagradas são o problema; o problema não é o sexo.

O sexo é uma coisa extremamente simples. Todos os animais desfrutam do sexo; nenhum deles vai parar ao divã de um psicanalista. Eu nunca vi um animal a ir ao psiquiatra por se estar a sentir esquizofrénico. Todos eles vivem e gozam, sem qualquer problema ou sombra de preocupação.

Os pagãos viveram com muita alegria até as religiões, em particular o cristianismo, os terem eliminado da terra. Eles não conheciam nenhum pecado.

Eles amavam as mulheres, eles dançavam, eles bebiam, eles tocavam música. Toda a sua vida era uma completa alegria.

Mas Sigmund Freud fez esta afirmação de que eu ia falar: «Os padres não podem destruir o sexo.» A verdade é que eles conseguiram envenenar o sexo. Eles não conseguiram destruir o sexo, caso contrário já não existiria humanidade. O sexo está lá, mas eles destruíram a alegria que continha, eles fizeram dele um grande pecado. Então você está a cometer o pecado e pensa que a mulher é a causa.

A realidade é completamente diferente; é Deus. Mas como Deus é só uma ficção, Ele não pode fazer nada. O padre é o representante, o porta-voz de Deus, que vai criando em si todo o tipo de sentimentos de culpa. Esses sentimentos de culpa não lhe permitem viver. Tudo está errado, tudo é pecado.

Por isso, à sua pergunta «É possível ao homem viver sem Deus?», eu respondo que só é possível ao homem viver se estiver sem Deus. Mas isto é só a metade. O Deus fictício tem de ser substituído por uma experiência real de verdade na meditação; caso contrário você fica louco.

A terceira pergunta:

Todas as religiões se baseiam em Deus. A sua moralidade, os seus mandamentos, as suas orações, a sua santidade — tudo aponta para Deus, e você diz que Ele está morto. Então o que vai acontecer a estas outras coisas que estão dependentes do conceito de Deus?

Todas essas coisas que estão dependentes do conceito de Deus são falsas; todas essas coisas dão origem a hipócritas. A sua moralidade não é real, ela é imposta pelo medo ou pela ganância. Uma moralidade verdadeira surge apenas na consciência de quem medita. Não é uma coisa importada do exterior, é uma coisa que surge do seu próprio ser. É espontânea. E quando a moralidade é espontânea, é uma alegria, é apenas uma partilha da sua compaixão e do seu amor.

Todas as qualidades que estão dependentes de Deus vão desaparecer quando Deus desaparecer. Elas são muito superficiais.

Todos nós temos portas das traseiras. Na porta da frente somos uma pessoa, na porta das traseiras somos outra pessoa. Alguma vez reparou nisso? Na porta da frente você é um grande católico, tão religioso, tão devoto, tão orante, que qualquer pessoa pode pensar em si como um santo. Mas isto é só na sua sala de estar. Na porta das traseiras você é igualzinho aos outros seres humanos, com todos os seus instintos, com todo o seu sexo, com toda a sua ganância, com toda a sua raiva. Olhe só para o seu próprio Deus. Religiões

diferentes baseiam-se em conceitos diferentes, mas todos eles provam uma coisa, que Deus é o pecador original.

O Deus hindu criou a mulher e ficou apaixonado — pela sua própria filha. E a mulher, como ficou com medo, tornou-se uma vaca e Deus tornou-se um touro. Ela correu e transformou-se noutra pessoa, e Deus seguiu-a — foi assim que todas as espécies foram criadas, segundo a teologia hindu; foi Deus a perseguir a mulher nas suas diferentes formas. A mulher ia mudando de forma, Deus também mudava de forma. A mulher foi sempre a fêmea, Deus foi sempre o macho. É por isso que há tantos milhões de espécies. Se a mulher se tornava um mosquito fêmea, Deus tornava-se um mosquito macho. E foi continuando, talvez ainda continue.

Acha mesmo que este Deus é um Deus moral? E o mesmo é verdade sobre todos os deuses de todas as religiões. O Deus judeu diz no Antigo Testamento: «Eu sou um Deus muito ciumento. Eu não sou aquele que te vai perdoar, eu sou um Deus muito zangado. Tu não deves venerar ninguém além de mim. E lembra-te de que sou o teu pai, não o teu tio.» Que tipo de Deus é este, ciumento, preocupado por o ver venerar outro Deus? E por fim Ele diz: «Eu sou o teu pai, lembra-te; não sou o teu tio.» Os tios são sempre pessoas mais simpáticas que os pais.

≈

Um professor de teologia alemão, Uta Ranke-Heinemann, fez a seguinte afirmação: «A maioria dos bispos católicos nos Estados Unidos tem problemas sexuais. Temos de assumir que os bispos alemães possam criar em breve uma comissão para ver se também têm problemas sexuais.»

O historiador da igreja de Barnsberg, professor George Denzler, comentou: «O papa é responsável por uma moralidade sexual muito dolorosa, muito assustadora.»

E uma pastora protestante alemã, Helga Frisch, disse: «Quando o celibato foi introduzido no século XX, o padre matou o embaixador do papa e ameaçou matar o arcebispo. Estou espantada que os padres hoje não recorram a táticas semelhantes.»

Há uma moralidade que é imposta a partir do exterior, que nunca está em sintonia com o seu coração. E há uma moralidade que vem de dentro de si, que está sempre em sintonia com o seu coração e em sintonia com o coração do universo. Essa é a moralidade autêntica.

Eu não lhe dou nenhuma disciplina, nenhuma moralidade. Dou-lhe apenas uma clareza de visão. A partir dessa clareza, o que quer que venha é bom, é divino, é moral.

Agora, antes do sutra, uma pequena nota biográfica:

Sekito Kisen nasceu na China em 700 e morreu noventa anos depois. Também conhecido como Shih-Tou, Sekito foi contemporâneo de Ma Tzu. Mas enquanto este era parte do que veio a ser a linhagem Rinzai do Zen chinês, Sekito era da linhagem Soto.

Estas são as duas linhagens do Zen: Zen Rinzai e Zen Soto. São praticamente iguais, as diferenças quase nulas, mas vêm de mestres diferentes. Existem tantos mestres, é realmente espantoso que só tenham sido criadas duas linhagens. Podia ter havido mil linhagens, mas o Zen só é dado a um discípulo se ele estiver preparado. Por vezes o mestre não encontra um único homem que possa continuar a linhagem, então essa linha termina, chega a um ponto final.

Houve muitos e muitos mestres cujas linhagens seguiam por duas gerações, três gerações, e depois paravam; porque não é uma questão de seguir, é uma questão de transferência direta entre o mestre e o discípulo. Até que o mestre escolha transferir, essa linha está interrompida. Apenas duas linhas continuam a existir. Uma é o Zen Rinzai — já falámos de quase todos os mestres desta seita. Este Sekito Kisen pertence à linhagem Soto. Não se aperceberá de qualquer diferença. Não pode haver qualquer diferença entre duas pessoas iluminadas.

Diz-se que entre Ma Tzu e Sekito, o Zen levantou voo.

Ma Tzu era um mestre muito estranho — já terão ouvido falar dele. Ele caminhava como um animal sobre as quatro patas; ele nunca se levantou sobre as pernas — não que tivesse algum problema, não que fosse corcunda. Ele apenas caminhava sobre quatro patas porque dizia que era a posição mais descontraída. E é, porque o homem anda na posição ereta quase contra a natureza. Nenhum animal se segura sobre duas pernas, porque quando o faz o coração tem de bombear para a cabeça contra a gravidade. Isto reduz o seu tempo de vida a metade.

Você poderia viver cento e quarenta anos se caminhasse como Ma Tzu. Mas por favor não o faça! O que vai fazer com cento e quarenta anos de vida? Quando caminha como um animal, o seu fluxo sanguíneo é horizontal e o coração não sofre uma pressão adicional. Ma Tzu nunca teria tido um ataque de coração, isso era impossível. Nunca nenhum animal teve um ataque de coração, isso só acontece ao homem, porque foi contra a natureza.

Ele costumava caminhar sobre quatro patas... É este o fundamento da teoria da evolução de Charles Darwin, que diz que o homem foi em tempos um animal. Que tipo de animal? Talvez haja opiniões diferentes, mas uma coisa é certa, a dada altura ele costumava caminhar sobre quatro patas. Não havia ataques de coração. Veja só como os animais são saudáveis — exceto no

zoológico; no zoológico eles ficam mais humanos. Veja os animais em estado selvagem.

Lá perto, a algumas centenas de quilômetros, há um belo lago, Tadoba. É uma reserva florestal, uma grande floresta a rodear o lago com apenas uma casa de férias do governo. Eu costumava ir lá muitas vezes. Sempre que estava de passagem, ficava nessa casa de férias pelo menos um dia ou dois. Era tão solitário, tão completamente silencioso, e a floresta está cheia de milhares de veados.

Todas as noites, quando o Sol se põe e a escuridão desce, milhares e milhares, linha sobre linha, de veados vêm até ao lago. Basta sentar-se e observar. Na noite escura, os seus olhos parecem velas acesas, milhares de velas a mexer à volta do lago. Toda a noite a cena continua. Até farta, porque há tantos veados, e eles continuam a vir, continuam a vir. É uma experiência magnífica. Mas uma coisa que me espantou foi que todos eles parecem iguais — nenhum é gordo, nenhum é magro, nenhum parece estar doente, nenhum precisa de ser hospitalizado. Eles estão tão cheios de vida e energia!

Não consegue bater um veado se correr ao seu lado. Nenhum campeão olímpico de atletismo consegue correr como um veado, porque este animal tem umas pernas muito finas e o corpo proporcional. E ele salta grandes vedações sem qualquer problema. E a sua corrida é de uma grande beleza. Só os músculos do veado, o seu movimento, é tão saudável que faz o homem parecer doente.

Este foi o problema que surgiu com o andar na posição ereta. A sua vida foi reduzida, o seu coração está continuamente sob pressão porque tem de bombear contra a gravidade. Ele não foi feito para isso.

Então Ma Tzu era um homem muito estranho, talvez nunca tenha havido outro homem tão estranho. Um mestre único em si mesmo, ele andava sobre quatro patas e parecia-se sempre com um tigre. Sempre que ele olhava para alguém, as pessoas começavam a tremer; ele era um homem perigoso. No fundo era muito saudável; só podia, era quase como um touro. Só lhe faltavam os cornos, caso contrário...

Entre Ma Tzu de um lado, o Zen Rinzai, e Sekito do outro lado, o Zen Soto, o Zen levantou voo; ambos eram pessoas muito poderosas, grandes mestres.

Em criança, Sekito tomou posição contra o velho costume de sacrificar um touro como meio de apaziguar espíritos malignos; ele criou o hábito de destruir os altares dedicados a esses espíritos e de soltar os touros das suas cercas para que fugissem.

Aos doze anos, Sekito conheceu o mestre Eno. Eno previu que Sekito iria seguir o dharma, e aconselhou-o a tornar-se monge e a ir ter com o mestre Seigen. Depois de Eno ter deixado o seu corpo, Sekito foi ter com Seigen.

Esta é apenas uma pequena nota biográfica sobre Sekito.

Agora começa o sutra:

No seu primeiro encontro, Seigen perguntou a Sekito:

— De onde vens?

— Eu venho de Sokei — respondeu Sekito.

... onde vivia Eno, o seu velho mestre, que o mandou ir ter com Seigen porque a sua morte estava iminente, e que disse:

— Eu não serei capaz de ver a tua iluminação, mas tu estás destinado a ser iluminado. Vai ter com Seigen.

Esta é a beleza do Zen, não existe competição. O essencial é que toda a gente se deve tornar iluminada. A altura em que se torna iluminado não é importante. Quem é o mestre e quem faz dele iluminado não é importante. Ao ver a morte aproximar-se, Eno disse a Sekito:

— Tu estás destinado a ser iluminado, mas a minha morte está muito próxima. É melhor que vás ter com Seigen.

E Seigen era o mestre que competia com ele.

Eno vivia em Sokei. Por isso, quando Seigen perguntou de onde ele vinha, Sekito respondeu que vinha de Sokei.

Por outras palavras, ele estava a dizer: «Eu venho de Eno, o mestre teu concorrente. Ele enviou-me aqui.»

Seigen levantou de repente o seu hossu e perguntou:

— Encontrei disto por lá?

— Não — replicou Sekito —, não só não havia disto por lá, como também não havia na terra ocidental.

A terra ocidental, no Japão, é a Índia — «O que me estás a pedir não estava em Sokei, nem sequer estava na Índia, onde Gautama Buda nasceu e onde Mahakashyapa começou a tradição Zen. O que é isso que nem sequer estava com Buda ou com Mahakashyapa ou com Bodhidharma?»

— Tu chegaste à parte ocidental, não chegaste? — perguntou Seigen, ao que Sekito respondeu:

— Se eu tivesse chegado, tê-lo-ia encontrado.

Só eu estava a faltar, caso contrário estaria em todo o lado. Porque eu não fui lá, aquilo não estava lá. Ele está a falar do seu próprio ser. Tem estado dentro dele, e não em Sokei nem mesmo na Índia. Este é um grande diálogo.

Ele diz: «Se eu tivesse lá ido, ele teria estado lá. Está dentro de mim.» Mas ele não indica diretamente que está dentro dele. Este é o modo dos diálogos Zen. Nada direto, tudo muito indireto, e é preciso ganhar a habilidade de seguir as indicações indiretas e o que elas significam.

— Ainda não chega — disse Seigen —, explica melhor.

Seigen está a pôr Sekito à prova para ver se o aceita como discípulo. Certamente que ele deve ser um homem com imensas possibilidades; caso contrário, Eno, o seu mestre rival, não o teria enviado até ele.

A competição entre mestres é um fenómeno muito estranho. Há uma história antiga na Índia sobre duas lojas de doces. Os donos de ambas competiam entre si e estavam sempre a discutir porque a rua era pequena (no passado todas as ruas eram muito pequenas). Eles podiam falar uns com os outros a partir das suas lojas, e havia sempre discussões.

Um dia as coisas chegaram a um ponto de rutura tal que eles começaram a atirar doces uns aos outros. E juntou-se uma grande multidão, a saltar e a apanhar as guloseimas e a gozar. A luta continuou até que as duas lojas ficaram completamente vazias, e os habitantes da cidade beneficiaram da zanga porque ficaram com todos os doces.

Esta história é contada para mostrar que quando dois mestres lutam é só para atirar doces um ao outro. Os discípulos desfrutam. Os discípulos de ambos os lados comem os doces que os mestres atiram um ao outro.

Os mestres rivais não são inimigos. Eles usam métodos diferentes, mas estão a trabalhar para a mesma verdade de ângulos diferentes. Quando Eno pensou que a sua morte se aproximava, ele não conseguia ver ninguém melhor que Seigen, apesar de Seigen ter sido o seu rival de uma vida inteira. Mas isso é imaterial; ele é o melhor homem, ele sabe. A vida inteira tinham lutado e discutido, diálogo após diálogo, fazendo troça um do outro. E eles viviam relativamente perto.

— Ainda não chega — disse Seigen —, explica melhor.

Ainda não disseste o suficiente. Tu és muito inteligente — fala só um pouco mais.

Sekito retorquiui:

— Também tens de falar da tua parte. Por que é que só insistes comigo?

Tu sabes perfeitamente de onde eu venho. Eu venho de Eno — vocês eram iguais na competição; nenhum conseguia derrotar o outro — e sou o seu melhor discípulo. Por isso não me peças só para falar; tens de falar também da tua parte. Eu represento aqui o meu mestre, ele enviou-me. Eu devo tudo ao meu mestre. Por isso, este não vai ser um diálogo de sentido único.

Também tens de dizer alguma coisa.

Esta é uma bela imagem da dignidade dos discípulos. Embora ele tenha vindo para ser um discípulo de Seigen, isso não quer dizer que tenha de perder a sua dignidade, a sua individualidade, que ele se tenha de render. Nenhum mestre queria um homem que não tivesse dignidade. Isto prova que o homem tem a sua própria integridade.

— Não tenho problemas em responder-te — disse Seigen —, mas ninguém concordaria com isso. Quando estavas em Sokei — continuou —, o que encontraste lá?

Ele fez uma afirmação muito significativa sem a fazer parecer importante. Ele disse: «Não tenho problemas em responder-te, mas ninguém concordaria com isso.» Se um mestre realmente falar da sua cabeça, se ele disser aquilo que está para além da mente, ninguém vai concordar com ele, exceto os outros mestres, e eles são muito poucos, muito raros.

Ele disse a Sekito: «Tu não vais concordar com isso. Tu ainda não estás iluminado. Tu ainda não estás nesse lugar. Podes discutir intelectualmente comigo, mas não podes compreender as minhas respostas. Lembra-te de que eu estou pronto a responder a qualquer pergunta que tenhas, mas ninguém vai concordar. De qualquer maneira tu não vais concordar. Talvez o teu mestre tivesse concordado. Mas é muito raro encontrar outro homem iluminado com quem falar, com o qual seja possível o entendimento para além do intelecto. Por isso é melhor, em vez de eu dizer alguma coisa, que tu me digas o que conseguiste quando estavas em Sokei com Eno. O que é que tens?»

Sekito respondeu: «*Mesmo antes de ir a Sokei...*» Esta foi uma afirmação muito bela e muito profunda.

— Mesmo antes de ir a Sokei — disse Sekito —, eu não tinha perdido nada.

Então não se trata de tirar alguma coisa de Eno, eu tenho tudo dentro de mim.

Um grande pensador, Martin Buber, filósofo judeu, estava no seu leito de morte, e isto foi há poucos anos. Então o rabi veio e disse-lhe:

— Fizeste as pazes com Deus?

As últimas palavras de Martin Buber foram — ele abriu os olhos e disse ao rabi:

— Eu nunca discuti com ele. Para que havia de fazer as pazes com Deus?

E morreu.

Era isso que Sekito estava a dizer: «*Mesmo antes de ir a Sokei, eu não tinha perdido nada.*» Por isso não é preciso trazer alguma coisa de lá. «Eu trago tudo dentro de mim.»

Então Sekito perguntou:

— Quando tu foste a Sokei, conheceste-te a ti próprio?

Por causa da sua afirmação de que não tinha perdido nada antes de ir ter com Eno, à sua casa em Sokei, Sekito perguntou:

— Quando tu foste a Sokei, conheceste-te a ti próprio?

— Então e tu? — perguntou Seigen. — Tu conheces-me agora?

— Sim, conheço — respondeu Sekito. — Como posso conhecer-te ainda mais?

Osho — prosseguiu ele —, há quanto tempo vieste de Sokei para aqui?

— Eu também não sei — respondeu Seigen. — E tu, quando saíste de Sokei?

— Eu não venho de Sokei — disse Sekito.

Ele mudou por completo a sua afirmação. Primeiro tinha dito que vinha de Sokei. Isso era só uma resposta superficial à pergunta: «De onde vens?» Agora as coisas estavam a ficar mais profundas.

— Eu não venho de Sokei — disse Sekito.

Ele quer dizer que vem da eternidade. Sokei fora só uma das paragens no caminho; ele não vem de Sokei, ele vem da eternidade. Houve muitas paragens e Sokei foi só uma delas.

— Tudo bem — respondeu Seigen —, agora eu sei de onde tu vens.

— Osho — disse Sekito —, tu és grandioso, não percas tempo.

Sekito queria dizer que Seigen perdia tempo desnecessariamente a verificar se ele era digno ou não, mas, antes de o aceitar como discípulo, já Sekito o tinha aceite como mestre. Foi por isso que de repente ele começou a chamar-lhe Osho. Ele está a dizer que, quer me aceites como discípulo ou não, isso não interessa. Eu aceitei-te como meu mestre. «Osho, tu és grandioso — não percas tempo.» Vamos começar a trabalhar a sério.

Esta é a resposta do buscador honesto. Não percas tempo neste diálogo e a responder a perguntas. Vamos lá começar o trabalho a sério. E o trabalho a sério é seguir o caminho interior até ao centro mais íntimo.

Taneda escreveu:

À procura de quê?

Eu ando no vento.

Ele está a dizer que eu não sei o que procuro. Como posso saber antes de o ter encontrado? A verdade é apenas uma palavra. Como posso eu dizer o que procuro? Antes de o ter encontrado, não posso dizer do que ando à procura. Esta é uma afirmação muito estranha, mas bela. Ele está a dizer que antes de encontrar a verdade, você nem sequer pode dizer que está à procura da verdade. Está simplesmente à procura. E não sabe de quê. Se o soubesse, não haveria necessidade de procurar. Por isso anda só às apalpadelas.

Taneda tem toda a razão. Um buscador está apenas às apalpadelas no escuro, esperando que esteja lá algum caminho. A existência não pode ser tão cruel.

À procura de quê?

Eu ando no vento.

Eu ando a voar para todo o lado, a andar no vento. Mas não sei o que procuro. Só vou sabê-lo quando o tiver encontrado. Ele diz: uma pessoa que busca alguma coisa acredita nessa coisa antes de a ter encontrado, e isso está errado. Isso é o que todas as religiões fazem, inventam crenças antes mesmo de as pessoas terem encontrado alguma coisa; antes de terem descoberto alguma coisa são transformadas em crentes, em fiéis. E isto destrói a sua busca.

Eu não lhe pergunto de que está à procura. Eu apenas lhe mostro o caminho. E insisto: «Força, força, força.» Você terá de encontrar, porque está lá, algures dentro de si. Se procurar com profundidade suficiente, com urgência e por inteiro, vai ter de o encontrar. E só encontrando irá saber o que procurava. Este é um ponto de vista completamente diferente, diametralmente oposto a todos os sistemas de crenças do mundo.

A quarta pergunta:

Não será a fantasia de um Deus onipotente, onipresente e onisciente apenas a expressão escondida da vontade de poder do homem?

Ela é duas coisas. Primeiro, é um medo profundo da vida e da morte, um medo da ignorância, um medo de não se conhecer a si mesmo. Mas deste medo também surge um desejo de poder. Na verdade, o desejo de poder baseia-se sempre num complexo de inferioridade.

É por isso que eu digo que todos os políticos e os pretensos grandes líderes religiosos sofrem de um complexo de inferioridade. Esse complexo de inferioridade é uma tortura para eles. Eles querem estar num grande pedestal com muito poder. Esse poder vai ajudá-los a conseguir pelo menos um alívio temporário do seu complexo de inferioridade. Agora sabem que são conhecidos em todo o mundo. Agora que milhões de pessoas os seguem, como podem ser inferiores? Eles podem autoconvencer-se: «Se eu tenho tanto poder, como

posso ser inferior?» Mas não interessa se se tem muito poder ou não, a sua inferioridade não pode ser apagada pelo poder, só pode ser tapada.

Então temos Deus, por um lado, a tapar o medo, o temor, a morte. Enquanto, por outro lado, acreditar num Deus que é onipotente, todo-poderoso, omnipresente, presente em todo o lado, onisciente, que tudo sabe, acreditar num tal Deus ajuda-o de algum modo a identificar-se com o Deus. Você é um cristão, identifica-se com Cristo — e ele é o filho de Deus. A vossa relação tornou-se muito próxima.

Você acredita em Krishna e ele é a reencarnação de Deus, a reencarnação perfeita. Ao acreditar nele, isso aproxima-o do poder. Pode não ter poder, mas acredita numa pessoa que tem poder. Isto significa também um anseio de poder. Mas por que quer você o poder? É porque se sente fraco, impotente, inferior.

Portanto, as religiões criam a inferioridade, criam o medo, criam a ganância, e a partir desta criação você está pronto a aceitar um Deus que sabe tudo, que está presente em toda a parte, e que é todo-poderoso; ao estar tão próximo dele na sua fé, na sua crença, na sua oração, partilha igualmente algum do Seu poder. Você torna-se num minideus. Mas é tudo uma doença psicológica, e Deus não é a cura.

Agora para rir um bocado... o riso é um remédio melhor que Deus.

É o primeiro dia de escola do pequeno Alberto. Quando a sua mãe o leva à sala de aula e vai embora, o rapazinho desata a chorar.

Apesar dos esforços conjuntos da sua professora, do director, da enfermeira da escola e até da auxiliar, o Alberto continua a chorar. Por fim, antes da hora de almoço, a professora farta-se.

— Por amor de Deus, criança — grita ela. — Cala-te! Já é hora de almoço e daqui a pouco vais para casa e vês a tua mãe outra vez!

De imediato, o Alberto pára de chorar.

— Por que não disse antes?! — exclama ele. — Eu pensava que tinha de ficar aqui até aos dezasseis anos!

Um dia, Paddy e Seamus regressam do bar para casa pelo parque, numa profunda discussão filosófica. Há mais de uma hora que estão a discutir se Deus manda nas suas vidas ou não, quando Paddy se farta e diz:

— Ah, Deus não me pode dizer o que fazer — eu vou de férias para a praia!

— Queres dizer — corrige Seamus — que vais para a praia, se Deus quiser?

— Não! — contraria Paddy, inflexível. — Eu vou para a praia, quer Deus queira quer não!

Mas, nesse momento, ouve-se um sonoro trovão no céu. Seamus tapa a cabeça com medo e atira-se para o chão.

Quando volta a abrir os olhos, ele olha em volta e vê que Paddy se transformou num sapo verde e nojento.

Durante sete semanas, Paddy, o sapo, é obrigado a viver no lago do parque, e todos os dias Seamus lhe traz um punhado de moscas mortas para ele comer.

Por fim, depois de completar a sua penitência, Paddy sofre uma transformação de regresso à sua forma original. Ele volta de imediato para casa e começa a fazer as malas.

— Ei, Paddy! — exclama Seamus, surpreendido. — Meu Deus, estás de volta! Mas para onde vais agora?

— Tal como disse — grita Paddy —, vou para a praia!

— Queres dizer — responde Seamus — que vais para a praia, se Deus quiser?

— Não! — grita Paddy, furioso. — Ou vou para a praia ou vou voltar para aquele maldito lago de rãs!

O director de uma grande fábrica de salsichas chama um empregado ao seu gabinete.

— Vou direto ao assunto — diz ele. — O seu trabalho nos últimos tempos tem sido péssimo. Você chega atrasado todos os dias e faz erros absurdos de contabilidade. Eu sei que já trabalha para mim há quinze anos, mas recentemente parece não distinguir uma salsicha de porco de um cacho de bananas!

— Bem, senhor — responde o empregado -, eu tentei que isso não afetasse o meu trabalho, mas as coisas lá em casa têm corrido muito mal.

— Oh! Lamento saber isso — desculpa-se o patrão. — Não me quero intrometer, mas se me disser o que vai na sua mente, talvez eu possa ajudar...

— É muito simpático da sua parte, senhor — funga o empregado infeliz. — Está a ver, eu estou casado há dois anos, e há seis semanas a minha mulher começou a ralhar-me constantemente. Sem parar: ralha, ralha, ralha! Eu não sei o que fazer. Ela está a dar comigo em doido!

— Ah! — exclama o patrão. — Tenho a certeza de que o posso ajudar. Está a ver, as mulheres precisam de sentir que são queridas e desejadas. Provavelmente descuidou as necessidades dela. Por exemplo, quando eu volto do trabalho para casa, abraço a minha mulher, beijo-a apaixonadamente, tiro-lhe a roupa peça por peça e levo-a para a cama.

— Isso parece ótimo! — exclama o empregado.

— E é — responde o director. — Por que não faz uma tentativa? Tire a tarde; ela não vai estar à espera, e o elemento surpresa tornará tudo ainda melhor!

— É muito simpático da sua parte, senhor — agradece o empregado.
— Qual é a sua morada?

≈

E agora... a meditação:

Fique em silêncio, feche os olhos e sinta o seu corpo completamente imóvel.

Este é o momento certo para entrar. Reúna as suas forças de vida — precisa da totalidade — e corra para o centro mais profundo do seu ser, com uma consciência total e com a urgência de que este momento pode ser o seu último momento na terra. Só uma tal urgência o pode trazer até ao centro mais profundo do seu ser.

Avance cada vez mais depressa, cada vez mais fundo.

Ao aproximar-se do centro, um grande silêncio desce sobre si, com uma chuva leve e fresca. Conseguirá senti-lo, é tangível.

Um pouco mais próximo e encontra à sua volta flores de paz a desabrochar.

Um pouco mais... e um grande êxtase embriaga-o do divino.

Só mais um passo e está no centro mais profundo do seu ser.

Pela primeira vez consegue ver a face original. A sua face original é a face do buda.

Eu uso a palavra «buda» como símbolo do despertar total, da iluminação absoluta.

Uma grande luminosidade vai rodeá-lo, uma luz estranha que nunca viu antes.

A única qualidade de que necessita neste momento é testemunhar.

Isso constitui todo o ser do buda.

Testemunhe que você não é o corpo.

Testemunhe que você não é a mente.

Testemunhe que você é apenas a testemunha.

Para tornar este testemunhar mais profundo...

Descontraia...

Deixe-se ir, mas continue a lembrar-se de que é um buda, e o buda consiste só numa energia, e essa energia é um testemunho.

Neste momento, vai começar a derreter como gelo no oceano.

Este Auditório Gautama Buda está a transformar-se num oceano de consciência. Dez mil budas estão a desaparecer no oceano.

A separação é sempre ilusória, só a unidade é a verdade.

Vocês devem ser as pessoas mais abençoadas da terra, porque toda a gente se preocupa com banalidades. E você procura o mais importante, o eterno, encontrando-se muito próximo dele.

Uma grande felicidade instala-se no seu centro mais profundo, flores começam a chover sobre si. Toda a existência exulta consigo.

Reúna todas estas experiências.

Tem de trazê-las para a sua vida comum do dia-a-dia — a paz, a serenidade, o silêncio, o êxtase, a música, a dança. A sua vida tem de se tornar numa cerimónia constante. Só então você é inteiro.

E não se esqueça de persuadir o buda a chegar ainda mais perto. Ele está muito próximo. É a sua natureza.

Estes são os três passos da meditação.

Primeiro, o buda vem atrás de si como uma sombra, mas muito sólida e dourada, com grande esplendor, e cria uma nova atmosfera à sua volta, de bênção, de compaixão, de felicidade.

Segundo passo: você torna-se a sombra, o buda está à sua frente, e a sua sombra vai desaparecendo lentamente.

Terceiro passo: você desaparece no buda e só o buda está ali, você não. Quando isto acontece, é porque atingiu o mais alto pico da existência, veio para casa, já chegou.

Já não há outro lugar para onde ir.

Você tornou-se um só com a própria existência.

É por isso que eu digo que a minha filosofia é mais autenticamente existencial que as filosofias negativas do Ocidente. O que eu quero fazer é juntar o Ocidente e o Oriente.

Todo o meu esforço vai no sentido de tornar o homem mais rico, dentro e fora, num equilíbrio tremendo. Este balanço é o Zen.

E lembre-se: Deus está morto, e agora o Zen é a *única* verdade viva.

Vocês são os pioneiros de uma nova Era, de um novo homem, de uma nova humanidade.

... Mas antes de voltar, convença o buda, porque este é o passo fundamental. Ele tem de se tornar na sua sombra.

Regresse... mas regresse como um buda, com a mesma graça, com o mesmo silêncio, irradiando a mesma alegria.

Sente-se alguns segundos, só para lembrar o caminho dourado que percorreu, e a experiência do além que se tornou tão próximo, o mistério do seu mundo interior, o espaço infinito, o tempo eterno.

E sinta a presença do buda atrás de si.

Isto completa a afirmação de Friedrich Nietzsche.

Sem o Zen ela está incompleta e leva as pessoas à loucura.

Com o Zen ela torna-se completa e leva as pessoas à máxima sanidade que é possível os seres humanos atingirem.

¹ Hossu – Pau curto guarnecido de pêlos de iaque utilizado pelo mestre nas cerimónias de ordenação. (N. da T.)

CAPÍTULO 2

DEUS É UM INSULTO PARA O HOMEM

Quando Sekito recebeu os preceitos, o seu mestre Seigen perguntou-lhe:

— Agora que recebeste os preceitos, queres aprender o Vinaya, não queres?

— Não é preciso aprender o Vinaya — respondeu Sekito.

— Então queres ler o livro de Sheela? — perguntou Seigen.

— Não é preciso ler o livro de Sheela — respondeu Sekito.

— Podes entregar uma carta a Nangaku Osho? — pediu Seigen.

— Com certeza — respondeu Sekito.

— Vai agora — disse Seigen — e volta depressa. Se te atrasares nem que seja um bocadinho, não me vais encontrar. Se não me encontrares, não vais conseguir ter o grande machado por baixo da minha cadeira.

Sekito chegou rapidamente a Nangaku. Antes de entregar a carta, ele fez uma vénia e perguntou:

— Osho, quando uma pessoa não segue os santos antigos nem expressa a sua alma mais íntima, o que pode fazer?

— A tua pergunta é demasiado arrogante — disse Nangaku. — Por que não perguntas com humildade?

Ao que Sekito respondeu:

— Então seria melhor mergulhar no inferno eternamente e nunca esperar pela libertação que os santos antigos conheceram.

Sekito, por achar que ele e Nangaku não estavam em sintonia um com o outro, rapidamente voltou para Seigen sem ter entregue a carta a Nangaku. À sua chegada, Seigen perguntou:

— Eles entregaram-te alguma coisa?

— Eles não me entregaram nada — respondeu Sekito.

— Mas deve ter havido uma resposta — disse Seigen.

— Se eles não me entregaram nada, não há resposta — afirmou Sekito, e acrescentou: — Quando eu estava a sair daqui, tu acrescentaste que deveria regressar rapidamente para receber o grande machado que está debaixo da cadeira. Agora que voltei, dá-me por favor o grande machado.

Seigen ficou calado. Sekito fez uma vénia e retirou-se.



Amigos, antes de responder às vossas perguntas, tenho de responder a duas cartas de idiotas muito sabedores. Esta distinção tem de ser lembrada. Há uma certa ignorância que sabe, e há um certo conhecimento que não sabe nada.

Um deles é um erudito budista que escreve: «Um homem iluminado não pode estar preocupado com as banalidades do mundo comum e as suas preocupações.»

Quer dizer, segundo ele, que eu sou um homem ignorante. É um elogio para mim, porque todo o homem iluminado se torna, por fim, tão ignorante como uma criança, ou tão inocente como uma criança. As últimas palavras de Sócrates foram: «Só sei que nada sei.»

Este homem é um estudioso, mas cego. Será que ele acha que uma terceira guerra mundial que elimine toda a humanidade é uma banalidade? Será que ele pensa que a explosão populacional neste país é banalidade quando vai matar quase quinhentos milhões de pessoas nos próximos dez anos? Se isto são banalidades, então temos de recuar até Gautama Buda.

Ele considerava que nenhum dos seus *sannyasins* devia ter mais de três peças de roupa e preocupava-se com isso — isto é uma banalidade. Ele achava que nenhum dos seus *sannyasins* devia usar sapatos e preocupava-se com isso — isto é uma banalidade. Ele dizia que nenhum *sannyasins* devia comer mais do que uma vez ao dia e preocupava-se com isso — isto é uma banalidade. E ainda assim ele é iluminado e eu sou ignorante. Isto é o que eu chamo um idiota sabedor.

Buda fez trinta e três mil regras para os seus discípulos — tudo banalidades. Como é possível encontrar trinta e três mil verdades? A verdade é uma e inexprimível. Mas ele preocupava-se com perfeitas banalidades.

Um *sannyasin* ia espalhar a sua mensagem e veio dar-lhe uma última palavra, porque podia não voltar a estar com ele durante dois ou três anos. E qual foi a mensagem de Buda? «Não vejas uma mulher.» Mas, até que a veja, não pode decidir se a pessoa é uma mulher ou um homem.

Eu não consigo entender este disparate de Buda. Como vai saber que a pessoa que vem na sua direção é uma mulher? Tem de ver primeiro, depois pode fechar os olhos — mas já terá visto.

E depois de ter visto uma mulher bonita, se fechar os olhos ela torna-se mais bonita. Isto não é uma banalidade?

E Buda disse-lhe:

— Tens de manter os teus olhos apenas quatro pés à tua frente. Olha apenas para quatro pés à tua frente e mantém os olhos baixos, assim mesmo que te cruzes com uma mulher só lhe vais ver os pés.

Isto é muito espiritual!

O homem ficou um bocadinho confuso. E disse:

— Vou fazer o meu melhor, mas se por acaso acontecer que eu veja uma mulher acidentalmente — se de repente uma mulher sair da floresta, ou num cruzamento —, o que me aconselha?

— Se acidentalmente vires uma mulher — respondeu Buda —, não lhe fales. — Será isto uma grande espiritualidade? Nem sequer lhe digas «Olá», porque ela é uma mulher!

E o homem insistiu:

— Se a mulher disser alguma coisa, não será embaraçoso não lhe responder? Não será desumano?

— Se uma tal coincidência acontecer — disse Buda —, tu podes falar com ela, mas não lhe toques. — Isto tem alguma coisa de espiritual?

A que chama banalidades? Toda a humanidade irá morrer e eu não devo falar!? E o seu Gautama Buda diz perfeitos disparates à sua gente.

Mas o homem era suficientemente inteligente. Ele disse:

— Poderei deparar com alguma situação em que tenha mesmo de tocar numa mulher. Talvez uma mulher que tenha caído num poço, o que devo eu fazer? Ou numa valeta, o que devo eu fazer? Devo continuar sem olhar para o seu estado terrível, sem a ajudar?

— Se uma tal coincidência acontecer — disse Buda —, podes tocar. Mas lembra-te, tudo o que é exterior é ilusório.

Se é ilusório, então para quê fazer o primeiro aviso? A mulher é ilusória, não lhe toques! Qual é o problema de tocar numa ilusão? Não fales com a ilusão! Não olhes para a ilusão! A isto eu chamo completa banalidade.

Estes eruditos budistas vão provocar-me. Eu vou rebaixar Gautama Buda por completo!

O meu interesse pela humanidade torna-me ignorante, e o seu interesse pelas mulheres e pelas roupas e pelos sapatos, e o de não tocar em mulheres, não olhar mais do que quatro pés à frente, torna-o iluminado! A sua iluminação está podre! É uma iluminação de carro de bois.

Eu sou um homem contemporâneo, vinte e cinco séculos após Gautama Buda. Ele é só um bota-de-elástico.

Mas estes eruditos budistas estão a provocar-me. Eu vou começar a falar de Gautama Buda e vou deitar abaixo a casa que ele construiu, porque ela está construída sobre estas coisas estúpidas.

O meu interesse pela humanidade é completamente espiritual. O meu interesse por este planeta magnífico é sagrado. É a minha paixão e o meu amor. E não quero saber de nenhum Gautama Buda. Eu sou um Buda por direito próprio, e o vosso velho Buda está demasiado desatualizado. Eu pertencço ao meu tempo e falo a língua do meu tempo.

Buda tinha medo de permitir mulheres na sua comuna. Durante vinte anos, continuamente, ele recusou a presença de mulheres. De que tinha ele medo? Ele não confiava nos seus próprios *sannyasins*; isto era desconfiança. Um mestre a desconfiar da sua própria gente? Ele tinha medo... Se as mulheres entrassem na comuna, o que ia acontecer ao celibato dos monges? Mas se o seu celibato for tão frágil que possa ser perturbado pela entrada de uma mulher, não é um grande celibato.

Eles devem ter sido homossexuais. Nos últimos tempos tem-se descoberto a prática de todo o tipo de perversões sexuais em mosteiros pelo mundo inteiro. Não pode ter sido de maneira diferente com os discípulos de Buda. Só a minha gente vive uma vida natural, sagrada, existencial, sem andar contra a corrente, sem estar contra o universo.

E sem me ouvirem, sem me lerem, estes idiotas continuam a fazer comentários!

Eu esforço-me no sentido de pôr em equilíbrio materialismo e espiritualidade. Para mim, o mundo exterior é tão real como o mundo interior. Naturalmente que isto me cria problemas dos dois lados. Os comunistas escreveram livros contra mim, dizendo — que eu estou a ensinar espiritualidade e meditação e a distrair as pessoas do seu verdadeiro interesse, uma sociedade sem classes. E que torno as pessoas egoístas porque só lhes digo para irem para dentro.

Os espiritualistas também estão contra mim; eles escreveram livros e artigos contra mim, e todos os dias recebo cartas. O problema deles é que eu estou a interessar-me muito pelo mundo. Um homem de verdadeira espiritualidade deve fechar os olhos, porque o mundo é ilusório.

Mas nenhuma das pretensas e autoproclamadas pessoas iluminadas se deu ao trabalho de pensar melhor. Quando se diz que o mundo é ilusório, então não é preciso renunciar-lhe. Ninguém renuncia a sonhos. Você renuncia ao seu sonho

quando acorda de manhã? Um sonho é só um sonho, não é para ser renunciado. E se estiver a ter um sonho bom, limite-se a gozá-lo.

Faça deste mundo um sonho bom, não um pesadelo. Todos os seus políticos e todos os seus padres tentam fazer dele um pesadelo. Então naturalmente que as pessoas pensam em renunciar-lhe, tal é a tragédia.

Mas eu não sou a favor de se renunciar ao mundo, e não digo que o mundo seja ilusório; caso contrário, por que continua Buda a pedir todos os dias? Se o mundo é ilusório, por que há-de você pedir perante uma casa ilusória? E quando uma mulher lhe dá comida, ela é ilusória e a comida é real?!

Para que precisa de três peças de roupa? Esta foi a crítica de Mahavira, contemporâneo de Buda, que andava nu. Ele não aceitava Buda como iluminado porque este não vivia nu. Três peças de roupa eram um luxo para Mahavira, um homem que andava nu no Verão, no Inverno, à chuva... Naturalmente que ele tem o direito de dizer a Buda: «Estás a viver num grande luxo. Três peças de roupa! Tu és demasiado materialista.»

Buda comia uma refeição por dia; para Mahavira isso era um luxo. No período de doze anos antes de se ter tornado iluminado, Mahavira só comeu em trezentos e sessenta e cinco dias. Em doze anos ele só comeu um ano — e não foi continuamente. Passavam dois meses, e então ele comia um dia; passavam três meses, e ele comia um dia. Isto significa que, em média, em cada onze dias, havia um em que ele comia. Claro que para ele Buda estava a ceder a luxos. É tudo relativo.

E Buda criticava Mahavira por coisas banais, porque não conseguia encontrar respostas para estas críticas de que vivia no luxo — comida diária, três peças de roupa. Ele achou outra maneira de o criticar, porque os seguidores de Mahavira diziam que este era onnipotente, onnipresente, onnisciente, com todas as qualidades de Deus. E Buda ria-se de Mahavira, dizendo aos seus discípulos:

— Este sujeito diz que é onnisciente, sabedor de tudo, e eu conheço-o... Uma vez ele estava a pedir frente a uma casa onde não morava ninguém. E ele diz que sabe tudo: passado, presente, futuro, e não sabe que a casa está vazia, não há lá ninguém. Há anos que estava vazia, e este homem diz que é onnisciente?

— E um dia ele passava de manhã cedo, a caminho do rio, e pisou a cauda de um cão que estava a dormir na rua. Este homem só se apercebeu do que fez quando o cão começou a ladrar. E diz que é onnisciente, sabedor de tudo, e não sabe que um cão está deitado mesmo à sua frente?

Acha que estas críticas são muito espirituais? Nem as críticas de Mahavira são muito espirituais, nem as críticas de Buda são muito espirituais. Apenas banalidades.

Por isso quero pedir a este erudito budista que considere de novo quem é iluminado.

O outro é também um erudito budista, e ele disse-me: «Eu tenho lido os seus livros sobre Buda, e gosto muito deles.» Mas ele nunca me escreveu nenhuma carta, nem uma carta para os jornais.

É uma coisa estranha: quando eu dizia coisas a favor, nunca ninguém escreveu uma única palavra. Eles pensavam que o que eu dizia era na realidade o significado dos sutras de Buda. Mas não era! O significado era dado por mim, e posso retirá-lo. Posso deitar abaixo as suas escrituras ponto por ponto!

Agora ele publicou uma carta nos jornais. Agora ele diz que eu não tenho *samadhi* — iluminação — porque não tenho *sheel*, só tenho *pragya*. Ele não percebe nada — nem de Buda nem de mim. *Pragya* é um subproduto de *samadhi*, da iluminação. *Pragya* significa sabedoria. A menos que se torne iluminado, você não pode ter sabedoria, só pode ter conhecimento. E *pragya* não significa conhecimento, significa sabedoria. É um subproduto de *samadhi*, da iluminação.

Mas ele não tem experiência de *samadhi*, ele só viu as escrituras. E vai ver no próximo sutra que um buscador autêntico nega ter algo a ver com *sheel*. *Sheel* significa carácter. Agora ele está preocupado com o meu carácter, diz que sem carácter uma pessoa não pode ser iluminada. O que sabe ele sobre o meu carácter? E nunca pensou sobre o carácter de Buda?

Durante vinte e nove anos sem parar, Buda entregou-se ao sexo, e não apenas com a sua mulher, ele teve muitas concubinas. Disseram ao seu pai, quando Buda nasceu, que das duas uma: ou ele seria um imperador do mundo, ou iria renunciar ao mundo e tornar-se um ser iluminado. Estas eram as duas alternativas. Claro que o pai queria que ele se tornasse um imperador do mundo.

Então perguntou como impedir que ele se tornasse iluminado. «Eu quero que ele seja um imperador do mundo.» O pai era o rei de um pequeno reino. Arun trouxe do Nepal uma imagem do palácio — que está em ruínas — onde Buda nasceu. Mesmo em ruínas, dá para ver que o reino não era grande. O palácio parece-se com uma vulgar casa grande. E situava-se numa pequena aldeia na fronteira entre o Nepal e a Índia. Naturalmente que o seu pai deve ter tido a ambição de que Buda se tornasse um grande conquistador do mundo.

E os astrólogos aconselharam:

— Se queres impedi-lo de ser iluminado, então dá-lhe todo o conforto e luxo possíveis. Ele deve crescer no luxo e na satisfação. E nunca deve ver ninguém velho, ninguém morto. Até as flores que estejam para cair devem ser retiradas antes que ele as veja. Todas as folhas pálidas que estejam para cair devem ser retiradas. E ele deve viver em palácios diferentes em estações diferentes, para que nunca sinta o clima como um problema.

Por isso foram construídos três palácios em lugares diferentes: um para o Verão, um para o Inverno, um para as chuvas. E foram construídos belos jardins à volta dos palácios. E o seu pai juntou todas as raparigas bonitas do reino para serem suas concubinas. Ele esteve rodeado de mulheres, música e vinho durante vinte e nove anos, e teve uma mulher e um filho. E tornou-se iluminado.

Eu não tenho filhos, eu não tenho mulher, eu não tenho concubinas, eu nem sequer tenho namorada. Eu não tenho carácter? E Buda tem carácter? Nenhum homem saciou os desejos mais que Gautama Buda. Qual carácter...?

Ele teve cinco discípulos antes da sua iluminação. Eles eram discípulos porque ele era um asceta. Ele torturava-se pelo jejum e ficara pele e osso. E estes cinco discípulos estavam tremendamente impressionados com o seu processo de autoflagelação. A humanidade acredita em absoluto na seguinte ideia: se você se tortura a si mesmo, é um santo.

No dia em que se tornou iluminado, ele deixou toda a autoflagelação para trás; era totalmente inútil. Os seus cinco discípulos deixaram-no de imediato: ele tinha caído, caído da santidade. Ele tornara-se iluminado, e aqueles cinco discípulos que tinham estado com ele muitos anos, que o respeitavam como um santo, deixaram-no, dizendo:

— Ele caiu. Ele começou a comer, ele começou a usar roupas quentes.

Talvez estes eruditos budistas só consigam perceber as escrituras.

O carácter nasce da iluminação, e não o contrário. Não é o carácter que produz a iluminação, caso contrário a iluminação teria uma causa. A iluminação é a sua natureza; ela não tem causa. Já lá está, só tem de a descobrir. Não importa o tipo de carácter. Se se virar para dentro, o pecador vai encontrar o buda, tal como o santo. E depois de ter descoberto a sua iluminação, a irradiação da iluminação torna-se o seu carácter, o seu *sheel*.

A sua iluminação transforma-se na sua inocência, e dessa inocência nasce a sabedoria. Mas a sabedoria não é conhecimento, é apenas uma clareza transparente sobre tudo, interior ou exterior.

Estes idiotas sabedores apenas provam uma coisa que eu tenho dito continuamente: não se meta em erudições, não procure grandes conhecimentos.

Esta é a maior barreira à iluminação, porque fica a transbordar de conhecimento, e todo o conhecimento vem da mente.

A iluminação não é da mente, é o perfume da não-mente. A não-mente não se baseia em nenhum carácter. Pelo contrário, todo o carácter surge da clareza da não-mente. Por isso não é imposto de fora como uma disciplina. A iluminação surge como uma resposta espontânea em que o mal deixa de estar presente. Não se trata de decidir não praticar o mal, simplesmente não consegue fazê-lo. Está tão cheio de luz, como pode comportar-se como um homem cego? Está tão cheio de luz, como pode comportar-se como um homem a tropeçar na escuridão?

Então surge o carácter, surge a sabedoria e mil outras coisas: felicidade, êxtase, bênção, compaixão. Não tem fim; cada vez mais flores vão desabrochando.

Mas esta é a dificuldade da pessoa sabedora. Tem de aceitar uma determinada fórmula.

Gostaria que não tivesse dúvidas de que, tal como tudo se vai expandindo e crescendo, também a iluminação se torna mais clara, mais profunda, mais elevada à medida que o tempo passa. Passados vinte e cinco séculos, eu não vou ser uma réplica de Gautama Buda. Não tenho nada a aprender com ele. A ter de ser alguma coisa, ele é que tem algo a aprender comigo. Vinte e cinco séculos não foram um puro desperdício. Tal como tudo progride e evolui, também a consciência. Mas o erudito fica completamente lixado! Ele só pensa na sua escritura, e a escritura tem vinte e cinco séculos. Eu sou um homem contemporâneo que não pertence a nenhuma categoria. Eu sou uma categoria em mim mesmo. Decido segundo a minha resposta espontânea e não de acordo com mandamentos, não de acordo com uma disciplina. Se a disciplina é dada por Buda ou Mahavira ou Cristo ou Krishna, não importa; elas são todas velhas. Mas estas pessoas vivem no passado.

Estou a avançar, a cada momento, para o futuro. Deixei Gautama Buda vinte e cinco séculos para trás. A sua iluminação também já tem vinte e cinco séculos. Tanto pó que se acumulou ali. Mas o meu espelho da consciência está completamente fresco, e não vou dar ouvidos a ninguém. Ninguém é o meu mestre! E ninguém tem o direito de me dizer o que é o carácter, e o que é a sabedoria, e o que é a iluminação. Ninguém tem esse direito.

Eu sou um homem completamente livre. Eu vivo a minha vida segundo a minha própria luz. Eu não sou seguidor de ninguém e não vivo a minha vida segundo uma escritura qualquer. Estes idiotas deviam calar-se! Por causa deles serei tentado a condenar Buda e Mahavira e Krishna e todos! E eles não têm nenhum argumento contra mim.

Como podem estas pessoas dizer que Buda não se preocupava com banalidades? Ele preocupava-se. E o meu interesse não é por banalidades.

A minha preocupação é uma terceira guerra mundial que se perfila no horizonte. A qualquer momento não haverá vida na terra, nem possibilidade de ser um buda! E acha que isto são banalidades?

Cuidado com os eruditos. Eles são as pessoas mais idiotas do mundo.

Agora as vossas perguntas.

Primeira pergunta:

Deus está morto, mas isso dá origem à pergunta: quem começou este universo?

Não é preciso que alguém o tenha começado, porque não existe princípio para este universo, nem existe fim.

Esta questão tem sido explorada por todas as religiões, porque toda a gente quer saber quem começou o universo. A sua mente é tão pequena que não consegue conceber um universo sem princípio, um universo sem fim, da eternidade à eternidade. Por não conseguir conceber esta vastidão, surge a sua questão: «Quem criou o universo? Quem o começou?» Mas se houvesse alguém para o começar, então já haveria um universo. Está a ver a simplicidade deste raciocínio? Se houvesse alguém para o começar, não se lhe poderia chamar «o início», porque já lá estava alguém.

Se acha que um Deus é necessário... dá-lhe consolação que Deus tenha criado o mundo, para que exista um início. Mas quem criou Deus? Vai outra vez cair no mesmo problema.

As religiões dizem todas que Deus existe eternamente; não há um criador de Deus. Se isso pode ser verdade para Deus, por que não pode ser verdade para a própria existência? Ela é autónoma, existe por si própria. Não é necessário um criador porque esse criador vai precisar de outro criador, e nunca mais acabamos. Pode ir de A a Z, mas quem criou Z? A questão mantém-se de pé, apenas vai sendo empurrada. No entanto, o problema nunca se resolve porque você fez a pergunta errada.

O universo não tem início. Não é uma criação de ninguém. Não tem fim. E lembre-se, se tivesse algum início, então teria certamente um fim. Cada início é o início dum fim; cada nascimento é o início da morte. Por isso é bom! Livre-se de Deus, porque se ele pode criar o mundo, também o pode destruir, e qualquer mundo que seja criado está condenado a ser destruído mais cedo ou mais tarde. Se houver nascimento, haverá morte. Só um universo sem início pode não ter fim.

Por isso o seu problema só se coloca porque a capacidade da mente é muito limitada. Eu quero ir para além da mente. Só a não-mente pode conceber a falta de início, a falta de fim. O incompreensível torna-se absolutamente claro: não há qualquer problema. Aqueles que se ergueram para além da mente também se ergueram em simultâneo para além de Deus. Deus é uma necessidade da mente, porque a mente não pode conceber coisas infinitas e eternas. Ela só pode conceber coisas muito limitadas. A questão surge por causa da incapacidade da sua mente, da sua impotência: «Deus está morto, mas isso dá origem à pergunta: quem começou este universo?» Alguma vez pensou que a existência de Deus não vai resolver a questão? Pelo contrário, a questão vai dar um passo atrás: totalmente inútil. Qualquer resposta que continue a adiar a questão sem lhe tocar, não é resposta.

A única resposta que vai encontrar está na sua própria experiência de eternidade. Então vai saber que ninguém a criou. Não tem princípio nem fim. Você não tem nenhum princípio, você não tem nenhum fim. Quando o sente dentro do seu próprio ser, percebe que a existência é autónoma, ela não é criada.

Uma coisa criada não pode ser mais que um mecanismo; ela não pode ser uma realidade orgânica. Um carro é criado, o homem não é criado. Se o homem também for criado, então ele torna-se um mecanismo, um robô. Pode dismantelar um carro, separar todas as peças, as rodas e tudo, juntando-as depois de novo, que o carro estará perfeitamente bem. Mas corte um homem em pedaços e depois volte a juntar — o homem nunca se irá recompor.

Um fenómeno orgânico não pode ser dissecado. Quando o disseca, o seu mistério desaparece. Então pode voltar a unir essas partes, mas apenas conseguirá obter um cadáver, não um ser humano vivo.

A dignidade da existência é não ser criada. A dignidade do homem é não ser criado. Deus é um insulto para a existência, para o homem, para a consciência, para tudo. Deus é uma humilhação. Deus não é a solução para nenhum problema; na verdade, ele cria mais problemas no mundo. Ele não resolve nada. Há trezentas religiões no mundo e todas lutam umas contra as outras. Todas elas foram criadas por causa do conceito de Deus, porque todas elas inventaram os seus próprios conceitos.

O Deus hindu tem três cabeças. Imagine este pobre coitado! Imagine você que tinha três cabeças; eu acho que não seria capaz de se levantar. Uma cabeça ia cair para este lado, uma cabeça ia cair para aquele lado, outra cabeça ia cair para outro lado, o próprio peso... Eu vi estátuas e imagens do Deus hindu. Este corpo parece-se com o corpo de um homem, e o corpo de um homem não aguenta três cabeças.

Eu vi crianças em circos que são aberrações da natureza. Vi crianças com duas cabeças, mas elas nem sequer conseguem levantar-se; estão sempre deitadas. O circo goza da sua tragédia, ganha dinheiro com isso. Eles têm de as carregar em carrinhos.

O Deus hindu deve viver num carrinho. Uma cabeça vai sempre pender para a almofada, tornando a respiração difícil. Andar está fora de questão. E todas as três cabeças, que têm um corpo, têm mulheres. Veja só a tragédia! Cada cabeça está unida a duas outras cabeças, e cada uma tem uma mulher separada. Três mulheres para um homem, porque a maquinaria sexual é só uma. Nunca ouvi dizer que o deus indiano tivesse três maquinarias sexuais. Agora, não consigo imaginar como as coisas funcionam.

Estas ficções criam trezentas religiões, porque toda a gente é livre de ter a sua própria ficção. Porquê pedir emprestada a ficção de outra pessoa? Há religiões que pensam que Deus tem mil mãos. Mil mãos? Elas devem crescer de todo o corpo, como os ramos de uma árvore. Não me parece que ele consiga fazer alguma coisa. Mil mãos? Atrás elas crescem para trás, da frente elas crescem... não vai haver espaço livre para mais nada!

Há deuses que têm mil olhos — não consigo imaginar. Mesmo com a não-mente não consigo imaginá-lo! Mil olhos numa cabeça? Então não há espaço para as orelhas, não há espaço para o nariz, não há hipótese para a boca, não há hipótese para nada — nem mesmo cabelo. Ele deve ser careca, com olhos por toda a cabeça. Mesmo assim não me parece que consiga fazer funcionar mil olhos. Como é que se mexe? Que olho escolhe para ver? Mesmo para piscar a uma mulher, que olho vai usar? Mil olhos a piscar para uma mulher? Uau, o verdadeiro romance!

A existência de Deus não resolveu qualquer problema. Pelo contrário, Deus criou milhares de problemas. E cada religião tem a sua própria ideia, porque é uma ficção. Você não tem ideias diferentes sobre o Sol. Você não tem ideias diferentes sobre a rosa. Só pode ter ideias diferentes sobre uma ficção. Depois é consigo, depende da maneira como o quiser imaginar.

A Bíblia diz que Deus criou o homem à sua própria imagem. A realidade é o contrário: o homem criou Deus à sua própria imagem. E tem tentado refinar a imagem de Deus, encontrando explicações para todo o tipo de absurdos. Ele precisa de mil mãos porque tem de cuidar de cinco biliões de pessoas. Mas se você tiver de cuidar de cinco biliões de pessoas, vai precisar de cinco biliões de mãos. Mil mãos não chegam. Pelo menos para apertar a mão à humanidade inteira, vai precisar de cinco biliões de mãos. Só mãos e mãos e nada mais! Você continua a apertar a mão a Deus, e ninguém está lá!

Eles estão sempre a inventar explicações: Deus tem mil olhos porque tem de olhar pelo universo inteiro. Não poderia mexer a cabeça, da mesma maneira

que eu mexo a minha? Eu consigo ver dez mil pessoas sem qualquer dificuldade, só com dois olhos. Ele não anda para trás para inverter o sentido? Como tem olhos por toda a cabeça, quando quer ir para trás, os olhos da frente estão fechados e os de trás estão abertos. Quando ele quer andar de lado, três lados estão fechados, o lado direito está aberto. É um Deus ou um brinquedo para entreter crianças?

A própria ideia de Deus deve-se ao facto de as nossas mentes não conseguirem compreender a eternidade. Quando conseguir ir para além da sua mente limitada, para uma não-mente sem limites, poderá conceber tudo o que era inconcebível antes. Não é preciso Deus nenhum.

A segunda pergunta:

Não existindo Deus, existe um lugar para a oração na religião?

Não há lugar para a oração, porque a oração é orientada para Deus. Se Deus não existe, a quem vai rezar? Todas as orações são falsas porque não há ninguém para lhes responder, ninguém para as ouvir. Todas as orações são humilhações, insultos, degradações. Todas as orações são nojentas! Está a ajoelhar-se perante uma ficção que não existe.

E o que está a fazer com as suas orações? A mendigar. «Dá-me isto, dá-me aquilo» — mendigar completamente —, «Deus, dá-me o pão de cada dia!» Não pode pedir tudo de uma vez? Por que tem de pedir todos os dias? E cinco biliões de pessoas a pedir, com uma só pessoa a ouvir — acham que Ele vai continuar saudável? «Dá-me o pão de cada dia!» Por que não pedir para a vida inteira e ficar despachado? Uma oração seria suficiente.

Mas todos os dias aborrece Deus, reclamando com Ele como uma mulher, dia e noite. E há muçulmanos que fazem cinco orações por dia. Eles são os maiores pedintes.

Eu costumava orientar alguns campos de meditação em Udaipur. Era uma longa viagem desde o lugar onde eu vivia, em Jabalpur. Demorava trinta e seis horas porque não havia avião entre os dois sítios naquele tempo. Em Jabalpur havia um aeroporto, mas era um aeroporto militar e eles não estavam autorizados a abrir ao público. Por isso via-me obrigado a ir de comboio e a mudar em vários troços. Primeiro tinha de mudar em Katni, depois em Bina, depois em Agra. Depois em Chittaurgarh, e finalmente chegava a Udaipur. Era de noite quando chegávamos a Chittaurgarh, perto de Ajmer. Ajmer é um dos baluartes dos muçulmanos, por isso no comboio havia muitos muçulmanos. Era necessário ficar na estação durante uma hora até chegar outro comboio, que trazia passageiros que continuavam para Udaipur.

Nessa altura, eu costumava andar pela plataforma durante uma hora. Todos os muçulmanos à espera na plataforma estavam sentados em oração, e eu gozava com eles. Ia até junto de alguém e dizia: «O comboio está a partir», e ele saltava. Depois ficava zangado comigo:

— Você perturbou a minha oração!

— Eu não perturbei a oração de ninguém. Estou apenas a fazer a minha oração. O meu desejo sincero é que o comboio parta. Eu não estava a falar consigo; nem sequer sei o seu nome.

— Isto é estranho... — dizia ele — no meio da minha oração?

— Não era uma oração — corrigia eu -, eu observei-o e você estava sempre a olhar para o comboio.

A pessoa acabava por admitir que era verdade. E acontecia o mesmo em toda a plataforma. Eu aproximava-me de algumas pessoas mais adiante e sussurrava: «O comboio está a partir», e de novo outra pessoa saltava e ficava muito zangada:

— Que tipo de pessoa é você? Parece religioso, mas perturba os crentes que estão a rezar?

— Eu não estou a perturbar ninguém. Estou só a rezar a Deus para que o comboio parta depressa.

Quais são as suas orações? A pedir isto, a pedir aquilo. A sua oração transforma-o num pedinte. A meditação transforma-o num imperador.

Não há ninguém para ouvir as suas orações; não há ninguém para responder às suas orações. As religiões tentam torná-lo extrovertido para que não se volte para dentro. A oração é uma coisa extrovertida: Deus está aqui e você está a gritar para esse Deus. Mas isso afasta-o de si próprio.

As orações são todas irreligiosas.

Já contei muitas vezes uma história lindíssima de Leo Tolstoy. Um arcebispo da Igreja Ortodoxa da Rússia — é uma história passada antes da revolução — andava extremamente preocupado porque muitas pessoas da sua comunidade começaram a ir a um lago, onde havia três homens. Eles viviam numa ilha pequena no lago e sentavam-se debaixo de uma árvore, juntamente com milhares de pessoas que pensavam que eles eram santos.

No cristianismo não se pode ser santo por mérito próprio. A palavra «santo» vem de «sanção». Tem de ser sancionado pela igreja que uma pessoa é santa; é um certificado.

Acho uma ideia horrível que a igreja passe um certificado a dizer que alguém é santo. Mesmo um homem como Francisco de Assis, um homem magnífico, foi convocado pelo papa: «As pessoas começaram a venerar-te como um santo, e tu não tens nenhum certificado.»

E neste aspeto sinto que Francisco falhou. Ele devia ter recusado, mas ajoelhou-se como um cristão e pediu ao papa: «Dá-me o certificado.» Tirando isso, ele era um bom homem, um homem magnífico, mas eu não refiro o seu nome porque ele agiu de uma forma muito estúpida. Este não é o caminho de um santo.

Eu não preciso do certificado de ninguém para a minha iluminação ou para o meu estado de buda. Eu declaro-o! Eu não preciso do certificado de ninguém. Quem me pode dar o certificado? Nem mesmo Gautama Buda me pode dar o certificado. Quem lhe deu um certificado a ele?

Por isso é que digo que a ideia de «santidade» em inglês está completamente errada. Ela vem de «*sanctus*».

Então o arcebispo da Rússia estava muito zangado:

— Quem são esses santos? Eu não certifiquei ninguém nestes anos. De onde aparecem de repente estes santos?

A verdade é que as pessoas os visitavam, e a igreja ia ficando cada vez mais vazia.

Por fim, o arcebispo decidiu ir ver quem eram aquelas criaturas. Apanhou um barco e foi até à ilha. Aqueles três homens... eles eram incultos, pessoas simples, completamente inocentes. E o arcebispo era um homem poderoso; ele e o czar eram os homens mais poderosos da Rússia. Ele estava muito zangado com aqueles três homens e perguntou-lhes:

— Quem vos fez santos?

Eles olharam uns para os outros e disseram:

— Ninguém. E nós não nos achamos santos, nós somos pessoas pobres.

— Mas por que vem aqui tanta gente?

— Vai ter de lhes perguntar — responderam eles.

— Vocês conhecem a oração ortodoxa da igreja? — perguntou-lhes o arcebispo.

— Nós somos pessoas sem estudos e a oração é demasiado longa; não vamos conseguir memorizá-la — disseram eles.

— Então que oração fazem?

Eles trocaram olhares entre si. «Diz-lhe *tu*», disse um. «Diz *tu*», disse outro. Estavam a sentir-se constrangidos. Mas o arcebispo foi ficando cada vez mais arrogante, ao ver que eles eram completos idiotas: pois nem sequer sabiam a oração. Como podiam ser santos?

— Qualquer um me pode dizer — insistiu ele —, digam lá!

— Estamos a sentir-nos muito envergonhados — confessaram eles — porque nós inventámos a nossa própria oração, por não conhecermos a oração autorizada pela igreja. Nós inventámos a nossa própria oração, que é muito simples. Por favor perdoe-nos por não lhe termos pedido autorização para usá-la, mas estávamos demasiado envergonhados para ir ter consigo.

— Deus é três e nós também somos três — prosseguiram —, por isso fizemos uma oração assim: «Tu és três, nós somos três, tem piedade de nós.» Esta é a nossa oração.

O arcebispo ficou muito zangado:

— Isso não é nenhuma oração! Eu nunca ouvi uma coisa assim — e desatou a rir.

— Ensina-nos como é a oração verdadeira — pediram os pobres coitados. — Nós pensámos que estava bem assim: Deus é três, nós somos três, o que mais falta? Tem piedade de nós.

Então o arcebispo recitou a oração ortodoxa, que era muito comprida. Quando acabou, eles disseram: «Esquecemos o início.» E ele recitou de novo o início. Depois eles disseram: «Esquecemos o final.»

O arcebispo estava a ficar irritado:

— Que tipo de pessoas são vocês? Não conseguem memorizar uma simples oração?

— Ela é tão comprida — disseram eles — e com palavras difíceis, e nós não temos estudos. Nós não conseguimos... por favor seja paciente connosco. Se repetir mais duas ou três vezes talvez consigamos decorar.

Então ele repetiu três vezes. E eles prometeram:

— Bem, nós vamos tentar, mas não sabemos se vai ser a oração completa... algumas coisas podem ficar em falta... mas nós vamos tentar.

O arcebispo arrogante ficou muito satisfeito por ter acabado com aqueles três santos; agora podia dizer à sua gente: «Eles são idiotas. Por que vão vocês lá?» E partiu no seu barco.

De repente ele viu que atrás do barco aquelas três pessoas corriam sobre as águas, na sua direção. Ele não podia acreditar no que os seus olhos viam. Começou a esfregar os olhos... e nesse momento eles apareceram ao lado do seu barco, de pé sobre as águas, e pediram:

— Só mais uma vez, já nos esquecemos.

Mas vendo esta situação — «estas pessoas caminham sobre a água e eu vou no barco» —, o arcebispo compreendeu. Ele disse:

— Continuem com a vossa oração. Não se preocupem com o que eu vos disse. Perdoem-me, eu fui arrogante. A vossa simplicidade e a vossa inocência é a vossa oração. Voltem para trás. Vocês não precisam de nenhum certificado.

Mas os três homens insistiram:

— O senhor veio de tão longe. Só mais uma vez? Nós sabemos que podemos voltar a esquecer, mas diga mais uma vez para que possamos tentar memorizá-la.

Só que o arcebispo respondeu:

— Eu tenho repetido esta oração a minha vida inteira, e ainda não foi ouvida. Vocês andam sobre a água! Nós costumamos ouvir nos milagres de Jesus que ele andava sobre a água. Esta é a primeira vez que eu vejo o milagre. Voltem para trás. A vossa oração está perfeita!

A oração não era o principal, porque não havia ninguém para a ouvir — mas a sua total inocência e confiança transformara-os em seres completamente novos, tão puros, tão ingênuos, tal como rosas a abrir ao sol da manhã, em toda a sua beleza. Agora que a sua arrogância tinha caído, o arcebispo podia ver as suas caras, a sua inocência, a sua graça, a sua felicidade. Eles voltaram para trás sobre a água, a correr de mãos dadas, até à sua árvore.

Leo Tolstoy viu o Prémio Nobel ser-lhe negado por causa destas histórias. Ele estava nomeado. O comité do Prémio Nobel abre os seus registos a cada cinquenta anos. Quando foram abertos em 1950, os investigadores foram imediatamente procurar os registos dos nomes que haviam sido nomeados e por que razão não tinham vencido. Leo Tolstoy foi nomeado mas nunca recebeu o prémio. E a explicação dada foi que ele não era um cristão ortodoxo. Ele escreveu histórias tão belas, grandes romances... Apesar de ser cristão, ele não era um cristão ortodoxo, por isso o Prémio Nobel não lhe podia ser atribuído.

Mas nunca foi tornado público que o Prémio Nobel existe apenas para cristãos ortodoxos. Leo Tolstoy foi uma das pessoas mais sinceras e inocentes, uma das pessoas mais criativas que o mundo já conheceu. Os seus romances são de uma enorme beleza. A sua vida também foi muito simples, apesar de ele ser um conde. Os seus antepassados tinham pertencido à família real e ele ainda conservava um grande património, assim como milhares de hectares de terra e milhares de escravos e camponeses.

A mulher do escritor ficava furiosa — toda a sua vida isto foi um problema — porque ele vivia como um camponês e trabalhava como os camponeses nos campos. Tolstoy era muito amigo dos camponeses. Ele dormia nas suas cabanas pobres e comia com eles. Eles não podiam acreditar. Diziam:

— Mestre, o senhor é o proprietário.

— Não — respondia ele. — Todos estamos a partilhar. Eu trabalho convosco, eu posso comer convosco, eu posso dormir aqui.

A sua mulher estava muito zangada. Ela era uma condessa; também ela pertencia a uma família muito rica, outra família de condes, e não podia acreditar que ele fosse este género de pessoa.

— Ele vive com aquelas pessoas sujas, ele come com elas. Ele vai trabalhar no campo. Ele não precisa de fazer isso!

E um homem tão simples, inocente e criativo viu ser-lhe negado o Prémio Nobel porque não era da Igreja Ortodoxa, ele não pertencia à linha ortodoxa dos cristãos fanáticos. Até eu fiquei surpreendido quando li essa afirmação. Isto quer dizer que o Prémio Nobel era só para cristãos ortodoxos e fanáticos, políticos, e não para artistas criativos.

Você pergunta: «Há algum lugar para a oração na religião?» Nenhum. Numa religião autêntica, a meditação tem um lugar, mas não a oração. A oração é extrovertida, a meditação é introvertida. A meditação faz de si um buda, a oração apenas faz de si um pedinte. Enquanto a oração é orientada para uma ficção, a meditação é orientada para a verdade. A meditação é Zen, a oração não é mais que uma parte da ficção chamada Deus. Evite as orações. Elas estão a afastá-lo da sua própria realidade existencial. Aprofunde a meditação. Essa é a única religiosidade possível.

Agora os sutras:

Quando Sekito recebeu os preceitos, o seu mestre Seigen perguntou-lhe:

— Agora que recebeste os preceitos, queres aprender o *Vinaya*, não queres?

Vinaya é uma das escrituras de Gautama Buda. O nome completo é *Vinaya Pitak*. Seigen perguntou a Sekito: «Tu estás iniciado nos *sannyas*, queres agora

aprender as escrituras chamadas *Vinaya*?» Esta palavra significa humildade. É uma das séries de discursos de Buda.

— Não é preciso aprender o *Vinaya* — respondeu Sekito.

Não é preciso aprender as escrituras porque a verdade não pode ser encontrada em nenhuma escritura. A verdade não é uma filosofia ou uma teologia.

Sekito foi enviado a Seigen pelo seu mestre. Ele já estava maduro, e tendo Eno pressentido a proximidade da sua própria morte — dada a sua idade avançada —, que o impediria de assistir à iluminação de Sekito, sentiu que era melhor mandá-lo ter com o mestre que o pudesse ajudar nos últimos estádios da sua evolução. Então ele enviou Sekito a Seigen, que tinha sido o seu rival de toda a vida. Mas ambos reconheciam o outro no seu coração como iluminado.

Sekito não era um principiante, por isso quando Seigen lhe perguntou se queria aprender as escrituras, ele respondeu: «Não é necessário aprender as escrituras.»

Seigen perguntou: «Então, queres ler o livro de *Sheela* — o livro do carácter? Se não queres aprender as escrituras sobre humildade, queres conhecer as escrituras que falam do carácter e da moralidade?»

Sheela quer dizer carácter. O erudito budista tinha feito alarde deste aspeto na sua questão contra mim: sem *sheela* como se pode tornar iluminado?

Sekito respondeu — e esta é a resposta de um homem que se estava a aproximar muito da iluminação: «Não é necessário ler o livro de *Sheela*, porque todas estas coisas se seguirão à iluminação. Elas não a precedem, elas sucedem-lhe.»

A iluminação contém tesouros imensos. Você torna-se iluminado e tudo se segue. Não tem de aprender, não tem de se disciplinar, não tem de fazer qualquer esforço. Tudo o segue espontaneamente. Transforme-se primeiro num buda.

Então Sekito disse: «Não é preciso ler o livro do carácter e da moralidade.»

— Podes entregar uma carta a Nangaku Osho? — pediu Seigen.

Nangaku era outro mestre famoso, por isso tratava-se de uma estratégia de Seigen. Ele estava a tentar descobrir quem era Sekito. Estas perguntas não se destinavam a obter respostas; Seigen estava a tentar descobrir o recém-chegado que tinha vivido com um grande mestre, Eno — teria ido muito longe? Teria ido muito fundo? Ele estava a tentar conhecer Sekito a partir de cada canto e recanto, para poder perceber se ele estava maduro e de que amadurecimento ainda precisava. Optou então por esta metodologia. Ele falhou quando

perguntou sobre as escrituras *Vinaya*; Sekito respondeu exatamente como se já fosse iluminado. Quando perguntou sobre as escrituras *Sheela*, ele também respondeu exatamente como se já fosse iluminado.

Então tentou de outra maneira. Ele pediu:

— Podes entregar uma carta a Nangaku Osho?

Nangaku vivia noutro mosteiro numa montanha próxima.

— Com certeza — respondeu Sekito.

— Vai agora — disse Seigen — e volta depressa. Se te atrasares nem que seja um bocadinho, não me vais encontrar. Se não me encontrares, não vais conseguir ter o grande machado que está por baixo da minha cadeira.

Sekito chegou rapidamente a Nangaku. Antes de entregar a carta, ele fez uma vénia e perguntou:

— Osho, quando uma pessoa não segue os santos antigos nem expressa a sua alma mais íntima, o que pode fazer?

A sua pergunta é muito importante. Ele está a dizer — com total respeito:

— Osho, quando uma pessoa não segue os santos antigos nem expressa a sua alma mais íntima, o que pode fazer?

— A tua pergunta é demasiado arrogante — disse Nangaku.

«Ninguém faz uma pergunta destas de imediato. Você entra no meu templo e começa a fazer-me perguntas. Primeiro, precisa de iniciação. Primeiro, tem de ser um discípulo. Eu não estou aqui para perder o meu tempo com uma pessoa qualquer que passa e faz qualquer tipo de pergunta. Isto é arrogância.»

Não era arrogância, mas sim parte da estratégia de Seigen. Nangaku era um mestre muito diferente.

— A tua pergunta é demasiado arrogante — disse Nangaku. — Por que não perguntas com humildade?

Ao que Sekito respondeu:

— Então seria melhor mergulhar no inferno eternamente e nunca esperar pela libertação que os santos antigos conheceram.

«Se diz que a minha pergunta é arrogante, então eu preferia sofrer eternamente no inferno a fazer-lhe qualquer pergunta com humildade.»

Nenhuma pergunta é humilde. Todas as perguntas têm de ser, de certa maneira, arrogantes. Quando está a perguntar, está a mostrar dúvida, está a interferir no silêncio do mestre. Obviamente que qualquer pergunta é arrogante,

nenhuma pergunta pode ser humilde. Só o silêncio é humilde. Mas isso não é uma pergunta. Isso é a resposta.

Sekito era verdadeiramente um homem com espinha, com coragem. Ele disse: «Esqueça a pergunta. Eu não vou fazer a pergunta com humildade, porque nenhuma pergunta pode ser feita com humildade. A própria pergunta é arrogante. *Qualquer* pergunta é uma dúvida. Qualquer pergunta interfere com o campo de energia do mestre.»

«Só o silêncio pode ser humilde. Mas para isso eu não teria vindo ter consigo. Eu podia estar em silêncio em qualquer lado. Eu podia estar em silêncio até no fogo eterno do inferno.»

Não há dúvida de que Sekito é um homem de grande inteligência e coragem. Nangaku não o conseguia deitar abaixo. Ele foi enviado especialmente a Nangaku, que era conhecido por ser muito duro. Seigen queria saber a resposta de Sekito, que resposta iria ele dar a Nangaku. E não é que deu mesmo a resposta certa! Ele disse: «Esqueça a pergunta. Eu preferia cair no inferno eternamente do que fazer-lhe uma pergunta com humildade. Nenhuma pergunta é humilde, qualquer que seja a forma como é feita. Eu perguntei com todo o respeito. Eu chamei-lhe "Osho" e o senhor diz que a minha pergunta é arrogante? Em vez de lhe responder, está a insultar-me.»

«Nenhum mestre insulta os seus discípulos, e eu não sou sequer um discípulo. Sou apenas um estranho, e o senhor não está a ser simpático comigo. Eu sou só uma visita. O senhor devia acolher-me. Em vez de me acolher, está a humilhar-me. Eu não vou fazer nenhuma pergunta.»

Sekito, por achar que ele e Nangaku não estavam em sintonia um com o outro, rapidamente voltou para Seigen sem ter entregue a carta a Nangaku.

Aquele homem não merecia sequer a carta. Ele não ficou lá, saiu imediatamente.

À sua chegada, Seigen perguntou:

- Eles entregaram-te alguma coisa?
- Eles não me entregaram nada — respondeu Sekito.
- Mas deve ter havido uma resposta — disse Seigen.
- Se eles não me entregaram nada, não há resposta — afirmou Sekito, e acrescentou: — Quando eu estava a sair daqui, tu acrescentaste que deveria regressar rapidamente para receber o grande machado que está debaixo da cadeira. Agora que voltei, dá-me por favor o grande machado.

Seigen ficou calado. Sekito fez uma vénia e retirou-se.

O silêncio de Seigen foi a sua aceitação de Sekito e da sua coragem. Ele sabia que a carta não tinha sido entregue, que não tinha havido nenhuma resposta, apesar de Sekito não ter mencionado a carta. Este disse apenas: «Eles não me entregaram nada, por isso como pode haver uma resposta?»

Seigen viu o homem, viu que ele tinha a qualidade e merecia ser iluminado. O silêncio de Seigen era o seu machado. Ele tinha dito: «Quando voltares, eu vou cortar a tua cabeça com um machado.»

E agora Sekito lembrara-o: «Agora que voltei, dá-me por favor o grande machado. Corta a minha cabeça. Faz o que quiseres fazer, estou preparado.»

Seigen ficou calado. Nesse silêncio profundo está a transferência, a transmissão da lanterna. Não é uma questão de linguagem; é uma questão de transferência de energia. Só naquele silêncio a chama saltou de Seigen para Sekito. E por ter recebido a chama, o fogo, ele imediatamente se curvou e retirou-se. Já não era preciso perturbar o mestre. Ele tinha sido aceite, não apenas aceite; o seu último passo estava dado.

Eno tinha morrido antes de Sekito se tornar iluminado. Na verdade, ainda Sekito ia a caminho de Seigen, já Eno tinha morrido. Ele estava completamente consciente da proximidade da sua morte e tinha a certeza de que Seigen era a pessoa certa a quem entregar Sekito. O seu julgamento estava totalmente correto; foi Seigen que por fim conseguiu a iluminação de Sekito.

Mas a iluminação acontece em silêncio. É por isso que eu tento torná-lo tão silencioso quanto possível. Então não vai precisar sequer de um Seigen. Sentado em qualquer lado — no seu quarto, debaixo de uma árvore, no jardim, na margem do rio, em qualquer lado —, se o seu silêncio for profundo, a própria existência dá-lhe a iniciação para o estado de buda. E quando isso vem diretamente da própria existência, tem uma beleza muito maior do que quando chega através de um mestre.

Eu ensino a iluminação imediata e súbita. A meditação que está a praticar é simplesmente uma preparação para aquele grande silêncio em que a existência se vai tornar uma chama dentro de si.

Etsujin escreveu este haiku:

Caem
mas com corações soltos —
papoilas.

As flores caem com corações soltos. Elas nem olham para trás para a planta onde floresceram, a planta que foi a sua casa por tanto tempo, a planta que foi o seu alimento por tanto tempo. Agora elas estão a voltar para a terra de onde vieram.

A cair, mas com corações soltos... Não há desgosto. Elas desfrutaram o sol, elas desfrutaram a lua, elas desfrutaram as estrelas. Elas dançaram ao vento, elas dançaram à chuva, elas dançaram, festejaram. De que mais precisam? É tempo de irem para o descanso eterno. É por isso que os seus corações estão soltos, sem tensão, sem ansiedade. Elas viveram totalmente, elas morrem a dançar. Elas caem muito naturalmente para a terra onde vão voltar a desaparecer. Elas vieram da terra e estão a voltar para a terra; o ciclo fica completo.

Tal como as flores brotam da terra e voltam à terra para o descanso eterno, você vem da existência e volta para a existência se tiver um coração solto. Então não regressará para a prisão de um corpo. Voltará simplesmente para as suas origens, para o descanso eterno.

Esse descanso eterno é nirvana, esse descanso eterno é *moksha*, esse descanso eterno é libertação. Esse descanso eterno é *samadhi*, verdade, iluminação — nomes diferentes para a mesma experiência. Você voltou para casa, e voltou para casa a dançar, sem desgosto, sem queixume, com o coração solto, pacificamente e em silêncio, para desaparecer. Esta é a experiência mais admirável de todas, quando está à beira de desaparecer com um coração solto e descontraído, um puro e simples deixar-se ir.

Outra pergunta:

No seu livro, *O Anticristo*, Nietzsche afirma: «As pessoas que ainda acreditam em si mesmas continuam a ter o seu próprio Deus. Nele, elas veneram as condições através das quais prosperaram, as suas virtudes — elas projetam a sua alegria consigo próprias, o seu sentimento de poder, num ser a quem se possa agradecer por estas coisas.» Gostaria de comentar?

Nietzsche escreveu o seu livro *O Anticristo* num manicómio. Mas ele era tão genial que ainda que tivesse sido declarado maluco por todos os psiquiatras, os seus livros mostraram que eles estavam enganados. Mesmo na sua insanidade, ele era muito mais sã do que os pretensos psiquiatras sãos. Mesmo na sua morte — ele escreveu a última carta a um amigo —, não se esqueceu... Ele tinha sempre assinado «Anticristo, Friedrich Nietzsche». Mesmo na hora da morte, ele não se esqueceu de escrever «Anticristo» primeiro, depois o seu nome.

E naquele manicómio ele escreveu muitas coisas de uma tremenda importância. O Anticristo é um dos livros que o vai ajudar a entender a profundidade de Nietzsche. Ainda que ele nunca tenha ido para além da mente, conseguiu com a sua mente chegar a grandes alturas e a grandes profundidades.

Ele foi Anticristo a vida inteira. Ele dizia: «Os ensinamentos de Cristo são uma humilhação para a humanidade porque ele chama à humanidade ovelhas e intitula-se de pastor. Ele diz que a humanidade cometeu o pecado original,

intitulando-se de salvador. Acreditar nele para ser salvo? Isto é o maior insulto para alguém que compreenda.»

Foi esta a mensagem de Sekito: «Eu preferia sofrer no inferno eterno do que fazer de novo a pergunta. Nós não jogamos um com o outro. Não há harmonia entre o meu coração e o seu coração. A minha viagem até si foi em vão.»

N'O Anticristo, Nietzsche diz muitas coisas. Os seus ensinamentos baseiam-se no super-homem. Deus está morto e o homem é livre para ser um super-homem, já não precisa de ser um escravo. Agora ele pode declarar a sua liberdade, e na sua liberdade ele vai tornar-se um super-homem. Com Deus ele era apenas um escravo, a ajoelhar-se diante de estátuas e esculturas e escrituras, e a rezar a Deus como um pedinte, a acreditar em salvadores, profetas, messias, que no fundo não passavam de arquiégoístas. A humanidade inteira foi encaminhada para uma grande escravidão espiritual.

Nietzsche opunha-se a Cristo porque ele dizia mentiras: «Bem-aventurados os pobres porque herdarão o reino de Deus.» Isto é uma mentira. Ele está apenas a consolar os pobres. E consolar os pobres é destruir qualquer possível revolução. Isso é o que todos os cristãos estão a fazer. Eles estão a proteger o capitalismo, eles estão a proteger as pessoas que se encontram no poder e dão palavras ocas como consolação para os pobres: «Bem-aventurados os pobres.» Que disparate!

E para lhes dar uma consolação maior, Jesus condena os ricos. Ele diz: «É possível que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, mas nenhum rico entrará nas portas do paraíso.» Isto é só para fazer os pobres sentirem-se bem: a sua pobreza é espiritual, é um dom de Deus, eles são bem-aventurados. Estas pessoas como Jesus criaram a pobreza, e destruíram a possibilidade de revolução, de mudar a estrutura social, de criar uma sociedade melhor sem classes e, finalmente, uma sociedade última onde o Estado também desaparece gradualmente.

Pessoas como Jesus não são salvadores, mas consoladores. Elas estão a funcionar, talvez sem saberem, como agentes dos interesses instalados. Foi por essa razão que Nietzsche escreveu sempre à frente da sua assinatura: «Anticristo.» Ele era muito claro sobre isso.

Jesus diz: «Se alguém te bater numa face, oferece-lhe a outra face.» Nietzsche não aceita esta teoria, e eu concordo com o filósofo alemão, não com Jesus. Porquê? Nietzsche tem um argumento perfeito para isso. Ele diz: «Se oferecer a outra face à pessoa, está a insultá-la. Está a dizer-lhe: "Eu sou mais santo que tu. Tu és desumano."» Ninguém até aí tinha visto esta afirmação como um insulto; é por isso que eu lhe chamo um homem original. Ele só falhou uma

coisa: a meditação. Caso contrário, teria sido um buda maior que o próprio Gautama Buda, porque teria sido completamente contemporâneo.

Compreende o que ele está a dizer? Quando oferece a outra face, está a rejeitar o homem, a sua humanidade. Está a dizer: «Eu sou um santo e tu és apenas um ser humano vulgar.» Nietzsche tem outra teoria: «Quando alguém te bater na face, bate-lhe de volta com o máximo de força. Isso torna-vos iguais.» Você aceita a dignidade do homem como ser humano e diz: «Eu também sou um ser humano; eu não sou superior a ti, eu não sou mais santo que tu.» É um argumento estranho, mas completamente perfeito.

No seu livro, *O Anticristo*, ele diz: «As pessoas que ainda acreditam em si mesmas continuam a ter o seu próprio Deus.» Elas próprias tornam-se deuses. Mas ele não sabe nada sobre a meditação; essa é a dificuldade. Na meditação você entra como sendo o ego, mas quanto mais fundo vai, mais o ego começa a desaparecer. Quando finalmente atinge o centro, você já não é. A questão de ser um Deus não se coloca. Você é divino porque toda a existência é divina. Mas isto não é uma viagem de poder, porque uma viagem de poder implica que os outros estejam abaixo de si; você precisa de estar mais acima.

Na meditação profunda percebe que até as árvores são iguais a si, que até os animais e os pássaros e as rochas são iguais a si. Toda a existência vive numa enorme igualdade. É isto que eu tenho dito inúmeras vezes. Só uma pessoa espiritual e meditativa pode ser autenticamente comunista e anarquista, mais ninguém, porque ao ir ao fundo de si mesmo você desaparece e deixa de ser. Por isso não se trata de uma viagem de poder, de um número do ego. De repente, toda a existência fica tal como você é. O ego está ausente, o «eu» está ausente; só existe a presença da luz, da consciência, do testemunho. E toda a existência parece ser tão silenciosa como você, parece estar tão em êxtase como você. Não existe mais acima, nem mais abaixo.

Ambos os movimentos - o movimento do comunismo e o movimento do anarquismo — falharam de certa forma, porque saltaram a premissa básica da igualdade. Só um meditativo sabe que tudo é igual, porque somos todos partes de um cosmos orgânico. Formas diferentes e aspetos diferentes criam a beleza porque criam variedade. Mas bem no fundo, nas raízes, está o mesmo sumo; é o mesmo alimento que circula dentro da árvore, que se toma uma flor, que corre dentro de si e se transforma num buda. A sua revelação como buda é exatamente a revelação de uma flor de lótus, não há qualquer diferença. Ninguém está mais acima, ninguém está mais abaixo.

Nietzsche tem razão. Se as pessoas não são meditativas e se abandonam o conceito de Deus, elas próprias se transformam em deuses, porque quem as pode impedir? Os seus egos ficam completamente inchados, elas vão-se tornando cada vez mais egoístas. Quando Deus estava lá, elas eram humildes,

tinham medo do castigo, do inferno. Agora não existe Deus — quem as vai impedir de se tornarem grandes egos?

Uma vez alguém objetou a Napoleão Bonaparte: «O que está a fazer vai contra a constituição do país.» Napoleão respondeu: «Eu sou a lei. Deitem fora a constituição. O que eu disser é a constituição.» Agora isto está destinado a acontecer. Os egoístas tornaram-se a última lei. As pessoas egoístas tornaram-se deuses.

A Segunda Guerra Mundial foi um choque muito grande para o povo japonês, não por causa de Hiroxima e Nagasáqui, mas por causa da derrota do Deus Sol. Eles acreditavam que o seu imperador era um Deus Sol, ele não era um ser humano, ele não podia ser derrotado. Uma vez que ele nunca tinha sido derrotado, a ideia continuou e foi ficando cada vez mais enraizada: «Ele não pode ser derrotado, nenhum poder o pode derrotar. Ele já não é um ser humano, ele é um deus, um Deus Sol.» Mas todos os grandes reis e imperadores acreditaram que partilhavam o poder com Deus. Se Deus não existir, os seus reis, os seus imperadores, as pessoas que têm o poder vão começar a pensar: «Nós somos deuses e todos os outros são apenas seres humanos vulgares.»

Nietzsche tem razão. Se a pessoa não estiver familiarizada com a meditação, a mente é um fenómeno perigoso. Sem Deus, ela pode ficar muito inchada. Ela pode pensar em si própria como Deus.

≈

Lembro-me de um incidente magnífico. Aconteceu em Bagdade nos tempos de um certo Califa Omar. Um homem afirmou que tinha vindo com uma nova mensagem de Deus, bastante aperfeiçoada em relação ao Corão Sagrado. Ele foi imediatamente preso e trazido ao tribunal do Califa Omar. «Este homem afirma que vem de Deus e traz uma nova mensagem para a humanidade, mais aperfeiçoada que o Corão Sagrado de Maomé.»

Os muçulmanos não aceitam o mínimo aperfeiçoamento ao Corão Sagrado, que é a última palavra de Deus. Todas as religiões dizem o mesmo. Mahavira é a última palavra para os jainas, nada pode ser alterado, nada pode ser aperfeiçoado. Tal como Buda é a última palavra para os budistas. Tal como Jesus, tal como Moisés — cada fundador de uma religião do mundo tentou estabelecer que «eu sou a última paragem. Tudo termina comigo; não há mais evolução». Mas a evolução não quer saber destas pessoas, ela continua e continua.

Omar estava muito zangado. Ele disse:

— Tu és um muçulmano e estás a reclamar que és um profeta melhor que Maomé?

— Claro — respondeu o homem -, porque eu venho depois de terem passado muitos séculos. O mundo mudou, os tempos mudaram; precisamos de um novo Corão. Eu trouxe-o.

Omar ficou muito zangado. Ele disse aos seus soldados:

— Deem-lhe a paga. Amarrem-no despido a um pilar na prisão e batam-lhe durante sete dias. Não o deixem dormir, nem lhe deem comida. Após sete dias eu vou lá ver se ele mudou de ideias ou não.

O homem foi torturado durante sete dias continuamente: sem sono, sem comida, com sovas contínuas. Quando no sétimo dia Omar foi à prisão, o homem estava todo coberto de sangue, com o corpo ferido e a sangrar.

— O que pensas? — perguntou Omar. — Mudaste de ideias ou não?

O homem riu e disse:

— Quando eu vinha do paraíso, trazendo a nova mensagem para a humanidade, Deus disse-me que ia ser torturado. Todos os profetas foram torturados. Estes sete dias provaram por completo que eu sou o profeta. Deus tinha razão.

Omar não queria acreditar no que ouvia. Naquele momento, de repente, de outro pilar veio a voz de um homem que tinha sido ali trazido um mês antes. Ele tinha declarado: «Eu sou o próprio Deus!» E por isso fora torturado na prisão durante um mês. Omar esquecera-se completamente dele — ao interessar-se pelo profeta —, mas o homem gritou de repente: «Omar! Eu sou Deus! Tem cuidado! Depois de Maomé eu nunca enviei nenhum profeta ao mundo! Este homem está a mentir!»

O que fazer com esta gente? Eles são apenas loucos.

Nenhum psicanalista, se for fiel à sua análise e abordagem científica, pode dizer que Jesus era são. O homem autodenominava-se «filho de Deus». Ele precisava de hospitalização! Ele não precisava de ser crucificado; isso é completamente errado.

Ele não cometeu nenhum crime, apenas declarou a sua insanidade. E não ponham pessoas inocentes na cruz, tenham compaixão por elas, que apenas precisam de tratamento psiquiátrico. Mas infelizmente não havia psiquiatria nem psicologia naquele tempo. Estavam todos à espera que outro judeu, Sigmund Freud, a inventasse. Mas ele veio demasiado tarde, dois mil anos depois de o primeiro judeu, Jesus, ter sido crucificado.

É mesmo megalomania. Se Deus não existir, é muito possível que alguém com uma mente egoísta caminhe para o outro extremo. Primeiro estava a ajoelhar-se diante de Deus. Agora, sabendo que Deus não existe, ele vai para o

outro extremo. E declara: «Eu sou Deus.» De qualquer modo, Deus tem de estar lá.

Mas esta afirmação de Nietzsche é a experiência de alguém que só conhece a mente e nada para além dela. Ao avançar para além da mente, você já não é. Não há ninguém para declarar «eu sou o filho de Deus», ou «eu sou Deus». Não há ninguém para declarar «eu sou o salvador da humanidade», ou «eu sou um profeta», ou «eu sou a reencarnação de Deus». Todas estas pessoas não passam de loucos. Você tem venerado estas pessoas loucas que declaram ser Deus. Todos estes fundadores de religião precisam de tratamento psiquiátrico.

Ainda há pessoas... Quando Jawaharlal Nehru era primeiro-ministro da Índia, havia pelo menos uma dúzia de pessoas no país que acreditavam ser Jawaharlal Nehru. Eu conheci uma dessas pessoas, porque na altura vivia numa cidade próxima e costumava ir de vez em quando à sua cidade para ensinar na universidade. Eu conheci-o lá, quando ele foi a uma aula minha. O director da escola apresentou-mo, a rir:

- Aqui está Pandit Jawaharlal Nehru, o nosso primeiro-ministro.
- E o homem estava vestido exatamente como Jawaharlal Nehru.
- Ele é mesmo parecido com Pandit Jawaharlal Nehru — disse eu.
- Parecido?! — exclamou o homem. — Eu sou!

Mais tarde, o director contou-me que este homem estava sempre a mandar telegramas para as casas do governo, a informá-los de que o primeiro-ministro chegaria em tal data, para que eles lhe guardassem o melhor quarto: «Ele vai ficar dois dias. Informem todos os oficiais.» E conseguiu enganar as pessoas muitas vezes, porque em aldeias pequenas ninguém conhecia Jawaharlal Nehru em pessoa. Eles só o tinham visto em fotografias, e aquele homem estava vestido exatamente como ele. Tinha o mesmo penteado, o mesmo chapéu, o mesmo colete, as mesmas calças de estilo muçulmano — tudo estava perfeito. E, talvez por causa da sua mente, a sua cara também se estava a tornar semelhante à de Jawaharlal Nehru. Ele acreditava naquilo totalmente, não havia dúvidas sobre isso na sua mente. Ele comportava-se e andava da mesma forma que o primeiro-ministro. Acabou por morrer num acidente de automóvel.

Outro homem, que costumava pensar que era Jawaharlal Nehru, estava no maior manicómio da Índia, em Barelli. Depois de três anos lá, ele finalmente reconheceu que não era Nehru, talvez por causa da tortura ou do martelar contínuo na sua mente: «Tu não és ele.» Ele cansou-se, é o que eu acho; e o que aconteceu mais tarde comprova que a minha sensação está certa.

Jawaharlal Nehru ia a Barelli para uma festa, e ia também visitar o manicómio, para inaugurar uma nova ala que tinha sido construída para alojar

mais malucos. Então os empregados do manicómio pensaram que como agora o homem estava curado, seria bom dar-lhe a sua alta das mãos do próprio Jawaharlal.

Quando este veio, eles trouxeram o louco e fizeram as apresentações:

— Este é Pandit Jawaharlal Nehru, o nosso primeiro-ministro.

O homem olhou para Jawaharlal Nehru e disse:

— Não te preocupes. Vai demorar três anos, pelo menos. Eu costumava pensar o mesmo que tu pensas, mas estas pessoas são grandes torturadores. Por fim tive de aceitar que não sou, ainda que saiba que sou. Daqui a três anos também vais aceitar que não és Jawaharlal Nehru. Podes entrar. Eu vou Sair, tu entras! Não te preocupes, só demora três anos para ficares curado.

O homem estava a ser perfeitamente lógico. Ele costumava pensar que era Jawaharlal; depois estas pessoas tinham-no curado pela tortura. Mas, no fundo, ele continuava a saber quem era.

≈

Aconteceu em Inglaterra quando Churchill era primeiro-ministro... Por causa da Segunda Guerra Mundial, havia em Londres depois das seis horas um recolher obrigatório muito rigoroso. Ninguém devia ser visto fora de casa, caso contrário podia ser morto.

Churchill costumava fazer uma caminhada ao entardecer. E naquele dia estava um pôr-do-sol magnífico... muito raro em Inglaterra, onde o Sol só aparece de vez em quando. Ele estava sentado num banco de jardim a observar o bonito pôr-do-sol, e esqueceu-se completamente do recolher obrigatório. De repente, quando o astro-rei se pôs no horizonte, ele apercebeu-se de que era demasiado tarde. Já tinha passado a hora a partir da qual era obrigatório estar dentro de casa, que ainda ficava a pelo menos um quilómetro dali. E as ordens rigorosas, as suas ordens, eram de que toda a gente estivesse em casa depois das seis horas. Ele ia ser morto.

Olhou então em redor para ver onde poderia entrar — qualquer pessoa lhe daria abrigo sabendo que ele era Winston Churchill, o primeiro-ministro, o salvador. Assim, decidiu bater à porta da primeira casa, que calhou ser um manicómio. Um homem abriu a porta e Churchill disse:

— Desculpe incomodá-lo. Eu sou Winston Churchill, conhece-me com certeza, eu sou o primeiro-ministro de Inglaterra.

O homem agarrou nele. Churchill disse:

— O que está a fazer?

— Já temos aqui seis Winston Churchills — explicou ele. — Entre!

— Estou a dizer-lhe — disse ele —, eu sou realmente Winston Churchill.

— Isso é o que todos dizem — replicou o homem. — Vou pô-lo com os outros. Em breve saberão quem é o verdadeiro.

Não havia maneira de sair. Se sáísse, corria o perigo de ser alvejado, era melhor descansar naquele manicómio. Queriam juntá-lo a seis gordos, que fumavam o mesmo tipo de charuto que sempre vemos Churchill a fumar. Quando o sétimo Churchill entrou, todos lhe acenaram — fizeram o sinal de Vitória. «Bem-vindo, entra!»

Todos se pareciam com ele, todos gordos e inchados, a fumar charutos e a fazer-lhe o sinal de Vitória. Ele tentou arduamente convencê-los, a discussão durou toda a noite. Ele disse-lhes:

— Vocês são malucos. Eu sou o verdadeiro Winston Churchill...

Todos eles riram. Um até disse:

— Todos aqui somos verdadeiros. Não existem Churchills falsos.

Churchill esforçou-se bastante:

— Não me reconhecem?

— Não nos reconheces? — perguntaram eles. — Nós estamos muito contentes por te ter aqui. Éramos seis, tu és o sétimo. Mais virão! Mas são todos verdadeiros! Nenhum é falso.

Ele passou uma noite inteira de tortura com aqueles seis Churchills a fumarem continuamente e a falarem à maneira do primeiro-ministro sobre assuntos de guerra e planos para derrotar Hitler. Churchill estava calado: «O que fazer com estes idiotas?» Eles ralharam com ele:

— Por que estás sentado em silêncio? Se tu és o verdadeiro Churchill, vem daí e discute connosco os problemas do país. O país está em perigo e tu estás aí sentado em silêncio? O que te faz pensar que és o verdadeiro Churchill?

O primeiro-ministro disse mais tarde:

— De vez em quando, de noite, surgia-me uma dúvida... Estas pessoas tinham tanta certeza, quem sabe? Talvez eu fosse maluco... Eu tinha a certeza, eles também tinham a certeza. Na verdade, eles pareciam ter uma certeza mais absoluta que eu. Eu por vezes hesitava ligeiramente, talvez...

De manhã ele telefonou para o seu secretário:

— Envie pessoas para convencer este guarda.

Eles estavam muito preocupados, toda a noite ele tinha sido procurado por Londres inteira. «Onde tinha ele ido?» A Inglaterra estava dependente da metodologia de Churchill para derrotar Adolf Hitler. «Onde tinha ele ido? Seria alguma conspiração? Tê-lo-ia sequestrado Adolf Hitler?»

Por isso, quando ele telefonou, as pessoas vieram imediatamente e disseram ao guarda:

— Você é um idiota. Você torturou o nosso primeiro-ministro.

— Então entrem — disse o guarda — e poderão ver que há sete primeiros-ministros. Eu não estou em falta, porque todos eles dizem a mesma coisa. Este homem dizia o mesmo que os outros. É impossível decidir quem é verdadeiro.

Quando eles entraram, não podiam acreditar no que os seus olhos viam. E disseram:

— Tem razão, pedimos desculpa. Mas este homem é o Churchill verdadeiro. Nós vamos levá-lo daqui.

E eles eram altos oficiais do parlamento, por isso o guarda deixou.

Os outros seis reclamaram:

— O que está a acontecer? Aquele falso foi levado daqui. Nós somos os Churchills verdadeiros — não um, seis! — e ninguém repara...

O ego é louco. Se Deus não existe, o egoísmo pode pensar em si próprio como Deus. Mas isto só acontece se o indivíduo não estiver familiarizado com a meditação. A meditação limita-se a dissolvê-lo no cosmos. Você já não é, só a existência é.

≈

É tempo de rir...

Um jovem padre acaba de chegar ao mosteiro. Algumas semanas depois, ele sente-se tão perturbado por fantasias sexuais que vai falar com o padre superior, um homem com noventa e cinco anos.

— Ah, Padre — queixa-se o jovem —, eu ando muito preocupado com pensamentos impuros, e as tentações sexuais vão enchendo a minha mente — coisas como fazer de cãozinho e sessenta e nove, cuecas de cetim com imagens de Jesus! Quanto mais lhes tento resistir, mais elas entram na minha mente.

— Hmm — diz o velho padre, compondo as suas vestes. — Então o que queres saber?

— Bem — responde o jovem -, o senhor tem noventa e cinco anos e é uma das mais antigas relíquias da igreja, diga-me, com que idade é que conseguimos libertar-nos da luxúria da carne?

— Hmm - responde o mais velho, olhando para o jovem padre. — São precisos muitos anos de autoflagelação e oração para que a tua mente fique limpa de toda essa perversidade.

— É mesmo? — pergunta o jovem padre. — Quantos anos?

— Bem — responde o velho padre com um suspiro —, posso dizer-te que são mais de noventa e cinco!

≈

Newton entra num táxi de Nova Iorque para atravessar a cidade, e vê-se atirado de um lado para o outro, dentro do carro, enquanto o condutor faz corridas pelas ruas.

— Ei! Mais devagar — grita Newton, quando finalmente consegue agarrar-se a alguma coisa — ou vamos parar os dois ao hospital!

— Não precisa de se preocupar, senhor — responde o motorista. — Eu acabei de sair do hospital depois de lá ter estado dezoito meses, e não pretendo lá voltar!

— Ah! Desculpe — diz Newton, sentindo mais confiança. — Esteve no hospital dezoito meses — isso deve ter sido terrível! Ficou muito ferido?

— Não! Nem um arranhão — responde Dingle. — Era um hospital de malucos!

≈

A meditação:

Esteja em silêncio...

Feche os olhos e sinta o seu corpo completamente paralisado.

Este é o momento certo para se virar para dentro. Concentre toda a sua energia, a sua consciência total, e com uma certa urgência, como se este fosse o último momento da sua vida, corra para o centro mais profundo do seu ser.

Mais e mais depressa...

Mais e mais fundo...

Quando se aproxima do seu centro, um grande silêncio desce sobre si. Ele cai como chuva fraca.

Um pouco mais, mais perto, e uma experiência totalmente nova... Flores de paz, flores de serenidade, flores de tranquilidade absoluta crescem a toda a sua volta.

Só mais um passo e estará no centro do seu ser, totalmente embriagado com o divino, rodeado de uma aura de êxtase. Está a enfrentar a sua face original pela primeira vez. A face do buda é só um símbolo, ela é no fundo a face de toda a gente, a face máxima.

A única qualidade que o buda tem... todos os budas, passados, presentes, futuros, estão destinados a ter só uma qualidade — testemunho, consciência.

Testemunhe que não é o corpo. Testemunhe que não é a mente.

E testemunhe que é só uma testemunha.

Você é só um buda, totalmente inocente, para além da mente, um puro espaço, infinito e eterno.

Para tornar o seu testemunho mais profundo...

Descontraia... Deixe-se ir, da mesma forma que as flores caem das árvores, com coração solto, sem tensão, sem ansiedade. Instalado no centro, está em sintonia com a existência, o bater do seu coração é o bater do coração do universo inteiro.

Neste momento você é a pessoa mais abençoada da terra, porque não há outro esplendor na existência maior do que você neste momento.

Alegre-se neste momento magnífico.

Alegre-se nesta experiência autêntica e original.

Alegre-se por ser tão abençoado que está próximo da própria existência. E reúna todas estas experiências antes de regressar.

Traga-as do centro da circunferência da sua vida. Tem de viver uma vida de graça, beleza, alegria, felicidade, êxtase — em cada momento, dia e noite.

Esteja acordado ou a dormir, você é o buda e tudo o que pertence ao buda — o testemunho, o êxtase, a alegria, a felicidade, a total embriaguez. Quando alcançar o seu centro, terá alcançado o centro da existência.

Sinta que se afoga nos sumos da vida, e que deles se alimenta.

Recolha toda esta experiência e lembre-se de que tem de convencer o buda a ir consigo.

Estes são os três passos da meditação: primeiro o buda vem atrás de si como uma sombra. Mas a sombra é perfumada, a sombra tem uma enorme solidez, a sombra não é uma sombra mas uma presença — muito tangível, você pode tocá-la, você pode senti-la. Ela está quase atrás de si; o seu calor, a sua compaixão, a sua luz vão chover sobre si.

O segundo passo: você torna-se a sombra e o buda vai à sua frente. A sua sombra desvanece-se devagar, porque a sua personalidade não é mais do que uma ideia falsa, uma imaginação, uma ficção, uma mentira.

E quando a sua sombra desaparece, o seu ser torna-se um só com o buda.

Este é o terceiro e último passo.

No momento em que se torna em buda, terá regressado a casa. Esse dia será o dia mais feliz de toda a sua vida. Você viveu muitas vidas, de muitas formas, em muitos corpos, e errou e errou e errou. Desta vez, torne claro para si mesmo que não vai errar: tem de se tornar iluminado, tem de alcançar o mais alto pico e a mais profunda dimensão do seu ser.

Este é o verdadeiro motivo para chamar o seu segredo escondido, o seu esplendor escondido, à superfície.

Deus *está* morto, agora o Zen é a verdade viva.

Regresse... mas muito lentamente, muito tranquilamente, muito silenciosamente, como não houvesse aqui ninguém.

Sente-se em silêncio durante alguns segundos para recordar o caminho que seguiu, para recordar aquele grande espaço, aqueles bonitos momentos quando o seu coração estava em sintonia com o coração do universo, aqueles raros momentos em que toda a sua vida era eterna.

E sinta o buda, o seu calor, a sua compaixão, a sua presença. Ele está atrás de si.

Já não está longe o dia em que irá dar o segundo passo e depois o terceiro passo.

Você vai tornar-se buda por mérito próprio.

CAPÍTULO 3

DEUS É COMO O AMANHÃ

Certo dia, Seigen comentou com Sekito:

- Alguns dizem que uma inteligência vem do sul do Ling.
- Não existe tal inteligência — negou Sekito.
- Se não — perguntou Seigen —, onde estão todos os sutras do *tripitaka*?
- Todos eles saem daqui — respondeu Sekito — e não há nada a querer.

Quando Seigen morreu, Sekito foi para o Monte Nangaku. Tendo encontrado uma pedra grande e lisa, ele construiu uma cabana, e dali para a frente veio a ser conhecido como «Cabeça de Pedra», e mais tarde, quando se tornou mestre, como «Osho Cabeça de Pedra».

Ao ouvir que Sekito estava a viver numa rocha, o mestre Nangaku enviou um jovem monge até ele, dizendo:

- Vai para oriente e observa em pormenor o monge sentado na cabeça de pedra. Se ele for o monge que veio no outro dia, fala com ele. E se ele responder, recita-lhe a seguinte canção: «Tu estás sentado na pedra tão orgulhosamente, é melhor vires até mim.»

O monge foi ter com Sekito e recitou esta canção. Sekito respondeu:

- Ainda que tu chorasses lágrimas de tristeza, eu nunca cruzaria os montes.

O monge regressou e fez o seu relato a Nangaku. Nangaku disse:

- Este monge vai certamente fazer a boca do povo tremer por gerações.

Antes de discutirmos o sutra, algumas perguntas. A primeira:

A minha dor mais profunda é a de ser um forasteiro, não pertencer a esta vida, estar essencialmente errado, e de a morte estar apenas à espera para me reclamar sem piedade. Esse sentimento de pertença aqui, valorizando-me e sendo valorizado pela existência, e, portanto, deixando-me viver e celebrando, escapa-se-me totalmente. Estará este sentimento relacionado com a influência de uma religião orientada para Deus?

As religiões orientadas para Deus acabam sempre por gerar esse sentimento. É absolutamente necessário, porque elas apresentam mentiras como consolação. À medida que o homem ultrapassou os seus estados primitivos de consciência, ele foi ficando mais inteligente e hoje consegue ver o mito de

Deus. Ele viveu com a mentira como se fosse a verdade, e estava contente. Mas agora que é inteligente, ele consegue ver a falsidade de toda a mentira religiosa, e surge-lhe um grande problema.

Deus está morto. A consolação do homem foi destruída. Ele sente-se totalmente vazio, sem relação com a existência. Deus costumava ser a satisfação da sua vida, alguém que cuidava de si, alguém que perdoava, alguém que tinha compaixão. Sem Deus, de repente sente-se como um forasteiro para a existência. Mas este é um bom princípio, não o interprete mal.

Qualquer mentira que desaparece deixa um espaço vazio durante algum tempo. Pode usar este espaço vazio para ficar infeliz; a tristeza vai preenchê-lo. Pode mesmo transformar este espaço em angústia, ansiedade, sofrimento, dor. Mas isso é consigo. Também pode fazer deste espaço vazio um novo começo, uma nova porta. Deus está morto, e isso obriga-o a procurar a verdade por si próprio; ninguém lha pode dar. Este vazio deve tornar-se numa porta que vai para dentro.

Ao entrar no centro do seu ser, você deixa de ser um forasteiro. É, pela primeira vez, da casa! Deus mantinha-o fora da verdade, fora da existência. Deus mantinha-o apenas consolado, mas as consolações não ajudam nada. Você precisa duma transformação do ser, precisa de usar o seu vazio alegremente, porque ele abre uma porta ao espaço eterno. Ele abre uma porta para as suas verdadeiras raízes, que estão na existência. De repente vai sentir-se em casa com as árvores, com os pássaros, com os seres humanos, com as estrelas — com tudo à sua volta. O cosmos inteiro é a sua verdadeira casa.

Tudo depende, portanto, de como usa o seu vazio. Os chamados existencialistas ocidentais estão a usá-lo mal. Eles estão a enchê-lo de tristeza, ansiedade, tensão, medo, sofrimento e angústia.

Antes você estava cheio de mentiras, de ficções; pelo menos elas consolavam-no, pelo menos davam-lhe alguma esperança, alguma ligação com a existência. Mas o existencialismo usa o seu vazio de uma maneira ainda pior do que as religiões o têm usado.

As religiões usam-no para o explorar. Elas dão-lhe consolação, mas há um preço para tudo. Por isso elas exploraram-no, mas você sentiu-se muito feliz durante séculos, porque com Deus no céu, tudo estava bem — ele tomava conta de si.

Esta consolação era falsa; ela não o ia mudar, ela não ia fazer de si um buda, ela não o ia despertar, tornar iluminado. Ela não estava a favor do seu crescimento espiritual, mas pelo menos mantinha-o sem ansiedade, sem angústia, sem falta de sentido. Você sentia-se em casa, ainda que esse sentimento fosse um sonho. Agora que esse sonho foi destruído, de repente

sente-se sozinho. Deus não existe e você não conhece outra maneira de se relacionar com a existência. A sua velha programação falhou.

Você precisa de um novo discernimento. Precisa de meditação, em vez de oração; em vez de Deus, precisa da sua consciência. Um pilar de consciência vai preencher o seu ser, e isto não será só uma consolação. Isto será contentamento autêntico; vai relacioná-lo com a existência, não deixará que se sinta como um forasteiro.

Acha que eu me sinto como um forasteiro? Ninguém pode estar tão profundamente envolvido com a existência como eu. A existência transformou-se no meu verdadeiro ser, o meu coração dança com o pulsar do universo.

Deus estava a impedir que isto acontecesse, este tremendo fenômeno de transformação. Deus não era seu amigo; Deus era o seu maior inimigo. E os padres exploraram-no.

Agora que a inteligência compreende que Deus não existe, tem de haver um pequeno intervalo que lhe permita escolher entre o existencialismo ocidental — que não é autêntico, é acidentalismo — e olhar para dentro de si como o têm feito os iluminados. Pare de olhar para o céu. Feche os olhos e olhe para o espaço Interior a partir de onde está ligado à existência. O vazio vai desaparecer imediatamente. Não só o vazio, você vai desaparecer. E depois só uma dança permanece, uma celebração do universo inteiro. E você é totalmente uno com ele, nem sequer é da casa. Então surge uma grande unidade. Irá ver-se de repente em várias manifestações: nas árvores, nas flores, nas nuvens, nas estrelas, em todo o lado. Quando você desaparece, torna-se na existência inteira, a florescer, a voar; toda a verdura, todas as montanhas, toda a neve, todos os rios, todos os oceanos — está espalhado por toda a parte. E este estado é o estado dum buda. Esta é a verdadeira libertação.

Então sente-se como um forasteiro — isso é bom! Este é o período de transição; agora tem de estar alerta para não se encher de dor e tristeza. Agora que Deus já não está lá, quem o vai consolar? Você não precisa de consolação. A humanidade atingiu a maturidade. Seja um homem, seja uma mulher, e supere o problema sem precisar de ajuda.

Durante milénios você foi enfraquecido por causa de Deus, por causa dos padres. Eles nunca quiseram vê-lo saudável e inteiro. A profissão deles estava dependente da sua infelicidade e dor. Eram eles que davam cobertura à sua infelicidade e dor, ao mesmo tempo que lhe davam esperança, mas esperança é uma palavra vã. Karl Marx tem razão quando diz que a religião é a esperança dos desesperados. Mas a esperança era só como uma cenoura pendurada à sua frente. Você nunca a alcança, mas está tão próximo que parece que a vai alcançar — se não for hoje é amanhã, se não for amanhã é no dia seguinte. A cenoura está sempre pendurada à sua frente.



Uma história sufi conta:

Um homem tinha comprado uma vaca, mas não estava acostumado a lidar com vacas. Então tentou arrastá-la puxando-a pelos cornos, mas a vaca era muito resistente — obviamente, ele era novo. Ela queria ir para casa, queria ir para o seu anterior dono.

Um místico sufi estava a observar. Ele disse ao homem:

— Parece que és muito novo; tu não sabes lidar com vacas. Essa não é a maneira certa.

— O que devo fazer? — perguntou o homem. — É que eu não sou muito forte. A vaca é mais forte; ela está a arrastar-me com ela.

O místico deu-lhe uma bela erva verde e disse-lhe:

— Larga os cornos da vaca. Toma esta erva e abana-a à frente dela. Deixa a erva muito próxima, mas não a deixes comê-la.

Enquanto ela avança na direção da erva, tu continuas a avançar na direção da tua casa.

E funcionou. A vaca veio atrás porque a erva estava muito próxima, e era tão verde e tão fresca. Ela esqueceu por completo o dono; o problema imediato era como chegar àquela erva. Ali tão perto, pendurada em frente dos seus olhos! Mas o homem continuou a avançar devagar, para que a distância entre a vaca e a erva fosse sempre a mesma. Ela entrou no celeiro que pertencia ao novo dono, e ele fechou a porta.



As religiões foram sempre pendurando cenouras à sua frente. Essas esperanças nunca são preenchidas, elas não têm esperança. Essas promessas são vazias.

Quando as suas esperanças e as suas expectativas e os seus conceitos de Deus e a sua relação com o mundo são destruídos, naturalmente que tem de haver um pequeno intervalo antes de conseguir escolher o caminho certo. E o caminho certo não é o existencialismo do Ocidente. O caminho certo é a meditação que o Oriente tem usado há séculos, e que progrediu para uma ciência. O caminho é para dentro.

Deus estava a impedi-lo porque ele era exterior. A sua oração dirigia-se a Deus que não estava lá. Você está aqui, não é necessária nenhuma prova disso.

Então por que não explorar este estar aqui, este estar presente, esta consciência de que você *está*. Por que não explorar isso?

Aqueles que o exploraram nunca regressaram a dizer que eram forasteiros. Eles também não disseram que eram da casa, porque mesmo alguém da casa está separado. Eles saíram e declararam: «*Aham brahmasmi!*» — eu sou o todo, «*Ana' l haq!*» — eu sou a verdade, eu sou a própria existência. Não existe forasteiro nem alguém da casa. Estas são as duas faces da mesma moeda. Quando a moeda cai, de repente vê que está unido à dança cósmica, um ritmo tremendo em que você desaparece como uma personalidade separada, e se torna um só com o todo.

Cada onda no oceano pensa por um momento que é um forasteiro, que não pertence ao oceano. Mas no momento seguinte ela desvanece-se no oceano. Você vai desaparecer da mesma forma no oceano da consciência, pois é só uma onda. Não importa que exista há setenta anos. Talvez tenha congelado e só precise de derreter. Derreta, derreta, derreta como gelo a derreter e torne-se um só com o oceano que o rodeia. Você está a viver no verdadeiro Oceano.

≈

Havia um peixe novo e muito revolucionário. Ele começou a perguntar a todos os outros peixes:

— Onde é o oceano? Tenho ouvido tanta coisa sobre ele.

Nenhum peixe sabia responder. Eles diziam:

— Tens de encontrar algum peixe sábio, talvez algum peixe iluminado, mas nós não sabemos onde é o oceano. Nós também ouvimos falar dele, e acreditamos que tenha de estar nalgum lado se toda a gente o diz. Há séculos que os nossos antepassados dizem que o oceano existe. Por isso acreditamos nele.

Então um velho peixe místico abordou o peixe jovem e disse:

— Seu idiota! Tu estás no oceano. Tu és o oceano! Tu nasceste no oceano, vais desaparecer no oceano e vais viver no oceano. Tu és apenas uma onda muito mais sólida, mas vais desaparecer no oceano.

≈

Este é o oceano em que você está a viver. À sua volta existe, tal como o ar, a consciência cósmica; apesar de não a conseguir ver, ela está continuamente a alimentá-lo. A sua consciência é alimentada pela consciência cósmica, tal como o seu coração bate por causa da respiração. O ar que você não pode ver está continuamente a dar-lhe oxigénio, a manter o seu corpo vivo.

Mas você não é só corpo. Atrás do corpo está o seu esplendor escondido, a sua consciência. Ela também precisa continuamente de alimento. E tudo à sua volta é como o ar...

Quando estiver vazio, espere só um pouco; não tome nenhuma decisão. E de repente vai sentir um novo fluxo de energia a vir ter consigo, a partir de dentro, a partir de fora. Vai sentir-se de repente rodeado por consciência e estará a derreter nela. E então chega a realização: «Eu era um ignorante sobre mim próprio e a existência em que vivo, que me deu a vida e que vai ser a minha última casa. É nesta casa que eu tenho de me dissipar.»

Mas terá sempre de passar por um pequeno período de muita instabilidade.

Há dias eu falava de Gurdjieff e do seu método de trabalho em relação ao sistema de energia. Ele dividia a energia numa primeira camada, que é muito pequena, suficiente para as coisas do dia-a-dia... a segunda camada é maior. Se a primeira camada acabar e você continuar, a segunda camada vai subitamente começar a funcionar. E se continuar a gastar a segunda camada — o que é muito difícil, leva meses, por vezes anos... —, então a terceira camada, que é cósmica e inesgotável, começa a funcionar. O método de Gurdjieff é muito antigo, muito primitivo. Mas a energia do cosmos está à sua volta. Tudo o que é necessário é um certo vazio em si.

Portanto o vazio é bom; não o encha com crenças, não o encha de novo com outro tipo de deus, outra filosofia, um existencialismo. Não o encha. Deixe-o limpo e fresco, e vá mais fundo. Em breve vai encontrar dos dois lados, de fora e de dentro, um tremendo fluxo de energia, um tremendo fluxo de consciência. Então você desaparece quase inundado pelo cosmos; você é tão pequeno e o cosmos é tão vasto. E de repente desaparece nele; esse desaparecimento é a experiência derradeira da iluminação. Então percebe que não é forasteiro nem da casa; você é um só com a existência.

Sem ser a unidade com a existência, nada mais o vai ajudar. Mas essa unidade é tão fácil, tão óbvia. Basta um pouco de relaxamento, basta um pouco de entrega — sem grande esforço, sem muita disciplina, sem se torturar muito.

É bom que se esteja a sentir como um forasteiro, desligado do universo, porque Deus já não está a preencher o espaço. Isso é bom. Isso só significa que as ligações falsas foram retiradas.

≈

Certo dia aconteceu...

Mulla Nasruddin estava sentado no seu escritório à espera de clientes. Finalmente apareceu um homem, e Nasruddin nem sequer lhe deu a

oportunidade de dizer alguma coisa. Ele fez sinal com a mão a dizer-lhe para se sentar, pegou no telefone e começou a falar de milhões.

— Um milhão de dólares? Sim, está bem, eu aceito.

Nesse momento, o homem que tinha chegado disse:

— Espere um minuto. Eu venho da companhia dos telefones para ligar o telefone.

O telefone não estava ligado; a compra de um milhão de dólares era só espetáculo!

≈

Você sente-se desligado porque as suas ligações eram falsas. Na verdade, elas não eram ligações, e você estava a falar para Deus — ao telefone, linha direta! Eu fi-lo perceber que o seu telefone não estava ligado. Para quem está a falar? Todas as suas orações são feitas por um telefone que não está ligado.

A única forma de estar em ligação com a existência é ir para dentro, porque no centro você continua ligado. Não se esqueça de que teve de ser desligado fisicamente da sua mãe. Esse desligar foi absolutamente necessário para fazer de si um indivíduo por direito próprio. Mas você não está desligado do universo. A sua ligação com o universo é da consciência. Não a pode ver, por isso tem de ir muito ao fundo com grande consciência, estado vigilante, testemunho, e encontrará a ligação. O buda é a ligação!

A segunda pergunta:

O monoteísmo é um passo necessário na evolução humana ou é só uma invenção dos padres?

O monoteísmo é um instrumento dos padres muito mais perigoso que o politeísmo. Numa religião monoteísta não existe a possibilidade de um buda nascer. Não é parte da evolução; pelo contrário, está a impedir a evolução.

Todas as religiões nascidas fora da Índia — o judaísmo, o cristianismo, o islamismo — são monoteístas. Maomé define este aspeto na perfeição: um Deus, um profeta, um Corão sagrado. Este é um tipo de religião muito ditatorial, naturalmente perigoso por ser tão intolerante. O próprio Deus judeu diz: «Eu sou um Deus muito intolerante. Eu sou muito ciumento, e não te deixo venerar outro Deus.»

O monoteísmo é uma forma muito mais eficaz de explorar as pessoas. O hinduísmo é politeísta; qualquer deus que você consiga imaginar está lá. Quando o hinduísmo apareceu, havia trinta e três milhões de pessoas na Índia. O

hinduísmo tem exatamente trinta e três milhões de deuses. Isto parece ser extremamente democrático — toda a gente tem o seu próprio Deus! Em vez de venerar o Deus de outra pessoa, é muito melhor ter o seu próprio Deus privativo; assim não há conflito.

Nenhuma escritura hindu diz: «Um Deus, uma escritura, um profeta.» Todas as escrituras hindus dizem que há tantos deuses quantas pessoas. É por isso que o hinduísmo é muito ineficiente. Tem de ser: não é um exército; não tem um papa; não tem nenhum corpo central organizado, é um caos muito desorganizado. Então há toda a liberdade para toda a gente.

Se alguém se torna num Mahavira, o hinduísmo não tem objeções. Se alguém se torna num Buda, o hinduísmo não tem objeções. Ambos nasceram hindus, e ambos foram contra os hindus. Não há problema, porque não existe um corpo central que peça a um tribunal ou a um júri para julgar se Mahavira é autêntico, uma vez que ele não acredita em Deus. Ele só quer vê-lo desenvolver a sua consciência até ao último pico: toda a gente é um deus.

A interpretação de Mahavira dos trinta e três milhões de deuses era que havia trinta e três milhões de pessoas que um dia se tornariam santas, ao atingirem o pico mais alto. Ele disse que era uma probabilidade... ainda não há trinta e três milhões de deuses, mas trinta e três milhões de potenciais deuses. Isso dá uma grande liberdade, e não é preciso nenhum padre. Basta utilizar uma linha direta para aceder ao seu Deus privativo.

Mas o cristianismo, uma religião monoteísta, não vai permitir nenhum Buda; por isso permaneceu pobre em consciência. A sua religião parece muito primitiva e baseia-se em ficções. As religiões monoteístas não contribuem para o mundo com nada exceto a guerra, porque o Deus muçulmano não pode tolerar o Deus judeu, nem pode tolerar o Deus cristão, nem pode tolerar os deuses hindus. Ele tem de matar todos esses deuses e os que acreditam nesses deuses. «Um único Deus»... Foi por isso que quando os muçulmanos vieram para a Índia destruíram milhões de templos magníficos que tinham sido erigidos através dos séculos por ótimos escultores. Eles destruíram milhões de estátuas, belas estátuas de Buda, Mahavira e outros *tirthankaras* jainas. O que sobrou é uma pequena amostra. Aqui e ali, alguns templos ficaram por estarem profundamente escondidos na floresta.

Em cada aldeia, quando os muçulmanos vieram, as pessoas atiraram os seus deuses, belas estátuas, para os poços — só para os proteger dos muçulmanos, que iam destruir as suas estátuas. Então em cada aldeia — acontece muito — vai ver que, no Verão, quando o nível da água baixa, de repente surge um buda que as pessoas retiram. Durante séculos ele ficou no poço, mas esteve protegido. As pessoas nem imaginavam, porque aqueles que tinham atirado as estátuas para os poços estavam mortos há séculos.

Os muçulmanos vieram há dois mil anos, e destruíram tudo. O seu Deus era intolerante, como poderiam eles ser tolerantes?

O monoteísmo é a forma religiosa mais feia do mundo, porque é intolerante. A intolerância gera violência. Os cristãos têm as cruzadas, os muçulmanos têm as *jihads* — guerras religiosas. A Índia nunca assistiu a uma guerra religiosa. Era escolha de cada um ter um Deus ou não ter um Deus; nem mesmo os ateus foram maltratados.

A filosofia dos *charvakas*, mais elevada, prosperou durante séculos. Os *charvakas* acreditam que Deus não existe, a alma não existe — o mesmo que Marx disse cinco mil anos mais tarde. Eles dizem que a alma é apenas um subproduto de cinco elementos que constituem o corpo. O fundador da religião *charvaka* foi Acharya Brihaspati — e é estranho que Acharya Brihaspati seja mencionado nos Vedas com grande respeito.

Isto é tolerância. É a sua escolha, você é livre de escolher o seu caminho; você é livre até mesmo de escolher uma religião sem Deus, até mesmo uma religião sem alma. Os *charvakas* eram os ateus perfeitos. A sua filosofia era: come, bebe e sê feliz, porque não existe inferno, nem céu, nem Deus. E não te preocupes porque não há dia do julgamento e não há ninguém para julgar. Santos e pecadores vão dissipar-se nos cinco elementos.

Na Índia vê-se gente a mascar *pan*. Brihaspati usou este símbolo. Se você mascar a folha de *pan*, os seus lábios não ficarão vermelhos; se mascar separadamente todas as coisas que são postas no *pan*, os seus lábios não ficarão vermelhos; mas se as misturar todas, os seus lábios ficam vermelhos. A vermelhidão dos seus lábios é um subproduto dos cinco elementos que constituem o *pan*. Não é uma entidade independente, é a combinação dos cinco elementos. Este era um exemplo simples usado pelos *charvakas*, e eles eram respeitados. Mesmo os Vedas se referem a Brihaspati como um grande mestre, um *acharya*.

Esta tolerância só é possível numa religião politeísta. Com tantos deuses, existe uma grande variedade de escolha e uma certa liberdade. Quando só há um deus, liberdade é coisa que não existe.

Quanto a mim, o monoteísmo é muito pior que o politeísmo. O politeísmo dos hindus permitiu os Budas, os *tirthankaras* jainas, os *charvakas*, sem qualquer problema. Ainda que eles fossem contra o hinduísmo, ninguém foi crucificado. Nem mesmo Brihaspati foi crucificado, sendo até mencionado com grande respeito nos Vedas. Ele tem a liberdade de pensar, de falar, de criar uma filosofia própria.

E o nome não era *charvak*, era *charuvak*. Há uma grande diferença. «*Charuvak*» quer dizer «palavras doces». A filosofia de Brihaspati era de palavras doces. Ele estava a afastar todo o medo — não existe Deus, nem céu,

nem inferno -, ele estava a afastar todo o tipo de temor. A morte é o final, o nascimento é o início, no meio está uma vida curta. Goze-a, e goze-a mesmo se tiver de pedir dinheiro emprestado. Não se preocupe, porque depois da morte ninguém lhe vai dizer: «Devolve-me o meu dinheiro.»

A frase dele é: *Rinam kritva ghritam pivet*. Mesmo que tenha de pedir dinheiro emprestado, não se preocupe: peça dinheiro, beba *ghee*, que é a parte mais refinada do leite. Quando a manteiga é refinada, transforma-se em *ghee*. Não se pode ir para além de *ghee*, é a coisa final. E também não se pode voltar para trás, nem para a frente nem para trás. O ponto final foi atingido.

Então, significativamente, ele está a dizer que a sua vida é o ponto final. Você não vai a lado nenhum, por isso desfrute. Não importa os meios que empregue; o que importa é a sua satisfação. A vida é tão curta, não a desperdice com medos desnecessários de que vai sofrer no inferno. Não a desperdice com a ganância desnecessária de que vai ser recompensado no céu. Não se rale com o certo e o errado. A única coisa certa é desfrutar! Até mesmo este homem foi respeitado. Mas devagar, muito devagar, a palavra *charuvak* transformou-se em *charvak* nas mentes das massas. *Charvak* quer dizer alguém que come continuamente, ruminando como um búfalo — porque este era realmente o seu ensinamento: come, bebe e sê feliz.

Nem Gautama Buda foi crucificado, apesar de ter declarado que todos os Vedas eram falsos. Ele declarou que o único papel do bramanismo, os padres dos hindus, era explorar as pessoas. Ele declarou que o sistema de castas hindu estava errado, que todos os homens nascem iguais. Mas ele não foi crucificado. Mesmo os filósofos hindus costumavam ir ouvi-lo. A verdade é que, no fundo, todos os seus discípulos eram hindus. De onde mais poderia ele ter arranjado milhares de discípulos? Grandes estudiosos hindus vieram debater com ele e tornaram-se seus discípulos, por acharem que eles só tinham palavras, enquanto este homem tinha experiência. Havia um desejo tão grande de encontrar a verdade que não importava de onde ela vinha.

As religiões monoteístas — cristianismo, judaísmo, islamismo — foram as religiões mais perigosas do mundo. Nem uma pessoa foi morta em nome do budismo em vinte e cinco séculos. O budismo nunca atacou ninguém, e espalhou-se por toda a Ásia, converteu a Ásia inteira com uma simples experiência.

Era difícil confrontar um Bodhidharma. Mesmo o imperador Wu da China não conseguiu ficar direito em frente a ele. E Bodhidharma disse-lhe:

— Tu és um idiota!

Ele chamou idiota ao imperador da China. E este perguntou a Bodhidharma:

— Eu pus toda a minha energia, todo o meu poder e todo o meu tesouro à disposição dos monges budistas. Milhares de monges estão aqui a traduzir as escrituras de Buda para chinês, e são todos meus convidados. Eu abri muitos mosteiros. Eu fiz muitos templos para Buda. Qual vai ser a minha recompensa?

Bastou a palavra «recompensa» para Bodhidharma lhe dizer:

— Tu és um idiota. Se fizeste tudo isto por uma recompensa, vais cair no mais fundo dos infernos.

O imperador ficou chocado. Mas Bodhidharma continuou:

— A própria ideia de recompensa não é nada senão ganância. Tu és mais ganancioso que as pessoas gananciosas comuns. Aqueles que acumulam dinheiro sabem perfeitamente que quando morrerem o seu extrato bancário não vai com eles, nem o seu dinheiro vai com eles. Mas tu és mesmo ganancioso — tão ganancioso que estás a tentar criar um extrato bancário no outro mundo, do qual nada sabes. Obviamente que és um idiota e eu não vou entrar no teu império. Eu vinha com essa ideia, mas quando o imperador é um idiota, isso é prova suficiente do tipo de gente que deve ter.

Ele recusou-se a entrar. E ficou fora da fronteira da China, num pequeno templo. E quando Bodhidharma estava a morrer, o imperador Wu disse à sua gente, ao seu primeiro-ministro:

— Escreve na minha sepultura que eu sou mesmo um idiota, pois não consegui compreender o grande buda que veio na forma de Bodhidharma. Ele tinha razão, eu vivi uma vida errante de ganância e medo.

A palavra de Buda espalhou-se por toda a Ásia, do Sri Lanka à Coreia. Não houve confronto, não houve luta. No máximo houve belas discussões, muito simpáticas, civilizadas, educadas.

A espada não pode provar que você está certo, nem a crucificação pode provar que Jesus estava errado. Eu ponho sempre tudo em questão... O judaísmo tinha grandes rabis e estudiosos. Eles não conseguiram convencer Jesus, um jovem de apenas trinta e três anos de idade? O problema foi que eles eram apenas estudiosos; não havia um único homem que conhecesse verdadeiramente a verdade. E este homem reclamava uma coisa contra a qual eles não podiam argumentar, porque não há maneira de argumentar contra ela.

Jesus dizia: «Eu sou o profeta que vocês têm esperado.» E eles tinham mesmo esperado; eles continuam à espera; eles vão esperar eternamente. É uma espera de Godot.

Na primeira vez que vi o livro *À Espera de Godot*, pensei:

«Este Godot parece ser uma paródia à palavra “Deus”.» Estava lá o meu mais antigo *sannyasin* alemão, Haridas, e perguntei-lhe:

— Godot é a palavra alemã para Deus?

— Não — respondeu ele. — A palavra alemã para Deus é *Gott*!

— Isso é ótimo! — disse eu. — Se já o teve¹, não é preciso esperar. Assim está bem. Quando já o tem, para que serve esperar?

Eu adoro a ideia. Deus está muito distante. *Gott* é muito apelativo. Pergunta-me se o monoteísmo é um passo necessário — não, de todo. É um passo completamente desnecessário, não só desnecessário mas perigoso. A única coisa que fez foi gerar violência, mortes; foram queimadas pessoas vivas em nome de um Deus monoteísta. Um Deus não vai permitir que você acredite noutra Deus.

O politeísmo é igualmente uma invenção dos padres, mas muito mais liberal. O monoteísmo é invenção dos padres, mas ditatorial. Ele dá-lhe mandamentos, como se você estivesse num exército e precisasse de ordens.

Buda não tem nenhuns mandamentos, nem Mahavira. Eles convencem-no; não lhe dão ordens. Eles não o humilham. Eles respeitam-no, eles sabem que o seu potencial escondido é semelhante ao deles.

Gautama Buda relaciona isto com a sua vida passada. Ele ouviu que um homem se tinha tornado iluminado. Ele não estava muito interessado, mas só por curiosidade... O homem tinha vindo à cidade onde ele morava. Ele era muito novo e não se interessava nada por iluminação ou espiritualidade, mas por curiosidade de descobrir o que era a iluminação, foi ver o homem.

Buda não desejava fazer-lhe uma vénia, mas quando viu o homem — tão luminoso, com uma tal graça, uma presença tão forte —, contra o que tinha pensado fazer, ele tocou-lhe nos pés. E teve consciência, quando lhe tocava nos pés: «O que estou a fazer? Eu vim só como espetador.»

Quando encaramos um homem que conhecemos, surge uma gratidão espontânea, não é um esforço. O esforço não é para aqui chamado. Buda não ia com a ideia de lhe tocar nos pés; ele só tinha ido como espetador. Mas ver este homem foi o suficiente. Ele esqueceu-se de si mesmo. A presença deste homem era tão irresistível. Tanta beleza! Os seus olhos eram profundos como um lago, tão limpos, tão claros. Ele apaixonou-se por aquele homem de imediato, quando tocou os seus pés. Quando tocava os seus pés, ele pensou: «O que estou a fazer? Aconteceu por si só.»

Mas um milagre maior esperava-o. Quando se levantou, o homem que se tinha tornado iluminado fez uma vénia e tocou nos pés do jovem Buda, que disse:

— O que estás a fazer? Tu és um grande iluminado. É totalmente adequado eu tocar-te nos pés, ainda que não tivesse vindo com esse desejo — foi espontâneo, tu tocaste o meu coração —, mas por que estás a tocar nos meus pés? Eu não sou ninguém. Eu nem sequer sei o ABC da iluminação.

O homem respondeu:

— Tu não conheces esta vida. Houve um tempo em que eu era também como tu. Eu não tinha ideia de quem era. Agora sei, eu cheguei ao meu desabrochar. E sei que tu chegarás ao teu desabrochar. Não te esqueças! Eu toquei nos teus pés para que, quando te tornares num buda, não te esqueças de que toda a gente é um buda. Alguns floresceram, outros estão à espera da época certa. E a primavera de cada um chega no seu tempo devido.

Buda lembrava aos seus discípulos muitas vezes:

— Nunca pensem um só momento que são inferiores a mim. Nós somos todos iguais. A única diferença é — uma diferença muito pequena, que não significa muito — que vocês estão adormecidos, eu estou desperto. Mas eu já estive adormecido, e vocês irão acordar, por isso qual é a diferença?

A diferença é só de tempo. De manhã eu acordo, ao fim do dia vocês acordam — apenas doze horas de diferença. Isso não cria nenhuma superioridade ou inferioridade. Toda a gente tem de caminhar ao seu ritmo. Algumas pessoas correm, algumas pessoas são corredores muito rápidos. Outras pessoas vão devagar, outras ainda fazem muitas paragens no caminho para descansar um pouco e tomar chá, talvez uma sesta à tarde. Mas toda a gente está a caminho. Uns estão um pouco atrás, outros estão um pouco à frente, mas isso não deve dar origem a um problema de inferioridade ou superioridade.

O budismo não tem padres. O jainismo não tem padres, porque eles não têm Deus. Se uma religião não tem Deus, não pode ter padres. Os padres são os representantes do Deus fictício; eles são os agentes entre si e Deus. E é claro que gostam mais do monoteísmo que do politeísmo.

Os padres hindus também tentaram fazer do hinduísmo uma religião monoteísta, mas falharam. Há oito *shankaracharyas*. O original, *Adi Shankaracharya*, nomeou outros quatro *shankaracharyas*. Ele foi a primeira pessoa a esforçar-se por organizar o hinduísmo. Antes dele não havia nenhum líder; havia completa liberdade. Ele nomeou quatro *shankaracharyas*, um para cada uma das quatro direções, de modo que cada um governasse sobre uma direção. Mas após a sua morte, mais quatro *shankaracharyas* apareceram —

porque há oito direções, e não quatro. Então estas quatro pessoas apareceram por si próprias, e agora há oito *shankaracharyas*.

Eu dizia a um *shankaracharya*:

— Deviam ter mais dois.

— O quê? — perguntou ele.

— Há dez direções — expliquei eu. — Vocês já têm oito, precisam de uma para cima e uma para baixo.

— Isso é uma grande ideia — respondeu. — Então podemos ter mais dois.

Mas estes *shankaracharyas* não têm uma entidade central — e não podem ter, porque uns são adoradores de Shiva, outros são adoradores de Vishnu, outros são adoradores de Krishna, outros são adoradores de Brahma. E há centenas de deuses mais pequenos que as pessoas veneram. As pessoas veneram árvores, as pessoas veneram pedras. Ponha a cor vermelha em qualquer pedra e espere ao lado. Em breve virá um hindu prostrar-se aí.

Na primeira vez que o governo inglês construiu estradas e marcos de distância, pintaram estes marcos de vermelho porque o vermelho pode ser visto de muito longe. Não há outra cor tão nítida e que possa ver vista à distância. Então eles pintaram as pedras de vermelho, e depois ficaram muito preocupados. Os aldeões hindus vieram, puseram flores e cocos em volta das pedras e veneraram-nas.

Os ingleses disseram-lhes:

— Isso são marcos de distância.

Mas os aldeões retorquiram:

— Não importa. Qualquer pedra vermelha representa Deus.

Você verá árvores a serem veneradas, pedras a serem veneradas. Há uma completa liberdade de culto. É muito melhor que o monoteísmo, mas eu não o apoio. Pode ser melhor que o monoteísmo, mas também é um veneno, apenas um pouco diluído. Vai matá-lo lentamente, mas vai certamente matá-lo. Todas as religiões destroem a evolução da sua consciência. O monoteísmo é mais perigoso, mas a religião como tal é perigosa.

Se puder evitar a religião, pode tornar-se religioso. Se puder evitar a religião, pode ter contato direto com a existência e o cosmos.

A terceira pergunta:

Será que é difícil as pessoas deixarem Deus porque Ele é a sua única esperança e n'Ele centram todas as suas expectativas? Parece ser muito difícil largar uma expectativa, mesmo quando uma pessoa a vê como tal e imagina que muito provavelmente irá acabar em desilusão.

É verdade. É muito difícil largar uma expectativa, largar uma esperança, porque não existe nada verdadeiro na sua vida. Você vive apenas na esperança de que o amanhã será melhor. Vive apenas na esperança de que após a morte vai gozar eternamente os prazeres do paraíso. Portanto é difícil largar o conceito de Deus.

Mas é Deus que está a afastá-lo de todas as alegrias, de toda a felicidade e êxtase agora mesmo. Você está a perder o presente na esperança do futuro, e o futuro não é certo. O amanhã nunca chega. Já viu o amanhã a vir? Deus é como o amanhã, sempre a andar por aí. Parece que está a vir, que está a vir, mas o que vem é o hoje. O amanhã nunca chega. Todas essas esperanças nunca se tornam realidade. Todas essas expectativas tornam-se por fim frustrações.

Por que há mais pessoas ricas frustradas do que pobres frustrados? Vá para o interior da Índia, onde existe a verdadeira pobreza, e não irá encontrar desiludidos. Eles têm esperança em Deus. Eles acham que a sua pobreza é uma prova de fogo, e que só os pobres entrarão no reino de Deus. É por isso que o cristianismo atrai tanto as pessoas pobres do mundo. Dá uma grande consolação. Dá-lhe uma expectativa que o ajuda a tolerar a infelicidade presente, a dor, a pobreza e a escravidão. Os seus olhos estão centrados no futuro e o presente infeliz continua a passar. Porque os seus olhos já não estão centrados no presente, a consolação ajuda a mantê-lo vivo — mas apenas «vivo», tal como os vegetais. O amanhã mantém-no a vegetar.

Uma vida que não possa dançar não é vida. É viver no nível mínimo de sobrevivência. Uma vida que não possa cantar a canção do amor e da alegria não é vida. Então as suas expectativas e as suas esperanças podem tornar difícil largar Deus, mas precisa de reunir a coragem e o entendimento de que as suas esperanças e expectativas estão a destruir toda a sua vida. Deus é apenas uma ficção. Ele não vai preencher nada. Deus não está em parte alguma. Você é, Deus não é. A existência é, Deus não é.

Por isso olhe para o ser das coisas, olhe para este momento aqui e agora, para si próprio. Essa é a porta mais próxima para o cosmos; ela abre-se no seu centro mais profundo. Todas as suas expectativas vão parecer tão pobres, e todas as suas esperanças vão parecer tão feias quando chegar a conhecer o seu tremendo esplendor, a sua divindade, quando se aperceber da sua liberdade e de que o cosmos inteiro está ligado a si, profundamente ligado a si, sendo você apenas uma grande aspiração do cosmos para alcançar o ponto mais alto da consciência.

Vincent Van Gogh costumava pintar árvores... Ninguém gostava dos seus quadros, que eram considerados estranhos, até mesmo absurdos. As suas árvores iam para lá das estrelas. Quando lhe perguntavam onde tinha visto aquelas árvores, ele dizia:

— Eu nunca vi estas árvores; só ouvi um murmúrio. Eu estava deitado na sombra de uma árvore e ouvi um murmúrio. A terra estava a dizer à árvore: «Tu és a minha ambição. Tu és a minha ambição para chegar às estrelas.» Desde aquele momento, comecei a pintar as minhas árvores mais altas que as estrelas.

Ele é um verdadeiro génio. Certamente que as árvores são ambições da terra. E qual é a consciência do homem? A ambição de toda a existência para chegar ao pico mais alto, para se tornar um Gautama Buda.

Toda a existência se alegra com a sua transformação num Gautama Buda. Nessa altura você terá correspondido à expectativa da existência. Não precisa de esperar nada, você mesmo é uma expectativa da existência. Realize-a — e pode realizá-la porque a existência lhe deu todas as oportunidades e todo o potencial para a realizar. Tudo está lá. Só precisa de pôr tudo no lugar certo, e de repente vai ver que a vida é uma mera dança de êxtase do nascimento até à morte, da morte até ao nascimento. Estes são pequenos episódios, o nascimento e a morte, no fluxo eterno da vida.

Mas até largar Deus, você vai continuar infeliz. E a infelicidade carece de apoio da esperança, da expectativa, dos amanhã. Mas isto não é viver. Acha que viver no amanhã pode ser chamado viver? A vida só conhece um momento, que é o presente. A vida só conhece um espaço, que é aqui. Aqui e agora: estas duas palavras são as palavras com maior significado na linguagem humana. Elas representam a realidade.

Friedrich Nietzsche afirma que a esperança da felicidade é o instrumento pelo qual o homem é manipulado, mais do que qualquer exemplo verdadeiro de felicidade. Lembra-se de algum momento de verdadeira felicidade no seu passado? Recue até à sua infância. Nessa altura, você pensava que seria feliz quando fosse mais velho. Todas as crianças querem crescer depressa.

≈

Eu costumava viver numa casa que era oito a dez casas a seguir aos correios. Em frente da minha casa situava-se o parque público, por isso era um lugar muito sossegado e silencioso. Eu costumava fazer uma caminhada pela manhã cedo, cerca das três horas. Um dia vi, perto dos correios, um menino com um bigode. Não dava para acreditar! Estava escuro, mas era uma noite de lua cheia, por isso eu conseguia ver o bigode. E ele estava a fumar um cigarro.

«Talvez seja anão», pensei eu. Ao ver-me, o rapaz escondeu-se atrás de uma árvore grande ao lado da estrada. E eu dei a volta à árvore.

— Não digas ao meu pai — pediu o rapaz.

— Eu não vou dizer a ninguém — disse eu. — Eu não conheço o teu pai. Quem és tu?

— O meu pai é o chefe dos correios daqui; isto é a estação dos correios.

— O que estás a fazer? — perguntei eu. - Tens um grande bigode.

Ele arrancou o bigode e explicou:

— Não é verdadeiro, mas o meu pai tem um bigode de verdade e eu gostava que me crescesse um depressa. Mas como fazê-lo crescer rapidamente? Eu até faço o bigode quando o meu pai está fora, mas não cresce nada. E ele faz a barba duas vezes por dia. Então arranjei este bigode numa loja que vende coisas para atores de teatro.

— Além disso estavas a fumar um cigarro — disse eu. Ele mantinha-o escondido.

— O meu pai está sempre a fumar — justificou-se ele —, e quando fuma ele parece mesmo um homem. Então eu pensei em experimentar.

≈

Naquele rapazito eu vi todas as crianças do mundo. Todas as crianças querem crescer depressa, porque o que é a infância? Receber ordens da mãe, do pai, receber ordens do professor, levar pancada dos pais, levar pancada do professor... Todos os rapazes querem, todas as raparigas querem apenas crescer o mais depressa possível. Basta recordar a sua própria infância.

É completamente falso dizer: «A minha infância foi o período mais bonito da minha vida.» Se a sua infância foi o período mais bonito da sua vida, e da sua infância surge a sua juventude, esta deveria ser ainda mais bonita. Da sua juventude surge a velhice, que deveria ser a perfeição. Mas não é o caso. Quando você se torna um jovem, começa a ficar desconfortável. Olhe para si! É jovem e onde está a sua felicidade? Talvez esteja escondida numa mulher, ou escondida num homem. Encontre uma alma gémea!

Hoje mesmo recebi a informação de que na Europa há um grande movimento de New Age para encontrar as almas gémeas das pessoas. No seu panfleto eles mencionam o meu nome, e eu não acho que a existência crie almas gémeas. Onde é que se vão encontrar uma à outra? As pessoas encontram-se no seu bairro, ou na sua universidade. Como vai a existência conseguir pô-lo a si e à sua alma gémea na mesma universidade? Esse panfleto censura-me por eu não estar a dizer a coisa certa: toda a gente tem uma alma gémea.

Isso é uma boa consolação; mas olhe só para aqueles que encontraram as suas almas gémeas... A Zareen está aqui connosco. Ela encontrou uma alma gémea, e desde que isso aconteceu, nunca a vi tão feliz como costumava estar. E eu conheço a sua alma gémea. Ele fica fechado no seu quarto, porque quer, coitado, algum tempo para si próprio. Mas a Zareen não o vai deixar sozinho — é preciso ter cuidado quando se encontra uma alma gémea —, ela continua a bater à porta dele. Ela salta varandas para chegar ao pobre coitado. Para não armar uma confusão — «Toda a gente vai saber» —, ele tem de abrir a porta. Então começa o encontro das almas gémeas. Ambos são infelizes desde que se conheceram.

Quando eu lhe perguntava por que é que a Zareen não parecia tão feliz como dantes, a minha secretária respondia:

— Ela encontrou uma alma gémea.

— Então devia estar mais feliz — disse eu. — Se a alma gémea não é a certa, tragam um grupo de homens e ponham-nos em fila diante da Zareen — «Escolhe a tua alma gémea!»

E é possível mudar todos os dias. Para quê aborrecer-se só com uma? Sempre o mesmo vestido, o mesmo vestido... Uma pessoa aborrece-se, isso é completamente natural. A única coisa que as almas gémeas conseguem fazer é gerar tédio, nada mais.

E aqui neste lugar onde a liberdade é o valor absoluto, o valor último, onde a mudança é aceite como o caminho da vida, por que nos havemos de aborrecer com uma alma gémea quando há tantas almas gémeas disponíveis? Vá mudando, e a vida será uma alegria. A Zareen estará de novo a rir e a sorrir. Por causa da sua alma gémea, ela tornou-se dura e autoritária no trabalho. Em quem se vingar por a alma gémea estar sempre a viajar para Bombaim? E eu sei por que é que ele vai a Bombaim — só para ter um pouco de liberdade.

Infelicidade desnecessária...

Na juventude, as pessoas começam a pensar: «Talvez na velhice a vida seja pacífica.» Na velhice a vida torna-se uma ansiedade constante. A morte está cada vez mais perto. Então a sua vida inteira foi desperdiçada, sempre a olhar para a frente.

≈

Recordo-me de um famoso astrólogo grego. Até mesmo reis de diferentes países da Europa o costumavam consultar acerca do seu destino. Uma noite ele caminhava, a olhar para as estrelas. Mas quando se olha para as estrelas não se olha para a estrada. Não dá para ter um olho a olhar para cima e outro olho

a olhar para baixo; eu não acho que seja possível. Ou vão ambos para cima ou vão ambos para baixo. Por isso ele caiu num poço, e depois gritou:

— Salvem-me!

Em seu socorro veio uma velhota, que vivia numa quinta ali perto. Ela era muito velha, mas conseguiu arranjar maneira de o puxar com uma corda. O astrólogo disse-lhe:

— Sabe quem eu sou? Eu sou o astrólogo real. Quase todos os reis e rainhas da Europa vêm ter comigo. Todas as pessoas ricas discutem comigo o seu destino, o seu futuro. Os meus honorários são muito altos, mas por me ter salvo pode vir ter comigo. Eu digo-lhe o seu futuro sem cobrar nada.

A velhota riu-se e disse:

— Você nem consegue ver que o poço está à sua frente. Devia ter vergonha de si mesmo! E aqueles que vão ter consigo devem ser tontos. Eu não irei. Se não consegue ver o poço à sua frente, o que pode ver sobre o meu futuro?

≈

O futuro é simplesmente a sua esperança e expectativa. E quando esta vida não o preenche, começa a olhar para a frente, para além da morte. Tudo isto são ficções só para lhe permitir sobreviver de alguma maneira. Mas não é suposto você ser só esta sobrevivência. A existência não lhe deu a vida só para viver com base em esperanças. Pode viver verdadeiramente em êxtase já neste momento, e não há outro momento.

A meditação existe, o Zen vive aqui e agora.

≈

Agora o sutra:

Certo dia, Seigen comentou com Sekito:

- Alguns dizem que uma inteligência vem do sul do Ling.
- Não existe tal inteligência — negou Sekito.

A inteligência surge dentro de si. Nunca vem de fora, de outra pessoa, de outro lugar, norte ou sul, este ou oeste. Ela não tem nada a ver com o exterior. É o seu desabrochar interior.

- Se não — perguntou Seigen —, onde estão todos os sutras do *tripitaka*?

«Se dizes que a inteligência não vem de fora, então a que é que os sutras de Gautama Buda chamaram *tripitaka*, os três tesouros? O que dizes sobre eles?»

— Todos eles saem daqui — respondeu Sekito.

Fixe esta palavra «aqui».

Ainda agora falávamos dela.

— Todos eles saem daqui — respondeu Sekito — e não há nada a querer.

Quando está *aqui*, não há nada por preencher em si. Tudo se torna tão preenchido, um contentamento tão profundo, que não precisa de mais nada. Você tornou real o seu potencial. As suas flores abriram as suas pétalas, a Primavera chegou.

Tudo vem daqui, tudo vem do agora. Nem Buda lhe pode dar isso, nem mais ninguém.

Quando Seigen morreu, Sekito foi para o Monte Nangaku. Tendo encontrado uma pedra grande e lisa, ele construiu uma cabana, e dali para a frente veio a ser conhecido como «Cabeça de Pedra», e mais tarde, quando se tornou um mestre, como «Osho Cabeça de Pedra».

Este Monte Nangaku é o lugar onde ele tinha ido ter com o Mestre Nangaku.

No Japão é tradição que sempre que um mestre vive numa montanha, o imperador dê o seu nome à montanha para que esta se transforme no seu memorial. Durante séculos e séculos as pessoas saberão que este Monte Nangaku foi um dia o templo e abrigo de um grande mestre, Nangaku.

Sekito tinha ido ter com Nangaku para entregar uma mensagem, uma carta de Seigen. Nessa ocasião ele deve ter reparado na beleza da montanha onde Nangaku vivia, no topo. Quando Seigen morreu, Sekito foi para o Monte Nangaku. Ele deve ter visto, na sua ida lá, que o lugar era tremendamente belo.

Nangaku não era a pessoa certa para ele, o que não quer dizer que o homem estivesse errado. Só quer dizer que eles não conseguiram sentir uma certa harmonia. Ele podia ser adequado para outra pessoa, mas não era adequado para Sekito. Ou talvez este não fosse a pessoa certa para Nangaku — é a mesma coisa, mas não é uma condenação do Mestre Nangaku. Só quer dizer que as duas pessoas não encontraram uma ponte. Mas Sekito deve ter reparado na montanha enquanto foi e veio; era um lugar bonito. Então ele encontrou um pequeno local, uma pedra lisa no Monte Nangaku, no cimo do qual estava o mosteiro. *Ele construiu uma cabana, e dali para a frente veio a ser conhecido como «Cabeça de Pedra»*, porque estava sempre sentado nesta pedra. E ele

costumava ter, como qualquer monge budista, a cabeça rapada. Por isso a sua cabeça parecia-se quase com a pedra em que ele estava sentado.

Ao ouvir que Sekito estava a viver numa rocha, o mestre Nangaku enviou um jovem monge até ele, dizendo:

— Vai para oriente e observa em pormenor o monge sentado na cabeça de pedra. Se ele for o monge que veio no outro dia, fala com ele. E se ele responder, recita-lhe a seguinte canção: «Tu estás sentado na pedra tão orgulhosamente, é melhor vires até mim.» O monge foi ter com Sekito e recitou esta canção. Sekito respondeu:

— Ainda que tu chorasses lágrimas de tristeza, eu nunca cruzaria os montes.

Sekito tinha a certeza absoluta de que não era Nangaku que deveria ser o seu mestre. Não havia um sentimento de sincronia, ele nem sequer lhe tinha entregue a carta de Seigen.

O monge regressou e fez o seu relato a Nangaku. Nangaku disse:

— Este monge vai certamente fazer a boca do povo tremer por gerações.

Nangaku tinha razão na sua previsão. Ele conhecera Sekito quando este o tinha ido ver, e lembra-se do que aconteceu? Quando Nangaku disse: «Tu não deves ser tão arrogante ao fazer a pergunta, deves ser mais moderado, deves ser mais humilde», Sekito respondeu-lhe: «Eu preferia arder no inferno toda a eternidade a mudar a minha pergunta.» E o motivo era que nenhuma pergunta pode ser humilde. Qualquer pergunta é no fundo uma dúvida, e qualquer pergunta é uma interferência no silêncio do mestre. É arrogante. E ele partiu imediatamente sem ter entregue a carta.

Nangaku tinha visto este homem, por isso quando enviou o mensageiro disse-lhe:

— Tem cuidado. Se este é o mesmo homem que veio no outro dia, recita este sutra. Diz-lhe para vir ter comigo em vez de ficar sentado naquela pedra, e conta-me a resposta dele.

E o que disse Sekito? Ele disse:

— Eu não vou sair deste lugar, nem que tu viesses com lágrimas nos olhos.

Nangaku deve ter percebido imediatamente que este era o mesmo homem que estava pronto para ir para o inferno eterno, mas não lhe ia fazer a pergunta de um modo diferente, daí este comentário:

— Este monge vai certamente fazer a boca do povo tremer por gerações.

E Sekito foi o mestre de centenas de pessoas que se tornaram iluminadas. Ele era um mestre muito duro, quase perigoso para os discípulos, mas toda a

sua dureza vinha de um coração que amava, de uma compaixão muito profunda. Ele queria que eles se tornassem iluminados, não os deixando fugir. De vez em quando um discípulo fugia e Sekito seguia-o por quilómetros e detinha-o: «Onde vais? Volta!» E o discípulo dizia: «Perdoa-me, estou cansado», porque ele batia nos discípulos, ele saltava sobre os discípulos. Uma vez atirou um discípulo pela janela de um edifício de dois andares e ainda saltou em cima dele. O discípulo teve fraturas múltiplas, e Sekito sentou-se no seu peito a dizer: «Percebeste?» E tanto percebeu que até se tornou iluminado. Quem se importa com fraturas múltiplas, o mais importante é a iluminação. Tem de acontecer a qualquer custo!

As pessoas nunca tinha conhecido um homem como Sekito, cuja compaixão era tão grande. Ele estava pronto a fazer qualquer coisa. Mesmo na sua velhice, ele batia com tanta força que ficava com a própria mão a doer. E os discípulos diziam:

— Estás a ficar velho, Mestre, não debes bater nas pessoas com tanta força, porque eles são novos e tu és velho. Estás a ficar cada dia mais frágil.

— Eu sei — respondia ele. — A minha mão dói-me a noite inteira, mas não consigo ver alguém às apalpadelas na escuridão. Se uma pancada o puder despertar, não importa se vou ficar com a mão a doer a noite inteira. Mais cedo ou mais tarde estas mãos vão desaparecer na terra, mas se estas mãos puderem ajudar alguém a despertar... Vocês pensam que eu estou a ficar velho; isso é verdade, mas no que me diz respeito, mesmo quando estiver morto, se eu vir alguém a tropeçar na escuridão vou saltar da sepultura e bater-lhe com a força toda.

Este homem era um mestre raro, aparentemente muito duro, mas lá no fundo tão meigo que estava pronto para saltar da sepultura. Eu sinto que, se ele tivesse feito isso — ele nunca o fez —, só o seu esqueleto bastaria para tornar a pessoa iluminada. Não havia necessidade de lhe bater. A pessoa teria gritado imediatamente: «Percebi! Podes voltar para a sepultura.»

≈

Issa escreveu:

Pérolas do orvalho!
Em cada uma delas
Eu vejo a minha casa.

Estes poetas Zen transcenderam toda a poesia do mundo, porque a poesia é sempre uma fabricação da mente; só os *haikus* vêm da não-mente.

Pérolas do orvalho!
Em cada uma delas

Eu vejo a minha casa.

E quando consegue ver em cada gota de orvalho a sua casa, como se pode sentir forasteiro ou da casa? Torna-se simplesmente uno com a existência.

A existência inteira é profundamente una no centro. Só na circunferência é que somos diferentes.

Desenhe um grande círculo. Na circunferência do círculo pode colocar pontos que são diferentes. Depois desenhe a partir de cada ponto uma linha em direção ao centro. Quando estas linhas se começam a aproximar do centro, vai ver que elas também se aproximam umas das outras. E no centro todas as linhas se encontram.

Por isso quando eu lhe digo para ir até ao seu centro, não estou simplesmente a mandá-lo para o seu centro, mas para o centro de toda a existência. Ali todos nos encontramos, ali só existe uma consciência oceânica.

A última pergunta:

O prefácio de Nietzsche no seu livro *O Anticristo* começa assim: «Este livro pertence a muito poucos. Talvez nenhum deles seja vivo ainda. Possivelmente eles são os leitores que compreendem o meu Zaratustra... Só o dia depois de amanhã me pertence. Alguns nascem postumamente.»

Para o compreender, continua Nietzsche, uma pessoa tem de ter «... ouvidos novos para uma música nova. Novos olhos para as coisas mais distantes». O Osho encontra em nós a capacidade para ter estes «novos ouvidos», estes «novos olhos»?

Toda a gente tem a capacidade, mas a capacidade tem de ser transformada em realidade. É apenas um potencial. E eu estou a trabalhar para lhe dar essa transformação em que os seus potenciais «ouvidos» se tornam realidade, em que os seus potenciais «olhos» se tornam realidade.

Talvez Nietzsche esteja a falar de si. Este é o dia depois do amanhã. A sua meditação vai tornar os seus ouvidos suficientemente sensíveis e os seus olhos suficientemente claros.

Se me consegue compreender, não é difícil compreender Friedrich Nietzsche, porque Nietzsche é só mente. Eu sou não-mente. Se me consegue compreender, então tem ouvidos e olhos muito melhores do que pensava Nietzsche. Ao meditar, toda a sua sensibilidade e recetividade se abrirá. Não lhe vai ser difícil compreender o filósofo alemão.

A meditação vai torná-lo capaz de compreender não apenas Nietzsche, mas os grandes budas que ainda estão para nascer. Será capaz de compreender todos os budas do passado, do presente, do futuro, porque a sua canção é única, a sua música é única. É a música que surge do silêncio profundo.

Este lugar é só um laboratório científico para criar um homem novo — nas palavras de Friedrich Nietzsche, o super-homem. Mas eu uso o termo «homem novo» porque «super-homem» implica um sentimento de superioridade. Fora isso a palavra é bonita, mas pode induzir em erro; por isso eu chamo-lhe o homem novo, ou o buda, porque o homem novo será completamente desperto. Se um homem totalmente desperto não consegue compreender Friedrich Nietzsche, quem mais o poderá compreender? Você está no caminho certo para compreender coisas ainda mais profundas e alturas maiores.

≈

Chegou um daqueles grandes momentos para rebolar a rir.

Quando o pequeno Ernie começa com travessuras, a sua mãe tenta discipliná-lo dizendo:

— Deus não ia gostar disso!

E quando o miúdo fica completamente descontrolado, ela diz:

— Deus vai ficar zangado!

Mas certa noite, à mesa de jantar, Ernie lança um olhar para o prato de ameixas que está à sua frente e diz:

— Blhac! Eu não vou comer estas coisas pretas com rugas!

— Ernie! — repreende a mãe. — Deus não ia gostar disso!

— Não me interessa — responde o rapazinho. — Eu *não* vou comer isto!

— *Ernest!* — ameaça a mãe. — Deus vai ficar zangado.

— Ah — grita Ernie. — *Que se lixe Deus!*

Posto isto, a mãe manda-o para o quarto.

Uns minutos mais tarde, uma tempestade violenta rebenta, abana o telhado e sacode as paredes. A mãe de Ernie sobe as escadas para lhe recordar o motivo da ira de Deus. Mas, para sua surpresa, encontra Ernie a espreitar pela janela para a tempestade horrível.

— Estás a ver, Ernie — exclama a mãe. — Isto é o que acontece quando fazes Deus zangar-se!

— Bem — responde o miúdo —, quanto a mim, é demasiado barulho por causa de um prato de ameixas!

≈

O capitão da polícia de Los Angeles recebe ordens do comissário para fazer uma rusga na «Casa dos Prazeres Carnais» de Madame Fifi, na baixa de Hollywood. Mas esta ordem causa algum embaraço ao capitão e aos seus homens, porque todos eles são clientes frequentes do local e amigos de Madame Fifi.

Então ele liga para o estabelecimento para as avisar, mas descobre que Madame Fifi e todas as raparigas saíram para um piquenique. Só a empregada da limpeza está lá para atender o telefone.

— Oiga — diz o capitão. — Passe esta mensagem à Madame Fifi: esta noite temos de fazer uma rusga de surpresa aí. Mas quando chegarmos, vamos fazer soar alto a buzina e guiar à volta do quarteirão. Faremos isto três vezes — e depois entramos depressa. Nessa altura, queremos toda a gente fora do lugar em segurança! Está a perceber?

— Sim, sim! — responde a senhora, e desliga o telefone. Mas quando acaba o trabalho ela vai para casa sem se lembrar de dar o recado.

Nessa noite tudo funciona como de costume, e a «Casa dos Prazeres Carnais» de Madame Fifi está completamente cheia.

À meia-noite em ponto, o capitão da polícia e os seus homens chegam nos seus carros de patrulha. Todos eles tocam as suas buzinas e cham à volta do quarteirão. Depois passam de novo, buzinando enquanto dão outra volta. A seguir dão uma terceira volta ao quarteirão a buzinar, cham ao parar fora da casa e entram pelo edifício.

Quando sobem as escadas a correr com o capitão no comando, eles encontram duas raparigas nuas a descer, carregando um colchão entre elas.

— O que raio estão a fazer? — grita o capitão. — Onde vão vocês?

— Não nos culpe a nós! — responde uma das raparigas. — Algum idiota lá fora está a buzinar por um serviço *take-away*!

≈

Agora a meditação:

Fique em silêncio.

Feche os olhos e sinta o seu corpo completamente paralisado.

Este é o momento certo para se virar para dentro, com toda a sua energia, com a sua consciência completa.

Corra para o centro, com urgência, como se fosse o seu último momento na terra. Sem essa urgência nunca ninguém conseguiu despertar.

Mais e mais depressa...

Mais e mais profundo... À medida que fica mais próximo do seu centro, um grande silêncio desce sobre si. A noite começa a cantar-lhe canções.

Um pouco mais, mais fundo, e vai encontrar flores de paz, serenidade, alegria, êxtase, felicidade, tudo a crescer à sua volta.

Só um passo mais e estará no centro mais profundo do seu ser. De repente você vê que já não existe, só a sua face original sem nenhuma máscara, sem nenhuma personalidade, está ali.

Esta é a face a que chamámos no Oriente a face do buda. Trata-se da face original de toda a gente, que não é monopólio de ninguém.

A única qualidade que o buda tem no centro do ser é o testemunho.

O testemunho é toda a espiritualidade comprimida numa palavra. Testemunhe que você não é o corpo, testemunhe que você não é a mente, e testemunhe que é só uma testemunha, só um espelho a refletir sem qualquer julgamento, sem qualquer apreciação, sem qualquer condenação — um mero espelho, é isso que o buda é.

O silêncio vai ficando mais profundo. O êxtase começa a transbordar. Você está bêbado do divino. Este centro é a ligação com a existência. A partir daqui a sua consciência está a ser alimentada continuamente.

Esta é a sua vida eterna, sem princípio, sem fim.

Para tornar o testemunho mais claro e mais profundo...

Descontraia, deixe-se ir por completo, mas lembre-se sempre de que é uma testemunha.

Esta testemunha é a verdade.

Esta testemunha é a beleza.

Esta testemunha é o bem.

Esta testemunha é o abrir de todos os mistérios da existência, o derradeiro segredo de todos os milagres.

Neste momento impecável de silêncio, você é a pessoa mais sortuda da terra. E pode ver o seu derreter, o seu gelo a derreter-se no oceano. Você está a desaparecer. Dez mil budas desapareceram numa consciência oceânica.

Recolha o máximo possível de experiência no centro, todas as flores do além, a paz eterna, a alegria extrema.

Tem de trazer todas essas qualidades para a sua vida comum do dia-a-dia. Quanto mais a sua vida do dia-a-dia se encher de graça, beleza, paz, silêncio, amor, compaixão, mais próximo o buda estará de si.

Então lembre-se de convencer o buda de que se está a preparar, só falta ele. Ele tem de vir segui-lo como uma sombra.

Estes são os três passos da iluminação: primeiro, o buda vem atrás de si com todo o seu calor e graça e beleza e felicidade e bênção, como uma sombra.

Rapidamente ele assume o controlo. Você torna-se a sombra no segundo passo.

E, no segundo passo, a sua sombra começa a desaparecer gradualmente, porque era apenas uma sombra e nada mais.

No terceiro passo você descobre que é o buda, e a pessoa que você costumava ser já não se encontra em parte nenhuma.

Esse dia será o dia mais feliz da sua vida — não apenas da sua vida, mas da vida de toda a existência. Toda a existência vai festejar: as árvores, as estrelas, a lua, os oceanos, a terra — tudo à sua volta ficará engalanado para lhe dar as boas-vindas, celebrando o Seu regresso a casa.

Depois de um longo passeio por diferentes corpos, por diferentes espécies, finalmente você regressou a casa.

Agora regresse, mas regresse com a mesma graça de um buda, com o mesmo silêncio.

Sente-se por uns momentos, recorde a si mesmo o caminho dourado que percorreu e o espaço fantástico onde esteve.

E sinta a radiação e a frescura de um buda atrás de si.

Ele está quase a tocar o seu corpo e o seu coração. Ele é tão maternal, ele é tão feminino, tão frágil — tal e qual uma flor de lótus.

Alegre-se por ser um dos poucos escolhidos de quem Friedrich Nietzsche fala. Em breve vai começar a ter uma nova sensibilidade nos seus ouvidos, e uma nova luz vai brilhar nos seus olhos, e uma nova dança estará no seu coração.

A Primavera vai chegar em breve, e você vai florescer num buda. Menos do que isso não é suficiente.

Você tem de ser um buda; só essa experiência da altura derradeira e da profundidade derradeira o conduzirá de regresso a casa.

A verdadeira fonte de onde você veio é também a meta para onde está a ir.

E eu estou muito feliz consigo. Está a ir tão bem, com tanta honestidade que qualquer mestre se orgulharia de si.

Deus está morto, e o Zen é a única verdade viva.

¹ Got, participio passado do verbo ter em inglês. (N. da T.)

CAPÍTULO 4

DEUS É UMA MENTIRA

Depois do comentário de Nangaku sobre Sekito, ele enviou uma vez mais o monge assistente até Sekito para lhe fazer uma pergunta.

Aí chegado, o monge perguntou:

— O que é a libertação?

— Quem te prendeu? — disse Sekito.

— O que é a terra pura? — perguntou o monge.

— Quem te sujou? — respondeu Sekito.

— O que é o nirvana? — perguntou o monge.

— Quem te deu o nascimento e a morte? — replicou Sekito.

O monge assistente voltou para Nangaku e relatou as respostas de Sekito.

Nangaku juntou as duas mãos e fez o gesto de tocar os seus pés.

Nessa altura, Kengo, Ran e Nangaku eram considerados os três mestres do país, e todos os três disseram:

— Da cabeça de pedra vem um rugido de leão até ao meu ouvido.

O monge voltou para junto de Sekito e pediu para lhe dizer caso houvesse alguma coisa que pudesse fazer por ele. Um pouco mais tarde, o mestre Nangaku foi com os seus monges ver Sekito. Este levantou-se para o receber e cumprimentaram-se os dois. Mais tarde, Nangaku mandou construir um templo para comodidade de Sekito.

Primeiro as perguntas.

Não é a mesma coisa dizer que a existência é inteligente e amorosa ou chamar-lhe Deus? Pode não ser o conceito cristão de Deus, mas existem outros conceitos panteístas que veem Deus em tudo.

Não é a mesma coisa. «Deus» dá uma sensação de personalidade, de limitação, enquanto que «existência» implica uma vastidão ilimitada e impessoal. Deus não pode ser equivalente à existência. Deus foi sempre visto por todas as religiões, monoteístas ou politeístas, como o criador da existência. E a existência não é um fenómeno criado; sempre existiu.

Primeiro, «Deus» dá-lhe a impressão de que existe um criador. Depois começam a surgir muitas mentiras, a partir do conceito de Deus. Então a oração torna-se possível, o culto torna-se possível e as estátuas de Deus tornam-se possíveis. Surgem assim os templos, as igrejas e as mesquitas. Depois as religiões organizadas tornam-se possíveis. Deus é o centro de todas as religiões organizadas.

Ao aceitar Deus como uma pessoa, está a limitar a inteligência, terá investido a inteligência numa pessoa. Eu espalho-a por toda a existência. Toda a existência é inteligente, bondosa, compassiva, amável — mas não é uma pessoa. Não tem limites de nenhum tipo; é ilimitada, infinita e eterna. Não tem princípio nem fim. Está a evoluir continuamente para picos mais altos; está continuamente a penetrar em profundidades cada vez maiores. Há céus para além dos céus; não existe um final para a existência, ela não tem limite.

Deus está condenado a ser limitado. Deus é uma ficção da mente humana, a existência não é. Você criou Deus com base numa imagem antiga. Ele está sentado num trono, um velho, claro — é difícil conceber Deus como um jovem ou uma criança — com uma barba comprida. A barba deve ser mais comprida que o próprio Deus. Desde toda a eternidade que Ele nunca entrou numa barbearia e não me parece que tenha navalhas. Todas as manhãs na casa de banho... Na verdade, não me parece que tenha sequer uma, não existe referência à Sua casa de banho em nenhuma escritura. Por isso tenham cuidado com Ele! Ele deve estar a usar o céu inteiro como casa de banho. Quando alguma coisa cair na sua cabeça, é caca sagrada. Conceber Deus como uma pessoa vai criar muitos problemas.

Não, a existência é um conceito totalmente diferente. Não é a sua ficção; está realmente lá. Quando você não estava lá, ela estava. Quando você já não estiver lá, ela estará. Nós chegamos e partimos; somos meras ondas neste vasto oceano da existência. Nós chegamos e partimos, a existência permanece — e descobrir aquilo que permanece é a verdade essencial. Não precisa de venerar a natureza, não precisa de rezar à natureza. Essas coisas só estão associadas à ficção de Deus.

A existência não julga comportamentos. Eu quero enfatizar este facto o mais categoricamente possível. Deus julga os comportamentos. O Deus cristão declarou exatamente que haverá um Dia do Julgamento, em que ele vai escolher aqueles que estão do seu lado, os seguidores de Jesus Cristo, o seu filho. E aqueles que não estiverem do seu lado são contra ele. Eles serão atirados para o fogo do inferno por toda a eternidade. É por causa de Deus que surge todo o tipo de moralidades: isto é bom, isto é mau. Qual é o critério? A escritura. E as escrituras foram escritas por gente primitiva, inculta; elas não são do nosso século.

A existência não escreve escrituras nenhuma nem nos dá mandamentos. A existência não lhe diz o que fazer e o que não fazer. A existência não julga os comportamentos. Ela é tão compassiva com o pecador como com o santo, não faz diferença, porque aos olhos da existência tudo o que é natural é belo. Aqueles que vão contra a natureza, as religiões chamam santos. A natureza sente-se triste por eles. A existência sente que eles se extraviaram, e ao extraviarem-se vão sofrer. Não é que a existência lhes esteja a dar sofrimento e inferno, castigo e recompensa, não. A existência limita-se a estar lá. Se estiver em sintonia com ela, será imensamente recompensado. Ninguém o vai recompensar, a verdadeira sintonia com a existência por si só é uma paz tão grande, uma alegria tão grande, uma bênção tão grande, que já serve de recompensa. Não há outra recompensa para além disto; e aqueles que não estão em sintonia com a natureza e a existência são assim castigados.

Repare nos seus santos: eles não podem sorrir, eles não podem rir, eles não podem desfrutar de nada. Eles são os seres humanos mais feios que caíram da humanidade para um tipo de escuridão que não tem fim. Eles são autoflageladores, masoquistas, e estão já a sofrer. O seu sofrimento não é causado por outra pessoa, é causado por eles próprios.

Este é o critério: se você está a sofrer, isso quer dizer que não está em sintonia com a natureza. Se está infeliz, isso significa que não está em sintonia com a natureza. No momento em que sente que está infeliz, a sofrer, em agonia, tente imediatamente tornar a distância mais pequena, aproximar-se da existência e de repente far-se-á luz e haverá alegria, haverá música e haverá festa.

Estar em sintonia com a existência é a própria recompensa; não estar em sintonia é o próprio castigo. Por isso a minha abordagem é muito clara e transparente. Se você criar um Deus, então Ele terá de o julgar. E o seu julgamento vai estar desatualizado; vai ficar sempre para trás da consciência humana. E se seguir aquelas escrituras que são criações do padre, não de Deus...

Há provas intrínsecas disto. Os hindus dizem que os Vedas foram escritos pelo próprio Deus, e eu não posso conceber a estupidez. Ninguém em milhares de anos se opôs à ideia. Há provas intrínsecas nos próprios Vedas de que foram criados pelos padres. Não é preciso qualquer prova exterior.

Eu vou dizer-lhe quais as provas que são intrínsecas. Noventa e oito por cento das orações nos Vedas provêm dos padres. Deus não vai dizer uma oração. Não há outro Deus; a quem vai ele rezar? Repare bem. Deus não pode ser um adorador; Deus não pode estar em oração; Deus não pode pedir nada a ninguém porque não existe ninguém para além d'Ele. Os Vedas são apenas orações, e o conteúdo das orações é tão idiota que é um milagre ninguém levantar problemas. Um dos chamados profetas hindus reza, obviamente que a Deus,

para que este ano «Deixe as suas nuvens chover sobre os meus campos e não nos campos dos meus inimigos». Acham que este escrito pode vir de Deus?

Outro pede a Deus: «Deixa as minhas vacas terem cada vez mais leite e faz com que as vacas dos meus inimigos deixem de dar leite.» Deus ia escrever este tipo de coisas? Isto é a prova intrínseca de que estes são escritos de veneradores vulgares, brâmanes, padres, que proclamam há milhares de anos que os Vedas foram escritos por Deus. Todas as religiões tentam provar que a sua escritura sagrada é escrita por Deus. Se não escrita, pelo menos enviada por um mensageiro; mas a palavra vem de Deus.

Se aceitar a ficção de Deus, terá de aceitar estas escrituras sagradas e terá de aceitar o seu julgamento. E o seu julgamento é completamente contra a natureza, porque estas escrituras prescrevem que você viva uma vida anormal, estúpida e louca: não comas de acordo com as necessidades do teu corpo, jejuar. Não vivas no mundo, renuncia, vai para os Himalaias, vive em cavernas. O homem saiu das cavernas com muita dificuldade. Milhares de anos de luta tiraram o homem das cavernas, e estas pretensas escrituras sagradas estão a mandá-lo regressar: «Vai para as cavernas!»

Há uma certa explicação psicológica para isso. Se você estiver a jejuar, torna-se mais imaginativo. Obviamente que tem de imaginar a comida; essa é a primeira coisa que imagina. Toda a noite vai imaginar que é convidado pelo próprio rei e que desfruta de uma grande festa. Tem de acontecer. Se você estiver sexualmente faminto, vai ter sonhos sexuais. Se estiver fisicamente faminto, terá sonhos sobre comida. Se tiver sede, vai sonhar com água.

Os seus sonhos mostram-lhe as suas necessidades, aquilo que se está a negar a si mesmo. Os sonhos são indicações que a sua verdadeira natureza lhe dá de que está a ir desnecessariamente contra a natureza, o que lhe causará sofrimento. Mas todas as religiões prescrevem o jejum como uma das virtudes, uma das grandes virtudes. O motivo é que o jejum ajuda à alucinação, é um facto científico. Se jejuar continuamente durante três semanas e estiver sozinho numa caverna nos Himalaias, vai começar a alucinar. No final da segunda semana vai começar a falar sozinho. No final da terceira semana vai começar a falar com Deus. E conduzirá o diálogo dos dois lados. Você próprio vai fazer a pergunta e vai dar-lhe uma resposta, sentindo que a resposta veio de Deus. No final da quarta semana vai ser capaz de ver o seu Deus, Jesus Cristo ou Krishna ou Buda, aquele em quem tiver acreditado. Na quarta semana terá perdido todo o controlo da inteligência, terá perdido todo o controlo sobre a realidade. Deixará de conseguir fazer qualquer distinção entre o que é real e o que é sonho; terá regressado ao estado de uma criança pequena.

Ao início, a criança pequena não consegue fazer a distinção entre o que é sonho e o que é real. No sonho ela está a brincar com um brinquedo, e quando acorda de manhã e o brinquedo não está lá, ela começa a chorar: «Onde está o

meu brinquedo?» Ela não consegue distinguir que o brinquedo era um sonho. Vai precisar de alguma maturidade, que a sua inteligência se desenvolva um pouco, para fazer a distinção entre o real e o irreal. Em apenas quatro semanas de jejum você vai perder todo o discernimento da sua inteligência.

Para isso é absolutamente necessário viver sozinho, porque se outra pessoa está a viver consigo, acabará por falar com ela. Será um escape. Mas se estiver a viver sozinho... e todas as religiões prescrevem viver sozinho, em mosteiros, nas celas ou em cavernas. Viver sozinho. Porquê sozinho? Para que não possa falar com ninguém — então a sua mente fica tão desejosa de falar que você começa a falar consigo próprio.

Já deve ter visto gente assim na rua. Os seus lábios mexem, contudo estão sozinhos. Dirigem-se apressados para o escritório ou para casa e os seus lábios mexem. Por vezes fazem gestos, atiram qualquer coisa. O que lhes está a acontecer? Eles vão como robôs para casa porque isso se tornou um hábito. Nem precisam de pensar onde virar à direita e onde virar à esquerda, as suas pernas farão isso sozinhas. Já vi pessoas a contarem dinheiro com os dedos, já vi pessoas com os lábios a mexer.

≈

Há uma história de que gostei muito. Um homem tornou-se o centro das atenções de uma multidão reunida na sala de espera de uma estação de comboios. O comboio estava atrasado e todos esperavam ansiosamente por ele, embora concentrados numa pessoa que estava a descansar numa cadeira. Os seus lábios mexiam-se e de vez em quando ele começava a sorrir, de vez em quando ele dava uma risada, de vez em quando ele atirava qualquer coisa. Por fim eles não resistiram à tentação de perguntar o que se passava.

Um homem perguntou-lhe:

— O que se passa? Às vezes você dá uma risada, às vezes você sorri. Às vezes atira qualquer coisa.

— Nada — respondeu ele. — Estou apenas a contar piadas a mim próprio. Quando eu oiço uma piada mesmo boa, sorrio. E quando uma piada é muito fresca e nova, dou uma risada. E quando oiço uma piada velha, deito-a fora.

Ele está a contar piadas a si próprio... as piadas já devem ser todas velhas. Toda a gente disse:

— Você está a divertir-se, enquanto nós nos preocupamos desnecessariamente com o comboio que está a ficar cada vez mais atrasado.

≈

Na Índia acontece...

Uma vez fiquei preso em Allahabad. Primeiro eles disseram que o comboio estava duas horas atrasado. Eu comentei:

— Não é um grande problema. Ainda me dá para chegar a tempo.

Após duas horas, fui lá perguntar.

— Agora está atrasado mais quatro horas.

— Está a andar para trás? — perguntei. — Como pode estar atrasado mais quatro horas quando estava só duas horas atrasado?

Essas duas horas já passaram; o comboio devia estar na plataforma. Isso quer dizer que está agora seis horas atrasado. O que se passa? O comboio está a andar para trás?

O homem estava chocado. Ele não tinha resposta para me dar, porque a minha pergunta era completamente lógica.

— O que se passa com o comboio? Eu entendo que esteja atrasado, mas ele não pode continuar a andar para trás. Da próxima vez que eu venha, passado quatro horas ele vai estar doze horas atrasado porque está a andar para trás. Responda-me, por favor.

Mas na Índia isso acontece todos os dias... só para manter as pessoas com esperança. Eles não sabem exatamente qual é o atraso, por isso dizem que está atrasado duas horas. Se vier mais cedo, é bom. Se não vier mais cedo, então continua atrasado, mas dizer às pessoas que ele está doze horas atrasado será demasiado revoltante. Então, simplifica-se: duas horas, quatro horas, mais duas horas... ele chega daqui a uma hora. Aos poucos, ele está doze horas atrasado. Eles não podiam responder-me porque eu conhecia a realidade. Qual era a realidade? A realidade era que eles não faziam ideia de qual seria o atraso.

Sentado na sala de espera, observava as pessoas... Vi gente sem nada que fazer; eles começam a mexer os lábios, a falar consigo mesmos, só para se manterem ocupados. Caso contrário é uma agonia pensar que se está preso neste lugar ninguém sabe por quanto tempo. Por vezes o comboio está vinte e quatro horas atrasado; já presenciei até quarenta e oito horas de atraso. Não sei como isto acontece.

Mas uma vez descobri. Eu vinha de Chanda para Gondia, num comboio muito pequeno, um tipo de comboio que já quase desapareceu de circulação. Era um comboio de passageiros, próprio para aquela pequena linha e que parava em todas as estações. Um amigo meu, que entretanto morreu, um homem rico, tinha-me convencido a viajar. Ele disse:

— Este comboio vai por lugares muito bonitos. Dos dois lados podem ver-se belas paisagens com montanhas, rios e florestas virgens.

Então eu concordei; caso contrário teria ido de avião, porque este comboio demorava doze horas em contraste com os quinze minutos da viagem de avião. Eu disse-lhe:

— Tudo bem, desta vez vamos experimentar. Já me disseste tantas vezes que o comboio passa por uma zona belíssima...

É uma região quase despovoada, uma zona indígena, onde as pessoas vivem no meio da floresta.

Numa estação ele disse-me:

— Desce.

Era a época das mangas. E aquele lugar! Fora da estação, havia umas mangueiras tão belas, talvez durante quilómetros, e o cheiro das mangas... e centenas de cucos a fazerem bonitas canções, sons lindíssimos. Ele levou-me lá fora. Eu perguntei-lhe:

— O que estás a fazer?

— Vem comigo — disse ele. — Não vais nunca encontrar mangas tão bonitas noutro lugar.

Então ele trepou a uma árvore e disse-me para ir atrás dele. Eu perguntei-lhe:

— Então e o comboio?

— Não te preocupes — respondeu ele. — Isso é a minha responsabilidade.

Até que eu volte a descer, o comboio não vai embora.

— Isso é estranho — duvidei —, porque tu não disseste a ninguém, ao chefe de estação ou ao maquinista.

Ele começou a rir e disse:

— Olha para cima. O maquinista está acima de nós. A menos que eu o deixe descer, o comboio não se vai mexer. Não te preocupes.

E o maquinista começou-se a rir, e anuiu:

— É verdade.

Então saboreámos as mangas durante quase uma hora. Sempre que o maquinista tentava descer, o meu amigo dizia:

— Eu vou puxar-te pela perna e deitar-te abaixo. Fica aí. O comboio não se pode mexer até termos terminado. Come as mangas, não tem problema.

Mantivemos o maquinista em cima da árvore e todos os passageiros no comboio se perguntavam qual seria o problema. Era o único comboio naquela linha. Ele ia e ele vinha. Por isso não corríamos o risco de vir outro comboio. O chefe de estação tentava descobrir para onde teria ido o maquinista. O revisor procurava por todo o lado... Toda a gente andava à procura do maquinista. Este estava completamente preso porque não podia passar por nós. Nós estávamos ali para o obrigar a recuar. «Volta para cima!» Então percebi por que é que aqueles comboios se atrasavam tanto. Só poderia acontecer na Índia.

≈

Todas as religiões pregam o jejum e «Entra na solidão e constantemente visualiza e imagina o teu Deus». É um facto psicológico que em quatro semanas até a pessoa mais inteligente vai começar a vacilar sobre o que é real e o que é imaginário. E o que dizer das multidões cujo quociente de inteligência não é superior ao de um miúdo de sete anos? As suas mentes continuam presas entre as idades de sete e catorze. O corpo continua a crescer até aos setenta, oitenta, mas a mente pára algures entre os sete e os catorze; muito raramente um homem vai para além da idade mental de catorze anos.

Por isso estas pessoas que têm uma mente atrasada — só uma mente atrasada pode pertencer a uma organização religiosa, pode acreditar na ficção de Deus, pode acreditar no céu e no inferno, pode rezar a um céu vazio -, estas pessoas renunciam ao mundo por medo e ganância. E quando estão sozinhas começam a visualizar, e para isso o jejum é absolutamente necessário. Não só o enfraquece a si, mas também à sua mente.

Já alguma vez pensou no facto de que nunca nenhum vegetariano na Índia recebeu um Prémio Nobel? E na verdade eles deviam receber a maioria destes prémios, porque pensam que estão a comer a comida mais pura. As suas mentes deviam ser mais puras e mais limpas que as dos não-vegetarianos. Mas nem um único jaina recebeu um Prémio Nobel, e isso nunca será possível, porque falta na sua dieta algo essencial para o desenvolvimento da sua inteligência. Mas eles não me dão ouvidos. Já falei deles em conferências e eles ficaram todos zangados, prontos a matar-me. Mas não me dão ouvidos. Eu dizia-lhes que é muito bom ser vegetariano, mas que deviam entender que há algumas proteínas em falta na sua dieta e para as quais eles precisam de ter um substituto.

A melhor maneira é começarem a comer ovos que não estejam fecundados, pois são como vegetais, não há vida neles. Mesmo que não ande metida com

um galo, a galinha continua a pôr ovos todos os dias. Ela não está dependente do galo. Por isso o ovo será só vegetariano, não haverá vida nele. E possuirá todas as proteínas e vitaminas que são necessárias para o desenvolvimento da inteligência. Mas só a palavra «ovo» é suficiente para eles se passarem: «Estás a dizer-nos para comeremos ovos!»

— Não percebo — disse eu. — Eu não vos estou a dizer para comerem ovos, eu estou a dizer-vos para comerem ovos por fecundar.

— Ovos são ovos — responderam eles.

Eles não vão perceber um fenómeno simples: que quando está por fecundar, aquilo não é um ovo, é só a forma de um ovo. Além disso é rico em proteínas e vitaminas, é barato e natural. E é uma necessidade absoluta para o desenvolvimento da inteligência.

Ficará surpreendido ao saber que os judeus recebem quarenta por cento dos Prémios Nobel, ficando o resto do mundo com os outros sessenta por cento. E não há muitos judeus porque toda a gente os mata. Há quatro mil anos que o mundo inteiro anda a matar judeus. Os muçulmanos matam-nos, os cristãos matam-nos, toda a gente está contra eles. Por isso eles são uma parte muito pequena da humanidade, mas recebem quarenta por cento dos Prémios Nobel. Qual é o problema? Quando eu percebi qual era a razão e o disse aos indianos, toda a gente estava contra mim.

Por fim parei de falar para as multidões porque estes idiotas não percebem. Os judeus são as pessoas mais inteligentes à face da terra. Veja só: Jesus converteu metade da humanidade ao cristianismo. Karl Marx, outro judeu, converteu a outra metade ao comunismo. Sigmund Freud, o terceiro judeu, explora os dois. O quarto judeu, Albert Einstein, criou a energia atómica e as armas nucleares para destruir o mundo inteiro.

Estes quatro judeus são as pessoas mais importantes do mundo. Estranho! E o motivo é ainda mais estranho: é a sua circuncisão. Não é uma piada; tem uma base científica. Até os cientistas concordam com o facto de que a circuncisão tem alguma coisa a ver com a inteligência dos judeus. Enquanto estudavam o cérebro, descobriram que este contém milhões de pequenos nervos. Neste pequeno crânio, milhões de pequenos nervos, invisíveis aos olhos. E eles controlam todo o seu comportamento, a sua inteligência, o funcionamento do seu corpo, a sua digestão, a sua circulação sanguínea, eles controlam tudo.

A inteligência é controlada por um centro no cérebro. Ao lado deste centro de inteligência está o centro que controla a sexualidade. Eles estão demasiado próximos. Quanto mais inteligente é a pessoa, mais sexual vai ser. Quanto mais sexual é a pessoa, mais energia será disponibilizada para a criação, para a inteligência. E o que acontece quando a criança muito pequena, recém-nascida, é imediatamente circuncidada?

O organismo sexual está ligado ao centro do cérebro, e especialmente numa criança pequena tudo é muito suave, flexível. Cortar a pele desnecessária do órgão sexual de um rapazinho provoca um certo choque, que não será só ao nível do seu centro sexual: este está tão próximo do centro da inteligência que esta será igualmente afetada. E de certa forma o choque desperta-a.

Houve um grande debate no tempo do imperador Constantino sobre se se devia continuar a circuncidar os cristãos. Ele era romano e presidia ao concílio de Niceia que estava a decidir o que fazer sobre a circuncisão. Uma vez que eram todos judeus convertidos ao cristianismo, Constantino votou contra. Foi por isso que os cristãos pararam com a circuncisão; agora estão a começar de novo.

Nos Estados Unidos é atualmente um dado adquirido, não importa a que religião se pertence. Quase todas as crianças nascidas no hospital são circuncidadas por rotina e sem perder tempo. O motivo é duplo: é higiénico, previne muitas doenças, mantém-no mais limpo; e o motivo secreto é que provoca um choque no centro da inteligência, que depois começa certamente a funcionar melhor do que qualquer outro centro.

Eu sou completamente a favor disso. O mundo inteiro devia ser circuncidado, e imediatamente após o nascimento; quanto mais depressa o fizer, melhor. Mas dizer às pessoas a verdade é sempre muito difícil. Ter olhos em terra de cegos não é tarefa fácil.

Fazer uma pessoa jejuar durante quatro semanas destrói todas as proteínas e vitaminas que alimentam a sua inteligência. Conhece a dinâmica do jejum? Por que é que todas as religiões insistem com o jejum? Porque ele destrói... Durante quatro semanas, no máximo, uma pessoa pode viver do que armazenou. Depois da quarta semana, não resta nada armazenado. E imediatamente dentro de seis minutos, se não forem alimentados com a quantidade certa de proteínas, oxigénio, a quantidade certa de vitaminas, aqueles pequenos nervos deixam de trabalhar. Se esses pequenos nervos deixarem de trabalhar, cessa a sua capacidade de distinguir se Cristo está mesmo à sua frente ou se é só uma projeção que vem da sua imaginação.

Com os olhos abertos começa a ver sonhos. É preciso que esteja sozinho, para que ninguém perturbe a sua imaginação, e precisa de uma constante visualização, a rezar o dia todo. O que fazem as pessoas nos mosteiros? Rezam o dia inteiro: *Avé Maria, Avé Maria...* e seguram a imagem de Maria e prostram-se e jejuam e «*Avé Maria*»... Em poucos dias, a imagem vai começar a mexer "os lábios. A *Avé Maria* ganha vida e isso é uma grande satisfação para a mente estúpida.

Em breve Maria vai começar a sair da imagem. Uma grande revelação! Era isso que a pessoa esperava. Ela não toca os pés de ninguém, mas sente os pés,

tal como se sentem coisas em sonhos. A barreira entre o sonho e a realidade foi destruída. Para destruir essa barreira, usa-se o jejum, o isolamento e a visualização constante.

Pode visualizar Deus, mas não pode visualizar a existência; e não é preciso que a visualize, ela já está lá. As árvores estão lá, os rios, o oceano, as montanhas, as estrelas, o céu inteiro está lá. Não é a sua imaginação; é um fenómeno objetivo.

Podemos todos concordar que está uma noite de lua cheia. Mas se alguém estiver a ver Jesus, os outros, como não o veem, não poderão concordar. É uma projeção. Se fosse uma realidade, então não haveria problema; os outros também o veriam; tal como veem a lua cheia, tal como veem o nascer-do-sol, tal como veem as rosas e toda a gente concorda que sim, ali está uma rosa. Talvez possam ter opiniões diferentes: um poeta pode ser mais sensível, um pintor pode olhar para a rosa de outra forma porque tem uma maior sensibilidade para as cores. Um homem que seja um perito em perfumes terá uma sensibilidade diferente para com a rosa porque sentirá o seu cheiro mais profundamente do que os outros. E para um homem como eu, alérgico a perfumes...

A minha jardineira tem de cuidar de todas as flores do lado de fora das minhas janelas, que nunca estão abertas, para que eu possa ver as rosas mas o perfume não chegue até mim. E a pobre jardineira tem de trabalhar no duro para manter estas rosas perto do meu quarto... Há árvores muito grandes, enormes, que fazem muita sombra, e as rosas não podem desabrochar na perfeição a menos que recebam a luz do sol. Por isso ela tem de estar constantemente a mudar os vasos.

É interessante como ela consegue que eu veja as rosas à minha volta quando estou em casa. Ela engana o sol e engana as rosas. Está continuamente a movê-las em rotação; quando uma flor chega ao seu completo desabrochar, ela muda-a para junto de mim, do lado de fora das janelas. E quando vê que a planta não está feliz sem o sol, ela leva-a para o sol. Mantém assim uma fila dupla em rotação. É um clube rotativo¹! Mas ela consegue-o na perfeição, pois sabe que eu gosto das rosas mas não consigo tolerar o seu cheiro. Sou demasiado sensível ao seu perfume; ele perturba-me imediatamente.

Por isso, apesar de ser diferente para pessoas diferentes, a existência da rosa é objetiva. Toda a gente a vai aceitar, exceto alguns cegos; mas eles também podem tocar a rosa, eles também podem cheirar a rosa. Podem ter alguma perceção da rosa, à exceção da cor. Apesar de não verem, eles podem sentir a sua suavidade e as suas pétalas aveludadas.

Os olhos gastam oitenta por cento da sua energia. Os outros quatro sentidos ficam só com cinco por cento para cada um. Vinte por cento da sua energia é

usada por quatro sentidos, os olhos usam oitenta por cento. Deste modo, o cego reparte cem por cento da sua energia pelos quatro sentidos; vinte e cinco por cento a cada. É por isso que as pessoas cegas são tão boas cantoras; elas têm um ouvido mais apurado. O seu tato tem mais energia que o de uma pessoa que veja porque as suas mãos carregam vinte e cinco por cento da sua energia, enquanto uma mão vulgar só carrega cinco por cento. Então eles podem não ser capazes de ver a flor e a cor, mas podem tocá-la e o tato deles vai ser mais profundo que o seu. Eles podem cheirar e o olfato deles vai ser mais profundo que o seu. No entanto, há sempre alguma coisa objetiva.

O seu sonho é puramente seu; não é possível partilhá-lo com ninguém.

≈

Dois amigos conversavam. Um dizia:

— Ontem tive uma grande noite. No meu sonho fui pescar.

E, meu Deus, nunca na vida tinha visto um peixe tão grande. Quase não tinha força para o puxar e carregar até à margem. O peixe era enorme! E peixe após peixe... Eu estava deitado na praia, a praia inteira estava cheia. Devias ter visto, devias ter estado lá.

— Isso não é nada — ripostou o amigo. — A noite passada sonhei que estava deitado com mulheres nuas, umas à minha esquerda, outras à minha direita. Eu olhei para a direita e fiquei maravilhado: era a Marilyn Monroe. E do outro lado estava a Sophia Loren, ambas nuas, e tu estás a falar de peixes, seu idiota.

O primeiro homem ficou zangado, e disse:

— Se foi mesmo assim, por que é que não me telefonaste imediatamente?

O que ias tu fazer com duas mulheres?

— Eu fiz isso — respondeu o outro. — Eu telefonei à tua mulher, e ela disse-me: «Ele foi pescar.»

≈

Não é possível partilhar os seus sonhos, não é possível partilhar as suas alucinações. Por isso um seguidor de Krishna vai ver Krishna, e não Cristo. Um seguidor de Cristo vai ver Cristo, e não Krishna, e quando ele está a ver Cristo você pode estar lá, mas não vai ver nada. É só uma projeção, um sonho de olhos abertos. De modo a torná-lo possível precisa de jejuar para destruir a sua inteligência e precisa de estar sozinho, para que ninguém o perturbe e lhe diga que é um idiota: «Não está aqui ninguém. Eu só vejo uma parede vazia. Onde está o teu Krishna? Eu não vejo ninguém e posso trazer outras pessoas e provar

que ninguém vê o que estás a ver.» É por isso que precisa de estar sozinho: para que ninguém perturbe a sua projeção, a sua alucinação.

Deus tem sido uma das maiores perturbações à evolução humana porque Ele fez as pessoas alucinarem, destruindo a sua inteligência, destruindo a sua possibilidade de se tornarem um buda.

A existência tem a sua própria sabedoria, a existência tem o seu próprio amor. Basta experimentar. E agora a ciência é muito clara acerca disso. Na verdade, o primeiro cientista que tomou consciência da sensibilidade e inteligência das árvores ficou muito chocado porque sentiu: «Nós não temos aquela sensibilidade e aquela inteligência; é uma dimensão completamente diferente com a qual nunca nos preocupámos. Nós temos vivido com as árvores há milénios, milhões de anos, mas nunca nos preocupámos em descobrir se aquelas árvores têm alguma inteligência, alguma sensibilidade.» Foi só muito recentemente que os cientistas tomaram consciência.

Agora eles têm um instrumento especial, parecido com um eletrocardiograma, que usa o mesmo tipo de mecanismo. Eles põem o aparelho em volta da árvore e este começa a criar um gráfico de como a árvore se está a sentir. O gráfico é muito harmonioso — o Sol está a nascer, sopra uma brisa fresca e a árvore está a dançar ao vento; ela está realmente feliz. O gráfico é muito harmonioso, não há tensão na mente da árvore, nem problemas, nem ansiedade. E continua harmoniosamente... de repente aparece um jardineiro com um machado na sua mão. Imediatamente o gráfico começa a tremer, deixa de ser harmonioso, a árvore está a ficar preocupada. Mas isto só acontece se o jardineiro tiver intenção de a cortar. É estranho, porque eles descobriram que a árvore não está preocupada com o machado; a árvore está preocupada com a intenção do jardineiro. Quando isso se tornou claro para o cientista, foi realmente chocante.

Primeiro eles pensavam que era o machado. A árvore não tem olhos, mas deve ter alguma forma de perceber. Mas por fim descobriram que não era o machado, era a intenção da pessoa. Na primeira vez trouxeram um jardineiro com um machado para cortar diversas árvores, incluindo a árvore que estavam a estudar. Quando o jardineiro ia cortar um dos seus ramos, a árvore passou-se completamente. O gráfico mostrou que ela estava totalmente contra o que ia acontecer. Foi chocante... porque as árvores não têm olhos, e o jardineiro com o seu machado estava bem distante. Depois eles fizeram vir um jardineiro com um machado mas sem intenção de cortar a árvore. Aí o gráfico manteve-se harmonioso.

Por isso não era o machado, era o desejo, a intenção do jardineiro à qual a árvore de alguma forma estava recetiva. Então os investigadores foram ainda mais longe. Amarraram outras árvores perto da árvore principal, e descobriram que as outras árvores também sentiam compaixão por aquela árvore que ia ser

cortada; os seus gráficos não ficavam tão desequilibrados, mas ficavam desarmoniosos. Elas sabiam que uma das suas amigas, uma das suas vizinhas, ia ser cortada. Mas isto só acontecia se houvesse uma intenção. Se não houvesse intenção e o jardineiro viesse com um machado e passasse ao lado, nenhuma árvore dava sinais de preocupação, ansiedade ou angústia.

A existência tem as suas próprias maneiras de ser inteligente. A nossa inteligência não é a única inteligência. Um cientista famoso, John Lilly, tem trabalhado com golfinhos. Os golfinhos utilizam uma linguagem muito diferente da nossa. Ninguém pensou que alguém tivesse uma linguagem, a não ser o homem. E a cabeça do golfinho é maior que a cabeça do homem; tem mais nervos que a cabeça do homem. Talvez este animal possua um estado mais elevado de inteligência. Ele usa um sistema que se chama sonar porque cria um certo som na água. Esse som viaja através da água por quilómetros e chega a outro golfinho a quem é dirigido — sem qualquer fio, é um sistema sem fios! Há milhares de golfinhos nesta zona, mas talvez o namorado ou a namorada... e a mensagem é um som que nós não podemos ouvir, está para além do alcance do nosso ouvido. Só quando o amplificamos com aparelhos é que o conseguimos ouvir, um som muito bonito. E deve acontecer que o som seja dirigido a um golfinho em particular — talvez esse golfinho tenha um nome e uma morada. O som chega e em breve vai ver o outro golfinho a dirigir-se rapidamente para o lugar de onde o primeiro golfinho deu o sinal: «Vem depressa!»

Lilly dedicou quase a vida inteira a trabalhar com golfinhos. Estes animais são muito amorosos, muito brincalhões, muito alegres. Eles nunca atacaram um ser humano ou outro golfinho — nada de lutas, nada de discussões. Se você nadar, eles vão nadar consigo. Se você brincar com eles, eles vão brincar consigo. Eles estão perfeitamente contentes com os seres humanos, não têm qualquer problema. Toda a existência...

≈

Eu costumava ter um jardineiro, um homem muito velho. Descobri um dia, sem ele se aperceber de que estava a ser observado — eu via-o pela janela de casa —, que ele falava com as árvores. Eu apanhei-o um dia em flagrante, e disse:

— O que está a fazer?

— Não diga a ninguém — pediu ele —, eles vão pensar que eu estou maluco. Mas a verdade é que sinto uma certa afinidade... Toda a minha vida eu trabalhei com árvores; sempre falei com elas e para meu espanto, se eu tiver duas plantas com a mesma altura e falar apenas com uma — dou-lhes o mesmo alimento, a mesma água, o mesmo sol, o mesmo adubo, mas a uma falo com muito amor e acaricio-a com as minhas mãos —, essa crescerá mais depressa. Em breve, num

mês, ela terá o dobro da altura da outra árvore. Ainda que tudo o resto seja igual, uma coisa está a faltar — o meu amor.

Todos os anos ele costumava ganhar o concurso das flores. Ele produzia as maiores rosas que eu alguma vez vi, as maiores dalias que eu alguma vez vi. E a sua estratégia era falar com as flores: «Não me deixem ficar mal. O concurso aproxima-se. Vocês têm de me dar uma grande flor, a maior que consigam.»

Eu tornei-me íntimo dele e ele sabia que eu não ia dizer a ninguém. Eu compreendia-o... e não acho que ele seja maluco. Até acho que trabalha muito bem. Pobre coitado, se ele tivesse estudado ciências, teria descoberto muitos segredos sobre as árvores. Mas eu vi com os meus próprios olhos porque ele trabalhou para mim quase nove anos. Quando eu me vim embora, ele queria vir comigo. Mas eu disse: «Em Bombaim não vamos ter um jardim.»

Ele até me escreveu para os Estados Unidos, quando eu estava lá: «Agora o senhor tem um lugar tão grande aí, por que não me chama? Ainda que eu esteja muito velho e já não seja tão útil — ainda assim, o que eu posso fazer às árvores, mais ninguém pode.»

≈

A existência possui uma inteligência multidimensional. Nós somos apenas uma secção deste vasto universo. Não pense por um único momento que estou a pôr a existência no lugar de Deus. Não! Deus não existe, a existência existe. É por isso que lhe chamamos «existência».

A segunda pergunta:

É muito fácil para mim dizer: «Ah, eu não acredito em Deus há muito tempo e mesmo em criança já tinha dúvidas.» Mas este hábito da mente de tentar transformar os mistérios em superstições está muito enraizado e é instável. Na outra noite, quando você falava, eu lembrei-me de ocasiões no passado em que lhe atribuí estas qualidades de onipotência, onipresença, omnisciência, apesar do facto de sempre nos ter dito que essa maneira de pensar é um disparate. Parece que esta doença de Deus se esconde no fundo dos ossos e salta como um intruso obscuro quando menos se espera e onde certamente eu não quero.

É fácil mudar as suas prisões. A nova prisão parece melhor. É fácil mudar as suas correntes, as suas escravidões, porque qualquer escravidão, ainda que seja diferente da anterior, é no fundo a mesma coisa — e é isso que as pessoas continuam a fazer. Os hindus tornam-se cristãos, os cristãos tornam-se hindus. Eles estão só a mudar de escravidão. Eles estão só a mudar de prisões, de algemas, de correntes. Mas nada muda.

Por isso, quando ouve que Deus está morto e o seu intelecto está convencido de que Deus nunca existiu, de que não pode ser encontrado em lado nenhum... é apenas uma convicção intelectual. Mas você não é só intelecto; você é emoção e sentimento, que é mais profundo que o intelecto. E o conceito de Deus entrou nas suas emoções, nos seus sentimentos. O intelecto é a superfície da sua mente, e é possível convencê-lo logicamente, racionalmente, de que Deus não existe.

≈

Um dos meus amigos, um homem velho, muito inteligente, costumava ser um seguidor de J. Krishnamurti, de quem era contemporâneo. Eu apareci na sua vida já ele era bastante velho, mas mesmo assim gostava muito de partilhar o seu tempo comigo. Ele era intelectualmente um gigante, convencido de que não existe Deus, nem inferno, nem céu, nem moralidade, que isto é tudo conveniência social.

Um dia o seu filho veio a correr até mim, pois eles viviam a apenas cinco minutos de distância a pé, e disse-me:

— O meu pai teve um ataque de coração grave e os médicos estão preocupados com a iminência de outro ataque. Ele está muito fraco e de repente lembrou-se de si e quer que você esteja lá. Então eu fui com ele, a correr. Quando me aproximei... eles tinham posto o quarto na escuridão, um quarto com ar condicionado. Quando parei à porta, ouvi algum barulho. O velhote estava a repetir: «Hare Krishna, Hare Rama.» Eu não queria acreditar. A vida inteira ele tinha negado, negado, negado, e agora repetia: «Hare Krishna, Hare Rama.»

Eu fui muito devagar, para não o perturbar, sentei-me ao seu lado, ouvi de perto. Ele estava a repetir: «Hare Krishna, Hare Rama.» Decidi abaná-lo. Ele abriu os olhos. E eu perguntei:

— O que está a fazer? Basta um ataque de coração para toda a sua filosofia ir à vida?

— Não é altura para discutir — respondeu ele — e não é altura para correr riscos. Deixe-me em paz; sente-se ao meu lado e deixe-me rezar a Deus. Eu sei intelectualmente que Deus não existe. Mas quem sabe? Qual é o mal? De qualquer forma estou a morrer. É melhor repetir o nome dele. Se ele existir, vai-me ajudar; se ele não existir, qual é o mal? Eu só repeti o nome dele algumas vezes, só isso.

— Não é esse o problema — disse eu. — É uma questão de integridade. Você é um homem muito dividido.

Era só intelecto. É o que eu tenho dito repetidas vezes, que se trata de racionalidade intelectual. E esse foi o falhanço de J. Krishnamurti. Ele só falava às pessoas intelectualmente, convencia-as intelectualmente, mas não tinha método, nem meditação que elas pudessem experimentar mais profundamente que o sentimento. As pessoas podem ir mais fundo que o coração. Elas podem chegar ao seu ser, e só então surge uma tremenda luz que é firme; se vier a morte ou se vier um ataque de coração, não faz diferença.

O homem recuperou. Passados alguns dias veio ter comigo e pediu-me:

— Não diga a ninguém.

— Eu vou dizer a toda a gente e vou passar a mensagem a J. Krishnamurti.

E assim fiz. E disse-lhe:

— Estes são teus seguidores, seguidores de uma vida inteira. E tu dependeste destas pessoas.

A última frase de Krishnamurti antes de morrer dá-me razão. A sua última frase foi: «Morro como um homem frustrado. As pessoas usaram-me como entretenimento. Ninguém me escutou.» Mas não foi culpa das pessoas. A culpa foi dele. Ele só lhes falava intelectualmente; ele nunca lhes deu qualquer indicação para irem mais fundo.

A não ser que vá mais fundo, estará só a trocar as suas projeções umas por outras. Se Deus não existe, você vai fazer de mim o seu Deus. E certamente que eu não sou Deus. Eu nunca criei esta confusão horrível que se vê no mundo inteiro. Eu nunca criei Adolf Hitler, Genghis Khan, Tamerlane, Nadirshah, Benito Mussolini... Eu nunca criei esta gente. Não me torne responsável! E eu não sou onipotente. Eu estou simplesmente sentado na minha cadeira, é tudo. Onipotente quer dizer que precisaria de uma cadeira onde coubesse todo o universo. E eu não sou onipresente. Não sou um *voyeur* para olhar para dentro do seu quarto. Isso é o que Deus fazia, observá-lo pela fechadura até na casa de banho.

E também não sou onisciente. Eu não sei o que vai acontecer no momento seguinte. Eu sou apenas um ser humano, desperto, totalmente alerta, consciente e a responder à vida, momento a momento, de acordo com o meu conhecimento, a minha consciência; um mero espelho a refletir o que se puser à minha frente. Não projete nada em mim.

Mas compreendo o seu problema. O seu problema é que você está convencido intelectualmente, mas não conheceu a verdade a partir de fontes mais profundas do seu ser. É preciso que saiba pela meditação que Deus não existe; a existência é autossuficiente, ela não precisa de nenhum Deus, de nenhuma ficção.

Quando isto acontecer dentro de si, no seu centro mais profundo, vai deixar de projetar as mesmas velhas e estúpidas superstições. Só a meditação pode trazer uma metamorfose ao seu ser. Krishnamurti morreu como um falhado porque nunca considerou que estivesse só a lidar com o intelecto das pessoas. O intelecto faz parte da mente, e Krishnamurti nunca ajudou ninguém a ir para além da mente.

Eu suspeito que talvez nem ele próprio tenha ido para além da mente. Caso contrário, como podia ele deixar de o fazer? Se ele tivesse ido para além da mente, então ter-se-ia esforçado, ao longo da sua vida de noventa anos, a ajudar as pessoas a irem para além da mente. Quando você começa a ver para além da mente, não existe Deus, mas a existência torna-se tão bela, tão inteligente, tão carismática, tão autossuficiente, tão completa... Só a meditação pode operar esse milagre.

A terceira pergunta:

Ontem ouvi-o dizer que a oração é uma coisa direcionada ao exterior. Então e o agradecimento? Eu tenho a sensação de que a gratidão não tem necessariamente um objeto exterior. E a gratidão só acontece por causa de um desejo, declarado ou por declarar, que é satisfeito?

Não reparou que mudou da palavra «agradecimento» para a palavra «gratidão». São duas palavras diferentes. O agradecimento é sempre para com o exterior e acontece porque bem no fundo você queria alguma coisa, direta ou indiretamente, e isso foi-lhe dado. É por isso que está agradecido. O agradecimento significa apenas reconhecimento. Assim fica tudo mais claro. Você agradece à pessoa que lhe satisfez um desejo que estava escondido em si, quer tivesse consciência disso ou não. Alguma coisa foi satisfeita; por isso sente um reconhecimento.

O reconhecimento é sempre vocacionado para o exterior. Pode ser um reconhecimento para com Deus que não existe. Pode ser um reconhecimento para com um amigo que existe. Mas é sempre a gratificação de um desejo consciente ou inconsciente que foi satisfeito.

A gratidão é um fenómeno completamente diferente, ainda que isso não esteja nos dicionários. Nos dicionários agradecimento, reconhecimento, gratidão — está tudo na mesma categoria. A existência não está de acordo com os seus dicionários. A gratidão não tem um objeto exterior, nem um objeto interior. A gratidão é quase como um perfume que sai de uma flor. É uma experiência que não é dirigida a ninguém.

Quando alcança a verdadeira origem do seu ser, onde fica completamente em espírito de primavera, com as flores a cair sobre si, você sente de repente uma gratidão que não é dirigida a ninguém, é como um perfume que se liberta

de si, tal como o incenso liberta ondas de fumo e perfume para o céu desconhecido e desaparece.

A gratidão sai de si como um perfume, não como um reconhecimento para com alguém. É a sombra, o efeito secundário da sua transformação em buda. Não é a gratificação de qualquer desejo. Se tiver desejos, conscientes ou inconscientes, não se pode tornar um buda. Só quando todos os desejos tiverem passado, quando tiver transcendido todos os desejos e pedidos, é que se transformará num buda. E do buda vai irradiar um perfume. Esse perfume contém muitos elementos. É gratidão, é compaixão, é amor, é felicidade, é êxtase — é diverso, multidimensional.

≈

Agora o sutra:

Depois do comentário de Nangaku sobre Sekito, ele enviou uma vez mais o monge assistente até Sekito para lhe fazer uma pergunta. Aí chegado, o monge perguntou:

— O que é a libertação?

Antes de eu comentar a resposta de Sekito, vou contar uma pequena história sobre al-Hillaj Mansoor, o místico sufi. Um homem veio ter com ele e fez a mesma pergunta: «O que é a libertação?»

Ele estava sentado numa mesquita com bonitos pilares a toda a volta. Ao ouvir a pergunta, al-Hillaj Mansoor atirou-se imediatamente contra um pilar e, agarrando-se ao mesmo com as duas mãos, começou a gritar:

— Ajudem-me!

O homem não conseguia perceber o que estava a acontecer. Ele só tinha perguntado sobre a libertação e parecia que o outro estava maluco. Mansoor, agarrado ao pilar, pede ao homem:

— Por favor ajude-me, o pilar está a agarrar-me e não me deixa sair. Liberte-me!

— Você está maluco — disse o homem —, você é que está a agarrar o pilar. O pilar não está a agarrá-lo.

— Eu já respondi — disse Mansoor -, agora saia deste lugar. Ninguém o está a prender.

Essa foi a resposta de Sekito: «Quem te prendeu?» Por que está à procura da libertação? Esta é a abordagem correta do Zen, olhar para a sua servidão. Não se preocupe com a libertação. A sua servidão é falsa, e é fruto da sua

criação. Quem é que fez de si escravo? Foi você! E agora está a pedir: «Liberte-me!» Ninguém o pode libertar porque ninguém o escravizou. É o seu próprio jogo.

A resposta é muito dura, mas extremamente clara e verdadeira.

— Quem te prendeu? — disse Sekito.

Primeiro diga-me qual é a sua servidão. Quem lhe fez isso? Por que está a pedir para ser libertado? Quando olhar para a sua servidão, vai simplesmente começar a rir. A servidão é sua própria criação; pode abandoná-la agora mesmo. E quando abandonar a servidão, vai ver que a libertação tem sido a sua natureza; você não precisa de ser libertado, pois foi libertado desde o início, mas volta a cair repetidas vezes na servidão.

Talvez a servidão lhe dê uma certa segurança. A servidão dá-lhe a sensação de estar a fazer alguma coisa contra a servidão. Mas na sua consciência você está completamente liberto, sempre liberto.

É como se se deitasse com os olhos fechados e comesse a gritar: «Acordem-me!» Ora, é muito difícil acordar um homem que está acordado. É fácil acordar um homem que está a dormir. Pode atirar-lhe água fria, um balde cheio de água gelada, sobre os olhos e ele vai saltar. Pode puxar-lhe o cobertor e ele vai gritar imediatamente: «O que está a fazer?»

Mas se um homem estiver acordado, deitado com os olhos fechados, e lhe disser: «Por favor acorde-me!»... É isto que Sekito está a dizer ao monge que perguntou «O que é a libertação?».

«Quem te prendeu?», perguntou Sekito. Você nunca esteve preso; você é o Buda; você é o iluminado. É uma fabricação sua, uma ficção de servidão.

Pode fazer uma pequena experiência, mesmo sentado no seu quarto. Aperte bem as mãos, com os dedos entrelaçados. Feche os olhos e pense que, faça o que fizer, não pode abrir as mãos. Durante pelo menos cinco minutos continue a repetir, com os olhos fechados: «O que quer que eu faça, não posso abrir as mãos.» Então, após cinco minutos, esforce-se por abri-las. Ponha toda a sua energia em abri-las e ficará surpreendido — quanto mais tentar, mais impossível irá parecer. Você hipnotizou-se para a servidão.

Agora a única forma de abrir as mãos que hipnotizou para a servidão é não fazer qualquer esforço para as abrir. Descontraia-se, e as mãos ficarão normais sem fazer qualquer esforço. O seu esforço está a ir contra si devido ao processo de auto-hipnose. Assim não consegue; com esforço, não pode separar as mãos.

Nós hipnotizámo-nos para todo o tipo de servidões e depois questionamo-nos sobre como nos podemos libertar. Então fazemos um grande esforço. Esse esforço traz mais problemas. As mãos ficam mais juntas e a pessoa perde o

controlo. Meu Deus, o que fazer? Quanto mais esforço eu faço, mais apertadas elas ficam! Parece impossível que assim seja quando não se compreende a simplicidade do processo.

A hipnose só pode ser suspensa pelo relaxamento. Descontraia-se. Não faça qualquer esforço para abrir. As mãos vão separar-se por si, porque fechá-las é um esforço, mas abri-las não requer esforço. Não é necessário fazer qualquer esforço. É por isso que... Já viu alguma pessoa morrer com os punhos fechados? Pode um morto manter o punho fechado? É impossível, porque o punho precisa de esforço e o morto não pode fazer esforços... por isso toda a gente morre de mãos abertas. Todas as pessoas nascem com os punhos fechados. Repare só numa criança pequena — Os punhos! E observe um morto; a mão está aberta, porque o morto está completamente descontraído. Pela primeira vez na sua vida inteira não existe tensão.

O monge fez outra pergunta: «O que é a terra pura?» Mas isto é só andar em círculos à volta da mesma coisa.

Sekito respondeu: «Quem te sujou?» Por que te estás a preocupar com a terra pura?

— O que é o nirvana? — perguntou o monge.

— Quem te deu o nascimento e a morte? — replicou Sekito.

São puras ficções. O seu nascimento é uma ficção, a sua morte é uma ficção; o seu corpo nasce, o seu corpo vai morrer. Mas você nunca nasceu; você vem, passa por muitos corpos, muitos nascimentos, muitas mortes e vai continuando do princípio ao fim — da eternidade à eternidade. Você é uma luz eterna. Então qual é o interesse de perguntar: «O que é o nirvana?» O nirvana significa apenas livrar-se do nascimento e da morte; e o nascimento e a morte são ambos ficções.

Mesmo dizer «livrar-se de» não está correto. O que está certo é olhar profundamente para tudo, para a sua servidão, de modo a perceber que é uma criação sua. A ideia de que é um pecador, sujo, é uma ideia sua. Talvez a tenha pedido emprestado a outros, aos pregadores, aos padres, aos chamados santos religiosos. Eles fazem-no sentir sujo, como pecador, pronto a cair no inferno. Eles colocam sobre si todo o tipo de humilhações. E as pessoas continuam a dar ouvidos a essas humilhações.

Na minha tenra infância eu lutava com qualquer santo que passasse pela minha aldeia. Os meus pais estavam preocupados, a minha família estava preocupada:

— Tu perturbas qualquer encontro. Sempre que vem algum santo, a aldeia inteira reúne-se para o ouvir e tu levantas-te a meio. — E o meu pai batia na cabeça: — Ele está outra vez de pé, sempre a perturbar!

O meu ponto essencial era:

— Você está a humilhar as pessoas ao chamá-las pecadores. Diga-me só quem é pecador aqui e que pecado cometeu. Você está a fazer uma afirmação generalizada: «Vocês são todos pecadores.» Aponte lá a pessoa que é pecadora.

Estes santos diziam às pessoas:

— Não se prendam às mulheres porque elas não são mais que ossos, carne, muco, sangue coberto por um saco de pele. Por que se hão-de prender a elas?

Eu imediatamente me levantava e dizia:

— Então e você? Acha que é feito de ouro? As mulheres são ossos, sangue, muco, carne; certo, e o que é você? E se sangue, muco e ossos se abraçarem, qual é o problema? Por que está a armar tanta confusão? O que mais podem eles fazer?

Mas as escrituras sagradas estão todas cheias destas descrições em pormenor — só sobre as mulheres, e não sobre os homens. Estranho! Ambos são feitos da mesma massa, e na verdade o homem vem da mulher. A mulher nunca vem do homem.

Alguns estados norte-americanos permitiram casamentos entre lésbicas, para que uma mulher possa casar com outra mulher. Agora já não há problema, está legalizado. E há milhares de bebés nascidos de casamentos entre lésbicas. Uma das parceiras que deseje carregar um bebé durante nove meses pode ir ao hospital, fazer uma inseminação, uma injeção. O que é o homem? Uma mera injeção, uma seringa! Qualquer seringa pode fazer aquela parte. Então eu costumava dizer aos santos:

— Você só tem uma seringa, e essa seringa também é feita de ossos e carne, e está coberta por pele suja. Então por que se está a gabar? E por que está a fazer estas pessoas sentirem-se humilhadas?

Todos eles ouviam com os olhos baixos porque este santo estava a dizer uma grande verdade. Todas as escrituras o diziam também.

Então o meu pai levava-me para casa:

— Por teres perturbado o encontro, as pessoas começaram a sair e o *mahatma* está muito zangado.

— Não me importa — dizia eu. — Se ele está zangado, então está a ir contra os seus próprios ensinamentos e vai sofrer no inferno. Ele pregava contra a ira e agora está zangado, quer dizer que eu lhe mostrei a sua face verdadeira.

— Vamos para casa — dizia o meu pai. — Às vezes tenho receio que eles nem sequer te batam a ti, mas que comecem a bater-me a mim. E tu és cá uma peça... Nem um santo consegue sair da aldeia sem ter sido perturbado por ti. Vou tentar guardar sempre o máximo segredo para que não venhas a saber que algum *mahatma*, algum santo, vai fazer um discurso. Até posso dar-te dinheiro para ires ao cinema...

E quando me davam dinheiro, eu respondia:

— Fique com o dinheiro. Eu vou convosco! Este dinheiro não é para eu ir ao cinema, é só para proteger o *mahatma*. Eu vou ver o espetáculo real!

Tornou-se muito difícil por causa dos problemas que eu criei aos *mahatmas*, ao fazer uma simples pergunta: «Se duas pessoas esfregam a sua pele juntas, que pecado é esse? Diga-me lá. Eu estou a esfregar a minha pele; é o mesmo, estou só a limpar as mãos, a aquecer as minhas mãos. Se um homem e uma mulher estão a esfregar a sua pele juntos, eles vão cair no inferno? E olhe só para a sua barriga...»

Na Índia, todos os *mahatmas* têm barrigas grandes e ensinam às pessoas: «Não coma por causa do gosto.» E eles próprios... Eu disse:

— De onde vem esta barriga? Levante-se! Mostre a sua barriga a toda a gente. Enquanto você come à farta o país passa fome. E eu sei que por causa dessa barriga você não consegue fazer amor com uma mulher, por isso agora prega a toda a gente que não façam amor. É por causa da sua barriga, e não por causa da sua religião.

Eu vi cada barriga... você não ia acreditar. O guru de Muktananda foi Nityananda. Talvez ele tivesse a maior barriga de todas, era um Everest. Ele estava sempre deitado, porque com aquela barriga era difícil andar. E deitado, não parecia que Nityananda tivesse uma barriga, parecia que a barriga tinha Nityananda. A barriga era como uma montanha; de um lado, uma cabeça pequena, do outro lado, duas pernas pequenas. Estas criaturas tornaram-se grandes *mahatmas*! Eu nunca vi uma barriga tão perfeita, e ele estava sempre deitado a comer doces. Aqueles que o veneravam traziam-lhe doces e *halwa* e *puri*, o que fazia a sua barriga cada vez maior.

Quando o vi pela primeira vez, disse:

— Um dia este homem vai rebentar. Ele usa a barriga como um balão. Este homem não pode fazer amor com uma mulher.

Isso é verdade. Onde poderia você encontrar uma mulher com a barriga invertida? Eu não... eu não consigo entender. Parece ser impossível, um enigma, um *koan*. Este homem só pode fazer amor se conseguir encontrar uma mulher com uma barriga ao contrário, para que eles possam encaixar.

Obviamente, porque ele não pode fazer uma coisa, vai dizer a todos: «Seja celibatário.» Ele tem de sofrer, e tenta criar o mesmo sofrimento à sua volta. As pessoas desfrutam do sofrimento dos outros porque isso lhes dá uma oportunidade de demonstrar: «Estamos acima de si. Olhe para nós. Estamos sempre felizes, silenciosos, calmos.» E a realidade é que eles não se conseguem levantar, nem sequer conseguem andar.

Um *mahatma* muito famoso, Sivananda, que tinha muitos seguidores no Ocidente, era médico. Que um médico faça coisas tão estúpidas a si próprio torna tudo isto ainda mais difícil de entender! Ele comia tanto que não podia andar sem ter duas pessoas a segurarem-lhe nos braços. Ele nem sequer conseguia levantar as mãos. Elas eram tão pesadas, tão gordas, que uma pessoa levava uma mão, outra pessoa levava a outra mão, e então o passeio era possível. E ele dizia às pessoas:

— Você tem de seguir os cinco grandes princípios do hinduísmo. O primeiro é o *ashwad*, sem gosto.

O que aconteceu a este homem? Ele era médico! Eu disse-lhe, quando fui vê-lo a Rishikesh:

— Que tipo de médico é você? Parece que o seu certificado é falso. Você nem sequer consegue tomar conta do seu corpo; está transformado num monstro. Nem consegue levantar as suas próprias mãos, de tão pesadas que se tornaram.

Tudo estava desproporcionado: uma barriga grande, mãos grandes e gordas, pernas como as de um elefante, e esta pessoa ensina ao mundo inteiro: «Você não é o corpo, você é a alma.» Quem são estes monstros? Apenas corpos sem alma. Não vejo qualquer espaço neles; eles estão tão cheios de lixo que eu acho que não podem possuir também uma alma.

O que Sekito diz está absolutamente certo. Há grandes verdades em pequenas declarações.

— O que é a terra pura? — perguntou o monge.

— Quem te sujou? — respondeu Sekito.

Você está sempre puro; Isso é a terra pura. O seu espaço interior nunca acumulou sujidade. Esse espelho está sempre limpo. Nenhuma sujidade pode chegar a essa profundidade, aquele além invisível.

— O que é o nirvana? — perguntou o monge.

Ele não está a entender nada, porque a primeira pergunta é a última pergunta. Todas são repetições da mesma coisa. O nirvana não é nada senão libertação, a libertação de todos os desejos, a libertação de todos as

dependências, a libertação de toda a servidão. O que é nirvana? A libertação do nascimento e da morte.

E Sekito disse: «Quem te deu o nascimento e a morte?» É você, o seu desejo.

Tente fazer uma pequena experiência. À noite, quando for dormir, espere, e no último momento, quando pensar que está na iminência de adormecer, diga só: «Um.» Continue a dizer: «Um, um, um...» Enquanto atravessa a fronteira entre estar acordado e dormir: «Um, um, um...» Talvez duas ou três vezes depois de ultrapassar o limite, ainda consegue repetir: «Um, um, um...», e então estará a dormir. De manhã repare. À medida que vai tomando consciência de estar a acordar, ficará surpreendido, porque está a repetir: «Um, um, um...» Estranho! Após oito horas de sono, aquele «um» foi sendo repetido continuamente dentro de si. O último pensamento que tem quando vai dormir será o primeiro pensamento que terá ao acordar. Esta é uma verdade absolutamente comprovada.

Por que lhe estou a dar este exemplo? Porque o último pensamento e desejo quando você morrer terá de ser o de entrar num ventre. Se morrer sem um desejo, sem qualquer pensamento, não irá entrar em ventre nenhum. Ninguém o vai forçar para dentro de algum ventre. Terá de ser o seu desejo, o seu último desejo quando morrer. Alguma ambição, alguma insatisfação, alguma frustração... Você queria ser primeiro-ministro e falhou. Você queria ser o homem mais rico e falhou. Você queria uma mulher bonita e falhou. O que permanecer em si vai levá-lo até um novo ventre para que possa satisfazer o seu desejo.

A vida é muito misericordiosa, a existência é muito compassiva. Ela dá-lhe hipótese após hipótese, oportunidades após oportunidades. Se morrer em meditação, sem qualquer desejo, já não haverá um ventre para si, nem nascimento, nem morte. Era o que Sekito estava a dizer. Quem lhe deu o nascimento e a morte? Você mesmo. Pelos seus desejos, pelas suas ambições, vai perpetuando o ciclo de nascimento e morte. Pare de desejar; isso é o nirvana, em que seguirá da morte para o cosmos, e não para outro ventre.

Seguir para o cosmos, tornar-se um só com a existência, é o nirvana. É também a libertação, é também a liberdade, é também puro paraíso — nomes diferentes para a mesma experiência.

O monge assistente voltou para Nangaku e relatou as respostas de Sekito.

Nangaku juntou as duas mãos e fez o gesto de tocar os seus pés.

Ainda que não estivesse lá, ele aceitou Sekito como iluminado.

É uma história muito estranha. Quando Sekito foi ter com ele com uma carta para lhe entregar, não conseguiram encontrar nenhuma sintonia entre

eles, e Sekito regressou sem ter entregado a carta. Nessa altura ele não era iluminado. Desta vez, Sekito tinha-se estabelecido no mesmo monte onde Nangaku tinha o seu templo e mosteiro — e o imperador tinha dado ao local o nome de Monte Nangaku — no topo da colina, numa pedra lisa.

Depois de ter morrido o mestre de Sekito, Nangaku soube que Sekito estava sentado numa rocha. Ele queria saber se este se tinha tornado iluminado ou não. Ele reparara naquele dia, quando Sekito viera como discípulo de Seigen — , ele deve ter reparado no homem, na sua força e no seu poder. Ele tinha feito uma pergunta e Nangaku respondera: «A tua pergunta é muito arrogante. Tu devias perguntar de uma forma humilde.» Ao que Sekito retorquira: «Eu posso cair no fogo eterno do inferno mas não vou fazer a pergunta de outra forma.» E regressou de imediato, um homem de aço.

Nangaku era um mestre famoso. Quando ouviu estas respostas trazidas pelo monge, ele dobrou as mãos e inclinou-se; ele reconheceu que Sekito se tinha tornado iluminado. Estas respostas não podem ser dadas por um qualquer erudito. Elas não podem ser conhecimento emprestado. Elas só podem surgir como uma experiência.

Nessa altura, Kengo, Ran e Nangaku eram considerados os três mestres do país, e todos os três disseram:

— Da cabeça de pedra vem o rugido de leão até ao meu ouvido.

Por estar sentado numa pedra com a cabeça rapada, ele ficou conhecido como Sekito Cabeça de Pedra. Todos os três mestres disseram:

— Da cabeça de pedra vem o rugido do leão até ao meu ouvido. Ele está sentado muito longe, mas eu consigo ouvir o rugido do leão.

O monge voltou para junto de Sekito e pediu para lhe dizer caso houvesse alguma coisa que pudesse fazer por ele. Um pouco mais tarde, o mestre Nangaku foi com os seus monges ver Sekito.

É um fenómeno estranho. Antes, Sekito tinha ido como discípulo até Nangaku. As coisas mudaram completamente, agora é Nangaku que vai prestar homenagem a Sekito.

Sekito levantou-se para o receber, e cumprimentaram-se os dois. Mais tarde, Nangaku mandou construir um templo para comodidade de Sekito.

O Zen dá um sabor completamente diferente a tudo — sem competição. Nangaku fez um templo para Sekito na sua montanha para sua comodidade e tomou conta dele. Um monge ia regularmente perguntar-lhe se precisava de alguma coisa. Mas em breve milhares de pessoas começaram a ir ter com Sekito. Ele tornou-se um dos maiores mestres Zen. Ele era um homem muito direto, não era um filósofo ou um teólogo; as suas respostas eram muito simples, mas

acertava em cheio. A sua espada era muito afiada, só com um golpe ele cortava o intelecto das pessoas, a sua mente. Ele ajudou muita gente a tornar-se iluminada. Muito poucos mestres se podem gabar de ter tornado tanta gente iluminada como Sekito.

Chinejo escreveu:

De repente luz
de repente escuro —
Também eu sou um pirilampo.

Você viu o pirilampo. Ele continua... quando abre as asas, vê-se a luz; quando fecha as asas, há escuridão.

De repente luz
de repente escuro —
Também eu sou um pirilampo.

Chinejo devia ter estado a meditar profundamente de noite. E no silêncio da noite, com muitos pirilampos à sua volta, por vezes escuro, por vezes com luz, por vezes escuro, por vezes com luz, de repente ele ficou tão sintonizado com os pirilampos que disse: «*Também eu sou um pirilampo. Às vezes sou ignorante e às vezes estou desperto. Às vezes tudo é escuro e às vezes tudo se ilumina.*»

No passado, os budas foram todos tão ignorantes como você é; e toda a gente que é ignorante tem futuro. Num dia, de repente, a luz; e nessa luz todo o passado, talvez milhões de anos, desaparece como sonhos. Buda costumava medir a idade das pessoas a partir do momento em que se tornavam iluminadas. Ele não contava a idade anterior.

Certo dia, um grande imperador daquela época, Prasenjita, estava sentado ao lado de Buda a fazer-lhe perguntas. E um velho monge — ele devia ter pelo menos setenta e cinco anos — dirigiu-se a Prasenjita:

— Peço desculpa. Eu tenho estado à espera mas preciso de partir antes do pôr-do-sol. Preciso de ir à outra aldeia — um monge budista não pode viajar de noite —, por isso estou com pressa. Vou interrompê-lo por um bocadinho, só para tocar nos pés de Buda e perguntar se tem alguma mensagem. Posso nunca mais o ver e quem sabe o amanhã?

Então ele tocou nos pés de Buda e Buda perguntou:

— Quantos anos tem?

— Quatro anos — respondeu o velhote.

Prasenjita não queria acreditar e não pôde resistir à tentação de intervir. Ele questionou:

— O quê? Quatro anos? Você deve ter, pelo menos, setenta e cinco.

— Prasenjita — disse Buda —, tu não sabes. Na minha comuna nós só contamos os anos que a pessoa viveu como ser iluminado. Antes disso, só havia escuridão e sonhos, pesadelos, tristeza, não vale a pena contar. Tens razão, ele tem setenta e cinco anos segundo o mundo comum, mas este não é o mundo comum. Ele vive numa comuna extraordinária. No que me diz respeito, ele tem quatro anos. Eu só estava a ver se ele se lembrava ou não. Ele lembra-se. Ele sabe o que é a vida real — só quatro anos. Os setenta e um anos foram falsos, não importam, não têm qualquer significado. Não é preciso contá-los.

Buda disse:

— Podes partir com as minhas bênçãos, porque a tua memória está correta.

E a última pergunta:

Friedrich Nietzsche escreveu sobre si mesmo: «Um dia ser-me-á associada uma crise como nenhuma outra anterior, do mais profundo choque de consciências, de uma decisão contra tudo aquilo em que até então se acreditara, que até então se exigira, se sacrificara. O meu destino é conhecer-me por oposição à falsidade de milénios... Eu não sou um homem, sou dinamite.» Isto parece ser muito mais verdadeiro em relação a si do que em relação a Nietzsche. Quer comentar?

Não é preciso comentar. Eu não sou um homem, sou dinamite. O que Nietzsche estava a dizer não aconteceu durante a sua vida; ele acabou num manicómio. Não se juntou nenhuma multidão, nem discípulos, nem amigos.

A última fase da sua vida foi uma tragédia. A mulher que ele amava recusou casar-se com ele, porque achava que ele não estava com o juízo todo. O homem que ele respeitava, Wagner, um grande músico, disse-lhe para não ir a sua casa porque foi à esposa de Wagner que ele se declarou. Todos os seus amigos o abandonaram, apenas ficou a sua irmã para cuidar dele. E por fim, também ela foi incapaz de o fazer e teve de o pôr num manicómio.

Ele foi certamente um homem de uma grande visão, mas possuía um entendimento de cariz puramente intelectual. Esse entendimento levou-o à loucura, porque ele não conseguia viver com a multidão, mas também não conseguia viver sozinho. Ele estava contra tudo, tal como eu estou.

No entanto, eu sou perfeitamente capaz de viver sozinho. A minha solidão é o silêncio absoluto. Eu estou convosco durante esta palestra da noite, depois estou sozinho o dia inteiro e a noite inteira. Mas a minha solidão não é solitária,

a minha solidão é tão cheia da existência, tão cheia de êxtase e de embriaguez divina. A minha solidão é o meu íntimo mais profundo, a minha consciência mais elevada.

Friedrich Nietzsche era pobre, no sentido de nunca ter sabido nada sobre a meditação. Por isso a sua dinamite virou-se contra si próprio. Ele queimou-se nos seus próprios argumentos intelectuais, racionais e lógicos.

Mas certamente que eu não sou um homem, sou dinamite. E a minha gente já veio e está a vir cada vez mais. Milhões deles virão a estar aqui. Nada os impedirá: nem as fronteiras de nações, nem os limites das igrejas. E o meu trabalho é colocar dinamite em si para o destruir completamente, para lhe permitir entrar no cosmos com um coração dócil, descontraído, em paz, por fim em casa.

Você tem razão, o sentimento está certo. Ele não precisa de mais nenhum comentário. Agora, depois de um tempo tão sério e difícil, algum riso para ajudar.

≈

Gilda e Gilbert Goldfish estão a nadar no seu aquário, enquanto têm uma profunda discussão filosófica.

— Então — gargareja Gilda —, tu dizes que não acreditas na existência de Deus?

— É verdade — borbulha Gilbert, deixando cair o seu exemplar de *Assim Falou Zarathustra*. — E Friedrich Nietzsche diz que Deus está morto e os peixes são livres!

— Ah! — balbucia Gilda. — Então quem é aquele tipo que muda a nossa água?

≈

Chester, golfista obsessivo, prepara-se num domingo de manhã para ir jogar golfe no campo local.

— Golfe, golfe, golfe! — reclama Betty, a sua mulher, com as mãos nas ancas e rolos no cabelo. — É só nisso que pensas. Se alguma vez passares um fim-de-semana comigo, acho que vou cair morta!

— Bem — responde Chester, enquanto põe o seu chapéu de golfe. — Não vale a pena tentares convencer-me!

≈

O Chefe de Patrulha Kowalski e o seu colega, Agente Jablonski, vão descendo a rua principal de Varsóvia, com a noite bem adiantada. De repente, o Agente Kowalski tropeça num cadáver deitado no passeio com uma enorme faca nas costas, mesmo em frente ao Teatro Filarmónico.

— Ei — grita Kowalski espantado. — O que temos nós aqui?

— É um cadáver, chefe! — exclama o Agente Jablonski, com os olhos esbugalhados.

— Certo! — diz Kowalski, que puxa do seu bloco de notas e começa a escrever. — Hora? — grita ele.

— Hum... uma da manhã — responde Jablonski, olhando nervosamente para o relógio.

— Certo — diz Kowalski, escrevendo furiosamente. — Agora a data!

— Hum... sete de Março — responde Jablonski, verificando o seu calendário.

— Boa! — grita Kowalski. — Descrição?

— Hum... faca espetada nas costas — grita Jablonski.

— Certo! — exclama Kowalski. — E localização? — Jablonski olha para o enorme edifício e diz:

— Hum, f-i-l-a-r-m-ó-n-i-c-o. Teatro Filarmónico?

Kowalski coça a cabeça e começa a escrever.

— F-i-l-h... não, não é assim — diz ele, e tenta de novo. — F-ill... não, não é isto! Talvez seja f-h-i-l. Ora bolas! — queixa-se Kowalski, partindo o lápis. — Como diabo é que se escreve «Filarmónico»?

— Irra — responde Jablonski —, não faço ideia.

Então Kowalski inclina-se, pega no corpo ensanguentado, atira-o sobre o seu ombro e começa a ir embora.

— Ei, chefe! — grita o Agente Jablonski. — O que está a fazer?

Kowalski vira-se para ele e diz:

— Vamos pô-lo em frente aos correios!

≈

Agora a meditação:

Fique em silêncio, feche os olhos e sinta o seu corpo completamente paralisado.

Este é o momento certo para olhar para dentro.

Reúna a sua energia, a sua consciência total, e com urgência, como se este fosse o último momento da sua vida, corra para o seu centro mais íntimo — cada vez mais depressa, cada vez mais profundo.

À medida que se aproxima do seu centro, um grande silêncio desce sobre si. Ele cai como uma chuva suave, muito tangível. Um pouco mais perto, surge uma grande paz das suas fontes mais profundas, que o rodeia com uma glória que nunca sentiu antes, uma graça que não é deste mundo.

Mais um passo e você está no centro do seu ser.

Pela primeira vez está a ver a sua face original. Como símbolo, no Oriente nós aceitámos a face de Buda como a face original de toda a gente. Você está a ver o seu próprio buda escondido.

Este é o seu esplendor escondido. Esta é a sua natureza, o seu *dharma*.

O buda só tem uma qualidade, o testemunho.

Testemunhe que você não é o corpo, testemunhe que você não é a mente, testemunhe que você é só uma testemunha. E de repente tornar-se-á um só com o buda.

Quando o seu testemunhar vai ficando mais profundo, começa um grande êxtase, começa a surgir em si como uma flor de lótus a abrir, fresca, ao sol da manhã.

Nas suas pétalas ainda estão frescas gotas do orvalho da noite, a brilhar ao sol como pérolas.

Neste momento você é a pessoa mais sortuda da terra. Estar no seu centro, ser um buda é a maior experiência da vida.

Para tornar este testemunho mais profundo...

Descontraia... Deixe-se ir... Mas continue a testemunhar.

Muito devagar, começará a derreter como gelo no oceano, a desaparecer como uma unidade separada e a tornar-se na vastidão oceânica, na eternidade, no infinito.

Esta é a sua natureza essencial. Este é o seu património, ser um buda; e você foi para além da mente e alcançou a verdadeira fonte do seu ser, as suas origens. E quando a fonte e o objetivo se tornam um só, o ciclo fica completo.

Esta completude do ciclo é a iluminação. Todos os dias ele se tornará cada vez mais profundo.

Reúna todas as experiências que estão a acontecer agora mesmo: o sentimento de vastidão, o sentimento oceânico, a grande paz, o silêncio estranho, o grande êxtase e as flores de felicidade a caírem sobre si.

Recolha tudo, precisa de todas essas coisas para a sua vida comum do dia-a-dia — a mesma graça, a mesma paz, o mesmo silêncio, a mesma alegria, a mesma celebração.

Se conseguir trazer todas estas coisas do centro da circunferência, o buda tenderá a seguir-se.

Em todo o caso, convença-o. Convença o buda a chegar um pouco mais perto, a segui-lo para que continue a ser uma presença contínua atrás de si.

Em cada ato, em cada gesto, em cada palavra, em cada silêncio, de dia, de noite, ao acordar, a andar, a dormir, em tudo o que você faça, a sua presença está sempre lá a segui-lo como uma sombra.

Mas a sombra é muito sólida e muito brilhante; a sombra enche-o de uma grande alegria. O seu coração começa a dançar.

Agora regresse... mas regresse muito tranquilamente como se não estivesse ninguém aqui, muito silenciosamente, com uma grande graça. Lembre-se de que é um buda.

Sente-se apenas por uns segundos e recorde-se do caminho dourado que percorreu, para se lembrar de todas as experiências que abriram as portas no centro do seu ser.

A experiência do centro é o único milagre que existe.

Apenas pela sua honestidade, apenas pela sua sinceridade, você fez desta noite uma noite mágica. Sinta a presença do buda atrás de si.

Estes são os três passos da meditação: primeiro, encontra o buda como uma presença atrás de si; segundo, encontra o buda como uma presença à sua frente, o que faz de si uma sombra; e terceiro, a sua sombra vai desaparecer no buda, transformando-o no próprio buda.

Você já não vai mais ser, só o buda é.

O buda é apenas um símbolo da existência pura, da última libertação, do nirvana.

Um dia, estes três passos serão preenchidos em si. Quando o terceiro passo for dado, você estará desperto, iluminado. Então não existe nascimento para si, não existe morte para si. Você tornou-se parte do cosmos derradeiro.

Deus está morto, e o Zen é a única verdade viva.

¹ Rotary club, em inglês. (N. da T.)

CAPÍTULO 5

DEUS É A SUA INSEGURANÇA

Sekito escreveu:

A mente do notável sábio da Índia foi intimamente comunicada da Índia para a China. Entre os seres humanos há homens sábios e ignorantes, mas pelo caminho não há professor do norte ou do sul. A fonte misteriosa é nítida e brilhante, os seus ramos fluem através da escuridão.

Apegar-se ao relativo, isso é ilusão, mas enfrentar o absoluto não é iluminação.

Todos e cada um dos elementos da esfera subjetiva e objetiva estão relacionados, e ao mesmo tempo são independentes: relacionados, mas com funções distintas, cada um mantém o seu espaço.

A forma altera o carácter e a aparência; som, paladar, odor, distinguem conforto e desconforto.

A escuridão faz tudo parecer igual; a luz torna tudo diferente.

Os quatro elementos retornam à sua origem, como uma criança à sua mãe.

O fogo é quente, o vento desloca-se, a água é molhada, a terra é dura. Os olhos veem, os ouvidos ouvem, o nariz cheira, a língua degusta, um salgado, outro azedo.

Cada um é independente do outro, mas as diferentes folhas têm origem numa só raiz.

Amigos, antes de mais, as questões. A primeira:

Será possível resumir a diferença entre uma religião centrada num Deus e a essência da religiosidade à diferença entre um juiz externo a nós próprios, uma consciência projetada e uma testemunha no interior da nossa consciência?

A diferença entre uma religião centrada num Deus e as religiões sem Deus é imensa. As religiões centradas em Deus são pura ficção. Mas mentiras contadas repetidamente tornam-se aparentemente verdade. Deus como a derradeira mentira cria muitas mentiras à sua volta, porque nenhuma mentira sobrevive isoladamente. Porque nenhuma mentira é evidente por si mesma, esta requer outras mentiras que a sustentem; logo todas as religiões centradas em Deus criaram mentiras para apoiar Deus.

A verdade sustenta-se a si mesma, mas uma mentira não. A verdade não necessita de justificação como a mentira. A mentira exige muitas explicações,

muitas provas fabricadas, muitos indícios imaginários. A verdade é absolutamente despojada — ou a conhece ou não.

As religiões centradas em Deus são uma doença da alma, uma enfermidade da mente, porque Deus representa o seu medo, o seu pavor, a sua ansiedade, a sua insegurança. Então surge a prece, o padre e por fim a religião organizada, a igreja.

A verdadeira religiosidade não pode ser centrada num Deus. A verdadeira religiosidade é a sua própria interioridade, o seu próprio espaço interior.

E é possível ver-se as diferenças entre estes dois tipos de pessoas. Aqueles que seguem religiões centradas num Deus não manifestam compaixão, êxtase ou mesmo contentamento. Pelo contrário, eles são extremamente violentos, são verdadeiramente contra a liberdade. Vivem no medo constante de que alguém possa contestar as suas mentiras, e de que nessa situação sejam incapazes de responder, por apenas poderem contar com a sua crença. A crença pode ajudá-lo a esquecer a sua ignorância, mas não a destruí-la. O homem orientado para um Deus vive na ignorância mas pensa que sabe.

E meras palavras, teorias, hipóteses, não vão por si só mudar o seu carácter. Na melhor das hipóteses farão de si um hipócrita. Podem dar-lhe uma bela máscara mas não uma cara nova. Podem produzir uma personalidade muito conveniente, mas serão incapazes de criar ou revelar a sua bela individualidade. E a personalidade, por muito conveniente que seja, é um peso razoável no seu peito, no seu coração, pois você vive numa mentira. Ninguém se sente confortável a viver uma mentira.

O homem que não vive com base numa crença, mas que encontrou a verdade em si mesmo, subitamente transforma-se numa nova pessoa. Sem esforço.

A graça e a compaixão surgem por si mesmas, a violência perde-se, o medo dissipa-se, a morte e o nascimento desaparecem. Passamos a viver em harmonia com o universo. Não há tensão, estamos absolutamente descontraídos. Esta é a nossa casa. Deixamos a busca incessante, começamos a viver, a dançar, a amar. Conhecer o nosso eu mais profundo é o mesmo que conhecer o centro do universo. Abrem-se as portas de todos os mistérios — não começará logo a obter respostas, mas tornar-se-á mais misterioso.

Todas as respostas são produtos da mente. As perguntas surgem na nossa mente, tal como as respostas são fruto dessa mesma mente. Nem as perguntas nem as respostas o poderão conduzir à verdade. As respostas somente recalcam as suas questões, mas estas teimarão sempre em reaparecer.

Um homem sem Deus encontra-se em completa solidão. Não tem alternativa senão voltar-se para o seu íntimo. Todos os caminhos para o exterior

parecem sem sentido; estes não o levam a parte alguma, pois não há ninguém no exterior, nenhum Deus, nenhum paraíso.

Prescindir de Deus é de uma grande rebeldia, e absolutamente necessário para o despertar, para ser iluminado. Deus mantém milhões de pessoas prisioneiras fora das suas próprias consciências. E, sendo Deus uma ficção, as suas preces são falsas e a sua religiosidade é imposta. Por isso todas estas religiões exigem: «Faça isto, não faça aquilo.» Tudo é imposto a partir de fora. E sempre que algo é imposto de fora, a sua dignidade é destruída, a sua individualidade esmagada. A sua liberdade passa a escravidão, e a pior escravidão é a do espírito.

Com Deus você só pode ser escravo. Com Deus nunca se poderá libertar. A libertação começa quando se liberta de Deus e de todas as mentiras que o rodeiam.

A libertação leva-o ao seu centro, e lá pode encontrar uma experiência única que não é da mente; uma experiência de silêncio puro, verdade e beleza, de eternidade, de vida como felicidade constante. E porque experimenta esta felicidade dentro de si, ela acaba por transbordar. Você transpira graciosidade nas suas ações, os seus olhos brilham com amor, com profundidade. Os seus movimentos são os de um ser consciente, equilibrado e harmonioso. As suas palavras exprimem algo que está para além das palavras. O seu silêncio já não é o de um cemitério, ele não está morto. Está vivo, vigoroso. Tem pulsação, é uma dança silenciosa de pura consciência. É uma canção silenciosa, sem sons, mas infinitamente animada.

Tudo o que lhe é imposto pelo exterior destrói-o ao destruir a sua liberdade e individualidade. O seu espaço interior é totalmente encerrado, mas é fechado de uma forma tão perfeita que você nunca se apercebe de que os seus pais, os seus professores, os seu padres, os seus líderes e políticos — todo o tipo de pessoas consideradas sábias - são um veneno para si. Com as suas boas intenções elas envenenam cada criança. E Deus é o pecado original, pecado original porque criámos uma grande mentira, a derradeira mentira.

O cristianismo indiano é, surpreendentemente, o mais antigo cristianismo no mundo. Um dos discípulos mais próximos de Jesus Cristo, Tomé, foi diretamente para a Índia. O seu evangelho não foi incluído na Bíblia, por ter sido escrito na Índia, mas é o mais belo dos evangelhos. Os quatro evangelhos incluídos no Novo Testamento não se comparam àquele.

Tomé transformou-se num homem diferente aqui, pois compreendeu a diferença entre a religião centrada em Deus e a religião sem Deus. Uma religião sem um Deus dignifica o homem, pois este torna-se a mais evoluída consciência em toda a existência. Ela liberta o homem do fardo imposto pelo padre em nome de Deus.

E você perguntou: «Será possível resumir a diferença entre uma religião centrada num Deus e a essência da religiosidade à diferença entre um juiz externo a nós próprios...» Não existe um juiz, e não há religiosidade numa religião centrada em Deus. Trata-se apenas de teologia, de uma projeção da mente. Não é existencial nem experiencial. Primeiro lembre-se: a religião centrada em Deus não passa de um nome. Deus é ficção e, como tal, qualquer coisa centrada em Deus só pode ser uma mentira.

A chamada religião centrada em Deus não tem qualquer religiosidade. Tem uma determinada moral, tem uma espécie de disciplina imposta contra a natureza.

Deus é o inimigo da natureza, porque a natureza é verdade e Deus é uma mentira. Mas esta mentira domina milhões de pessoas dizendo-lhes que se afastem da natureza, que é a única verdade. Desta forma, não há religiosidade numa pessoa que se centra em Deus. O que esta possui é moral, o que não passa de uma convenção social. Esta convenção varia de sítio para sítio, de país para país, de raça para raça. O que aparenta ser religioso para uma fração da humanidade pode não o ser para outra fração, porque cada sociedade tem o seu próprio ambiente, o seu património, o seu passado — diferentes dos de outras sociedades.

Por exemplo, o conceito hindu de céu é o de um espaço com ar condicionado. Não é que usem a expressão «ar condicionado», mas dizem: «Durante todo o dia corre uma brisa fresca, perfumada; nunca está calor no céu.» Como é óbvio, as pessoas que fabricaram esta mentira vivem num país quente e esperam que a eternidade os livre das altas temperaturas.

Os tibetanos pensam no céu como um sítio bastante quente, onde a neve nunca cai. Não há Inverno no céu deles. Eles sofrem com o frio e o Inverno e a neve. Projetam assim algo que possam tolerar eternamente. Esta vida é curta, mas ter de passar pelo mesmo eternamente seria um exagero. A mente humana é muito frágil, demasiado fraca.

Repare no que cada país encara como religioso. Na Índia é necessário tomar um banho matinal e rezar antes do nascer-do-sol, e só depois se pode tomar o pequeno-almoço — não antes. Nas escrituras religiosas do Tibete consta que se deve tomar banho pelo menos uma vez por ano. O problema é que as pessoas prosseguem com estes costumes independentemente de viverem em climas diferentes.

≈

Um erudito brâmane meu amigo queria ir ao Tibete. Interessava-se pela língua e pelas escrituras tibetanas.

Eu disse-lhe:

— Toda essa literatura está disponível. Não tens de ir ao Tibete. E não serás capaz de ficar lá mais de dois dias.

— Por que não? — perguntou ele.

— Como poderás tomar banho antes do nascer-do-sol? — continuei.

— E sem tomar banho não podes tomar o pequeno-almoço. Não podes comer nada sem antes rezar, mas para rezares tens de, obrigatoriamente, tomar banho antes.

Mas ele não me deu ouvidos. Partiu para o Tibete, e passados apenas dois dias estava de volta. Nem conseguiu chegar a Lhasa, voltou para trás em Ladakh, que fica entre o Tibete e a Índia. Só Ladakh já foi demais para ele. Tomar um banho matinal neste local é correr risco de morte. Está um frio de rachar! Então ele regressou, não foi mais longe.

— O que aconteceu? — perguntei. — Passaram-se apenas dois dias e já estás de volta?

— Tinhas razão — respondeu ele. — Eu sou um brâmane e sou fiel à minha religião. Não posso passar sem tomar banho.

≈

Os lamas tibetanos vieram com o Dalai Lama quando este fugiu do Tibete invadido pela China. Assim, centenas de lamas acompanharam-no. Naquela altura eu estava a organizar um retiro de meditação em Bodhgaya, o sítio onde Gautama Buda se tornou iluminado. No mesmo local, exatamente ao lado da mesma árvore, era ali o retiro de meditação. Um grupo de lamas tibetanos veio então prestar homenagem à árvore debaixo da qual Gautama Buda se tornou iluminado.

Você não vai acreditar... mesmo à distância se sentia o cheiro pestilento. Eles ainda estavam convencidos de que deveriam tomar um banho por ano — na Índia! Estava um Verão quente e eles transpiravam. E continuavam a usar o mesmo tipo de roupas que vestiam no Tibete — camada sobre camada. No Tibete eles usam muitas camadas de roupa, mas estas estavam tão sujas, tão sebentas, com pó e gordura colados a elas... Estas roupas eram apropriadas para o Tibete, por protegerem o corpo do frio, mas na Índia...! Eles não tinham mudado.

Perguntei-lhes:

— Vocês percebem que estes chamados princípios religiosos não são mais do que convenções sociais? Fazem sentido no Tibete, mas aqui são uma palermice. Tantas camadas de roupa sobre roupa, vocês são loucos!

— A nossa religião diz que um banho por ano é absolutamente necessário. Mais do que isso é luxo. Mais do que isso é censurável, é perigoso — disseram. E reforçando a ideia de todos os que receiam ir parar ao inferno por contrariarem os ditames das escrituras, eles declararam: — É melhor cheirar mal do que ir para o inferno.

— Sem dúvida — respondi. — Vocês já estão no inferno! Eu nem acredito que o diabo vos deixe entrar no inferno, porque em nenhuma escritura do mundo é dito que o diabo cheira mal; ele é um cavalheiro, um bom rapaz. — E disse-lhes ainda: — Continuem vestidos com essas roupas na Índia e elas vão salvar-vos do inferno. Assim que o diabo sentir o vosso cheiro, ele fechará as portas: «Proibida a entrada a lamas tibetanos! Dirijam-se a outro sítio.»

Jesus costumava beber álcool. Atualmente na Índia, nenhuma religião concebe que um homem inteligente, um homem iluminado, possa beber álcool. Eu não vejo qualquer problema, pois se o corpo é ilusório, o álcool entra no corpo, não na alma. São chamadas bebidas espirituosas, mas não me parece que sejam espirituais! Não vão para o espírito. Podem afetar a sua mente, deixá-lo inconsciente, mas não conseguirão alterar a sua consciência, porque a mente e o cérebro são parte do corpo. A mente é o programa e o cérebro é o computador que é programado.

Quando uma criança nasce, tem um cérebro mas não uma mente. A mente não é mais que a acumulação de informação, de conhecimento; é a programação. Desta forma o cérebro será afetado pelo álcool, mas não a sua espiritualidade.

Então qual é o problema? Para mim não há qualquer problema. Até um buda pode tomar uma bebida de vez em quando, ir a uma festa — ao estilo italiano. Em Itália o conceito de festa é totalmente diferente do nosso. Trata-se de uma festa a sério, com dois parceiros. Mas porquê privar um buda de desfrutar de uma festa, um pouco de esparguete, um copo de vinho? Tudo isto são coisas materiais que não afetam o espírito.

Na Índia é inconcebível que um buda possa beber — nem chá seria aceitável. Ninguém imagina que Mahavira beba. A razão é muito simples. No clima quente da Índia, não é necessário beber álcool. Mas num clima frio, o álcool é absolutamente necessário. Mantém o corpo quente; não intoxica, apenas ajuda a manter o calor. E não faz mal sentir-se confortavelmente quente quando há neve a cair à sua volta. Como tal, num país frio a moral será diferente; num país quente a moral será diferente. Este é só um exemplo. Em todos os sentidos, variados climas darão origem a diferentes morais.

Maomé disse aos muçulmanos: «Podem casar com quatro mulheres.» Isto porque, naquele tempo, na Arábia Saudita, há mil e quatrocentos anos, a proporção era de quatro mulheres para um homem. Isto devia-se às guerras

constantes nas quais os homens combatiam. Tratava-se de uma sociedade tribal, e todas as tribos guerrilhavam com outra tribo. Obviamente os homens morriam e as mulheres ficavam. Por isso não condeno Maomé, pois ele estava a zelar pelo bem da sociedade. Caso contrário, o que aconteceria às restantes três mulheres? Acabariam por perturbar a sociedade. Teriam casos amorosos com homens casados, ou tornar-se-iam prostitutas; e um tal número de prostitutas daria origem a muita desolação, a muita perversão. Era por isso preferível que um homem se casasse com quatro mulheres.

Estranhamente... tenho mantido contato com alguns amigos muçulmanos. Fiquei admirado. Costumava pensar que, teoricamente, uma mulher era suficiente para levar um homem à loucura ou à iluminação — uma destas duas opções. O que aconteceria a um homem casado com quatro mulheres? Na verdade, quando tive contato com muçulmanos que tinham quatro esposas, a minha percepção foi totalmente diferente.

É o que eu sempre digo, na teoria algo pode parecer muito lógico, no entanto a vida não segue necessariamente essa lógica.

Fiquei surpreso por saber que não há discussões na família muçulmana, como acontece com frequência na maior parte dos casais, principalmente por causa dos ciúmes. A razão é que as quatro mulheres discutem entre si; o homem não tem nada a ver com isso. Elas nem se importam muito com o homem, o assunto é entre elas as quatro. Logo, o homem é muito mais feliz do que se vivesse com uma só mulher.

Eu perguntei a estes amigos:

— Qual é o problema? Uma mulher leva os homens à loucura ou a renunciar ao mundo — mais exatamente a renunciar à mulher — para se tornarem iluminados.

Mas agora percebo por que nunca um muçulmano se tornou iluminado. São pessoas normais. Também nunca vi um muçulmano louco. Como as quatro mulheres discutem entre si, o homem fica de fora. Ele pode assistir ao jogo, mas já não é parte dele.

Atualmente a proporção é outra. Num país como a Índia, a proporção de homens para mulheres é precisamente a mesma, e neste momento até na Arábia Saudita a proporção é idêntica. Ora, manter o costume de casar com quatro mulheres criará problemas e inconvenientes para a sociedade, porque três homens ficarão sem esposas. Agora, estes homens criarão problemas. Terão casos amorosos com as esposas de outros... E nunca se esqueça, a mulher do próximo é bem mais bela do que a sua — tal como a galinha do vizinho será sempre melhor do que a sua.

Os franceses utilizam uma expressão curiosa. Quando estiver profundamente apaixonado por uma mulher, diga-lhe «Quero comer-te» e ela ficará imensamente feliz. Mas isto só é possível em França. Se o disser na Índia — que a quer comer —, a mulher começará aos gritos. A polícia virá prendê-lo: «O que disse àquela mulher para ela gritar tão alto?» Imagine que responde: «Disse-lhe apenas que a amava, e depois disse-lhe “quero comer-te”»...

Até a linguagem muda — tal como muda a moral, como mudam as religiões de acordo com o clima, as tradições, o passado.



Ouvi falar de um espantoso guerreiro francês. Na Idade Média, os soldados faziam cruzadas com frequência. Os cristãos iam matar muçulmanos, matar judeus, ou então convertê-los ao cristianismo. Se quisesse ser poupado, tinha de se tornar cristão; caso contrário, morria.

Assim, este guerreiro ia numa cruzada, mas tinha uma bela esposa. Na Europa da Idade Média, utilizavam-se cadeados: quando um marido se ausentava, ele colocava um certo tipo de fechadura na sua mulher chamado «cinto de castidade». Tratava-se de um cinto com um cadeado cujo objetivo era não permitir que se fizesse amor com essa mulher. Certos cadeados, usados pelos mais abastados, incorporavam uma faca. Se algo tentasse entrar na fechadura, a faca atuaria. Estes cadeados estão em exposição em museus por todo o mundo, particularmente em Londres.

Desta forma, o guerreiro que se ausentava por meses — às vezes por um ou dois anos — trancava a sua mulher. Mas temia levar a chave consigo, visto ir para a guerra e poder perdê-la a qualquer momento, o que dificultaria imenso a abertura da fechadura. Seria necessário chamar um serralheiro ou um chaveiro que soubesse fazer uma segunda chave. E isso seria tremendamente embaraçoso. Então o guerreiro chamou o seu melhor amigo e disse-lhe:

— Vou partir para uma cruzada, e confio em ti; és o meu melhor amigo, toma esta chave. Quando regressar peço-te a chave. Esta é a chave para o cadeado da minha mulher.

— Fica descansado — disse-lhe o amigo.

E passados cinco minutos de o guerreiro ter partido no seu cavalo, avistou o amigo que cavalgava apressadamente na sua direção. O guerreiro parou e perguntou:

— O que se passa?

— Deste-me a chave errada — respondeu o amigo. Após apenas cinco minutos!

Quando o número de homens e mulheres não é proporcional, o que Maomé disse está correto, não tem nada de errado. Todavia, era uma realidade do seu tempo. Atualmente tornou-se uma regra para os muçulmanos, mas como não conseguem encontrar tantas esposas na sua própria religião, resolvem raptar as mulheres dos outros.

Na Índia é complicado. Basta que ponha um dedo em cima de esposa alheia... e os hindus ficam muito nervosos. Se uma mulher passar uma noite fora de casa, ela está desgraçada. Ela não poderá voltar a entrar na casa do seu marido, ele não o permitirá. Ela não poderá voltar à casa dos seus pais, estes expulsá-la-ão pois ela desgraçaria a honra da sua família: «Suicida-te, não há outra solução.» Em vez de cometer suicídio, a mulher volta para o muçulmano. Parece ser a atitude mais lógica e equilibrada.

Basta que a mulher passe uma noite fora de casa. Não interessa se ela fez ou não amor com outro homem. É desta forma que os muçulmanos indianos têm feito crescer a sua população. Evidentemente, um homem com quatro esposas pode ter pelo menos quatro filhos todos os anos. O mesmo não seria possível se fossem quatro maridos para cada mulher. Podiam nem sequer ter um filho — pois os quatro homens matariam a criança antes mesmo de ter nascido.

Por isso lembre-se, a sua religião centrada em Deus não é mais que uma convenção social. Não deveria como tal ser chamada religião, apenas se trata de um preceito moral usado para manter a estrutura da sociedade, da maneira menos inconveniente possível. Não se trata de religiosidade. A religiosidade nasce quando a sua consciência desabrocha.

É certo que as religiões centradas em Deus criam uma *moral*, mas não uma *consciência*. Muitos têm uma noção falsa de que moral e consciência são o mesmo. A raiz é a mesma, mas são como dois ramos crescendo em direções diametralmente opostas. A moral é-lhe imposta pelos outros.

A consciência é uma evolução que parte das suas profundezas até ao estado da mais pura elevação. A moral é como uma flor artificial.

≈

Em tempos tive um vizinho... Na altura eu possuía um magnífico jardim com variadas espécies de flores e de árvores. Claro que ele tinha inveja. Então, o que é que ele fez?... Eu conseguia ver apenas uma das suas janelas. Da minha casa não me era possível ver a totalidade da dele. Grandiosas árvores escondiam a sua casa do meu jardim, mas uma janela estava à vista — então ele colocou aí um vaso e encheu-o com flores artificiais. E só para me iludir, porque as flores de plástico não precisam de água, ele regava-as todos os dias, simplesmente para me mostrar que também ele tinha flores. Mas eu reparei que as flores

permaneciam sempre iguais — passaram-se seis meses e as flores lá estavam. Eu disse:

— Ele encontrou uma maravilhosa árvore em flor!

As flores artificiais são flores eternas. Aliás, os cientistas temem que o plástico seja um dos materiais que a terra não consegue absorver. Hoje em dia tantas coisas de plástico são despejadas para o oceano, e para a terra, que o sistema está completamente perturbado. O plástico é algo eterno.

Uma árvore nasce da terra, um homem nasce da terra; a árvore é posta na terra e desintegra-se de volta aos elementos. Mas o plástico é fabricado pelo homem. Pode colocá-lo na terra e após muitos anos, escavando, irá encontrá-lo intocado, igual.

Tudo isto por causa da mania americana de descartar tudo após usar uma vez. Até pode ser higiênico, mas é perigoso. Todo o fundo do oceano em redor da América está repleto de plásticos: sacos de plástico, seringas de plástico, tigelas de plástico, brinquedos de plástico. Tudo é feito de plástico. E todos esses plásticos deram origem a um fenómeno bizarro. Milhões de peixes morreram porque estes plásticos envenenaram a água. A vida extinguiu-se, está tudo morto. Cada dia receamos mais que as grandes quantidades de plásticos descartados no mar, nos rios, na terra destruam a vida; será tudo plástico.

Eu bati à janela do meu vizinho. Ele apareceu e eu disse:

— Você tem flores magníficas. As minhas flores são miseráveis; de manhã florescem, ao fim da tarde estão mortas. Apesar de você ter apenas um vaso, é muito melhor do que o meu jardim inteiro.

Ele ficou atrapalhado. Eu continuei:

— Você é um homem tão inteligente, sempre a regar estas flores...

Ele ficou mudo. A sua esposa apareceu e exclamou:

— Diz você que ele é inteligente. Ele é um idiota! Estou farta de lhe dizer que as flores artificiais não precisam de ser regadas.

— A senhora não sabe — disse-lhe eu. — Ele não estava a regar estas flores. Ele estava a tentar enganar-me. Estas flores estão aqui há seis meses, e vão estar para sempre. Este homem vai morrer, você vai morrer — continuei —, mas estas flores vão permanecer aqui. São seres imortais. Mas elas estão mortas, é por isso que são imortais — já estão mortas.

Poderá você matar um homem que já está morto? Uma vez que um homem está morto, ele passa a ser imortal. Não pode matá-lo outra vez. A ressurreição terá acontecido uma só vez, e também esta foi falsa. Uma vez que um homem morre, a morte deixa de existir.

Esta é a diferença entre a moral imposta/religião e um crescer interior da consciência. São realidades totalmente distintas. Possivelmente apenas na língua francesa são equivalentes os conceitos de moral e de consciência. Não tenho a certeza, eu não falo francês. Mas tenho a impressão de que em francês só há uma palavra para expressar estes dois significados: moral e consciência. Os linguistas franceses deveriam corrigir isto.

A moral é centrada em Deus; a consciência é o mais íntimo do ser a desabrochar. Só assim se pode reagir espontaneamente a cada situação. A moral centrada em Deus não contém nem uma pontinha de espontaneidade. Esta explora o conteúdo das escrituras sagradas, as palavras de Moisés, as palavras de Jesus; recorrendo sempre à memória. Mas a espontaneidade não requer a aprovação de ninguém — Manu, Moisés, Maomé, ninguém. A ação espontânea surge naturalmente em si e, porque surge em si, ela é autêntica, é honesta. Só assim você se comporta como um indivíduo, não como um carneiro. Só assim você funciona como um ser humano com dignidade, com esplendor e com honra.

Uma religião centrada em Deus priva-o de tudo o que é belo em si, deixando-o como um ser delapidado, deficiente, enfraquecido em todos os sentidos, explorado por todos os tipos de parasitas. Deus é o derradeiro parasita. Ele ameaça-o permanentemente. Claro que, como Deus não existe, o padre é o porta-voz, e continua a ameaçá-lo: «Você vai para o inferno se não me der ouvidos. Eu represento Deus.» É uma pura invenção do sacerdócio de todo o mundo para dominar o homem, para explorar o homem. Eles próprios não acreditam no que estão a dizer às pessoas. Como podem eles acreditar? Eles sabem que é uma ficção. Mas é uma boa profissão, um bom negócio.

Recentemente o arcebispo de Jerusalém — que é terra santa para as religiões de judeus, cristãos e muçulmanos -, o arcebispo desta cidade sagrada foi detido em Londres por comportamento indecente na casa de banho pública da estação de comboios, expondo-se e exibindo os seus órgãos sexuais a estranhos. O arcebispo de Jerusalém! É verdadeiramente inacreditável que pessoas que pregam o celibato possam, elas próprias, comportar-se de formas tão ridículas.

Mas estas pessoas são vítimas de um contínua perseguição por parte da religião, dos seus superiores, dos seus papas — contranatura.

Toda a moral é contranatura e a favor de uma determinada estrutura social. A estrutura social é fabricada pelo homem, não é perfeita, precisa de ser mudada. Mas toda a moral, todas as religiões que se centram em Deus,

protegem uma estrutura social. Opõem-se a qualquer revolução. Não possuem consciência. Em lugar de uma consciência criaram uma moral fictícia que lhes serve de consciência postiça. O que eles chamam de moral é simplesmente implantado, programado em si. Você é forçado a viver de acordo com ela, mas o seu íntimo não está em sintonia. Esta dicotomia surge das religiões centradas em Deus.

O Homem sofre de esquizofrenia, neurose, psicose — diversas doenças mentais — por causa de uma ficção que não consegue rejeitar. Rejeite Deus de uma vez por todas e sentir-se-á mais são, mais natural, como o recetáculo de uma beleza que só é possível aos seres naturais.

Se crê num Deus, deve recear o seu julgamento. Mas se Deus não existir, não há julgamento. Existe apenas uma testemunha, e uma testemunha não é um juiz. Uma testemunha é só um espelho. Mostra-lhe claramente a situação e oferece-lhe uma resposta espontânea. Tem uma enorme beleza e harmonia, e a sua vida passa-se sem qualquer pesar. Você deixa de olhar para trás, centrando-se no presente, passa a ser uma testemunha, agindo, enfrentando o que encontra na vida de acordo com a sua própria consciência.

E lembre-se de uma coisa: mesmo que acabe no inferno, se tiver vivido espontaneamente e de acordo com a sua consciência, não se irá arrepender. Por outro lado, se for para o céu porque outros o forçaram a agir de acordo com determinadas regras, certos mandamentos, vai arrepender-se de não ter vivido a sua vida em sintonia com a sua própria natureza, mesmo estando no céu.

Há apenas um estado de felicidade no mundo, que é fruto de viver conforme a sua natureza, de acordo com a sua própria existência. Não se preocupe com mandamentos, não se importe com disciplina, nem com moral. Viva simplesmente em harmonia com a sua consciência e continue a desenvolver a sua consciência. Em breve chegará a Primavera, e todas as flores lhe trarão uma visão clara, confiança em cada ato, em cada reação. Cada uma das suas reações será bela, pois será o resultado de uma consciência a crescer.

A moral é emprestada. A consciência é a sua natureza. A diferença é enorme.

Segunda pergunta:

Parece que a vida não é o principal valor e que o homem mecanizado é dispensável. Deus não passa de uma fantasia doentia, portanto, é óbvio que esse também não pode ser o derradeiro valor. Afinal de contas, o que nos resta?

Nada — apenas você mesmo. Uma vez que Deus desaparece, ali fica você, só e responsável.

As pessoas amparam-se em Deus por uma razão. Elas transferem para Deus toda a sua responsabilidade; ele protege-as. Basta-nos ir à igreja todos os domingos — isso chega — e Deus protege-nos. Mas o que você não sabe é que no momento em que entrega a sua responsabilidade a Deus, está a colocar a sua liberdade nas mãos dele; isso quer dizer que se tornou uma marioneta.

Assim que se apercebe de que Deus não passa de uma fantasia doentia, essa percepção fará de si um ser são e completo. E essa plenitude, essa solidão, é uma experiência tão bela que deixará de precisar de valores, de um derradeiro valor. Você é o derradeiro valor. O seu verdadeiro ser, quando plenamente descoberto, é um Gautama Buda. Não vai precisar de nenhum outro valor como incentivo para atingir o seu objetivo.

Tudo o que precisa é de rejeitar as fantasias doentias. Aí, todas as religiões desaparecerão da terra, tornando-o absolutamente são. Nessa sanidade e solidão, nessa liberdade, irá encontrar os seus mais elevados e profundos extremos. E é precisamente isto o verdadeiro significado, a verdadeira expressão, o derradeiro valor. Você é o valor. É por causa desta fantasia doentia, por estar a olhar para as estrelas, que não olha para si mesmo.

Terceira questão:

As sociedades primitivas sempre conceptualizaram Deus como parte do seu ambiente, como os rios, as árvores, o Sol e a Lua. Quando se tornaram mais civilizadas, as sociedades começaram a conceptualizar Deus como um ser individual. Por que foi assim?

Nas sociedades primitivas não havia propriedade privada. Nas sociedades primitivas não havia famílias, eles eram tribais. Ninguém fazia ideia de quem era o seu pai, apenas conheciam vários «tios» e a mãe. As sociedades primitivas eram matriarcais; a mãe era a única familiar; o conceito de pai não existia nessa altura.

As sociedades evoluíram da caça para a agricultura, deixaram de ser nómadas; de outra forma teriam perpetuado a migração em busca de mais animais para caçar. Não lhes era possível permanecer por tempo alargado no mesmo local porque a comida começaria a escassear. Quando os animais se afastavam, os homens seguiam-nos. A sua única preocupação era como arranjar alimento. Não havia casas, não havia cidades, havia simplesmente acampamentos temporários. A propriedade privada não tinha nascido ainda.

Com a agricultura, surge também a propriedade privada. Os mais fortes conseguiram o máximo número de terras possível. Os mais fracos viviam com o mínimo — com os restos que lhes eram deixados pelos bandidos mais fortes. Esses poderosos criminosos tornaram-se eventualmente os seus reis, os seus

senhores, os seus condes. Estes criminosos privaram a humanidade de muitas das suas alegrias, forçando-a a viver subjugada.

Mas depois de surgir a propriedade privada, o pai tinha de se assegurar de que o seu filho era realmente seu filho. Ao mesmo tempo que surge a propriedade privada, surge também a família. E com a propriedade privada, a mulher é despromovida a espécie sub-humana. Ela passa a ser uma prisioneira. Agora também ela era propriedade, propriedade de um homem, e a sua obrigação era ser uma máquina de produzir filhos.

As tribos não conheciam o conceito de pai, mas sabiam muitas outras coisas que nós esquecemos. Eles sentiam vida a fluir nas árvores; sentiam vida a correr nos rios; sentiam vida nas ondas do oceano rebentando continuamente na praia. Eles eram mais sensíveis. Eram analfabetos e não civilizados, mas eram mais sensíveis e recetivos.

Ouvi falar muito sobre os povos nativos da Austrália. A maioria foi morta pelos brancos, com tais requintes de malvadez que fazem do homem branco o mais bárbaro dos homens à face da terra. Os nativos australianos foram mortos praticamente como animais. As pessoas costumavam ir à caça de nativos porque não os julgavam seres humanos, mas sim uma espécie inferior. Cerca de noventa por cento dos nativos da Austrália foram mortos por brancos, muitas vezes comidos, porque eram considerados caça. Tal como se caça tigres, leões e veados, elas achavam que estavam a caçar uma espécie não humana. Os nativos não eram brancos, as suas caras eram diferentes, o seu comportamento era diferente.

Como estava a dizer, os nativos australianos tinham um hábito muito estranho. Eles não possuíam correio, serviço telefónico ou rede sem fios. Por isso, costumavam hipnotizar uma árvore, um tipo específico de árvore. A sua sensibilidade terá possibilitado encontrar a árvore adequada, suscetível de ser hipnotizada. Na humanidade, um terço das pessoas são suscetíveis de ser prontamente hipnotizadas, apenas 33 por cento. Curiosamente, apenas 33 por cento das pessoas são inteligentes; as inteligentes e as hipnotizáveis são as mesmas. Somente 33 por cento das pessoas são criativas; elas também são as mesmas pessoas. As restantes são insensíveis, amorfas, burras. Os nativos da Austrália descobriram qual era a árvore que mais se prestava a ser hipnotizada, e como tal, cada vila tinha a sua árvore hipnotizada. E através desta árvore eles costumavam enviar mensagens para outras árvores noutras vilas. Por exemplo, um pai queria enviar uma mensagem ao filho que viajara para outra vila. Quando o filho estava de partida, o pai dizia: «Se eu quiser enviar-te uma mensagem, fá-lo-ei precisamente ao nascer-do-sol. A essa hora, ouve a árvore hipnotizada da vila.» Mesmo que estivesse a centenas de quilómetros de distância! E cedo, precisamente ao nascer-do-sol, o pai dirigia-se à árvore da sua vila sempre que quisesse enviar uma mensagem ao filho. Ele dizia à árvore: «Por favor informa a árvore daquela vila, onde o meu filho aguarda uma mensagem...» Desta forma

ele transmitia à árvore a sua mensagem, que chegaria ao seu destino: «Podes ficar mais dois dias, mas termina o trabalho» — ou algo do género.

Durante milhares de anos esta foi a prática, mas gradualmente terá sido esquecida. A maior parte dos nativos esqueceram-se de como se hipnotiza uma árvore, porque os cristãos os forçaram a ir para escolas aprender a ler. O cristianismo opõe-se de forma veemente ao hipnotismo. Acham que é coisa do diabo. O hipnotismo, ou mesmerismo, ou algo semelhante, era considerado uma prática perigosa. Por isso eles destruíram os nativos, e aquelas árvores, que tinham estado hipnotizadas durante séculos. Elas tinham-se tornado tão sensíveis que imediatamente mandaram uma mensagem para as outras árvores, a quilómetros de distância. O espaço já não tinha importância, nem a distância.

O homem primitivo era extremamente sensível porque vivia entre árvores, vivia com animais, com rios, vivia com os mares, com as montanhas. Ele era parte da natureza. O homem primitivo não tinha religião, igreja, padres. Como é óbvio, ele pressentia a vida surgindo em seu redor e vivia no meio de um mar de vida. E claro que o seu amor pelas árvores, o seu amor pelos rios, o seu amor pelo oceano, pelas montanhas altas, pelas estrelas, pelo sol e pela lua, era imenso. Ele vivia num mundo totalmente diferente — intrinsecamente ligado. Ele era parte do cosmos tal como todos os seres vivos o são. No que diz respeito à sensibilidade, ele era um homem muito mais humano do que o chamado homem civilizado, que se tornou endurecido, mais mecânico, como um robô, tendo perdido a sua sensibilidade.

Observe, por exemplo, quando dá a mão a alguém. Algumas mãos parecem pertencer a um cadáver; sem energia, sem calor, sem o pulsar da vida, sem transmitir amor e amizade, estão fechadas, mortas. E também encontrará mãos que sugam a sua energia. Mais tarde sentir-se-á debilitado. Há pessoas com as quais não gosta de estar, porque se sente como se a sua energia fosse sugada, como se alguém lhe tivesse tirado o seu sangue. Elas são parasitas da energia. Não têm energia para oferecer, mas estão prontas para sugar qualquer energia sempre que possível. Também irá encontrar o contrário: ao dar a mão a alguém sentir-se-á revitalizado, mais saudável. Estas mãos estarão a fluir para o seu ser, a verter alguma energia para dentro de si, algum amor, algum calor.

Há uns dias, a minha secretária trouxe uma mulher muito rica para me ver. Ela, além de dona de uns quantos jornais e revistas, é uma mulher belíssima. Como queria escrever um artigo sobre mim, pediu-me para tirar uma fotografia com ela. Eu peguei na mão dela e fiquei chocado. A mulher sorria mas o seu coração era triste. Eu conseguia sentir uma tristeza profunda na sua mão.

Através da nossa sensibilidade conseguimos sentir se uma pessoa se sente culpada, pecadora, se está feliz ou triste, ou se está bem consigo mesma, sentindo-se digna como ser humano, sentindo-se enraizada, centrada, sentindo que há um lugar para si, que a sua existência não é acidental, mas sim que tem

um papel fundamental, caso contrário não existiria. «O facto de estar aqui mostra claramente que a existência precisa de mim. Há um objetivo maior, um destino que a existência quer que eu concretize. Eu sou a ambição da existência, tal como você o é.» No momento em que sentir isto, uma imensa gratidão crescerá dentro de si.

Era em nome dessa gratidão que o homem primitivo se ajoelhava perante as árvores, perante os rios, o sol, a lua. Era um costume muito mais belo do que ir à igreja e curvar-se perante o triste Jesus Cristo. Como é evidente, Jesus Cristo tem de estar triste; ele foi crucificado. Ninguém espera vê-lo rir; isso teria sido totalmente impróprio. Eu teria rido, mas Jesus tem uma cara desolada; infinitamente triste.

Irá constatar que todas as pessoas que se centram em Deus são sérias e tristes, porque no fundo elas duvidam. Deus não é a sua experiência, mas somente uma crença. Como pode fazer-se de uma crença uma verdade? Será sempre uma crença. Pode reprimir a sua dúvida ao máximo no seu inconsciente, mas ela está lá, viva e de boa saúde. Você fica triste porque vive uma vida fictícia, uma vida que não é a sua, uma vida que os outros lhe impuseram. Deus é o maior responsável por privá-lo do seu prestígio, da sua dignidade, do seu orgulho.

O homem primitivo adorava a existência. Na minha opinião ele era mais religioso do que o homem civilizado.

Com a propriedade privada surge a figura do pai. O pai protege-o quando você é uma criança, mas quando se transforma num jovem e se casa, tem de viver a sua própria vida. Possivelmente, nessa altura o seu pai já terá morrido, ou ficado velho e doente. Mas desde o início você viveu sob a proteção do seu pai. Ele era o homem poderoso na sua vida, o primeiro homem poderoso. Uma vez sozinho, começará a sentir um vazio no seu interior, que era anteriormente preenchido pelo seu pai. Logo, Deus torna-se o seu pai, um pai que não irá morrer.

O seu pai traiu-o, abandonou-o. Você confiou tanto nele, e ele não quis saber de si, deixou-o sozinho. Como vive programado desde a nascença, você sente de repente quando o seu pai o abandona, um vazio. Esse vazio pode ser preenchido por outro pai, mas este pai não pode ser humano, porque um ser humano já o desiludiu. A sua mágoa fá-lo projetar um pai que é eterno e imortal, distante e onipotente — o contrário do seu pai, o qual você pensava em criança ser capaz de tudo...

Tal é evidente quando vemos crianças pequenas a lutar: «O meu pai é o homem mais forte do Mundo!» «O teu pai é um fraco!» Todas as crianças pensam no seu pai como todo-poderoso; o pai é capaz de qualquer coisa, porque

a criança está sempre a vê-lo fazer todo o tipo de coisas. Ele conserta o carro, arranja a televisão, abusa da mãe... e a criança sabe que o seu pai é poderoso.

Mas este pai poderoso... lentamente, muito lentamente, conforme você cresce e se torna mais inteligente, passa a ver as suas fraquezas, as suas fragilidades. Repentinamente há uma rutura. Mesmo que o seu pai esteja vivo e ao seu lado, irá perceber que ele não é invencível. Ele está a envelhecer e em breve morrerá. Apercebe-se então de que ele não é todo-poderoso. Ele abana a cauda perante o patrão, a sua cauda invisível. Há milhões de anos costumava haver um ponto no fundo da sua espinha onde estava ligada uma cauda. O espaço ainda lá está. Esse era o grande argumento de Charles Darwin: se não havia cauda, por que razão existiria aquele espaço? Então não estaria lá. A cauda teria sido dispensada, deixando para trás aquele espaço onde costumava estar ligada.

Por que razão costuma sorrir quando vê o seu patrão? A verdade é que não sorri aos seus empregados; o empregado é que tem de sorrir, não você. Você nem repara, continua a ler o seu jornal; sabe que ele está ali, a sorrir, mas nem olha para ele. É a mesma coisa que lhe faz o seu patrão. Você sorri e ele continua a escrever. Possivelmente ele nem estava a escrever, mas ao vê-lo aproximar-se começa a fingir-se ocupado, mexendo nos seus papéis e nas suas pastas, mostrando-se indisponível.

≈

Eu costumava ficar em casa de um dos presidentes do partido do governo, U. N. Dhebar. Ele interessava-se muito por mim. Ele costumava frequentar os meus retiros de meditação, apesar de os seus amigos políticos desaprovarem, dizendo-lhe: «Não procures este homem.» Mas ele não era um político, não era astuto. Ele era um homem simples e muito autêntico. Foi por mero acaso, acidentalmente, que se tornou presidente.

Está sempre a acontecer. Ele foi escolhido para presidente porque era o mais educado — um homem bom, incapaz de dizer não. E Pandit Jawaharlal Nehru procurava um aliado. Nehru era o primeiro-ministro e queria que o partido fosse dirigido por si — o que faria dele um ditador — ou por um pau-mandado seu. Dhebar era um homem tão simples que dizia sempre que sim a qualquer pedido de Jawaharlal. Como tal, era este quem ditava as regras.

Uma vez fiquei em sua casa em Nova Deli. Ele contou-me todos os boatos sobre os líderes políticos e que tipo de pessoas eram; estava a contar-me tudo acerca desses idiotas. Havia um chamado Maulana Azad, um muçulmano, que não falava inglês ou hindustani. Este homem, um estudioso de árabe e de persa, era o ministro da educação da Índia. Dhebar estava então a falar deste Maulana Azad.

Um dia, Pandit Jawaharlal Nehru tinha ido a uma conferência em Londres sobre as nações da Commonwealth. Naquela altura, a Índia era parte da Commonwealth, agora já não é; Maulana Azad era o número dois do governo. Tinha-lhe sido atribuído esse segundo lugar para satisfazer os muçulmanos da Índia.

Ficará surpreendido por saber que a Índia é o país com maior número de muçulmanos. Nenhum país muçulmano tem tantos muçulmanos como a Índia. Mesmo com a separação do Paquistão e do Bangladesh, a Índia continuou a ter mais muçulmanos do que qualquer outro país do mundo. E para os satisfazer, o número dois do governo teria de ser um muçulmano. Quando Jawaharlal foi a Londres, Maulana Azad pensou: «Talvez agora eu possa ser o primeiro-ministro substituto, afinal de contas sou o número dois.»

Os primeiros-ministros são-no sempre, estejam onde estiverem. Não existe tal coisa como «primeiro-ministro substituto». Se o presidente, que é o chefe do governo, se ausentar do país, o vice-presidente passa a presidente substituto. Mas o primeiro-ministro não é o chefe do governo em constituições como a da Índia ou a de Inglaterra. O primeiro-ministro não é o chefe de nada, por isso não é necessário haver um substituto. No entanto, Azad pensava de forma diferente, e Dhebar dizia-me: «Todos lhe disseram que tal era absolutamente inconstitucional. Que não havia lugar na constituição para um primeiro-ministro substituto; que só havia lugar para um presidente substituto.»

Mas Azad não lhes deu ouvidos. Imediatamente telefonou ao motorista de Jawaharlal: «Traga a limusina até à minha casa; enquanto ele estiver fora, eu serei o primeiro-ministro substituto.» E com a bandeira do primeiro-ministro hasteada no carro, com duas motas à frente, duas motas ao lado e duas motas atrás, ele foi conduzido até ao Parlamento. Todos se riram...

U. N. Dhebar disse-me que Jawaharlal teve de telefonar de Londres a dar-lhe conselhos: «Não faças essa estupidez. Isso é absolutamente inconstitucional.»

E de repente o telefone tocou. Dhebar atendeu e disse:

— Estou muito ocupado, não me é possível marcar audiências para os próximos sete dias, no mínimo — e desligou.

— Você não está ocupado, está aqui comigo nos mexericos — disse-lhe.

— Este é o problema da política — respondeu ele. — Você tem de fingir que está muito ocupado, que não tem tempo nenhum — quando tem todo o tempo do mundo. Mas é preciso transmitir a ideia aos outros de que é um homem incrivelmente ocupado, pouco acessível. Por isso disse-lhe que deveria telefonar outra vez dentro de sete dias. Se nessa altura tiver tempo, recebo-o. Apesar de estar totalmente livre... Quero aproveitar a sua presença, por isso, cancelei

todos os meus compromissos. Enquanto estiver aqui em casa, não quero perder tempo com mais ninguém. Quero estar consigo. Esta é uma oportunidade rara, porque nos retiros de meditação não consigo. Esta é uma oportunidade fantástica. Dei inclusivamente instruções a toda a gente — aos meus guardas — para não permitirem que ninguém nos perturbe.

— Que estranho — disse eu. — Este homem que telefonou há pouco poderia querer falar de um trabalho importante.

— Isso não importa! — exclamou ele. — Ninguém quer saber de ninguém.

Muito boa pessoa, muito culto, muito educado, mas... «quem quer saber?»

Assim que ele me disse aquilo, eu afirmei:

— Isto não é razoável. E você reza todos os dias a Deus — ele tinha um pequeno altar na sua casa com uma figura de Krishna; era um devoto de Krishna. — A sua oração não tem significado. Mais vale ir lá fora e rezar à roseira. Ao menos a roseira está viva! Esse Krishna a quem você reza é fabricado pelo homem, não mais que um pedaço de pedra, esculpido em forma de estatueta. Você não vê que o seu Krishna não tem vida? Olhe lá para fora, o mundo inteiro está vivo. Os pássaros estão a chilrear, as flores estão a desabrochar, o Sol está a pôr-se. Brevemente o céu ficará coberto de estrelas.

≈

O Homem primitivo vivia no universo como uma parte fundamental dele, e estava grato simplesmente por estar vivo. A sua gratidão era mais autêntica do que o agradecimento a Deus por parte das religiões. Você está grato a uma ficção.

Um escritor inglês, linguista de renome, Dr. Johnson, tinha um hábito curioso, quase neurótico. Sempre que dava um dos seus passeios matinais, ele tinha de tocar em todos os postes de eletricidade. Se porventura se esquecesse de tocar num poste, voltava atrás, tocava-o e só depois prosseguia. Quem estivesse com ele perguntava: «O que estás a fazer?»

— É mais forte que eu! - dizia ele. — Sinto uma enorme premência, tenho de o fazer. Eu sei que parece estúpido, e sei que algo de errado se passa comigo, mas o que hei-de eu fazer? Se não toco num poste, isso causa-me tanta angústia, tanta emoção, tantos sentimentos — «O que estás a fazer? Volta para trás!» — que simplesmente tenho de voltar para trás.

Um poste de eletricidade!

Eu costumava dar um passeio matinal e havia um velho professor reformado que também o fazia. Ele simpatizou comigo e começou a caminhar

ao meu lado. No entanto, ele tinha o hábito... Na Índia existem templos por todo o lado. Em cada esquina, há um templo. Se não houver um templo, há pelo menos, debaixo de uma árvore, uma pedra vermelha representando o deus macaco. Este homem fazia uma vénia a todos os templos e pedras.

— Isto é uma tortura para mim! — disse-lhe eu. — Ou deixa de andar comigo, ou abandona os seus deuses. Que absurdo! Todos os sítios... esta cidade está repleta de templos deste e daquele deus, e você tem de se curvar... E eu tenho de ficar ao seu lado, o que me envergonha: que espécie de companheiro tenho eu? Portanto, ou pára de andar comigo — e pode seguir o seu caminho —, ou tem de parar com este hábito absurdo. Todas aquelas pedras estão mortas. Se quiser, olhe pelo menos para alguma coisa viva. Eu nunca o vejo reparar nas árvores, reparar nas flores ou olhar para a última estrela que está a desaparecer.

De manhã cedo é um momento de tanta tranquilidade: o Sol não nasceu, ainda está escuro e desaparece a última estrela. Foi neste momento, e que momento, que Gautama Buda se tornou iluminado. A última estrela estava a desaparecer, e ao mesmo tempo que a última estrela desaparecia, algo nele desapareceu igualmente. Subitamente o céu estava ali, vazio, e ele olhou para dentro. Também ali havia um absoluto vazio: dois céus — um interior, outro exterior — e um extremo silêncio. Pela primeira vez ele curvou-se, não perante ninguém em particular, mas sim perante a totalidade da existência. Isto é gratidão, isto é sensibilidade autêntica.

Com a propriedade privada, o pai passou a ser importante. E quando as pessoas percebiam como era o pai na realidade — faltava-lhe onnipotência, onisciência, onnipresença; ele não era um Deus —, viam-se obrigadas a criar Deus como substituto. Assim, quando Jesus cai para o chão, se põe de joelhos e chama «Abba!» em aramaico, que era a sua língua...

Jesus nunca falou hebraico; o hebraico era a língua dos intelectuais mais cultos, dos ricos, dos educados. O aramaico era a língua dos aldeãos, dos ignorantes; tratava-se de hebraico, mas não sofisticado. Abba significa pai em aramaico. Mas a forma como Jesus caiu no chão, olhou para o céu e chamou «Abba»... só mostra que ele não tinha amadurecido para além da infância. Era imaturo.

E não esqueça a diferença entre imaturo e infantil. Aquele que desperta torna-se infantil, mas não é imaturo. Ao centrar-se em Deus, uma pessoa torna-se imatura. O seu comportamento é o de uma criança que se perdeu numa feira e está à procura do pai. «Abba», grita ela. «Onde está o meu pai?» Sem o pai ela não está a salvo, sente-se insegura.

Todas estas orações mostram o seu medo, todas estas preces mostram a decepção que sente em relação ao seu pai. Você criou uma fantasia, e essa fantasia é doente.

Uma breve nota biográfica antes de falarmos sobre os sutras:

A iluminação de Sekito aconteceu enquanto este lia o Chaolun, uma obra escrita por Sengchao no ano 400. Sengchao compôs este trabalho enquanto aguardava para ser executado na prisão. A passagem que inspirou a iluminação de Sekito foi: «Aquele que faz de si mesmo todas as coisas do universo, não será ele o verdadeiro sábio?»

Aquele que faz de si mesmo a totalidade da existência, não será ele o verdadeiro sábio? Bastou esta frase, e bruscamente uma revolução tomou conta dele. Partindo da ignorância, ele deu um significativo salto em direção à iluminação.

É precisamente isto que lhe tenho estado a dizer: a religiosidade sem Deus significa que você e o universo são um. Apenas com esta frase: Sekito devia estar mesmo prestes, mesmo na fronteira. E enquanto lia esta frase: «Aquele que faz de si mesmo todas as coisas do universo, não será ele o verdadeiro sábio?» — apenas por ler este sutra, deu-se uma metamorfose. Ele tornou-se um homem inteiramente novo. A velha personalidade caiu e pela primeira vez ele foi um indivíduo em sintonia com a existência.

Este homem, Sengchao, era também ele um mestre notável. Mas quanto mais notável é um mestre, mais a sociedade teima em rejeitá-lo. Ele foi preso pelas suas palavras de reprovação dirigidas à antiga religião do Japão — que nem sequer é uma grande religião; é tão comum como o hinduísmo, o islamismo, o cristianismo. Não tem a essência dos génios nem dos gigantes.

Mas sempre que surge um génio ou um gigante, o homem pequeno das massas fica furioso, sente-se inferior, fica enraivecido. Ele matou Sócrates, matou Jesus, matou Mansoor. Também matou Sengchao. E porque a multidão estava contra ele, o imperador teve de o deter. Ele estava a causar um enorme tumulto no país devido às suas afirmações. E as suas afirmações são de uma tal beleza que uma única frase fez com que Sekito ficasse iluminado.

O pequeno livro de Sengchao, Chaolun, consiste em declarações muito resumidas, pois foi escrito pouco tempo antes da condenação à morte. Que homem! — sem se preocupar com a morte, mas a escrever o seu último testamento, sem temer a morte, sem questionar a morte. O seu livro foi escrito mesmo antes de lida a sua sentença. É um pequeno livro. Não encontrará a sombra da cruz nele. Se não o soubesse de antemão, você nunca sonharia ou imaginaria que este livro havia sido escrito mesmo antes de ele ter sido assassinado. Isto mostra o calibre deste homem; isto mostra a profundidade e a elevação do seu conhecimento; isto mostra a sua grandiosidade, o seu esplendor.

Uma curta frase desse livro levou Sekito a ficar iluminado. E inspirado por *Chaolun*, decidiu escrever um livro chamado *Sandokai*, que é tão belo como o primeiro.

Muito raramente terão acontecido casos destes no mundo contemporâneo. Foi o que se passou com *Assim Falou Zaratustra* de Friedrich Nietzsche que inspirou Kahlil Gibran a escrever *O Profeta*. Ele escreveu *O Profeta* quando tinha apenas vinte e um anos, e deve ter escrito durante a sua vida pelo menos cinquenta livros. Em cada livro ele tentava ultrapassar, sem sucesso, *O Profeta*, um livro de grande inspiração. Ele estava a transbordar de tal forma com as reflexões de Friedrich Nietzsche, que estas o projetaram para outra dimensão.

O Profeta é uma obra magnífica, mas os seus outros livros... Ele escreveu *O Jardim do Profeta*, uma tentativa de superar o primeiro, mas falhou. E escreveu pelo menos cinquenta livros: trinta em inglês; vinte na sua língua mãe, o libanês. Mas em nenhum outro livro ele conseguiu chegar aos pés d'O Profeta — nos outros livros ele estava a escrever. *O Profeta* foi escrito sob a vasta influência das reflexões de Nietzsche. Não poderá ser comparado a *Assim Falou Zaratustra*, mas anda muito próximo.

O mesmo se passou com *Chaolun* de Sengchao e *Sandokai* de Sekito. A diferença é que eles eram ambos iluminados. *Sandokai* eleva-se à altura de *Chaolun*.

Nem Friedrich Nietzsche era iluminado, nem Kahlil Gibran o era, mas o primeiro era um gigante comparado com o segundo. Nenhum dos dois era iluminado, mas Nietzsche atingiu a verdadeira fronteira da mente. Apenas mais um passo e ele teria sido iluminado. Kahlil Gibran estava longe dessa fronteira, é por isso que nunca ficou louco.

A loucura de Nietzsche é um sinal de que estava prestes a ficar iluminado, mas nunca chegou a encontrar a porta. Ele não fazia ideia de que havia algo para além da mente; por isso embatia sempre contra uma parede, a tentar forçar-se para além da mente. Mas ninguém se deve forçar. Há uma porta que tem de reconhecer; a porta chama-se meditação. Caso contrário, ao atirar-se contra a parede, estará a dar cabo de si próprio. Foi isto que levou Nietzsche à loucura.

Kahlil Gibran nunca enlouqueceu. Ele nem sequer chegou a atingir a fronteira da mente; a questão de uma não-mente não se põe. Mas apenas a sombra do intelecto monstruoso de Nietzsche bastou para despertar nele tremenda inspiração, e ele criou *O Profeta*.

Estes livros, *Chaolun* e *Sandokai*, encontram-se ambos ao mesmo nível. Estamos a entrar no *Sandokai*, ao qual estes sutras pertencem. Cada frase desta obra é mágica.



Os sutras:

A mente do notável sábio da Índia foi intimamente comunicada da Índia para a China.

Foi intimamente comunicada porque um homem com a mesma elevação de Gautama Buda, Bodhidharma, foi à China. Ele era cheio de luz, cheio de alegria, cheio de êxtase. A sua primavera tinha chegado. Ele foi à China como aquele que despertou. É por esta razão que a palavra íntimo é utilizada.

Antes de Bodhidharma chegar à China, milhares de estudiosos budistas tinham ido lá. Centenas de escrituras budistas foram traduzidas para chinês. Praticamente toda a China tinha já sido convertida ao budismo muito antes da chegada de Bodhidharma. Mas nenhuma dessas pessoas havia despertado. Eram notáveis intelectuais que tinham traduzido escrituras. As escrituras eram belíssimas. A China nunca vira nada assim. Tinha apenas um único livro, o *Tao Te Ching*, escrito por Lao-Tsé, mas nem este pode ser comparado com a elevação dos sutras de Gautama Buda, por ser um livro escrito, e escrito à força, sob coação.

Lao-Tsé nunca tinha escrito na sua vida, e nunca falou. As pessoas tinham por hábito sentar-se ao seu lado, em silêncio, e se algo acontecesse durante esse silêncio, melhor ainda. Se nada acontecesse... «O que posso fazer?» Essa era a resposta dele. Algumas pessoas ficaram iluminadas, mas muito poucas. Uma foi Chuang-Tsé, outra Lieh-Tsé — apenas duas pessoas ficaram iluminadas por se sentarem em silêncio ao lado de Lao-Tsé. Não é fácil entender o silêncio; é necessário atingir a mesma profundidade. Caso contrário, estará sentado ao lado de Lao-Tsé, mas a sua mente andarà em círculos, numa incansável corrente de pensamentos. No exterior pode permanecer em silêncio, mas no seu interior tem lugar demasiada conversa.

Quando surgiram os filmes com som... até essa altura apenas existiam filmes mudos, quando surgiram os filmes com som, chamaram-lhes «faladores». E em algumas vilas indianas estes filmes ainda são chamados «faladores». Na sua mente esse «falador» nunca se cala. Quer queira, quer não, não importa. Independentemente da sua vontade, ele nunca se cala.

Então, apesar de milhares de intelectuais budistas terem chegado à China e de todo o país ter sido convertido ao budismo, e de o imperador da China ter sido convertido ao budismo, ninguém o tinha interiorizado; não tinha sido um fenómeno íntimo. Só se tornou íntimo quando Bodhidharma chegou à China.

Agora, um buda tinha chegado à China — um corpo diferente do de Gautama Buda, mas a mesma consciência. Um corpo diferente, mas a mesma

elevação e a mesma profundidade. É perfeitamente adequado que Sekito se refira a uma íntima comunicação da Índia para a China.

Entre os seres humanos há homens sábios e ignorantes, mas pelo caminho não há professor do norte ou do sul.

Nem os professores da Índia nem os professores da China podem auxiliá-lo no caminho. Você precisa de um mestre e de uma comunhão íntima com o mestre, não de ensino. Você precisa de um buda que já tenha atingido, e que o provoque, o desafie a atingir. Um buda não passa de uma chamada sonora para todos: quem quiser saber pode aproximar-se. O mestre chegou — o professor apenas ouviu, ele não experimentou íntima e pessoalmente a verdade.

Daí que no mundo existam pessoas sábias e pessoas que não o são, mas no caminho nem os que são sábios nem os que não o são poderão ajudá-lo. No caminho você precisa de alguém que já foi para além da mente, além da sabedoria, além da ignorância, que tenha ido além do intelecto e de tudo o que fica para trás, alguém que simplesmente avançou para o silêncio do além. Precisa de alguém que tenha encontrado a verdade. Somente por ter encontrado a verdade, essa pessoa tornou-se uma inspiração. Em redor dela formou-se um campo de energia que consegue penetrar os outros, que consegue despertá-los.

A fonte misteriosa é nítida e brilhante, os seus ramos fluem através da escuridão.

No que diz respeito ao mestre, *a fonte misteriosa é nítida e brilhante, os seus ramos fluem através da escuridão*. Mas no momento em que o mestre fala, as suas palavras começam a dirigir-se para a escuridão. Quando elas chegam a si, são como ramos fluindo na escuridão, em direção à escuridão. Precisa de conseguir uma intimidade profunda com o seu mestre, para que possa partilhar o seu brilho, a sua claridade, a sua transparência. Caso se limite a ouvir e a tirar notas, estará a ir na direção errada. O mestre não consiste em palavras, mesmo que use palavras para o trazer até ele. O mestre consiste em absoluto silêncio, puro silêncio.

Apegar-se ao relativo, isso é ilusão, mas enfrentar o absoluto não é iluminação.

Tudo no mundo é relativo. Albert Einstein não foi o único a trazer a palavra «relatividade» ao mundo. Antes dele, místicos de vários locais da terra haviam descoberto que tudo o que é exterior é relativo.

Isso criou um problema aos filósofos, mas não aos místicos. Os filósofos ouviram estes dizerem que tudo o que é exterior é relativo, e que tudo o que é relativo é ilusório. Porquê ilusório? É muito subtil, mas deve ser compreendido.

Quando avista uma mulher bonita, é possível que se sinta desajeitado; quando vê um homem alto, sente-se com certeza baixo. Mas o ser baixo é relativo. Até aparecer o homem alto, você sentia-se perfeitamente bem, não havia nenhum problema. Não estava preocupado por ser baixo.

Na Índia há um ditado que diz que os camelos nunca gostam de ir para as montanhas. Eles adoram os desertos porque aí eles são as montanhas. Eles vivem no deserto, não gostam nada das montanhas, porque estas os fazem sentir inferiores.

É algo puramente psicológico. Por que é que se sente pequeno e indigno? Por que sente que não merece respeito, que é um pecador? Estas são coisas relativas. Ser belo, extremamente educado... tudo isto é relativo. Tudo o que é relativo é ilusório, ilusório no sentido em que se não comparar, você será quem é e os outros serão eles próprios. O que importa que ele seja alto? O que importa que você seja baixo? Ambos os seus pés chegam à terra, tal como os do homem alto. Não é tão baixo que fique a balançar no ar sem conseguir chegar com os pés ao chão. Qual é o problema? A comparação cria ilusões relativas.

As árvores não se preocupam. A roseira é baixa e o cedro ergue-se por mais de setenta metros. A roseira não se preocupa com a altura do cedro, nem o cedro se preocupa com a beleza das rosas da roseira. Uma roseira é uma roseira, um cedro é um cedro.

≈

Alguém perguntou a um mestre Zen:

- Por que somos tão infelizes?
- Repare no cipreste no pátio — respondeu ele.

Quem perguntou olhou para o pátio e para o cipreste, e disse:

— Não percebi.

— Olhe novamente — interpelou o mestre. — Ao lado daquele cipreste está uma roseira. Eu nunca ouvi aquela roseira reclamar «Por que sou tão pequena?» E nunca ouvi o cipreste a queixar-se «Por que não me nascem rosas? Cresci tanto em busca de rosas — setenta metros —, mas que Justiça é esta?»

«Não, não há desavenças — continuou. — Vou lá todas as manhãs — por vezes ao anoitecer, por vezes à noite —, simplesmente para ver se eles estão a discutir ou a conversar. Há um absoluto silêncio. Ambos estão satisfeitos consigo mesmos, porque não há comparação; não surgem ideias de inferioridade ou superioridade relativa.»

≈

O relativo é chamado ilusório porque se trata de uma criação sua, não existe em mais lado nenhum. Caso contrário você enlouqueceria. Ao passar por uma

árvore na berma da estrada, começaria a questionar-se: «Por que é que eu não sou verde?»

Na realidade, não o faz porque ainda não se tornou neurótico a esse ponto. Esse problema não surge porque você não compara. Mas se for mulher e passar por uma mulher bela na rua, a comparação surge de imediato, juntamente com a raiva e a inveja. Mas qual é o problema? Ela tem um nariz ligeiramente mais longo. E que fará você com um nariz comprido? Todas as mulheres são iguais no escuro. Desligue as luzes! É por esta razão que as pessoas fazem amor às escuras. Primeiro desligam-se as luzes, e aí todas as mulheres são a Sophia Loren. Qual é a diferença? O mesmo esqueleto, os mesmos ossos, o mesmo sangue, o mesmo muco, o mesmo desodorizante, a mesma transpiração, a mesma respiração.

O escuro é ótimo. Faz com que todos sejam iguais. O que importa? No escuro pode fazer amor com a mulher mais feia e pensar que ela é a Cleópatra.

Sempre que compara, essa comparação puxa-o para um espaço ilusório.

... mas enfrentar o absoluto não é iluminação.

É nesta direção que os filósofos se têm estado a dirigir. Eles pensam que o mundo é ilusório, fazendo de Deus o absoluto, o não-relativo. Deus está para além da relatividade. O mundo é relativo, transformando-se a todos os momentos; nada é permanente, nada é estável, tudo está em contínua mudança. Deus é absoluto. Absoluto é um dos nomes para Deus. Ele nunca muda, ele permanece igual, sempre igual, de eternidade a eternidade. Esta é a perspectiva do filósofo: devido a um mundo ilusório, ele cria o extremo oposto de um Deus absoluto.

Um dos meus professores, S.S. Roy — hoje em dia reformado, um homem idoso -, gostava muito de mim. Eu fui para aquela universidade porque ele era professor lá. Ele tentava persuadir-me continuamente... eu estava noutra universidade, mas costumava frequentar os debates, palestras, concursos de retórica da universidade em que S.S. Roy era professor. Logo na primeira vez, à primeira vista, ele apaixonou-se por mim. Ele fazia parte do júri — composto por três elementos — e deu-me noventa e nove pontos de um total de cem. Eu fiquei em primeiro lugar; ganhei a medalha, e ele aproximou-se de mim e disse:

— Espere. Tenho de lhe pedir desculpa.

— Porquê? — perguntei.

— Eu queria dar-lhe cem por cento — explicou ele —, mas por receio de que as pessoas pensassem que o estava a favorecer, tirei um ponto. Dei-lhe noventa e nove por cento. Perdoe-me, por favor. Queria dar-lhe cem por cento,

mas faltou-me a força. Eu sabia que os outros professores me acusariam de favoritismo.

— Não tem problema — disse eu. — De qualquer forma ganhei a medalha, e os outros também me deram boas notas. Alguém me deu oitenta por cento, outro deu-me oitenta e cinco por cento. Portanto não há problema. Os outros concorrentes tiveram resultados muito abaixo dos meus, por isso o facto de me ter dado menos um ponto não faz diferença.

— Não faz diferença para si, mas faz diferença para mim porque fui contra a minha vontade. Eu queria ter-lhe dado cem por cento — afirmou ele.

— Fica para a próxima — disse-lhe. — Eu pretendo vir mais vezes — porque ia a todas as universidades, a todas as escolas, a qualquer lado onde houvesse algum concurso de debate ou de retórica.

Fiquei em segundo lugar uma única vez; de resto recebi centenas de primeiros prémios. No dia em que recebi o segundo prémio, a audiência da universidade ficou incrédula. Tive de me levantar e dizer ao vice-presidente:

— Eu sei por que recebi o segundo prémio, e até vocês devem estar perplexos. — Uma rapariga tinha recebido o primeiro prémio, por isso acrescentei: — Tenho de ser absolutamente claro em relação a este assunto porque eu sei o que se passou.

— Um dos professores, que é membro do júri, está apaixonado pela rapariga e atribuiu-lhe demasiados pontos. Os outros dois júris não fazem ideia. Ambos me deram a pontuação mais alta, mas aquele homem deu tantos pontos à rapariga que ela ficou em primeiro lugar por apenas um ponto — disse eu. — Perguntem ao professor, porque eu sei que ambos têm passeado juntos no parque, à noite.

— O parque fica em frente à minha casa, por isso eu sei de tudo. E tenho testemunhas, porque todos os jardineiros do parque sabem que estes dois vão lá à noite, quando o parque está fechado. Eles subornam os jardineiros para poderem entrar, porque é um sítio seguro para estarem à noite.

A rapariga e o professor começaram a transpirar. Eu continuei:

— Reparem como eles transpiram! Ninguém neste auditório — e estavam lá pelo menos mil pessoas — está a transpirar. Apenas estas duas pessoas. Por que hão-de estar a transpirar? — e exclamei: — Levantem-se! — disse isto tão alto que até o professor se levantou.

O vice-presidente afirmou:

— Você está a causar tanto alarido, mas eu compreendo.

— O senhor tem de anular este debate e marcá-lo para outra data, e este homem não pode fazer parte do júri.

Ele ficou tão embaraçado que apresentou a sua demissão nessa mesma noite e deixou a cidade. Vinte anos mais tarde, encontrei-o num comboio.

— Olá — disse-lhe.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Sempre desejei nunca mais o encontrar.

— A vida tem contornos misteriosos. E a rapariga? Onde está? — perguntei.

— Ainda se lembra disso? — estranhou ele.

— Não me esqueci nem perdoei. Onde está a rapariga? — insisti.

— Aquela rapariga deixou-me por sua causa! Ficou tão envergonhada, que não me quis ver mais.

— Ótimo! Agora posso perdoá-lo e irei esquecê-lo. Eu queria acabar com essa relação porque você estava a cometer uma injustiça para comigo. Deve ter pensado que eu ia ficar em silêncio — afirmei.

Daí para a frente, todos os júris sabiam que não poderiam fazer o mesmo, porque «Este homem parece estranho». Todos concordaram que era uma terrível injustiça. A rapariga não merecia sequer o quarto lugar!

E o professor Roy ficou impressionado comigo, porque eu tinha dito o que pensava. Ele adorou, e pediu-me:

— Eu farei tudo ao meu alcance, uma bolsa, providenciarei o que quer que seja; mas mude de universidade. Eu quero que seja meu aluno.

Ele era professor de Filosofia. E assim eu mudei. Ele era um reconhecido académico, um especialista em Shankara, cuja filosofia proclama que o mundo é uma ilusão e que Deus é a verdade absoluta. E um especialista em Bradley, um filósofo inglês apologista de ideias parecidas: o mundo é ilusório e Deus é a verdade absoluta. Ele tinha escrito a sua tese de doutoramento sobre Shankara e Bradley.

No primeiro dia em que fui a uma aula sua... Ele tinha-me convidado, mas não fazia ideia de que com isso se metia em sarilhos. Ele estava a falar da ilusão e do absoluto, do mundo e de Deus. Eu disse-lhe:

— Se Deus é imutável, então com certeza que está morto. Um ser vivo não pode ser imutável. Mostre-me uma única coisa viva deste mundo — todas as coisas vivas estão em movimento, em crescimento, em transição. É um fluxo constante. A vida é um fluxo. Se Deus está vivo, não será possível que se

mantenha estável, para sempre idêntico. Como poderá distinguir entre um Deus morto e um Deus vivo?

— Diga-me. Ambos estão sentados à sua frente, o Deus vivo e o Deus morto. Nem o Deus morto muda, nem o Deus vivo muda. Como conseguirá distinguir qual deles é o Deus vivo?

— Meu Deus! Eu doutorei-me com base na minha tese, mas nunca me questioneei acerca deste assunto — disse ele.

— A palavra absoluto é só por si uma reação — disse eu. — Começa por chamar o mundo de ilusório, coisa que ele não é. Você sabe perfeitamente que não pode entrar na casa de outra pessoa. Se é ilusório, por que não o faz? Por que entra em sua casa todos os dias? Qual é o problema? Afinal, pode entrar na casa de qualquer pessoa.

— A sua discussão filosófica é perigosa — disse ele. — Eu já debati muitas questões, mas você está a dizer-me para entrar na casa de uma pessoa qualquer?

— Sim — respondi —, porque se é ilusório, se não passa de um sonho, que lhe importa que seja a sua esposa ou a esposa de outra pessoa? Se são os seus filhos ou os filhos de outro, é tudo ilusório. E o seu Deus não é mais do que um conceito filosófico: você diz que, por o mundo estar a mudar, Deus tem de permanecer inalterado. Mas trata-se apenas de lógica, não é a realidade. Se existe um Deus, ele tem de estar a mudar, caso contrário estará morto.

Eu disse-lhe naquele dia, no primeiro dia em que fui a uma das suas aulas: «Decerto que o seu Deus está morto, daí não estar a mudar.»

Esta ideia absoluta de Deus é apenas um conceito filosófico, e é por isto que Sekito diz: «*Apegar-se ao relativo, isso é ilusão...*»

Ele não afirma que o *mundo* é uma ilusão: *estar apegado* a este mundo é que é ilusão. Permaneça desapegado, o mundo é perfeitamente real. O apego é uma ilusão, não o mundo, não a mulher, mas sim o apego; não o dinheiro mas o apego, não o corpo mas o apego.

Sekito está a fazer uma afirmação de enorme significado. Nunca nenhum filósofo disse tal coisa. Eles dizem que o mundo é ilusório. Sekito está a fazer a distinção: não o mundo mas o apego ao mundo, ao relativo, ao ilusório. E por esta razão, os filósofos colocaram-se no extremo oposto: Deus não é ilusório, ele é o mais real, o absolutamente real.

...mas enfrentar o absoluto não é iluminação.

Não pense em termos absolutos. Não existe nada absoluto, tudo está constantemente a tornar-se absoluto, mas está a tornar-se, e a tornar-se, e a

tornar-se, nunca chegando ao fim, porque no fim estará morto. No dia em que a existência atingir a perfeição, não haverá mais nada, será o fim. A perfeição é a morte. Ser absoluto é estar morto.

Sekito está a afirmar algo que apenas um místico, apenas um Buda, pode afirmar: «Até mesmo a experiência de ser um buda está em constante evolução. Não há limites para o seu crescimento. Não pense que quando se tornar um buda terá atingido a meta. Não, o caminho não tem fim, a viagem é infinita, a peregrinação continua e continua. E essa é a beleza da existência, é que nada chega ao fim. Tudo continua eternamente.»

Assim o conceito de absoluto é o conceito dos filósofos, não o dos iluminados.

Todos e cada um dos elementos da esfera subjetiva e objetiva estão relacionados, e ao mesmo tempo são independentes...

O que ele está a dizer é que o mundo exterior e o mundo interior estão interligados, mas são ao mesmo tempo independentes, pois têm funções distintas. Eles estão interligados porque não podem existir separadamente. O exterior não pode existir sem o interior, o interior não pode existir sem o exterior, por isso estão interligados. Mas as suas funções são distintas: o exterior move-se de encontro aos objetos, o interior move-se de encontro à subjetividade. As direções que tomam são diferentes, as suas realizações são diferentes, mas relacionam-se em certa medida.

Ele está a fazer alegações com um significado imenso, que se tornará claro para si apenas quando estiver completamente centrado — absolutamente claro, sem areia nos olhos — e conseguir ver que o mundo objetivo tem uma beleza própria, uma realidade própria, uma vida própria, uma consciência secreta própria, tal como o interior tem as suas próprias estrelas, o seu próprio céu, a sua própria vastidão, o seu próprio universo. Ambos estão relacionados, ambos são interdependentes, mas as suas funções são diferentes.

A linha do exterior torna-o cada vez mais científico. Se se mover na linha interior, irá tornar-se cada vez mais místico.

Relacionados, mas com funções distintas, cada um mantém o seu espaço.

A forma altera o carácter e a aparência; som, paladar, odor, distinguem conforto e desconforto.

A escuridão faz tudo parecer igual; a luz torna tudo diferente.

Mas é apenas aparência. No escuro você não consegue ver, logo tudo lhe parece igual. Com luz já consegue ver, daí que tudo lhe pareça distinto. Mas estas coisas distintas estão ligadas na profundidade das suas raízes. Todos nós estamos ligados a um centro do universo. Como ramos, como folhas, estamos separados, mas à medida que nos aproximamos da raiz, todos os ramos, todas

as folhas, todas as flores retiram os seus nutrientes da mesma raiz. A existência nutre de igual forma cada pessoa, as árvores, as montanhas e os pássaros.

É por esta razão que nos parece tão misterioso que a existência se manifeste de tantas formas diferentes. A variedade desta expressão é a beleza da vida. Esta variedade faz com que a vida não seja enfadonha. A variedade é uma riqueza, mas a unidade faz da vida igual. Ninguém é inferior, ninguém é superior, daí que as comparações não sejam necessárias.

Os quatro elementos retornam à sua origem, como uma criança à sua mãe.

Tenho tentado transmitir-lhe esta ideia. Quando a fonte de vida se torna também o objetivo da vida, o ciclo completa-se. E sempre que o ciclo se completa, deixa de se deslocar desnecessariamente para o nascimento e para a morte, nascendo de novo, morrendo de novo. A verdade é que está a deslocar-se nesta roda de nascer e morrer há milhões de anos. Está na hora de saltar para fora. Este saltar para fora da roda é ser iluminado.

O fogo é quente, o vento desloca-se, a água é molhada, a terra é dura. Os olhos veem, os ouvidos ouvem, o nariz cheira, a língua degusta, um salgado, outro azedo. Cada um é independente do outro, mas as diferentes folhas têm origem numa só raiz.

Você degusta com a sua língua, vê com os seus olhos, toca com a sua mão. Todos os seus sentidos são diferentes: não pode ver com a sua mão, não pode provar com os seus olhos, não pode cheirar com os seus ouvidos. Eles são independentes, mas estão ligados no cérebro, de onde saem como ramos diferentes. Eles alimentam o cérebro, o mesmo cérebro que os alimenta.

Seja o que for que as mãos sintam com o tato, vai para o mesmo cérebro. Qualquer cheiro que o nariz detete, vai para o mesmo cérebro. Os olhos levam a sua visão do mundo ao mesmo cérebro. Estes sentidos são apenas ramos crescendo em diversas direções, para recolherem diferentes experiências e para enriquecerem o cérebro. Mas todos têm as suas raízes no cérebro. Sekito está simplesmente a dar um exemplo. Todos somos independentes, mas as nossas raízes pertencem a uma só existência. Devemos ser independentes, devemos ser indivíduos, mas não devemos esquecer nunca que no fim somos um só, ondas do mesmo oceano.

Basho escreveu:

Que felicidade,
atravessar este rio de Verão,
de sandálias na mão!

Para um homem que é iluminado, tudo se torna um mistério. Mas que coisa tão insignificante! Você dirá: «O que tem?»

Que felicidade,
atravessar este rio de Verão,
de sandálias na mão!

Você dirá: «Nada de especial. De sandálias na mão? No Verão o rio devia estar quase seco. Por que havia de ficar feliz?»

O Zen aborda precisamente isto: não é preciso ter uma razão para estar feliz. Até uma coisa tão simples, atravessar um rio de Verão de sandálias na mão... que felicidade!

Qualquer ato ou não ato, qualquer feito ou não feito, torna-se infinitamente belo. Não precisa necessariamente de uma causa. Quando a sua felicidade tem uma causa, você fica apegado a essa causa porque receia que, se a perder, a sua felicidade possa desaparecer. Se é feliz com uma mulher ou um homem, irá apegar-se, irão fazer-se prisioneiros um do outro, porque sem esta mulher, sem este homem, acha que não pode ser feliz. A sua felicidade acaba por se tornar em tortura para os dois.

A meditação mostra-lhe uma experiência fantástica em que a felicidade não necessita de ser causada; quando encontra a felicidade sem uma causa, sente-se simplesmente feliz — existir só por si é ser feliz — e aí deixa de criar prisões. Assim deixa de ser possessivo em relação às pessoas, não destruindo a dignidade humana de ninguém, não escravizando ninguém. Você ama, você partilha, simplesmente por causa da sua generosidade — não porque queira algo em troca. Sem que tenha de pedir, tudo vem ao seu encontro. No momento em que começa a pedir, acabou de perder a oportunidade de ser feliz.

Deste modo, eu tenho estado a contradizer a mensagem de Jesus. Ele diz-lhe: «Procure e encontrará», e eu afirmo: «Não procure e encontrará.» Jesus diz-lhe: «Peça, e ser-lhe-á dado», e eu digo-lhe: «Não peça, você é a resposta.» Jesus diz-lhe: «Bata e as portas abrir-se-ão para si.» Eu digo-lhe: «Não precisa de bater, as portas já estão abertas, elas sempre estiveram abertas; abra os seus olhos!»

A última questão:

Friedrich Nietzsche condena a falta de criatividade do homem, por não ter sido capaz de criar um conceito mais interessante de Deus do que o conceito cristão — que ele considera como o mais distorcido, o mais decrépito, e ao qual chama «o deplorável Deus do monótono-teísmo cristão».

O Osho concorda que a versão cristã de Deus é a mais feia?

Todos os conceitos de Deus são ficção, e como tal a questão de Deus ser belo ou feio não se põe. Deus não existe. Nietzsche esquece-se de que Deus está morto.

Isso é o que acontece com as pessoas que não são iluminadas. Ele afirmou «Deus está morto», e de repente começa a dizer que o homem não é muito criativo por não ter sido capaz de inventar um conceito melhor de Deus. Isso seria apenas uma melhor ficção, uma melhor mentira. Mas esquece-se completamente de que já declarou que Deus está morto. Mesmo que fosse uma ficção melhor, ele estaria morto. A ficção é ficção, a mentira é mentira; por mais polida, por mais refinada, não pode fazer dela verdade.

Por isso, seja ele um Deus cristão, um Deus hindu ou um Deus muçulmano, não interessa. Deus é ficção, e a ficção surge da distorção da mente. Nietzsche não conhecia os deuses do Oriente, ele apenas conhecia os deuses cristão e judeu. Se ele tivesse conhecido os deuses hindus, não teria escrito tal frase.

O Deus cristão não é o único Deus feio; todos os deuses são feios de alguma forma. Mas são, em primeiro lugar, mentiras, por isso não há necessidade de as refinar. É certo que o homem não é muito criativo, mas isso não implica que tenha de criar um Deus melhor! Um Deus melhor será uma melhor prisão, uma corrente muito mais forte. Um Deus melhor será mais eficiente a destruí-lo do que os deuses do presente. Deseja mesmo um Deus melhor, uma prisão melhor, um veneno melhor?

Nietzsche esqueceu-se totalmente de que mentiras são sempre mentiras. Não há mentiras boas ou mentiras más. Mentiras são simplesmente mentiras, não há distinção. A verdade é a verdade. Não há uma verdade «melhor», não é possível refiná-la. Mentiras são mentiras. Mesmo que as refine, elas continuarão a ser mentiras, não se podem tornar verdade.

Por isso não posso concordar com Nietzsche; ele esqueceu-se. Esse é o problema dos filósofos. Ele é um grande filósofo, mas não foi para além da mente. Não lhe era possível atingir o discernimento de uma pessoa iluminada.

É certo que o homem não é muito criativo, mas a sua criatividade não deve preocupar-se com Deus. A sua criatividade deve ser utilizada para tornar o mundo melhor, a sociedade melhor, a literatura melhor, a poesia melhor, a pintura melhor, a escultura melhor, os seres humanos melhores. Não precisamos de um Deus melhor, pois este será perigoso.

Só por si, odeio a palavra «Deus». E odiaria ainda mais se alguém refinasse o conceito de Deus, porque as mentiras têm de ser destruídas! E não pode destruí-las sem as odiar primeiro. O seu amor por Deus tem de ser totalmente destruído.

Dilly é o gerente de um lar de idosos chamado Último Recurso. Certa manhã, ele anda a recolher contribuições de porta em porta.

Dirige-se então a uma casa e toca à campainha. Quando um homem vem à porta, Dilly diz:

— Bom dia senhor. Gostaria de fazer uma contribuição para o lar de idosos Último Recurso?

— Com certeza — respondeu o homem. Então virou-se e gritou:

— Avó! Vista o casaco e ponha o chapéu, vamos sair!

≈

O psiquiatra está sentado na sua cadeira, olhando atentamente para o seu paciente. Ele fecha o bloco de notas, sorri e diz:

— Bem, tenho o prazer de lhe dizer que o considero cem por cento curado!

— Que raio! — suspira o homem com um ar desolado. — Mas porquê?

— Não percebo — responde o psiquiatra. — Não fica contente? Eu curei-o!

— Feliz, eu? — pergunta o paciente. — Por que havia eu de estar feliz? Na semana passada eu era Jesus Cristo. E agora não sou ninguém!

≈

Passemos à meditação:

Esteja em silêncio.

Feche os olhos, sinta o corpo como se estivesse paralisado.

Este é o momento para se virar para dentro. Concentre as suas energias, o total da sua consciência, e apresse-se em direção ao seu centro, como se fosse a sua última oportunidade. Somente com tal urgência pode alguém atingir imediatamente o seu centro.

Mais depressa e mais depressa...

Mais profundo e mais profundo...

À medida que se aproxima do centro, um tremendo silêncio apodera-se de si, tal como chuviscos, muito táteis, muito frescos.

Um pouco mais perto e irá sentir uma enorme paz em redor do seu espaço interior. Flores do além começam a chover sobre si.

Mais um passo e estará no centro. Pela primeira vez verá a sua cara original. Pela primeira vez encontrará a sua eternidade.

O Oriente chama a esta face original a cara do buda, aquele que despertou.

Não tem nada a ver com Gautama Buda pessoalmente, trata-se da face original de cada um: em paz, graciosa, esplendorosa, com tremendo discernimento, transparência, majestade. O seu esplendor é grande, o seu tesouro é grande.

Apenas uma qualidade do buda deve ser lembrada. Ele consiste numa única qualidade: testemunhar.

A pequena palavra «testemunhar» contém a espiritualidade total.

Testemunhar que você não é um corpo.

Testemunhar que você não é uma mente.

Testemunhar que você é apenas uma testemunha.

Ao mesmo tempo que o testemunhar se aprofunda, sentir-se-á embriagado com o divino. A isto se chama êxtase.

Para fazer com que o testemunhar seja mais profundo, descontraia...

Separe-se do seu corpo e da sua mente.

Lembre-se apenas de uma coisa: você é um buda, uma testemunha, uma sensibilidade eterna. A pouco e pouco começará a sentir um certo derreter; as separações desaparecem. Este oceano de consciência é a verdadeira essência do Zen, é a verdadeira essência da verdadeira religiosidade.

Junte o máximo que conseguir de todo esse êxtase, de toda a embriaguez divina: todas as flores que choveram sobre si, a graciosidade, a beleza, a verdade, a piedade. Tem de as trazer consigo e tem de as exprimir em toda a sua beleza nas atividades do seu dia-a-dia.

Quando está a cortar lenha, você é um buda. Seja meigo com a árvore, também ela pode ser um buda. Carregando água do poço, seja um buda.

Todos os atos se devem tornar graciosidade, gratidão. Só assim o buda estará cada vez mais próximo de si.

E antes de regressar, convença o buda a segui-lo e a ser uma presença notável. Convença-o a permanecer consigo vinte e quatro horas por dia.

A presença dele será a alquimia da sua transformação.

Estes são os três passos: no primeiro passo, o buda segue-o, você sente o seu calor, o seu amor, a sua compaixão, a sua beatitude; no segundo passo, você torna-se a sombra, o buda está à sua frente; no terceiro passo, a sua sombra desvanece-se para o buda, você deixa de ser, apenas é o buda. Você deixa de ser, apenas é a existência.

Deus está morto, o Zen é a única verdade viva.

Regresse, mas regresse como um buda.

Até os seus movimentos têm de ser graciosos e belos, felizes, irradiando sensibilidade e consciência.

Sente-se por um momento para recordar o caminho dourado que percorreu, e o espaço interior que tocou, provou, e a fragância do além que ainda o envolve, e a presença do buda, que está mesmo atrás de si, quase a tocar-lhe.

Deixe o buda tornar-se a sua realidade e deixe-se dissolver, desaparecer por completo.

Você é a doença; o buda é a cura.

Você é o nascimento e a morte; o buda é a transcendência do ciclo de nascimento e morte.

Você é momentâneo, como uma bola de sabão; o buda é a sua eternidade.

CAPÍTULO 6

DEUS É O PECADOR ORIGINAL

Sekito escreveu:

Causa e efeito derivam necessariamente da realidade maior. As palavras «alto» e «baixo» são usadas de forma relativa. Dentro da luz há escuridão, mas não se apegue a esta escuridão. Dentro da escuridão há luz, mas não procure esta luz. Luz e escuridão são um par, tal como o pé à frente e o pé atrás no andar. Cada coisa tem um valor intrínseco e está relacionada com tudo o resto em função e posição. O relativo encaixa-se no absoluto como uma caixa e a respetiva tampa; o absoluto trabalha em conjunto com o relativo como duas setas que se encontram no ar.

Ao ler as linhas anteriores, deve ter conseguido vislumbrar a realidade maior. Não julgue de acordo com padrões. Se não avista o caminho, não o avista, apesar de, na verdade, estar precisamente a andar nele. Quando caminha, não é perto nem é longe. Se estiver iludido, encontrar-se-á a montanhas e rios de distância.

Eu digo, com respeito, àqueles que querem ser iluminados, não desperdicem o vosso tempo em vão.

Amigos, a primeira questão:

Parece que para os que veneram a Deus, o oposto de Deus não é o que é fruto do «mal», mas sim o que é natural. O que tornou o homem uma presa tão fácil para os padres com o seu conceito de um Deus que é hostil à vida?

Quem pergunta é muito claro e tem muita razão. À superfície, a teologia cristã parece dizer que Deus se opõe ao mal, mas se olhar mais perto verá que na verdade não se opõe ao mal, opõe-se sim ao natural.

Todas as religiões se opõem à natureza, não é só o cristianismo. Por que estão contra a natureza? Trata-se de uma estratégia psicológica. A estratégia consiste em que, se você for programado para se opor à natureza, vai viver uma vida miserável, vai viver em ansiedade, angústia, perversão, culpa.

Este fenómeno apenas será possível se você for programado para se opor à natureza. Se for simplesmente natural, aí vai ser tão feliz como todos os pássaros, todas as árvores e todos os animais. Eles não veneram a Deus, eles não vão à igreja, eles não têm teologia. Eles não têm sentimentos de culpa, eles são simplesmente naturais.

Os padres perceberam desde cedo na história da humanidade que o homem pode ser forçado a seguir Deus desde que seja obrigado a opor-se à natureza. Quando está contra a natureza, você é esquizofrênico. Todo o seu ser pertence à natureza; apenas a sua mente se opõe, pois só esta pode ser programada, não o seu corpo.

É nessa altura que faz um voto de celibato, mas isso não muda a biologia do seu corpo; não muda a fisiologia do seu corpo. Não passa de um conceito da mente, não passa de palavras. O seu sangue continuará a criar energia sexual, o seu corpo continuará a criar hormonas sexuais.

Já viu as estátuas de Buda, de Mahavira e as vinte e três outras *tirthankaras* dos jainas? Ficarão surpreendidos. Eles não têm barba ou bigode. Acha que estas pessoas não tinham barba ou bigode? Pois foram os hábeis padres que fizeram estas estátuas, para que fosse bem claro que aquelas pessoas eram assexuais, porque bigodes e barbas surgem devido a certas hormonas. Os homens têm estas hormonas, as mulheres não. Para mostrar que também a sua fisiologia mudou, as suas barbas e os seus bigodes foram removidos. Não existem fotografias, e as estátuas foram feitas depois de estas pessoas terem morrido — 300 anos mais tarde —, por isso ninguém fazia ideia, ninguém as tinha visto. Mas pode imaginar o desejo.

Krishna não tem barba nem bigode. Rama não tem barba nem bigode. O que está a acontecer a estas pessoas? Pode ver como os monges celibatários continuam a deixar crescer a barba e o bigode. O seu celibato falhou. A barba e o bigode mostram que a sua masculinidade permanece a mesma apesar do seu voto de celibato perante a estátua de Jesus, ou de outro Deus qualquer. O celibato permanece apenas na sua mente, mas todo o seu corpo, toda a sua estrutura está a favor da natureza. Por isto você está dividido em duas partes, e uma casa dividida irá desmoronar a qualquer momento.

Estas religiões limitaram-se a criar insanidade, mais nada. Essa é a sua única contribuição para a humanidade: insanidade, consciências divididas, personalidades divididas. Uma parte — a mente, que é impotente, que não tem qualquer poder sobre o corpo, que não pode mudar nada no corpo — está programada de acordo com determinada ideologia. E quando esta mente se apercebe de que o corpo não está a agir em conformidade com o programa, sente-se culpada, sente-se infeliz. Sente receio de que haja um derradeiro castigo após a morte que o atire eternamente para as chamas do inferno.

O seu corpo quer — naturalmente, quer comida, quer alimento, quer amor. O amor é uma forma de alimento. Se ninguém o ama, você vai ressequir e morrer. Há experiências feitas por cientistas em macacos. Numa das experiências, que já foi repetida e comprovada, um macaco bebé é trazido para o laboratório em conjunto com duas mães. Ambas as mães são artificiais. Uma é feita de arame, mas tem dois canos por onde o bebé pode beber leite. Só que

ele não consegue abraçar os arames, e não consegue sentir os sentimentos da mãe enquanto bebe leite pelos canos... o amor, o calor...

A um outro macaco bebê é dada uma mãe artificial ligeiramente diferente. Os arames estão cobertos com roupas de lã e penugem. É artificial, fabricada e quente como o sangue da mãe. É mantida quente com eletricidade, por isso este calor transmite-se ao bebê. No interior há tubos com leite que é mantido quente através da eletricidade. Esta macaca tem seios para o bebê, não são apenas canos, parecem-se mesmo com seios verdadeiros — de plástico, mas o leite sai quente. E o macaco bebê pode abraçar a mãe.

Curiosamente, todas as experiências comprovaram que a cria que tem acesso ao calor e que tem a sensação de estar a viver com uma mãe real, sobrevive; a outra cria morre. Dentro de três meses a outra cria morre, apesar de estar bem alimentada e protegida. Apenas lhe falta uma coisa: o amor. Até um calor artificial, ilusório, ajuda ao crescimento da cria.

Quase todos os índios americanos foram mortos. Alguns sobreviventes vivem em reservas com ajuda de pensões, visto que a América usa a terra que lhes pertence — todo o país lhes pertence. Mas eles são muito poucos, e como tal não causam grande alarido. Terá sido decidido que era melhor compensá-los monetariamente do que enfrentar a possibilidade de uma revolta.

O dinheiro é muito destrutivo quando não é fruto do trabalho. O trabalho fá-lo sentir que está a fazer qualquer coisa, que é digno, que está a contribuir para a vida, para a existência, que está a cuidar das pessoas que ama. Mas ninguém deu trabalho aos índios. Isso fá-los sentir que não são necessários para nada. Se eles morrerem, o governo ficará feliz, a nação ficará feliz, porque o dinheiro gasto nas pensões será poupado.

E o que faz uma pessoa com dinheiro se não tem trabalho? Irá beber álcool, irá jogar, irá às prostitutas. E a bebedeira fá-lo-á andar à pancada, e quem sabe violar e matar. E quando cometem crimes, são imediatamente presos pelo governo americano. É estranho que, dos índios que foram detidos em prisões, quase todos, alegadamente, tenham cometido suicídio. Mas eu conheço as cadeias americanas — já estive em cinco cadeias — e não há nada que o ajude a cometer suicídio. Nem sequer pode levar o seu relógio para a cela. Esta está totalmente vazia, não há um único varão em que possa bater com a cabeça, não há nada. Já foi provado que não se consegue fazer a mínima tentativa de suicídio. Mas eu compreendo por que é que estas pessoas morreram. Ou foram mortos, ou o mais provável é terem ficado ressequidos. Eles morreram por terem ficado ressequidos — a vida é inútil. Já era inútil antes, agora ainda é mais inútil. E eles foram condenados a trinta anos, quarenta anos, ou para toda a vida. Viver naquela cela onde não há amor — apesar de lhes darem comida —, onde ninguém os aceita como seres humanos, onde a sua dignidade lhes é retirada.

O que me parece é que uma pessoa pode morrer por ressequir; não havia nada que permitisse cometer suicídio. Ele não cometeu suicídio. Você forçou-o para dentro de um espaço onde ele não era útil, nem amado, nem respeitado — privou-o de todo o orgulho. Ele irá ressequir. Não há significado... Porquê continuar a viver como escravo, indigno, humilhado?

A humanidade ressequiu por causa das religiões que o ensinam permanentemente a opor-se à natureza. E como não é possível opor-se à natureza, o melhor que pode fazer é tornar-se uma personalidade dupla. No portão da frente da casa você é cristão, você é hindu, você é muçulmano, está a mostrar uma máscara ao mundo, uma cara falsa. E na porta das traseiras é natural. Daí que comece a sentir uma luta no seu coração.

Esta luta é a razão pela qual os padres podem explorá-lo; ao sentir-se miserável, você precisa de alguém sábio que o possa aconselhar, que lhe mostre como livrar-se dessa ansiedade.

Em primeiro lugar, as religiões criam ansiedade, angústia, miséria, sofrimento. Elas fazem isto ao virarem a sua mente contra a natureza — esse é o método mais simples. Vá contra a natureza e vai sentir-se triste, vazio, inútil, vai perder a sua vontade de viver. Assim, naturalmente começa a precisar de conselhos, e estes padres a gritar aos quatro ventos que conhecem o caminho para fora da miséria: a oração. «Deus cuida de si se você acreditar nele.»

Esta é a estratégia das religiões. Primeiro crie miséria, culpa, angústia, e as pessoas inevitavelmente virão até si, até aos padres, porque durante séculos os padres têm conservado o monopólio das escrituras sagradas — que não têm nada de sagrado.

Por exemplo, na Índia, as escrituras hindus só foram impressas após o aparecimento do Império Britânico. E os hindus opunham-se com veemência à sua impressão, porque uma vez impressas elas estariam disponíveis para todas as pessoas. Eles guardavam manuscritos das escrituras; certas famílias tinham o monopólio — passando de pai para filho como uma herança —, eram propriedade sua. E o público não era autorizado a saber o conteúdo destas escrituras sagrada. Apenas eles eram sábios.

As mulheres, metade da humanidade, não eram autorizadas a ler as escrituras sagradas. Na Índia, metade da humanidade, as mulheres, e um quarto da população, os intocáveis, não podiam sequer entrar nos templos ou ouvir um brâmane cantar mantras dos Vedas. O castigo era a morte.

Porquê manter este secretismo? A razão era que se toda a gente passasse a saber, duas coisas aconteceriam. Primeiro, a pessoa perceberia que não há nada de sagrado nelas. Noventa e oito por cento daquilo não faz sentido. Nos restantes dois por cento é possível encontrar alguma beleza, alguns ditos inspirados. Por isso, esta exposição seria decisiva: «Vocês esconderam estas

escrituras e elas são uma farsa.» Em segundo lugar, eles perderiam o monopólio. As pessoas poderiam elas próprias olhar para as escrituras e procurar o seu consolo.

Os padres opunham-se veementemente à publicação dos seus livros. No fim acabaram por ceder porque o regime britânico assim o ordenava; eles perderam o seu poder. Eles cederam, mas apenas porque os livros seriam publicados em sânscrito, que é uma língua morta. Somente os padres a conheciam, só os brâmanes a conheciam. Foi sempre uma língua morta para o povo. Buda tinha de falar em páli, não em sânscrito. Mahavira tinha de falar em prácrito, não em sânscrito, porque o povo não conhecia sânscrito.

Os brâmanes e os padres não só mantiveram os Vedas secretos, como também monopolizaram a língua. O mesmo se tem passado de maneiras diferentes por todo o mundo. No fim a pessoa é obrigada a recorrer aos padres. Quando se sente tão infeliz que não avista qualquer luz, e a noite escurece tanto e continua a escurecer, e parece que o amanhecer nunca vai chegar, a quem é que vai recorrer? O padre está ali, afirmando conhecer Deus, afirmando deter o monopólio da mensagem de Deus à humanidade.

O homem tornou-se uma presa fácil porque dava ouvidos a toda esta gente, que acabou por o convencer. Eles tinham mais educação; eles eram as únicas pessoas com educação. Eles sabiam debater, persuadir — as massas tinham sido mantidas no escuro -, por isso pregavam contra a natureza e convenceram as pessoas. E é extremamente convincente. Por exemplo, toda a gente está a sofrer por causa do casamento, e o casamento é uma criação dos padres. É uma ótima forma de manter as pessoas infelizes.

Viva como um indivíduo em liberdade. Ame a partir da sua liberdade, mas não contra a sua liberdade. Se vende a sua liberdade por amor, vai encontrar o desespero. Daí o casamento ter sido criado para manter as pessoas a abusarem-se mutuamente, a discutirem, porque têm de ficar juntas. O divórcio não era permitido por nenhuma das religiões, e faz parte da natureza humana que as pessoas se fartem. Ninguém consegue comer a mesma comida todos os dias — exceto eu. Os meus cozinheiros, as pessoas que cuidam do meu corpo, eles fartam-se. Eu como, e eles fartam-se, porque têm de me trazer sempre a mesma comida.

Mas, a não ser que seja iluminado, verá como se vai fartar de tudo. É bom quando é novo. Tem de trocar de carro todos os anos. Isto não quer dizer que o carro novo seja melhor que o velho, o mais provável é não o ser. O velho era mais robusto, mais resistente, tinha um motor mais forte. Os carros recentes são cada vez mais como brinquedos. E porque, dentro de um ano vai ser trocado, não há necessidade de fabricar um carro muito resistente. O que faria se tivesse um carro resistente? Os carros resistentes foram feitos para durar uma vida.

O carro mais recente será ainda mais frágil; aliás, é do interesse do fabricante que as pessoas mudem de carro todos os anos, caso contrário como vai ele produzir mais? As fábricas fechariam. Por isso há muita publicidade a automóveis, e o que muda é apenas a capota, uma ligeira mudança ali e aqui, uma cor diferente. A verdadeira razão pela qual as pessoas mudam de carro é porque se fartam.

As pessoas fartam-se igualmente das relações. No início tudo parece perfeito. Mas por quanto tempo será perfeito? Rapidamente se começa a conhecer a geografia de ambos. O momento em que vir uma mulher nua será o início do fim.

A felicidade no casamento dura mais na Índia pela simples razão de que marido e mulher não se podem ver à luz do dia. Não podem falar em frente dos idosos da família. As famílias são famílias conjuntas, pois uma família pode ser constituída por mais de quarenta membros vivendo na mesma casa. E há muitos idosos.

A minha mãe disse-me que o marido não só não pode ver a sua esposa à luz do dia, como também não pode brincar com os seus filhos em frente dos idosos. Isto é um programa com séculos de existência. E quando escurece e vê a sua esposa não pode sequer falar com ela porque à sua volta estão todos os membros da família. Os mais velhos estão a dormir; se começa a falar pode acordar alguém. Em silêncio, debaixo dos lençóis, sem que possa dizer «amo-te», faça amor, reproduza-se, saia da cama e vá para a sua própria cama de modo a não incomodar ninguém. Mas você não conhece a sua mulher, nunca a viu, por isso o interesse sobrevive. O escuro é o que mantém o interesse vivo.

Mas, caso contrário, é extremamente difícil permanecer interessado na mesma mulher toda a vida. O casamento acaba logo após a lua-de-mel. Penso que a lua-de-mel seja a única altura em que as pessoas estão felizes, a partir daí há uma longa viagem de encontro à miséria e à infelicidade. O mesmo acontece agora na Índia, porque já é um país civilizado, entrou no século XXI.

Assim, as pessoas fartam-se, mas não conseguem dizer a verdade: estão fartas de si. Por isso surge a violência, surge a raiva. Ambos ficam tristes. É preferível passarem menos tempo juntos. Ninguém será feliz se passarem vinte e quatro horas por dia em cima um do outro, nem você nem a pessoa com quem está.

As religiões têm usado todos estes instrumentos para criar infelicidade nas pessoas. E têm-lhes dito que não podem olhar para a esposa de outro homem, ou para o marido de outra mulher. Isso é muito natural. Quando um homem se cansa da sua mulher, começa a olhar à volta em busca de uma saída. Mas todas as religiões dizem que o adultério é o pior dos pecados. Não vejo porquê.

Um adulto está destinado a cometer adultério. Para mim é simplesmente a natureza humana, e de vez em quando faz bem. Ajuda a manter a sua relação fresca, se ao fim-de-semana estiver com outra mulher. Não é contra o casamento. Pode ajudar o casamento a sobreviver, porque nesses dois dias do fim-de-semana irá aperceber-se outra vez de que a sua mulher é muito melhor.

É bom ser casado cinco dias por semana. Nos restantes dois dias é bom ser livre. E é perfeitamente humano. É natural que queira explorar novas experiências, estar com o máximo possível de pessoas.

Um das personagens de Jean-Paul Sartre diz: «Gostaria de amar todas as mulheres da terra.» Isto não é possível, mas o desejo está lá: «Gostaria de amar todas as mulheres da terra.» Todas as mulheres são únicas; todas as mulheres constituem uma experiência distinta. Cada mulher tem os seus caprichos, cada homem tem as suas maluqueiras. Por isso, quando duas pessoas se encontram pela primeira vez, trata-se de dois lunáticos a conhecerem-se. É bom porque lhe dá uma oportunidade para ver que a anterior era melhor. A sua relação com a anterior era estável; uma nova mulher trará problemas desnecessários. Mas dentro de cinco dias irá esquecer; também é natural que a sua mente se vá esquecendo. Após cinco dias de estar a viver com a mulher anterior vai pensar outra vez que é demais para aguentar.

Sempre que vejo um casamento, não consigo resistir a corrompê-lo, porque observo que, se não o corromper, as pessoas continuarão a ser infelizes acabando por recorrer aos padres.

Esta questão é importante: «O que fez do homem uma presa tão fácil para os padres...?» A sua tristeza. Daí que seja como um jogo de consumismo. A religião é um jogo de consumismo. Primeiro o padre destrói a sua felicidade, força-o a opor-se à natureza: «A natureza é um pecado.» E quando se sentir devastado, o padre estará lá com a sua loja aberta; pode ir lá aconselhar-se.

≈

O filho de um médico regressou da faculdade de medicina. Tornara-se também ele um médico. E disse ao seu velho pai:

— Agora que estou aqui, não precisas de trabalhar mais. Trabalhaste tanto durante toda a tua vida. Vou encarregar-me do teu consultório, podes descansar.

Após três dias, ele disse ao pai:

— Aquela mulher rica e velha que andas a tratar há trinta anos, eu curei-a em três dias.

— Que idiota! — exclamou o pai. — Aquela mulher tem sustentado a nossa família. É por causa dessa mulher que tu és médico. É por causa dessa mulher que os teus irmãos têm acesso à educação — e tu curaste-a? Claro que eu o poderia ter feito, mas se a curasse estaria a destruir a tua educação. Ela representava metade do meu ordenado!

≈

Um médico cura rapidamente as pessoas pobres. Mas quando se trata de pessoas ricas, ele vai com calma. É natural, não há mal nenhum nisto. O homem rico tem dinheiro; o homem pobre está a fazer o médico perder tempo desnecessariamente. E não só tempo, mas é possível que o homem pobre peça ao médico que lhe dê os medicamentos de graça, pois não pode pagá-los. O homem rico deve ser preservado. Se ele se farta de ter uma doença, dê-lhe outra qualquer. Dê-lhe a entender: «Receio que o senhor esteja em risco de sofrer um ataque cardíaco.» Apenas a sugestão fará com que o coração dele comece a bater, e a meio da noite ele vai querer que o médico o acuda, para ver se o coração está a falhar ou não. Faça a sugestão, e ele permanecerá seu paciente. Diga-lhe: «Você precisa de ser monitorizado todas as semanas. O seu corpo está muito frágil.»

Os médicos vivem uma vida muito contraditória. Supostamente devem curar as pessoas, mas se as curarem todas, o que lhes acontecerá a eles? Se uma sociedade é inteiramente saudável, e ninguém está doente, os médicos vão ficar doentes, esfomeados, moribundos. Eles tornar-se-ão vagabundos.

≈

Foi na China, sob a influência de Lao-Tsé, que pela primeira vez foi introduzido um método inovador. Foi a enorme compaixão de Lao-Tsé que o fez dirigir-se ao imperador e dizer:

— A profissão dos médicos é uma profissão errada por natureza, porque os médicos vivem das doenças das pessoas que devem curar. Você está a pô-los numa posição contraditória.

— Tem alguma sugestão? — perguntou o imperador.

— Eu sugiro que o médico seja pago pelo imperador, pela sua capacidade de manter as pessoas saudáveis — respondeu ele. — Quando as pessoas começam a adoecer, o ordenado do médico deve ser cortado. Ele não está a tomar conta delas como deveria. Deverá ser o oposto do que é agora: ele será pago para manter as pessoas de boa saúde. Isso vai mudar completamente a perspetiva de todos os médicos.

≈

É desta forma que as pessoas iluminadas têm proporcionado novas perspectivas aos outros, que na maioria dos casos estes não vislumbravam. As pessoas não percebem por que têm de pagar pela saúde. A saúde é sua. O médico tem alguma coisa a ver com isso? E deve perder dinheiro se você adoecer? Isto está correto, apesar de parecer estranho.

O mesmo se passa com os padres. Se todas as pessoas estivessem livres de culpa... Isso é o que eles pensam de mim — que eu sou um homem perigoso, porque me esforço ao máximo por libertar as pessoas da culpa, do pecado e da ideia falsa de moral. Quero que aprenda somente uma coisa, que é a clareza para além da mente. Assim, a partir dessa clareza, deixe que tudo aconteça: o seu amor, a sua moral, o seu comportamento. Mas isto destruirá os padres por completo. Isto vai destruir as religiões, isto vai destruir Deus. Quem rezará a Deus se estiver feliz? Se a sua vida for um mar de rosas, quem é que vai rezar a Deus? Para quê?

Se você se pode manter saudável, manter bem alimentado... Se pode viver uma vida longa, cento e cinquenta anos, e ainda ser jovem... Estas são possibilidades. Lembre-se da aritmética. A maioria das pessoas morre aos setenta e cinco. Aos oitenta e cinco morrem menos algumas. Aos noventa e cinco morrem muito poucas pessoas. Para cima dos cem anos quase ninguém morre. E para cima de cento e oitenta, há uma possibilidade real de que não venha a morrer de todo. Aritmética pura! Quem é que já ouviu falar de alguém que tenha morrido com mais de cento e oitenta anos? Não há precedentes.

Os cientistas afirmam que o homem tem no seu corpo a capacidade de viver pelo menos trezentos anos, se tudo permanecer natural. É a ausência desse elemento natural na vida das pessoas que as faz viver miseravelmente e andar por cá setenta e cinco em vez de trezentos anos. A partir dos sessenta, as pessoas já estão a pensar: «O melhor era morrer, para quê continuar a viver?»

≈

Um homem velho casou com uma mulher jovem. Ele tinha noventa anos e a rapariga tinha apenas dezanove. Os filhos dele — um com setenta, outro com sessenta — disseram-lhe:

— Já não tens idade para te casares. Não nos envergonhes. Todos se vão rir.

— Não é da vossa conta — respondeu ele. — Eu estou apaixonado. Vou casar-me.

E casou, e o médico dele disse-lhe:

— Vai casar-se... Isso é muito perigoso na sua idade. O melhor é manter um empregado interno na sua casa.

O que o médico queria dizer era que ele deveria ter um rapaz em casa que tratasse da sua mulher, mas isso ficou implícito.

Passados nove meses, o médico encontrou o velho homem no mercado, e perguntou-lhe:

- Como estão as coisas?
- Estou ótimo! — respondeu ele. — A minha mulher está grávida.
- E o empregado interno? — perguntou o médico.
- Essa também está grávida.

Isto sim é vida!

≈

Viva totalmente, viva naturalmente, e não haverá nenhuma religião à sua altura, não haverá padres nem Deus para si. E não haverá ninguém capaz de o explorar e de destruir a sua inteligência, a sua vida, tornando-o fraco e doente.

Agora já percebe por que razão eu sou um homem perigoso?

A segunda questão:

Por que é que a mentira de Deus é tão bem-sucedida?

Porque você é um falhado. É o seu falhanço que permite que a mentira de Deus seja tão bem-sucedida. Você não amou totalmente, não viveu totalmente, nunca fez nada totalmente; este é o seu falhanço.

Mas eu não estou a falar do tipo de falhanço que você pensa. Deve pensar que ser falhado é o mesmo que não ser milionário. Ou que não ser um grande político, um primeiro-ministro, um presidente, ou alguém mundialmente famoso. Isto não é falhanço, mas simplesmente um modo de vida competitivo e egoísta.

E esse modo de vida é o mais miserável, porque você está continuamente a debater-se, a passar por cima dos outros, a puxá-los para trás, a usá-los como degraus do caminho para o seu sucesso. A sua vida é violenta, e uma vida violenta não pode ser bela. Você é implacável; só dessa forma se poderá tornar milionário. Você é cruel; caso contrário como poderia explorar milhões de pessoas, até ao ponto de as deixar morrer à fome e de continuar a acumular dinheiro que não irá usar? Não faz sentido continuar a acumular mais e mais; acumular dinheiro tornou-se simplesmente um hábito.

O homem mais rico do mundo é japonês; ele tem cerca de vinte e seis bilhões de dólares. O que faria você com vinte e seis bilhões de dólares? Não há nada que se possa fazer com vinte e seis bilhões de dólares, mas ele continua a querer mais.

As pessoas que são consideradas bem-sucedidas estão continuamente em busca de mais. No fundo elas não são bem-sucedidas.

≈

Ouvi falar de um homem que festejava o seu septuagésimo quinto aniversário com os seus amigos. Mas enquanto estavam a dançar, a cantar, a beber e a divertir-se, de um momento para o outro, aperceberam-se de que o homem tinha desaparecido. Então um dos seus melhores amigos, um notável advogado, procurou-o pelo jardim. Lá estava ele, sentado debaixo de uma árvore, com uma cara triste.

O advogado dirigiu-se a ele e disse:

— Que estranho. Estamos todos a celebrar o teu aniversário. Foi para ti que organizámos esta festa, e tu estás aqui sentado debaixo da escuridão desta árvore. Há algum problema?

— Tu és o problema! — respondeu ele.

— Eu sou o problema? — estranhou o advogado. — O que fiz?

— Lembras-te — explicou ele —, há cinquenta anos, quando eu queria matar a minha mulher e te perguntei qual seria o castigo? Tu disseste-me que seria pelo menos cinquenta anos de cadeia. Mas agora eu sinto que, se tivesse assassinado a minha mulher, hoje seria um homem livre. Passaram-se cinquenta anos. Eu sofri por causa de ti. Pelo menos na prisão teria descansado durante cinquenta anos e hoje seria livre, hoje seria uma verdadeira celebração. Tu é que deste cabo da minha vida!

≈

Uma pessoa tem sucesso se seguir o seu caminho natural, se viver tão totalmente e intensamente quanto possível. Um homem que queira ser um músico não será um homem rico. Se quiser ser flautista, não será um grande político, mas será muito feliz.

Talvez só tenha o suficiente para comer, mas se for flautista, o resto não importa. Irá desaparecer simplesmente na sua música. A sua flauta torna-se a sua meditação. A sua canção, a sua dança torna-se a sua meditação.

Tudo o que é vivido *totalmente* é equivalente à meditação. Nesse caso a meditação não é necessária. E um homem que vive cada momento, de forma absolutamente natural, de acordo consigo mesmo, não sente arrependimento, não é um falhado. Daí que um homem feliz, um homem satisfeito, não precise de Deus. É a sua infelicidade, a sua incapacidade de ser natural, que faz com que a existência de Deus seja tão bem-sucedida. Deus preenche o seu vazio. Mas um homem que vive totalmente não tem esse vazio.

Eu não tenho um Deus — não porque filosoficamente seja um ateu, não. Simplesmente porque não preciso de um Deus. Sinto-me tão realizado em mim mesmo que não preciso de nenhuma religião, que não preciso de rezar, que não preciso de meditação. Cada momento é tão extraordinário, tão imensamente extático, quem é que quer saber destas questões estúpidas acerca de Deus, do céu e do inferno? Estas são questões de uma humanidade demente, e a humanidade demente está destinada a ser explorada pelos padres em nome de Deus.

Por isso, primeiro eles conduzem-no à loucura, e depois você tem de lhes levar ofertas. É um jogo estranho. O padre joga o jogo mais sujo do mundo. O sucesso dele depende do seu falhanço, e o seu falhanço depende de você não ser natural.

Percebe o quão clara e límpida é a minha atitude? Seja simplesmente natural e Deus deixará de importar, tal como o céu e o inferno, tal como qualquer padre. Estará sempre em tal sintonia com a existência que irá desabrochar como uma flor, irá dançar como um pavão, irá cantar como um rouxinol. A sua vida terá um sabor totalmente diferente. Terá a fragância de um homem que está absolutamente satisfeito consigo e com a sua existência como ela é, sem desejo de mudar, sem desejo de melhorar esta existência, sem desejo de saber o que acontecerá depois da morte.

Sócrates diz algo muito pertinente em relação a esta questão. Quando ele enfrentava a morte, alguém lhe perguntou:

— Tem medo de ser envenenado esta tarde enquanto o Sol se põe?

Ao que ele respondeu:

— Por que haveria de ter medo? Só há duas coisas que podem acontecer: ou eu morro, e então ninguém terá de se preocupar, ou eu não morro — e aí não há razão para preocupação. Há simplesmente duas alternativas: ou desapareço de vez e quando isso acontecer, não restará nada; quem se irá importar? Quem irá sofrer? Ou não morro. Por que havia de me preocupar com o facto de não morrer? Eu sei como viver. Eu vivi intensamente a minha vida. Se houver vida após a morte, simplesmente continuarei a viver, eu conheço a arte. Se não houver vida, descansarei. Eu sei como descansar totalmente, eternamente. Não haverá qualquer problema. Ou estarei a dançar ou a

descansar, mas eu sei que ambas serão belas. O descanso tem a sua beleza — eterno descanso, sem preocupações, sem desespero, sem ansiedade, sem angústia. Ou irei dançar, eu conheço a arte. A minha dança pode continuar eternamente.

Um homem verdadeiramente bem-sucedido terá uma atitude na vida semelhante à de Sócrates. Apenas quem não viveu tem medo de morrer.

Trata-se de um fenômeno estranho. As pessoas que não viveram a vida, que se limitaram a esperar vir a viver um dia mais tarde, amanhã ou depois de amanhã, ou mesmo depois de morrerem, no paraíso — aqueles que têm adiado as suas vidas são os únicos que têm medo da morte, pois não conhecem a arte de viver.

A arte de viver é simples. Seja natural. Não se importe com Manu, Moisés, Mahavira, Maomé — não se importe com ninguém.

Aprenda esse segredo. Buda viveu a vida, mas não de acordo com as escrituras, não de acordo com os Vedas, não de acordo com uma qualquer disciplina. Ele viveu de acordo com a sua visão. É nisso que está a grandiosidade. Isso é que faz dele uma bela flor, uma flor de lótus, perfeitamente aberta ao sol, à chuva, ao vento, dançando, apreciando. Mahavira viveu a sua própria vida. Todas as pessoas que viveram a sua vida totalmente, sem culpa, sem a interferência de um padre, são pessoas bem-sucedidas.

Conheço apenas um sucesso: a sua vida deve ser a sua vida, a sua existência natural. Mas se não conseguir ser a sua natureza autêntica, a mentira de Deus será bem-sucedida. Aí terá de procurar alguém que tome conta de si. Aí temerá o que há depois da morte. Talvez haja um Deus; como vai enfrentá-lo se não o venera? O melhor é venerar: se não houver Deus, não há problema; se houver Deus, pode sempre dizer: «Eu sempre o venerarei.» Estas pessoas são umas cobardes; não devem ser chamadas de seres humanos.

Seja autêntico, seja natural, seja honesto em todos os seus atos. E isto só é possível se entrar em si mesmo e descobrir o seu centro. Esse é o único sucesso no mundo: encontrar o seu centro e deixar que o centro o guie. A luz virá do centro, irradiando a partir de si, e você será um ser humano natural. Esse ser humano é o buda.

O ser humano que não é natural é um ser doente. Deste modo ele está destinado a ser explorado pelos padres ou pelos psicanalistas — que são os novos padres. Eles não podem oferecer nada. A psicanálise deles é uma farsa, tal como as religiões. Eles são os novos rabis, os novos bispos, os novos papas. Eles não lhe dão nada, simplesmente exploram-no. E os padres não contribuíram com nada para a humanidade, eles simplesmente a exploraram. Eles são os maiores parasitas na existência.

A terceira questão:

Parece que o conceito de Deus surge do sentimento de haver algo maior do que nós. Será que este «maior» é a não-mente ou qualquer coisa do género?

Não há nada maior do que você. Não há nada maior do que você mesmo, porque você é o universo. Você é a existência, não há nada maior do que você. Esta ideia de que os santos são mais sagrados do que os outros foi-lhe imposta. E que fizeram eles para serem considerados mais sagrados? Será porque comem apenas uma vez por dia? Mas reparem nas suas barrigas. Eles comem apenas uma vez, mas quantas calorias?

Eu acho que nenhum santo terá comido mil e seiscentas calorias — isso é o que eu como, apenas mil e seiscentas calorias. Basta o seu pequeno-almoço para perfazer provavelmente as duas mil calorias. Eu como apenas mil e seiscentas calorias em vinte e quatro horas. Você deve comer cerca de quatro ou cinco mil calorias a cada vinte e quatro horas — se não for americano. Se for americano, adicione mil.

E eles condenam-me, dizendo que sou hedonista. Como apenas mil e seiscentas calorias e chamam-me hedonista! A cada refeição apenas duas pequenas fatias de pão e uma tigela de sopa. O mesmo para o pequeno-almoço, o mesmo para o almoço, o mesmo para o jantar — essas fatias de pão e uma tigela de sopa.

Nenhum dos seus santos alguma vez viveu a ingerir apenas mil e seiscentas calorias. Mas eu é que sou hedonista. Eu é que sou materialista. Eu não tenho carácter. E só você é que conhece o meu carácter. As pessoas que nunca me viram, as pessoas que nunca vieram até aqui, que não têm a inteligência nem a coragem para entrar pelos portões desta escola, elas acham que eu não possuo carácter porque não vivo de acordo com as suas escrituras.

Eu vivo de acordo com a minha consciência. Penso que todas as pessoas notáveis do mundo — Sócrates, ou Buda, ou Lao-Tsé, ou Chuang-Tsé, ou Rinzai, ou Sekito — viveram de acordo com a sua própria luz. Isso é o que faz com que sejam notáveis e o que traz esplendor às suas vidas. Os seus contemporâneos estavam tão contra eles como os meus contemporâneos contra mim.

Mas não há ninguém com tantos inimigos como eu, porque essas pessoas eram locais. Sekito não era conhecido fora do Japão. Buda não era conhecido fora de Bihar, um pequeno estado da Índia. Mahavira não era conhecido fora de Bihar. Eu sou um buda conhecido a nível mundial — pela primeira vez. E vivo dentro do meu quarto o dia inteiro. Apenas saio para vos ver ao fim da tarde.

Eu percebo qual é o problema destas pessoas. É o mesmo problema de sempre: elas não conseguem aceitar um leão; elas são ovelhas, elas são pobres

peessoas, esfomeadas por dinheiro, por poder e por prestígio. Elas não conseguem tolerar um homem que vive de acordo com a sua visão, de acordo com a sua percepção, que não segue ninguém, que não tem escrituras nem religião. Tal homem cria um complexo de inferioridade em milhões de pessoas. Caso contrário, que mal terei eu feito a estas pessoas?

Mas porque sou conhecido a nível mundial — não sou uma pessoa local, um buda local —, tenho inimigos por todo o mundo. Também tenho amigos por todo o mundo. Obviamente, os amigos serão muito poucos, selecionados por conseguirem compreender a minha visão e que estão prontos a viver de acordo com a sua, sem procurarem um Deus, sem procurarem escrituras, sem procurarem um líder, com coragem para seguir sozinhos, dançando felizes.

Não há nada maior do que você. As suas religiões estão a dizer-lhe que é um pecador, que os santos são mais sagrados e que Deus é o maior, considerando-o a si uma criatura vergonhosa que se arrasta pela terra. As religiões trouxeram-lhe um complexo de inferioridade. Esse complexo de inferioridade está sempre em busca de alguém que é maior. Mas não é natural, é uma coisa implantada, programada, condicionada. Você foi reduzido a uma espécie sub-humana. Todo o seu orgulho, a sua dignidade e a sua honra são-lhe tirados. Você fica sem honra, sem autoestima, sem dignidade. Acha, naturalmente, que tem de haver alguém maior.

E é assim que aparece todo o tipo de fraudes. Você conhece apenas o seu exterior, não conhece o seu interior. Exteriormente estes santos comportam-se da forma menos natural possível, dando-lhe a ideia de que são todos pessoas superiores — porque as religiões lhe ensinaram: «A não ser que vá além da natureza, não conseguirá perceber Deus.»

Não passa de autoflagelação. Para mim eles são masoquistas que precisam de ajuda psiquiátrica. Mas as religiões têm reconhecido estas pessoas como santos. Eles estão colocados entre si e Deus, mas Deus é o mais elevado, obviamente; ele vive acima de si, nos céus. Alguma vez pensou que a terra é redonda? Quando estive na América, Deus costumava viver por cima da minha cabeça. Neste momento, a América encontra-se debaixo dos meus pés.

Deus está por cima, mas a Terra é redonda, por isso como se estabelece o que está por cima ou por baixo? O Deus das pessoas que vivem do outro lado da Terra está debaixo dos seus pés. Por isso, quando levanta as suas mãos para rezar, pense que vive numa Terra redonda. Não seja estúpido. Não há ninguém mais acima ou mais abaixo, só há uma existência.

Isso foi o que desencadeou a iluminação de Sekito — ao ler o sutra dos antigos mestres, aquele que se sente unificado, uma vida em todas as coisas, aquele que está em sintonia com a existência, está em união com a existência. Ninguém está acima de si, ninguém está abaixo de si. Apenas há uma existência,

uma vida. Nós somos diferentes expressões de uma só vida, e é bom que haja tantas expressões diferentes. Isso faz a existência mais bela, dá-lhe variedade, dá-lhe cor. Faz dela um arco-íris. Não é monótona, é imensamente interessante.

Continue a explorar e vai continuar a encontrar coisas novas. Exteriormente, a ciência tropeça cada dia numa verdade nova. Interiormente, aqueles que exploraram, encontram mais felicidade e êxtase conforme avançam em direção às suas profundezas. Portas a seguir a portas, a seguir a portas, e não há fim para este mistério.

Eu adoro este universo misterioso, e adoro tudo o que advém deste mistério. É insondável e impossível, por isso, de ser exprimido.

≈

O sutra, o *Sandokai*, segunda parte:

Sekito escreveu: Causa e efeito derivam necessariamente da realidade maior.

Tudo deriva da realidade maior. Não há outra realidade; há apenas uma realidade, a realidade maior. O exterior e o interior são apenas dois aspetos dessa realidade maior. Todas as causas, todos os efeitos, advêm necessariamente dessa realidade maior.

As palavras «alto» e «baixo» são usadas de forma relativa.

Não dê importância a estas palavras. Elas são relativas.

Mas mesmo as pessoas famosas sofrem com ideias estranhas. Napoleão Bonaparte, considerado um homem notável e bem-sucedido, sempre sofreu por medir apenas um metro e sessenta e cinco. Até os seus guardas mediam quase dois metros. Um dia, ele queria endireitar um quadro na parede, mas não chegava lá.

Então, o seu guarda-costas disse-lhe:

— Eu posso fazer isso, sou mais alto.

— Cale-se! — respondeu Napoleão. — Não use as palavras «mais alto». Diga apenas «tenho mais altura».

O guarda tinha tocado numa ferida antiga e vulnerável que ele carregava consigo há muitos anos.

O homem que deu origem à Revolução Russa, Vladimir Ilyich Lenine, sofreu durante toda a vida de um forte complexo de inferioridade. O mais notável revolucionário do mundo escondia-se sempre por trás de uma secretária porque as suas pernas, sendo mais pequenas que o seu tronco, ficavam penduradas,

nunca chegavam ao chão. Ele não podia sentar-se numa cadeira mais pequena porque isso pareceria estranho: «Por que está sentado numa cadeira tão pequena?» Por isso sentava-se numa cadeira grande, mas à sua frente a secretária ocultava permanentemente as suas pernas. Ele tinha tanta vergonha das suas pernas que nunca deixava ninguém aproximar-se demasiado. A outra pessoa tinha de se sentar em frente a ele, do outro lado da secretária, para que não lhe visse as pernas. Ele sentia-se desnecessariamente inferior...

Todas estas suas ideias de alto e baixo são relativas — imaginação sua —, devido ao hábito das comparações. Cada pessoa é única, daí que comparar seja sempre errado.

Dentro da luz há escuridão — porque não há diferença entre luz e escuridão. A diferença é apenas relativa. A escuridão pode ser definida como menos luz, a luz pode ser definida como menos escuridão — tal como o mesmo termómetro pode ser usado em água fria ou quente. A água quente está um pouco menos fria, a água fria está um pouco menos quente; mas isto são graus, e todos os graus são relativos. É tudo o mesmo.

Luz e escuridão são um todo completo, dois extremos de uma realidade. Há animais que veem à noite. Todos conhecem a coruja, cuja noite começa quando começa o dia para si. Ela vai dormir assim que o Sol começa a nascer, porque os seus olhos são extremamente sensíveis. A luz do dia fere-lhe os olhos, tão sensíveis que ela apenas consegue ver na escuridão, mas na escuridão tudo é luz para a coruja. Por isso trata-se apenas de uma questão de capacidade dos seus olhos. Com certos instrumentos os seus olhos veem na escuridão e podem ser postos ao mesmo nível de sensibilidade da coruja.

Apesar de não ouvir as ondas de rádio a passar, sabe que elas estão a passar, porque quando liga o rádio, ele recebe-as imediatamente. Por isso, apesar de não sentir ondas de rádio à sua volta, elas estão lá — os seus ouvidos simplesmente não são capazes de as receber.

≈

Aconteceu na Suíça durante a Segunda Guerra Mundial... Um homem levou um tiro no ouvido, a bala foi retirada e a sua orelha cicatrizou, mas algo de estranho se passou: o homem começou a ouvir a estação de rádio mais próxima durante o dia — não a conseguia desligar.

Ele contou o que se passava às enfermeiras. Elas não acreditaram:

— Deve ser apenas imaginação sua. Não pode ser. Como será possível que oiça a estação de rádio?

— Chamem os médicos — pediu o homem. E os médicos não acreditaram. Ele disse:

— Se não acreditam em mim, ponham-me à prova. Estou a ficar louco! Não há maneira de desligar isto!

Finalmente eles decidiram-se — porque o homem parecia perfeitamente equilibrado, apesar de estar a dizer uma absoluta loucura — a fazer uma experiência para o satisfazer. Trouxeram um rádio para a sala ao lado e disseram-lhe:

— Escreva o que está a ouvir.

Na sala ao lado sentou-se um outro médico, que apontava o que estivesse a ser transmitido pela estação de rádio mais próxima. Quando compararam as notas, elas eram exatamente iguais! Tiveram de operar o ouvido do homem para que voltasse a ser normal.

≈

Este episódio abriu a porta para a possibilidade de um dia não precisarmos mais de rádios. Bastará um pequeno botão que poderá encaixar no seu ouvido e no qual estarão todas as estações. Terá simplesmente de carregar na parte do botão correspondente àquilo que quer ouvir e o seu ouvido poderá ouvi-lo diretamente. Não precisará de um rádio grande ou de outro instrumento.

Isto conduz-nos a outra ideia que ainda não se concretizou. Tal como as ondas de rádio passam à nossa volta, da mesma forma passam as ondas de televisão. Por isso um dia haverá a possibilidade de mudar apenas de óculos, nada mais. Os seus olhos são sensíveis a determinadas ondas, e nos seus óculos estarão todas as estações de televisão. Assim porá os seus óculos e apreciará os programas em silêncio sem incomodar os outros.

Nós não nos apercebemos de muitas coisas que se passam à nossa volta. O mais vulgar é nem nos apercebermos do nosso próprio ser, de coisas que se estão a passar dentro de nós. Sekito tem razão.

Dentro da luz há escuridão, mas não se apegue a esta escuridão. Dentro da escuridão há luz, mas não procure esta luz.

Luz e escuridão são um par, tal como o pé à frente e o pé atrás no andar. Cada coisa tem um valor intrínseco e está relacionada com tudo o resto em função e posição. O relativo encaixa-se no absoluto como uma caixa e a respetiva tampa; o absoluto trabalha em conjunto com o relativo como duas setas que se encontram no ar.

Toda a existência funciona em conjunto consigo. Este é o seu sucesso: se for ao encontro da sua existência e se juntarem como duas setas que se encontram no ar. Este é o seu falhanço: se não avançar para a existência e esta ficar lá, enquanto você se desloca lateralmente. Pode deslocar-se para qualquer lado, mas não se sentirá satisfeito a não ser que vá de encontro à existência,

que a encontre, que o seu ritmo cardíaco se torne o ritmo cardíaco de todo o universo. Isso é o sucesso, e isso é a iluminação.

Ao ler as linhas anteriores, deve ter conseguido vislumbrar a realidade maior. Não julgue de acordo com padrões. Se não avista o caminho, não o avista, apesar de, na verdade, estar precisamente a andar nele.

Pode não estar ciente de que é um buda, mas saiba que carrega o buda constantemente. Pode não saber que está a aproximar-se do derradeiro, mas está a caminho sem saber. Toda a diferença está entre saber e não saber. Não sabendo, você é infeliz; sabendo, você está a dançar com alegria e celebração.

Quando caminha, não é perto nem é longe. Se estiver iludido, encontrar-se-á a montanhas e rios de distância.

Apenas na sua ilusão — nas suas ficções, alucinações da sua mente — é longe, a montanhas e rios de distância. Mas se não estiver iludido, se estiver simplesmente em silêncio, sem pensamentos, já estará lá. Não há distância entre si e a verdade, não há distância entre si e a existência. Este momento, apenas um pouco de atenção... e estará a fundir-se com este vasto esplendor, com este grande milagre da existência.

Eu digo, com respeito — diz Sekito —, àqueles que querem ser iluminados, não desperdicem o vosso tempo em vão.

Esta é a última afirmação de Sekito: «Se quer ser iluminado, não desperdice o seu tempo. Não adie para amanhã.»

Aqui e agora concentre toda a sua energia, e irá ficar iluminado. A iluminação é a sua natureza, por isso não a encontrará em qualquer outro sítio. Não precisa de ir numa peregrinação. Não precisa de ir a nenhum santuário. Não precisa de acreditar em nenhuma teologia, em nenhuma religião. Só tem de ir mais longe, mais profundamente dentro de si mesmo, no presente, e de repente toda a vida floresce.

E terá uma surpresa fantástica — o buda estava oculto dentro de si, não num templo. Compreenderá que sempre esteve no caminho certo, que sempre carregou o buda no seu ventre. Simplesmente nunca reparou.

A única coisa que lhe ensino é a olhar para dentro de modo a encontrar o seu centro. Este é o centro de toda a existência.

Buson escreveu:

Eu envelheço —

Doce pássaro

Tu desapareces

Na penumbra do Outono.

Ele está a dizer: «Eu envelheço, tal como um doce pássaro desaparece ao longe na penumbra do Outono; consegue vê-lo até determinado ponto e depois perde-o no céu azul...» Ele está a dizer: «Eu também estou a envelhecer, doce pássaro, a minha penumbra de Outono não tarda em chegar. Também eu irei desaparecer no azul da existência.» Estas são as palavras de quem sabe.

A morte é uma porta para o divino, a morte é uma porta para o mistério mais profundo da existência. Basta desaparecer. Você é o único problema, a única barreira. Destrua esse problema, destrua essa barreira, e tudo será êxtase e pura alegria.

Outra questão:

Friedrich Nietzsche via a energia do homem como um lago que até agora foi «vazando a sua água em direção a Deus». Ele olhou para o futuro, para o dia em que o lago parasse de verter água, para o dia em que um dique fosse construído que permitisse às energias do homem crescerem mais e mais.

Parece que ele estava no caminho certo para avaliar a necessidade das pessoas de se virarem para dentro, mas concentrar as energias soa perigosamente parecido com a ideia dos ascetas.

Pode comentar isto por favor?

≈

Friedrich Nietzsche é um pensador, um filósofo com um génio tremendo. Mas seja o que for que ele esteja a dizer é apenas uma afirmação lógica, racional e filosófica. Não é existencial. Por isso tente perceber que um homem que não passou para além da mente pode fazer determinadas afirmações que se aproximam bastante da verdade. Mas mesmo estar perto é estar a alguma distância.

Ele está a dizer que até agora as energias humanas têm sido como um lago que vaza a sua água em direção a Deus. «Ele olhou para o futuro, para o dia em que o lago parasse de verter água, para o dia em que um dique fosse construído que permitisse às energias do homem crescerem mais e mais.» Ele está muito perto do ponto de meditação.

As suas energias estão a ser vazadas para objetos, para o dinheiro, para o poder — e finalmente, se você se tornar religioso, para o paraíso, para Deus, mas elas esgotaram-se. Assim, as suas energias estão a ser vazadas e o resultado final é o culminar de um sentimento de vazio, de indignidade, de falhanço. Ele está a pensar que há-de chegar o dia em que as pessoas criarão

um dique que impossibilite o esvaziamento, para que todas as energias se acumulem no interior. Em vez de se espalharem em camadas finas, começam a subir como um pilar.

Ele tem razão, mas não se trata da sua experiência. Ele está apenas a imaginar — «um dia».

Estou a oferecer-lhe esse dia que ele apenas imaginou. Qual é a sua meditação? Simplesmente passe todas as energias do exterior para o seu mais profundo interior.

E, ao concentrarem-se, as suas energias não só se elevam como também atingem mais profundidade, simultaneamente, tal como as raízes de uma grande árvore. As raízes são cada vez mais profundas enquanto a árvore fica cada vez mais alta.

Exatamente da mesma forma, a sua consciência, a energia da sua vida, move-se para as alturas e para as profundezas simultaneamente. Toca na parte mais profunda da terra — isso é materialismo. E toca nas estrelas — isso é a sua espiritualidade. Tal como uma árvore não pode sobreviver sem as suas raízes, toda a espiritualidade sem raízes na terra está destinada ao falhanço.

O Oriente sabe perfeitamente que a sua espiritualidade falhou, e apesar disso eles continuam a insistir que o materialismo é contra a espiritualidade. Por causa desta ideia, o Oriente inteiro tem vivido em extrema pobreza, a morrer à fome. Nenhuma ciência foi desenvolvida, nenhuma tecnologia foi desenvolvida para ajudar estas pessoas. E o Ocidente tem sofrido porque pensa que as raízes bastam, que não há necessidade da árvore, dos frutos e das flores. O que poderá fazer com as raízes?

O Ocidente tem raízes muito profundas na tecnologia, na ciência, na investigação objetiva, mas sente-se absolutamente vazio por dentro. O Oriente tem árvores gigantes com muitos ramos que se erguem para as estrelas, mas continuam a falhar, porque sem raízes uma árvore não se consegue manter de pé. Ambos necessitam de um ponto de encontro. Oriente e Ocidente, materialismo e espiritualidade, o interior e o exterior, o mais alto e o mais profundo — ambos têm de encontrar uma sincronia, só aí o homem poderá sentir-se completo.

E a sua preocupação é desnecessária. Você diz: «Parece que ele estava no caminho certo para avaliar a necessidade das pessoas de se virarem para dentro, mas concentrar as energias soa perigosamente parecido com a ideia dos ascetas.»

Ele não estava a par da meditação, por isso utilizou a palavra «dique». Mas a palavra «dique» deve ser tomada como simbólica quando proveniente de um filósofo que ainda está confinado nos limites da mente. A mente de Nietzsche foi

provavelmente uma das mentes mais brilhantes que habitou a terra, pois ele conseguiu conceber algo para além da mente enquanto estava confinado aos limites dela. A viver numa cela escura sem nenhuma abertura, ele consegue, contudo, visualizar nos seus sonhos o nascer-do-sol — ele nunca o viu. Ele consegue visualizar flores belas — ele nunca as viu. A sua capacidade de visualizar é magnífica e deve ser valorizada.

Não, ele não é um asceta. Ele era absolutamente contra o ascetismo, por isso não estaria a referir-se àquilo que você teme. É como se, ao concentrar todas as suas energias interiormente, criasse uma prisão para elas não poderem vazar. Ele não conseguiu usar os símbolos corretos porque não tinha experiência.

Quando você tem energias que se erguem como um pilar e que se aprofundam na mais distante das profundidades, terá ambos os mundos consigo — o mundo interior e o mundo exterior, porque o interior e o exterior são dois aspetos da mesma energia. Claro que não estará a ir em direção a Deus, que não passa de uma ficção. Estará a dirigir-se para um verdadeiro oceano de consciência; e desaparecerá nele.

Não se trata de ascetismo. Decerto que ele não era um asceta, por isso devia estar a falar de outra coisa. Mas um homem sem olhos que fala sobre a luz — e ele chega tão perto dela! —, isto deve ser valorizado. Ele não tem olhos para ver, como tal não faz ideia do que é a luz, mas chega muito perto só de pensar nela. Ele também não consegue fazer as afirmações corretas, estas são apenas aproximadamente corretas, mas nenhum outro filósofo alguma vez chegou sequer tão perto. A sua beleza é espantosa.

≈

Chegou a hora de rir.

Num fim de tarde, nos portões do céu, São Pedro está a inspecionar vinte mulheres casadas que acabaram de chegar para o julgamento final.

— Meninas — diz São Pedro -, se alguma de vocês foi infiel ao seu marido na terra, dê um passo em frente! E lembrem-se, nem mentiras nem batota são permitidas! Eu tenho possibilidade de comprovar se estão a dizer a verdade!

Imediatamente dezanove das mulheres deram um passo em frente, mas uma delas ficou quieta no seu sítio. São Pedro acenou com a cabeça, silenciosamente, e caminhou para o telefone. Imediatamente telefonou para o inferno.

— Estou, Satanás? — exclama São Pedro. — Vou encaminhar aí para baixo vinte mulheres adúlteras, mas tem cuidado. Uma delas é totalmente surda!

≈

Numa manhã, o telefone toca no consultório do Doutor Shelby.

— Bom dia — diz animadamente o médico.

— Pode ser um bom dia para si — resmunga Brenda Chubbs do outro lado da linha. — Mas desde que o senhor começou a tratar o meu marido, eu não tive um único dia bom!

— Lamento ouvir tal coisa, Sra. Chubbs — diz o médico. — O que se passa?

— Bem — refila Brenda —, antes de ter consultado o doutor, ele era um marido perfeito e um pai perfeito. Mas agora tornou-se um cretino. Ele costumava dizer-me que sou bela, agora chama-me bruxa feia! Ele costumava adorar a nossa vida de família, mas agora está muito crítico da maneira como faço tudo em casa, odeia os filhos e corre atrás de qualquer mulher solteira que passe por perto! Deve ter-lhe dado alguma injeção de hormonas que lhe alterou completamente a personalidade!

— Hmm — murmura o Doutor Shelby. — Quero que saiba que não dei nenhuma injeção de hormonas ao seu marido, apenas lhe dei umas lentes de contato novas!

≈

A meditação:

Esteja em silêncio. Feche os olhos, sinta o corpo como se estivesse paralisado.

Este é o momento para se virar para dentro. Concentre as suas energias, o total da sua consciência, e apresse-se em direção ao seu centro, como se fosse a sua última oportunidade. Somente com tal urgência pode alguém atingir imediatamente o seu centro.

Mais depressa e mais depressa...

Mais profundo e mais profundo...

À medida que se aproxima do centro, um tremendo silêncio apodera-se de si, tal como chuviscos, muito táteis, muito frescos.

O Auditório Buda Gautama fica em absoluto silêncio, como se ninguém estivesse presente.

Um pouco mais profundo e de repente terá uma surpresa, magníficas fontes de paz rebentam em todo o seu redor.

Um pouco mais perto e sentirá pela primeira vez uma bebedeira divina: um êxtase profundo, uma alegria que nunca conheceu antes.

Mais um passo e estará precisamente no centro. Bruscamente você percebe que deixou de ser.

No centro está a sua natureza oculta, a sua face original.

Nós utilizamos a cara do Buda Gautama como símbolo para a face original de todos nós. Por isso digo, você desapareceu, apenas resta o buda. Por outras palavras, você deixou de ser, apenas a existência é. E esta é a mais magnífica experiência, o ponto mais alto da consciência e, simultaneamente, o mais profundo.

Neste ponto, basta que se lembre de que o buda consiste num só elemento: consciência, percepção, testemunho — diferentes nomes para testemunho.

Testemunhe apenas a maneira como um espelho espelha — sem julgar, sem apreciar, sem identificar.

Testemunhe que você não é um corpo.

Testemunhe que você não é uma mente.

Testemunhe que você é apenas uma testemunha.

Descontraia... mas mantenha a testemunha o mais alerta possível.

O buda costuma apelidar esta testemunha de *sammāsati*, memória correta. Você lembrou-se de que é um buda. Você não é o corpo, nem é a mente. É apenas uma consciência pura.

E à medida que o seu testemunhar se aprofunda, começará a derreter como gelo no oceano. O Auditório Gautama Buda transforma-se num oceano, e você está a desaparecer nele tal como o gelo a derreter. Sem ondas, sem ondulação — que silêncio!

Você está no centro da existência. Agora sente o seu ritmo cardíaco em sintonia com o ritmo cardíaco do universo.

Absolutamente desconhecido, chovem flores em cima de si.

A totalidade da existência está a regozijar com a sua entrada no além. Ir para além da mente é o mesmo que entrar no verdadeiro cosmos.

A mente é a sua prisão. Ir além dela é a sua liberdade.

Recolha o máximo de experiências que consiga: todas as flores, todas as fragâncias, o silêncio, a serenidade, a tranquilidade, a calma, a paz, a

compreensão excessiva, o êxtase divino, o grande esplendor de ser um buda, de estar em unidade com o cosmos.

Neste momento você é a pessoa mais afortunada do mundo. O mundo inteiro está preocupado com trivialidades. Eu estou a chamá-lo para perto dos abençoados porque você está preocupado com o derradeiro, com o essencial, com o eterno.

Deus está morto, e a única verdade viva é o Zen.

Zen significa simplesmente o que você está a experienciar neste momento: uma inocência pura como a de um espelho.

Lembre-se de uma coisa, tem de persuadir o buda a acompanhá-lo. Ele tem de o fazer, é a sua natureza, pois está escondido no centro há séculos, quem sabe milénios. E tem estado à espera do seu convite. Convide-o! Receba-o! Peça-lhe!

É preciso que o buda entre na sua vida do dia-a-dia, nos seus atos, nos seus gestos, nas suas palavras, nos seus silêncios... A sua graciosidade, a sua presença tem de ser sentida.

A não ser que esteja completamente possuído pelo buda, e que todas estas experiências de silêncio, beatitude, alegria e êxtase divino comecem a transbordar em todas as suas ações...

Na sua própria presença é criado um campo de energia à sua volta; você, pela primeira vez, torna-se um mistério para si mesmo, um santuário, um local sagrado; o sítio onde cresce o buda até ao seu florescimento completo.

O próprio corpo é o buda, e esta terra é o paraíso de lótus.

Regresse... mas regresse como um buda, com a mesma paz, com a mesma serenidade, com o mesmo silêncio.

Sente-se por uns segundos, lembre-se do caminho dourado que percorreu, da experiência que encontrou.

Alguma fragância deve ter permanecido consigo.

Algum silêncio deve ainda rodeá-lo.

Alguma paz estará a transbordar de si.

Alguma bebedeira continuará a sentir.

E lembre-se de que mesmo atrás de si há uma nova presença, a presença do buda, o que despertou.

Existiram milhares de budas. O buda não é monopólio de ninguém, é de todos por direito de nascimento.

Estes são os três passos para se tornar um buda.

O primeiro passo: o buda segue-o como uma sombra porque você o convidou, mesmo atrás de si.

O segundo passo: ao se tornar mais e mais afinado com o buda, ele passa a estar à sua frente. Você torna-se a sombra por trás do buda e, quando isso acontece, começa a desaparecer. A sombra não existe.

O terceiro passo: você desaparece completamente, deixa de existir como sombra; foi absorvido pelo buda e deixa de ser, apenas o buda é. Você fundiu-se na derradeira consciência e é uno com o universo.

Esta é a única verdade existencial.

Eu não ensino filosofia. Eu ensino-lhe a existência, a verdade, a beleza e a grandiosidade. Tudo isto acontece ao terceiro passo sem nenhum esforço — a metamorfose de um homem para um novo homem.

O novo homem é o super-homem de Friedrich Nietzsche, e é aquele que despertou, o buda dos místicos orientais.

Eu esforço-me no sentido de aproximar o Ocidente e o Oriente, não só para que se encontrem mas para que se fundam, uma sincronia profunda entre o materialismo e a espiritualidade, entre Zorba e Buda. Quando você é os dois — o Zorba no que diz respeito ao mundo exterior, e o Buda no que diz respeito ao mundo interior —, então é um homem completo. E o homem completo é o único homem sagrado. Não há outra possibilidade.

CAPÍTULO 7

DEUS É O NEGÓCIO DO PADRE

Quando Impo deixou Ma Tzu, este perguntou:

— Onde vais?

— Vou ao encontro de Sekito — respondeu Impo.

— O caminho no topo da pedra é escorregadio! — avisou Ma Tzu.

— Eu tenho a vara de acrobata comigo — disse Impo —, posso utilizá-la sempre que queira. — E foi-se embora.

Quando chegou junto de Sekito, Impo deu uma volta ao banco zen deste, girou a sua vara com um grito e perguntou:

— Qual é o *dharma* disto?

— Que tristeza! Que tristeza! — suspirou Sekito.

Impo não tinha nada para lhe dizer, mas voltou para Ma Tzu e contou-lhe o que se tinha passado. Este disse-lhe:

— Volta para lá, e quando Sekito te disser «Que tristeza!», começa a chorar.

Então Impo voltou para ao pé de Sekito e tornou a perguntar com o mesmo tom:

— Qual é o *dharma* disto?

Face a isto, Sekito começou a chorar.

Impo, de novo sem saber o que dizer, regressou para junto de Ma Tzu, que comentou:

— Eu avisei: o caminho no topo da pedra é escorregadio!

≈

Amigos, primeiro as perguntas.

Nós, os humanos, parecemos gostar que nos digam o que fazer. Se não temos um «Deus», temos uma outra pessoa qualquer que nos diz o que está certo e o que está errado, o que é bom e o que é mau. Porquê esta resistência a pensar por nós próprios?

Não se trata de pensar. Aliás, você pensa demasiado. A questão é como parar de pensar e ver diretamente cada situação que enfrenta. Se não houver pensamento, não há barreira, não há areia nos seus olhos; conseguirá ver tudo nítido. Com esta nitidez, há uma consciência que não precisa de escolhas. Você

faz simplesmente aquilo que é bom — sem precisar de se esforçar por isso. Fá-lo sem esforço aquele que tem percepção, que tem consciência, que está alerta. Ele simplesmente não consegue imaginar o mal. Toda a sua percepção o encaminha para o bem.

Daí que o seu problema não seja o porquê de haver tanta resistência a pensar por si mesmo. Você não consegue pensar pela sua própria cabeça, porque a visão do bem não faz parte da mente. E como a única coisa que conhece é a mente, daí surgem todos os problemas. Você tem centenas de pensamentos a moverem-se continuamente na sua mente. É hora de ponta vinte e quatro horas por dia; uma multidão de pensamentos avançam, nuvens avançam tão depressa que o deixam completamente escondido por trás delas. Os seus olhos são praticamente cegos. A sua sensibilidade está totalmente soterrada pelos seus pensamentos.

Não lhe é possível distinguir o bom do mau através da mente. Vê-se obrigado a depender dos outros. Esta dependência é absolutamente natural porque a mente é um fenómeno dependente, depende de outros; todo o seu conhecimento é emprestado.

Tudo o que a sua mente sabe foi-lhe transmitido pelos seus pais, ou pelos padres, ou pelos professores, ou pela sociedade. Pense bem, não vai encontrar um único pensamento que seja originalmente seu.

É tudo emprestado; a mente vive do conhecimento emprestado. Em todas as situações precisa de alguém que a guie. Toda a sua vida está a ser guiada por outros.

Desde o início que os seus pais lhe dizem o que está certo e o que está errado. Depois são os seus professores, depois os seus padres, depois os seus vizinhos... não que eles saibam, também a eles foi emprestado este conhecimento.

Este emprestar prolonga-se por séculos e séculos, geração após geração. Todas as doenças continuam a ser herdadas pelas novas gerações. Trata-se de uma réplica da geração mais velha, um reflexo, uma sombra, mas não tem a sua própria originalidade. É por esta razão que você precisa de um Deus, o derradeiro guia. A determinada altura deixa de depender dos seus pais, porque cresce e passa a ver as suas mentiras, as suas falsidades. Começa a ver que os seus conselhos não são perfeitos; que são seres humanos, que são falíveis. Mas a criança pequena acredita nos pais como se eles fossem infalíveis.

Não é culpa deles, é a inocência da criança; a criança confiava na mãe, no pai, que o amavam. Mas ela começa a perceber, à medida que cresce, que o que estas pessoas dizem não é necessariamente verdade.

Um dia estava eu a brincar — devia ter cinco ou seis anos... Um homem extremamente enfadonho costumava visitar o meu pai, que estava a ficar saturado dele. Por isso, chamou-me e disse:

— Vejo aquele homem a chegar; ele vai fazer-me perder tempo escusadamente e é muito difícil ver-me livre dele. Sou sempre obrigado a sair e a dizer-lhe: «Agora tenho um compromisso.» Tenho de sair desnecessariamente, só para me conseguir ver livre dele. E às vezes ele ainda diz: «Eu vou andando consigo, para que possamos conversar mais pelo caminho.» E não há conversa, apenas um monólogo. Ele fala, e tortura as pessoas.

Então o meu pai prosseguiu:

— Vou lá para dentro. Fica aqui fora a brincar, e quando ele aparecer, diz-lhe simplesmente que não estou em casa.

O meu pai costumava ensinar-me: «Nunca mintas.» Por isso fiquei chocado. Isto era contraditório.

Quando o homem apareceu e me perguntou onde estava o meu pai, eu disse:

— Ele está em casa, mas diz que não está.

O meu pai ouviu isto lá de dentro, e o homem entrou em casa comigo, por isso ele não pôde dizer-me nada em frente ao homem. Quando este se foi embora, depois de duas ou três horas, o meu pai estava furioso comigo, não com o homem.

— Eu pedi-te para lhe dizeres: «O meu pai não está em casa» — afirmou ele.

— Exatamente — respondi —, eu repeti isso mesmo. Eu disse-lhe a mesma coisa: «O meu pai pede para lhe dizer que não está em casa. Mas ele está em casa.» Tu sempre me ensinaste a ser verdadeiro sejam quais forem as consequências. Por isso estou pronto para enfrentar as consequências. Se quiseres castigar-me, castiga. Mas lembra-te, se a verdade é punida, a verdade é destruída. A verdade tem de ser recompensada. Dá-me uma recompensa, para que eu possa continuar a dizer a verdade aconteça o que acontecer.

— Tu sabes muito — disse-me ele olhando para mim.

— Isso tu já sabias — retorqui. — Dá-me uma recompensa. Eu disse a verdade.

O meu pai teve mesmo de me recompensar; deu-me uma nota de uma rupia. Na altura era possível uma pessoa sobreviver durante quase quinze dias com uma nota de uma rupia. E ele disse-me:

— Toma lá, e compra qualquer coisa de que gostes.

— Lembra-te — disse eu —, se me pedires para mentir, eu vou contar à pessoa que tu me pediste para o fazer. Eu não estarei a mentir. E todas as vezes que te contradisseres, terás de me recompensar. Por isso pára de mentir. Se não queres que o homem te visite, devias dizer-lhe diretamente que não tens tempo, que não gostas de conversas enfadonhas e que ele está sempre a repetir-se. Por que tens medo? Por que hás-de mentir?

— O problema é que ele é o meu melhor cliente.

O meu pai tinha uma loja de roupa fantástica, e este homem era rico. Ele costumava comprar imensa roupa para a sua família, parentes, amigos. Ele era um homem muito generoso — ser enfadonho era o seu único problema.

Então o meu pai disse:

— Tenho de suportar o tédio porque ele é o meu melhor cliente, e eu não posso perdê-lo.

— Esse problema é teu, não é meu. Tu estás a mentir porque ele é o teu melhor cliente, e eu vou dizer-lhe isso — ameacei.

— Espera! — exclamou o meu pai.

— Eu não posso esperar porque ele tem de saber imediatamente que tens suportado toda a sua conversa entediante simplesmente porque ele é um bom cliente — e vais ter de me dar uma recompensa — disse-lhe eu.

— Tu és tão difícil — afirmou o meu pai. — Estás a destruir o meu melhor cliente e ainda por cima tenho de te dar uma recompensa? Não lhe digas.

Mas eu disse. E recebi duas recompensas — inclusive uma do homem enfadonho, porque lhe disse:

— A verdade deve ser sempre recompensada, por isso dê-me uma recompensa porque eu estou a destruir um dos melhores clientes do meu pai.

Ele abraçou-me e deu-me duas rupias. Eu disse:

— Lembre-se, não pare de comprar na loja do meu pai, mas pare de o aborrecer. Se quiser falar pode fazê-lo com as paredes, com as árvores. O mundo inteiro está disponível. Pode fechar-se no seu quarto e falar sozinho. Aí sim, você vai ficar aborrecido.

E disse ao meu pai:

— Não te preocupes. Olha, tu deste-me uma rupia, o teu cliente deu-me duas rupias. Agora, deves-me mais uma rupia; tens de me dar porque eu disse a verdade. Mas não te preocupes. Eu fiz dele um cliente melhor e ele não voltará a aborrecer-te. Ele prometeu-me.

— Tu fizeste um milagre! — exclamou.

A partir daquele dia o homem nunca mais voltou, ou se viesse ficava apenas um ou dois minutos para dizer olá e ia-se embora. E continuou a comprar na loja do meu pai.

O homem disse ao meu pai:

— É por causa do seu filho que eu continuo a vir cá. Caso contrário ter-me-ia sentido magoado, mas o seu menino conseguiu ambas as coisas. Ele fez-me parar de o chatear, e pediu-me: «Não pare de fazer compras na loja do meu pai. Ele depende de si.» Ainda lhe dei duas rupias — e ele estava a dizer-me coisas tão chocantes. Ninguém antes teve coragem de me dizer que sou um homem enfadonho.

Ele era o homem mais rico da aldeia. Toda a gente estava, de uma forma ou de outra, ligada a ele. As pessoas pediam-lhe dinheiro emprestado, as pessoas pediam-lhe terrenos emprestados para os poderem cultivar. Ele era o homem mais rico e com mais terrenos da aldeia. Todos tinham algum tipo de compromisso com ele, por isso ninguém lhe conseguia dizer que ele era enfadonho. O homem confessou-me:

— Foi um grande choque, mas é verdade. Eu sei que sou enfadonho. Eu aborreço-me a mim próprio com os meus pensamentos. É por isso que procuro os outros para os aborrecer, simplesmente para me libertar dos meus pensamentos. Se estiver aborrecido com os meus pensamentos, eu sei perfeitamente que os outros também se irão aborrecer, mas toda a gente me deve favores. Apenas este rapaz não me deve nada e por isso não teme as consequências. E ele é atrevido! Pediu-me uma recompensa. Ele disse-me: «Se você não recompensa a verdade, então está a recompensar a mentira.»

≈

Esta é a razão pela qual esta sociedade vive na loucura. Toda a gente o ensina a ser verdadeiro, mas ninguém o recompensa por ser verdadeiro, criando uma esquizofrenia. O governo indiano tem o lema *Satyameva jayate* — «A verdade é sempre vitoriosa». Este é o seu mote. Mas os políticos mentem todos continuamente às pessoas, fazendo promessas que sabem que não vão poder cumprir. Em todos os tribunais está escrito *satyameva jayate*, a verdade é sempre vitoriosa. Mas nos tribunais não é a verdade que é vitoriosa, é o

advogado mais eficiente, o advogado com mais poder de argumentação que ganha o caso. Não interessa se ele está a favor do criminoso ou contra a criminoso.

≈

Havia um vice-chanceler que era um dos maiores especialistas em questões legais do mundo. Ele tinha três escritórios, um em Londres, um em Nova Deli e um em Pequim, e corria continuamente de um país para o outro país, sem nunca perder um único caso. Todos os melhores casos, que envolviam milhões de dólares... todos os marajás da Índia eram seus clientes; mas ele era alcoólico.

Há uns tempos ele estava a trabalhar num caso no conselho privado em Londres, o mais alto tribunal de recurso da Índia, enquanto parte do Império Britânico. O tribunal supremo era na Índia, mas se uma pessoa quisesse opor-se ao tribunal supremo, tinha de recorrer ao conselho privado em Londres. E ele era um homem do conselho privado, costumava trabalhar aí nos mais variados casos.

Uma noite, ele bebeu demasiado numa festa. No dia seguinte estava de ressaca e ainda um pouco bêbado, mas tinha de ir para o tribunal. O caso envolvia dois distritos do Rajastão, Udaipur e Jaipur. Ambos os marajás estavam em tribunal porque queriam o mesmo pedaço de terreno — a qual dos distritos pertencia? Eram milhares de hectares de terreno. E por causa do efeito do álcool, ele não recordava qual das partes, Udaipur ou Jaipur, estava a representar.

Então decidiu criticar o marajá de Jaipur; todos os seus argumentos eram contra esse marajá. A sua secretária puxou-lhe a ponta do casaco por várias vezes, mas ele simplesmente não ligava. Quando chegou a hora de almoço, o tribunal parou para intervalo. Nessa altura a secretária disse-lhe:

— Você deu cabo deste caso. É suposto estar a favor do marajá de Jaipur e está a apresentar argumentos contra ele. E arranjou um grande problema porque o homem que está contra o marajá de Jaipur, também ele um grande especialista, não sabe o que fazer. Todos os argumentos que ele preparou já foram expostos por si.

Agora o grande especialista já estava a sair da ressaca, e afirmou:

— Não se preocupe. Ainda há tempo.

A seguir ao almoço, ele disse em tribunal:

— Antes do almoço eu apresentei todos os argumentos que a oposição poderia querer apresentar. Agora vou criticá-los, argumento a argumento, porque estou aqui a defender o marajá de Jaipur. — E criticou os seus argumentos de forma muito inteligente.

Quando ele me contou isto... eu costumava visitá-lo frequentemente. Ele gostava muito de mim. Dizia-me muitas vezes:

— Tu devias estar em direito, não em filosofia.

— Essa não é a minha especialidade — respondia eu. Mas ele adorava os meus argumentos.

— É uma enorme perda para o mundo do direito e da constituição.

Tu tens argumentos suficientemente bons para te vires a tornar um especialista legal famoso em todo o mundo — dizia ele.

— Eu vou ser um especialista ilegal famoso em todo o mundo — respondi.
— Não te preocupes comigo.

Mas ele gostava de mim, daí ter-me contado aquele incidente.

≈

Não é uma questão de verdade, mas sim uma questão de quem tem mais poder de argumentação. O governo e todas as religiões e todos os pregadores continuam a dizer: «Diga a verdade.» Mas a sociedade não recompensa a verdade.

Recentemente recebi uma carta ameaçadora de uma empresa de advogados, que alegava que eu tinha ofendido os sentimentos religiosos dos seus clientes. Pedi então à minha secretária para responder dizendo que, em primeiro lugar, não existem sentimentos religiosos. Uma religião está para além dos sentimentos, para além dos pensamentos e para além da mente. Existe somente superstição religiosa. Um homem religioso não pode ser magoado. Ele conhece a verdade. As mentiras que você vive é que estão magoadas. A verdade magoa sempre as mentiras. Devia dizer, por isso, aos seus clientes para serem muito religiosos. Que ultrapassem a mente, ultrapassem os sentimentos, emoções, pensamentos, e já não serão magoados. Mas se quiser ir a tribunal, esteja à vontade. Durante toda a minha vida tenho lutado em tribunais por causa do mesmo, porque o sentimento religioso das pessoas está magoado. Costumo dizer aos juízes: «Se não me engano, se os sentimentos de alguém são feridos, terei eu de ser punido por isso? Esse homem precisa de tratamento psicológico. Se os seus sentimentos religiosos são assim tão fracos, isso mostra que não passam de crenças. Ele não sabe o que é a religião. E se a verdade magoa as pessoas, o que sugere que eu faça? Que comece a mentir?» Os juízes olharam à volta — o que haviam de fazer? Eles não podem dizer-me para mentir, por isso ficaram sem argumentos.

No meu primeiro caso em tribunal, deram-me a escolher a Bíblia, o Corão ou a Bhagavad Gita, dependendo da religião a que eu pertencesse. Foi-me

pedido que pegasse num dos livros — todos os livros estavam em cima de uma mesa — e fizesse um juramento de que diria apenas a verdade e nada mais que a verdade.

— Eu não posso fazer isso por uma razão: cada um destes três livros está repleto de mentiras — contrariei eu. — Seria absolutamente absurdo fazer um juramento com base num livro que está cheio de mentiras; você é um homem inteligente. Além do mais, não posso fazer o juramento porque eu digo sempre a verdade. Cumprir o juramento significaria que, se não o fizesse, não diria a Verdade. Você está a insultar-me no seu tribunal. Se eu o insultar a si, você dirá que o tribunal se sente insultado. Mas está a insultar-me ao pedir-me para fazer este juramento. Não posso fazer este juramento porque eu digo sempre a verdade. Fazer um juramento está fora de questão.

Ele olhou para mim e disse:

— Eu percebo, mas isto cria um problema. Sem que faça o juramento a sessão não pode começar.

— Isso não é problema meu. Quem quer começar? É a oposição que o deseja. Eu posso ir imediatamente para casa — afirmei.

— Eu vou abrir uma exceção para si, porque me está a dizer que vai dizer a verdade — disse o juiz.

— Eu não disse isso — respondi. - O que eu disse foi que digo sempre a verdade. E esse é o problema. Estas pessoas ficam magoadas com a verdade. Eu afirmei que Deus não existe, e eles creem em Deus. Agora eles deviam provar que Deus existe. Isso é problema deles, não meu. Eu simplesmente repito outra vez, Deus não existe. Agora eles deviam provar a existência de Deus com factos, com testemunhas.

— O que é que você acha? — perguntei ao juiz. — Você acredita em Deus? Possui alguma prova ou conhece alguma testemunha que tenha visto Deus? Você pode afirmar ter visto Deus?

— Parece-me que aqui o juiz é você e o criminoso sou eu — respondeu ele.

— A verdade é sempre vitoriosa. Está atrás de si. Leia.

O caso foi indeferido. Centenas de casos foram indeferidos. Mas a sociedade continua a recompensar a pessoa que a consola. Não interessa que esteja a consolar com uma mentira.

Uma vez um homem morreu e a sua esposa ficou de rastos, chorava, chorava, não parava de chorar. Um dos meus vizinhos foi ter com ela e disse:

— Não se preocupe, a alma é imortal. O seu marido não morreu, apenas o seu corpo; a alma dele é imortal e não pode morrer. Por isso não esteja desesperada em vão, não esteja triste nem chore, não há necessidade disso.

Eu estava ali ao lado a ouvir. Pensei para comigo: «Espera. Quando alguém morrer na casa deste homem, nessa altura apareço.» Dois anos mais tarde, o pai dele morreu. Por isso dirigi-me lá imediatamente.

O meu pai perguntou-me:

— Onde vais?

— Ao mesmo sítio onde tu vais — respondi eu, porque ele ia participar no cortejo do funeral; um vizinho seu tinha morrido e eram amigos de longa data.

— Ele era um amigo meu de longa data. Mas por que é que tu vais? — perguntou ele.

— Eu vou cuidar do filho dele — respondi —, porque esse idiota disse a uma mulher a quem lhe tinha morrido o marido: «Não chore, a alma é imortal.» Agora quero ver se ele chora ou não chora.

E ele estava a chorar. Eu disse:

— Pára de chorar. Tu estavas a dizer àquela pobre mulher que a alma é imortal. O que se passa? A alma do teu pai não é imortal? Pára de chorar.

— Tu és uma pessoa estranha — disse ele. — Eu estou em profunda tristeza.

— O que se passou há dois anos? — perguntei. — Quando o marido de outra pessoa morreu, tu disseste-lhe palavras belas e magníficas. Tudo mentiras! As tuas lágrimas provam que estavas a mentir. Se estivesse a dizer a verdade, não haveria lágrimas. A alma do teu pai é imortal.

— Eu sei — disse-me ele —, mas o que posso eu fazer? Sinto-me triste.

— Aquela mulher também o sabia — afirmei.

≈

Todo o conhecimento é emprestado; daí que todo o conhecimento emprestado seja uma mentira. No fundo, você não está de acordo com ele. No fundo, existem dúvidas.

Por isso, o que me pergunta é: se nós não tivermos Deus, quem poderemos procurar quando precisarmos de uma referência sobre o que é bom e o que é mau? É um problema. E você sente, você pensa que é porque há em nós uma resistência a pensar. Não, não é isso. Não é uma questão de resistência a pensar. Pensar não resolve os problemas.

Por exemplo, um homem caiu num poço. Ora, será bom ou mau ajudá-lo a sair? Consegue decidir com base no raciocínio? Pode pensar que seria bom ajudá-lo; mas se salva este homem e amanhã ele comete um homicídio, então você será responsável, pelo menos cinquenta por cento responsável por esse homicídio. Se não tivesse salvo o homem, o homicídio não teria acontecido.

Há uma seita religiosa, os Terapanth, na Índia, que diz: não interfira na vida dos outros. Se alguém se está a afogar, siga em frente; não oiça. A pessoa grita por ajuda: «Socorro!» Não oiça, porque ela está a sofrer devido a atos maldosos do passado. Se você interferir, estará a cometer dois crimes. Primeiro estará a interferir na sua vida pessoal. Ela estava a sofrer por causa dos seus atos maldosos, tem mesmo de sofrer; você está a impedir-la. Ela terá de cair à água outra vez um dia mais tarde. E segundo, ao salvar essa pessoa, você está a assumir uma enorme responsabilidade. Ela pode violar uma mulher, ela pode matar alguém. Ele pode acabar por ser um ladrão ou qualquer coisa do género, e você será responsável. Por isso assumiu, desnecessariamente, uma responsabilidade que irá desestabilizar o seu próprio desenvolvimento espiritual.

Os seguidores de Terapanth dizem: «Não dê comida ao mendigo. Ele é um mendigo porque tem de sofrer devido aos karmas de uma vida passada.» Eles não acreditam na caridade, não acreditam na compaixão, eles não acreditam que se deva ajudar alguém que se encontra em apuros. Mantenha-se afastado, caso contrário está a assumir responsabilidades que serão um fardo demasiado grande para si. Tem de se livrar dos seus próprios atos maldosos e agora assume responsabilidade pelos dos outros? Assim nunca se tornará iluminado. Foi por esta razão que os devotos desta seita se tornaram absolutamente desumanos; nada os afeta.

Pensar não permite decidir nada, porque a mesma coisa pode ser boa numa situação e má noutra. Às vezes, até o veneno pode ser um remédio e um remédio pode ser veneno — compreenda que o fluxo da vida está em permanente mutação.

Assim, o raciocínio não lhe permite decidir. Não se trata de decidir como uma conclusão lógica, mas sim de uma percepção que não necessita de escolhas. Você precisa de uma mente sem pensamentos. Por outras palavras, precisa de uma não-mente, apenas de puro silêncio, para que possa ver as coisas diretamente. É a partir dessa claridade que surge a escolha, sozinha; você não está a escolher. Irá atuar tal como um buda. Os seus atos serão belos, os seus

atos serão verdadeiros, os seus atos terão o aroma do divino. Não é necessário escolher.

Você procura alguém que o oriente porque não sabe que o seu guia está escondido dentro de si. Assim, tem de encontrar o seu guia interior, a quem eu chamo a testemunha. É no fundo o seu *dharma*, o seu buda intrínseco. Precisa de despertar esse buda e a sua vida será inundada de bênçãos. A sua vida tornar-se-á tão irradiante de bem, de piedade, mais do que pode imaginar.

É como a luz. O seu quarto está escuro, basta trazer a luz. Até uma vela pequena serve, e toda escuridão desaparecerá. E uma vez que tenha uma vela, conseguirá ver onde está a porta. Não tem de pensar sobre isso: «Onde está a porta?» Simplesmente levanta-se e sai. Não pensa na localização da porta nem por um minuto. Não começa a apalpar à procura da porta, nem a bater com a cabeça na parede. Vê simplesmente, e não há nem um rasto de pensamento. E sai simplesmente.

O mesmo se passa quando vai para além da mente. Quando não há nuvens e o Sol brilha no céu, não precisa de pensar: «Onde está o Sol?» Quando há nuvens a cobri-lo, então tem de pensar sobre isso.

O seu ser está crivado de pensamentos, emoções, sentimentos, e todos eles são produtos da mente. Ponha-os de lado, e tudo o que fizer será bom — não por seguir determinadas escrituras, não por seguir certos mandamentos, não por seguir certos líderes espirituais. Você é, por direito, o guia da sua vida. E essa é a dignidade do homem, ser o guia da sua própria vida. Isso faz do homem um leão, não uma ovelha que depende permanentemente de alguém que a defenda.

Mas este problema não é só seu, este é o problema de quase toda a humanidade. Você foi programado por outros com o que é certo e o que é errado.

Por isso, quando não há Deus, não há escrituras sagradas, nem há um filho de Deus como Jesus Cristo para o salvar; não há, igualmente, sentido no papa que representa Jesus Cristo que é filho de Deus que não existe! Ser filho de alguém que não existe significa simplesmente que você é chanfrado, e o papa representa o chanfrado — Jesus Cristo.

Ele continua a dizer que é infalível, e cada papa contradiz os outros papas. Nestes vinte séculos houve várias instâncias em que um papa agiu de determinada forma e um outro papa aboliu isso e mudou a regra. Não podem estar ambos certos. Não podem ser ambos infalíveis. Podem ser ambos falíveis, mas não podem ser ambos infalíveis. Pelo menos um tem de ser falível — mas se um papa é falível, que garantia temos de que os outros papas não sejam igualmente falíveis?

E o papa é eleito. Você elege um buda? Você decide quem é buda através de eleições? Então os seus políticos tornar-se-ão budas, e os seus budas não terão votos, porque não andaram a mendigar por eles. Um buda não quer saber se os outros pensam que ele é um buda ou não.

O papa é eleito. E vai ficar surpreendido por saber que até Jesus Cristo, trezentos anos após a sua morte, foi eleito ser divino por uma assembleia durante o Império de Constantino. Essa assembleia era conhecida por Concílio de Niceia. Foi por eleição, por votos, que se decidiu que Jesus era de facto santo.

Não faz sentido decidir por eleição que Jesus é santo. Não faz sentido decidir por eleição se Albert Einstein está certo ou errado — por eleição, por pessoas que não sabem nada de matemática, que não sabem nada de física. Pessoas que não têm experiência nenhuma do sagrado estão a votar a favor ou contra Jesus, se ele é santo ou não. Após trezentos anos, aquelas pessoas que não conheceram Jesus, que nem sequer tinham experiência do sagrado, é que o elegeram.

Foi simplesmente por causa do poder do Imperador Constantino; ele forçou as pessoas a votarem na santidade de Jesus. Porque elas não podiam ir contra o imperador, então tinham de votar. E em segundo lugar impôs-lhes que votassem no falhanço da missão de Jesus, apesar de ser santo e de ser o messias. «Eu sou o verdadeiro messias», disse Constantino à assembleia, «agora votem em mim. Eu sou o verdadeiro messias e sou um messias bem sucedido». Ele converteu todo o Império Romano ao cristianismo. É por isso que o Vaticano existe em Itália. Itália era o centro do Império Romano e, sob o poder de Constantino, este foi completamente convertido ao cristianismo. Claro que ele teve muito sucesso, bem mais do que Jesus.

Ninguém consegue conceber que Jesus tenha sido bem-sucedido. Ele foi crucificado, pobre homem, chama a isso sucesso? Crucificação? De ambos os lados de Jesus estavam dois criminosos... até eles se riam. Eles foram crucificados, mas tinham cometido crimes, por isso não havia dúvidas; eles sabiam que o castigo era justificado.

Jesus disse aos dois... primeiro a um:

— Não te preocupes, virás comigo para o paraíso. Eu sou o filho de Deus e vou ajudar-te a entrar no paraíso.

Em seguida disse a mesma coisa ao outro, e ambos se começaram a rir. Eles disseram:

— Tu nem a ti próprio consegues salvar! E tu não és criminoso, nós sabemos. Tu não cometeste nenhum crime, e estás a ser crucificado. Não te consegues salvar a ti próprio, mas estás a prometer salvar-nos a nós?

Constantino forçou o Concílio de Niceia a aceitá-lo como o verdadeiro messias — e foi bem-sucedido; ele converteu todo o Império Romano ao cristianismo.

Jesus tinha apenas doze apóstolos, ignorantes, carpinteiros, pescadores, incultos — nem um único rabi, nem um único homem com educação foi alguma vez seu seguidor. Nunca pessoas educadas, cultas, se juntaram a ele.

Mas Pôncio Pilatos, o vice-rei do Império Romano — a Judeia estava sob o poder do Império Romano na altura —, ouviu falar de Jesus através da sua mulher. Por acaso ela passou enquanto Jesus estava a pregar a uma multidão, e parou a sua charrete. Do interior desta ela ouviu Jesus e ficou fascinada. Aquelas palavras eram muito belas. Ela disse ao seu marido: «Há qualquer coisa neste homem, um dom. Nunca antes ouvi um homem a falar com tanta autoridade, com palavras tão belas. E ele não tem educação e é extremamente jovem.» Ele tinha apenas trinta anos na altura. Aos trinta e três foi crucificado. Pôncio Pilatos não podia ir ouvir Jesus como vice-rei, mas foi mascarado de soldado, e passou despercebido ao deixar-se ficar ao longe, debaixo de uma árvore, enquanto ouvia o que aquele homem tinha para dizer. E a sua mulher tinha razão.

Pilatos era muito instruído, mas nunca antes tinha ouvido um homem falar com tal autoridade; tão belas palavras vindas de um homem sem educação! Por isso ele apoiou Jesus e tentou até impedir que fosse crucificado, mas os judeus eram muitos e estavam contra ele — não que ele tivesse cometido algum crime, mas simplesmente porque estava a reivindicar: «Eu sou o último profeta, pelo qual vocês esperam há séculos. Cheguei.»

Mas Jesus era apenas um filho de carpinteiro, e até em relação a isto havia algum ceticismo, pois tinha nascido somente quatro meses após o casamento. Foi assim que a história sobre a Virgem Maria e o Espírito Santo começou. Tudo se baseava no facto de a rapariga estar grávida quando casou com José, o carpinteiro. Não foi o Espírito Santo, foi um vizinho safado qualquer. Jesus não era filho de Deus; ele nem sequer era filho do próprio pai!

Mas se você disser a verdade, se lhe chamar «o bastardo», os cristãos ficarão com o seu sentimento religioso magoado. E eu estou simplesmente a dizer a verdade! Eles têm de provar onde está o Espírito Santo e qual é a lógica de lhe chamar santo quando ele anda por aí a violar raparigas virgens! Mas as pessoas sentem-se magoadas porque não fazem ideia do que é a verdadeira religiosidade. Você está a viver com ideias emprestadas, por isso quando Deus deixa de lá estar, quando Jesus deixa de lá estar, quando os papas deixam de lá estar, quem o irá guiar?

Se Deus não existe, então todas as suas encarnações hindus são uma farsa. Quando o próprio Deus não existe, como pode ele encarnar em Krishna, em

Ram...? Estes são apenas arqueioístas proclamando algo que não podem provar. Nem uma única encarnação de Deus foi capaz de provar com que base se autoproclama uma encarnação. Automodelados, pseudoencarnações de Deus, autoproclamados profetas e messias, todos eles criaram a sua moral, a sua religião, e você tem estado a depender deles. Pensa que a verdade pode vir destas pessoas?

A verdade só pode surgir dentro de si. Ninguém mais lha pode dar. E com a verdade surge a beleza, seguidas do bem. Esta é a autêntica trindade de um homem verdadeiramente religioso: verdade, beleza e bem. Estas três experiências acontecem quando entra na sua subjetividade, quando explora o interior do seu ser.

A verdade é que tem estado a viver no quintal fora do seu ser e nunca entrou em casa. Uma vez que entre, encontrará o seu estado de buda, a sua sensibilidade, a sua consciência que não precisa de escolhas. Aí, não tem de decidir o que é certo e o que é errado. Essa consciência que não precisa de escolhas leva-o de encontro ao bem sem esforço. E porque não é preciso esforço traz-lhe uma enorme alegria.

Quando há esforço... alguma vez refletiu sobre isto? O esforço significa apenas repressão. É claro que não é necessário. Você faz algum esforço para sentir fome? Ou faz algum esforço para sentir sede? Quando tem sede, sabe que tem sede, quando tem fome sabe que tem fome. Mas precisa de fazer um esforço para ser celibatário. Todos os esforços são fúteis, contranatura. Eu afirmo perante si que nunca houve um homem celibatário, a não ser que fosse impotente. Mas os impotentes não contam. Digo isto porque ninguém pode ir contra a natureza.

Aqueles que tentam ir contra a natureza têm de fazer um esforço. Todo o esforço é contranatura, e todo o relaxamento está em sintonia com a natureza. Estar em sintonia é o mesmo que ser religioso, é estar em sintonia com o universo. E para isso não é preciso um guia. Esse sintonizar transforma-o numa magnífica flor perfumada. Não é um esforço da sua parte; é apenas um desenvolvimento natural.

Mas todas as religiões são contranatura. É muito estranho — e aposto que nunca refletiu sobre isto —, mas todas estas religiões dizem que Deus criou a natureza. No entanto, se Deus criou a natureza, estar contra a natureza significa estar contra Deus. Trata-se de um argumento muito simples, que não requer grande inteligência. Se Deus criou a existência, estar em sintonia com a existência é a única forma de ser religioso — estar em sintonia com a existência de Deus.

Mas, estranhamente, todas as religiões o ensinam a estar contra a natureza. Dizem-lhe para fazer jejum — mas fazer jejum não é natural. Talvez de vez em

quando, mas também só no caso de ter desrespeitado o seu estômago. Se andou a atulhá-lo com coisas desnecessárias, de vez em quando pode precisar de jejuar. Mas caso se tenha comportado de forma natural, comendo apenas a quantidade necessária para o seu corpo, mais nada, nunca precisará de jejuar em toda a sua vida.

As religiões ensinam-lhe a não dormir oito horas, que é o natural. Elas ensinam-lhe a cortar nas suas horas de sono. Os santos dormem apenas três horas, duas horas; quanto mais importante o santo, menos horas dorme.

≈

Um dia recebi a visita de uma mulher, a esposa de um sardar, um *sikh*. Ela disse:

— O meu marido está a ficar louco.

— O que aconteceu ao seu marido? — perguntei.

— Ele tem estado a seguir um proclamado santo, que lhe ensina coisas estúpidas, e ele segue-o... — respondeu ela.

O santo tinha dito àquele homem: «Primeiro deve começar a comer comida pura.»

E o que é comida pura segundo a mentalidade hindu? A única comida pura é o leite. Aliás, isso é contranatura. Já alguma vez viu um animal adulto a beber leite materno? Apenas no começo, quando os filhos da maioria dos animais não conseguem digerir comida sólida — e é só por uma questão de semanas —, é que eles dependem do leite da mãe. É um fenómeno temporário. Apenas o homem continua a beber leite mesmo quando já consegue digerir comida sólida. E o leite não é da sua mãe, porque esta não consegue produzir leite para o resto da sua vida. Apenas em quatro ou cinco anos os seus seios ficariam arruinados. Uma vida inteira? Você tem setenta anos e ainda a beber leite da mãe... vai dar cabo da pobre mulher! Não pode fazer isso à sua mãe e nenhuma outra mulher o permitiria. Nem a sua própria mulher o permitiria.

Por esta razão bebe leite de outros animais — vacas, ovelhas, cabras —, mas não percebe a química. O leite da vaca é para as suas crias, não é para si. Então aquela pobre mulher disse-me:

— O santo disse-lhe para ingerir apenas leite, e para ser celibatário. Então a sexualidade dele foi toda para a cabeça; ele passa o dia a pensar em sexo, mais nada.

Acontece o mesmo com a mente de todos os seus santos. Basta abrir nela uma pequena janela e lá dentro irá encontrar a Marilyn Monroe nua, a Sophia

Loren nua, filas de mulheres... espero que um dia possamos ser capazes de criar janelas na cabeça, para que as pessoas possam espreitar.

Quando você o reprimir, o sexo torna-se cerebral. Vai para a sua cabeça, porque os centros nervosos do sexo estão no cérebro. Vai criar fantasias sexuais... Depois vai recorrer ao santo para mais conselhos: «O que é que eu faço? Toda a minha mente está a fervilhar com um pensamento: mulheres.» O santo então dir-lhe-á para começar a dormir menos horas.

Daí que este santo tenha dito ao marido desta pobre mulher: «Durma menos.» Ele estava a dormir apenas duas horas, por isso passava o dia sonolento. Não podia ir trabalhar, porque correria riscos. Trabalhava numa fábrica de armas, por isso se estivesse sonolento poderia acabar morto nalgum tipo de acidente. Ele poderia cometer um erro e fazer explodir toda a fábrica, por isso até os seus superiores lhe disseram: «Primeiro vá tratar esse seu problema. Você está sempre cheio de sono. Não podemos autorizá-lo a operar as máquinas.»

Então ele voltou a recorrer ao santo — é por isso que você está sempre a recorrer a guias espirituais, a rabis, a bispos, a padres e a santos. Eles persistem em dar-lhe conselhos que não são cura e que ainda criam mais doenças. O santo disse-lhe: «Se se sente sonolento é porque se está a aproximar o *tamas*...» Na filosofia hindu chama-se *tamas* — as suas vidas passadas foram uma escuridão completa; elas estão a surgir. A escuridão está a surgir. O *tamas* vem aí. Por isso se tem de repetir continuamente a palavra «Rama» ao longo do dia — é o Deus hindu.

Então este homem repetia constantemente: «Rama, Rama, Rama...» Estava sempre a repeti-lo, mesmo na rua. A repetição tornou-se tão automática que ele deixou de ouvir as buzinas dos camiões, dos autocarros ou dos carros. Ele estava tão farto do seu «Rama, Rama, Rama...» A sua esposa receava que ele morresse, pois algumas pessoas tinham-lhe contado que ele avançara para a frente de um camião e que nem sequer tinha ouvido as buzínadelas. Então ela disse:

— Vim até si. Tem de me ajudar. Ele não deixa mais ninguém dormir, por isso estamos todos a ficar doentes. Ele levanta-se às três da manhã. Deita-se à uma da manhã e até essa hora anda a cantarolar «Rama, Rama, Rama...» pela casa toda. As crianças queixam-se: «Aproximam-se os nossos exames e este homem não nos deixa dormir.» E por volta das três da manhã ele recomeça. Até os vizinhos já se queixaram: «Isto é demais, nós não podemos tolerar isto. A partir das três da manhã "Rama, Rama" — aos gritos!» Alguma coisa tem de ser feita.

— Com certeza, traga-o até mim — disse eu.

Mas ele não ouvia nada, porque estava constantemente a repetir «Rama, Rama» à minha frente!

— Cale-se! — ordenei eu.

— Mas é o nome de Deus — respondeu.

— Quem lhe disse isso? — perguntei.

— O meu santo — disse ele.

— O seu santo tem a certeza de que Rama é o nome de Deus? — perguntei.

— Foi o próprio mestre dele que lho disse — respondeu.

— Não é mais do que uma história contada de idiota a idiota... e você é o último da fila. Não há nada de sagrado nisso, não há nada de divino nisso; é um nome como outro qualquer. Há milhões de pessoas na Índia que têm o nome Ram — acha que eles são todos deuses?

— Não — respondeu ele.

— Como se chama? — E por acaso o nome dele era Sardar Ram Singh. — Você é um idiota! Está apenas a repetir o seu próprio nome.

— Nunca pensei nisso.

— Você nunca pensou em nada — afirmei eu. — O que mais lhe disse o seu mestre? A razão pela qual você está sonolento é não dormir o suficiente. E como está a tentar manter-se celibatário, a sua mente pensa continuamente em sexo. E por estar constantemente a pensar em sexo, o seu mestre diz-lhe que a sua comida não é pura, por isso beba leite de vaca. Isso fará de si mais sexual. Transformá-lo-á num touro! Em breve, Sardar Ram Singh, você vai tornar-se um touro!

— Meu Deus! Mas o que hei-de eu fazer? — perguntou ele.

— Primeiro, pare de beber leite — disse-lhe —, seja simplesmente um ser humano normal. Sim, pode beber um pouco com o seu chá pela manhã, mas não o dia todo. Quanto leite é que bebe? Você está tão gordo!

A mulher dele interveio:

— Ele bebe o dia inteiro, para manter o celibato. Já não tem emprego e o pouco dinheiro que tinha foi gasto na compra de duas vacas, e ele bebe todo o leite das duas vacas!

— Você trouxe-o mesmo na altura certa — afirmei. — Brevemente ele transformar-se-ia num touro. Ele está muito perto. — Então dirigi-me ao

homem: — Venda essas vacas e comece a comer como um ser humano. Durma como um ser humano. E não há necessidade de repetir «Ram, Ram...»

— Até pode fazer uma coisa. De manhã diga «Ram» e depois diga «Ditto» — com efeito por vinte e quatro horas. É muito simples. Pode escrevê-lo numa página: «Ditto» com efeito para vinte e quatro horas. No dia a seguir diz uma vez «Ram» e depois «Ditto».

— Vou dizer-lhe um grande segredo! — exclamou ele. — Eu estava a ficar aborrecido e cansado, e surdo, por continuamente repetir, repetir, repetir. Mesmo durante aquelas duas horas a dormir, eu estava constantemente a repetir no meu interior: «Ram, Ram...» Porque se você repete vinte e quatro horas por dia, depois não consegue parar por duas horas para dormir; continuará a fazê-lo, como numa corrente inconsciente.

— Vai ver que dentro de duas semanas estará curado — assegurei. — Não é preciso grande coisa, seja simplesmente natural e normal. E pare de visitar aquele homem estúpido que você pensa que é o seu santo.

— Então posso visitá-lo a si? — perguntou ele.

— Não — respondi. — Você não precisa de ninguém exterior; tem de se procurar a si mesmo. Antes de mais, nas próximas duas semanas ponha-se saudável; aí pode vir ter comigo e eu ensino-o a meditar. Mas não precisa de meditar o dia inteiro; apenas uma hora antes do nascer-do-sol. E não há necessidade de gritar, porque não está a rezar aos vizinhos, e não há Deus para ouvir, por mais alto que grite. Não há um Deus para o ouvir. Já alguma vez recebeu uma resposta?

— Não — reconheceu -, eu nunca recebi uma resposta, apenas reprovação de toda a gente. Os meus filhos estão contra mim, a minha mulher está contra mim, toda a vizinhança está contra mim. O meu patrão está contra mim. Arranjei tantos problemas com esta religião...

≈

As pessoas estão todas em situações similares.

As religiões estão a levar as pessoas à loucura.

E dão-lhe conselhos que parecem ser muito válidos, porque as escrituras repetem o mesmo há séculos. É tão antigo que você não ousa duvidar.

Ninguém precisa que seja outro a dizer-lhe o que é certo e o que é errado. Só precisa de despertar dentro de si uma consciência que o faça ver as coisas como elas são. Aí não se põe a questão da escolha.

Ninguém escolhe o errado conscientemente. É o inconsciente, a escuridão dentro de si, que escolhe o mal.

A consciência traz luz para todo o seu ser; deixa-o cheio de luminosidade. E não conseguirá fazer nada que possa ser mau para ninguém. E não conseguirá fazer nada que seja mau para o seu próprio corpo. De repente irá despertar para o facto de que o seu ser e todo o universo são um só e o mesmo.

Então as suas ações tornam-se boas, belas, graciosas; as suas palavras começam a ter uma certa poesia, o seu silêncio torna-se tão profundo, tão alegre, que a sua alegria começa a transbordar para os outros.

Este transbordar de alegria é o único sinal significativo de que um homem despertou. Apenas estar com esse homem, só a sua presença, é suficiente para lhe dar o gosto do além. Mas não é de acordo com outra pessoa, apenas de acordo com a sua própria percepção.

E quando eu digo que Deus está morto, tudo o que lhe resta é a sua própria consciência. A sua consciência faz parte de um oceano de consciência que o rodeia. Uma vez que tenha noção do seu interior, terá noção de que a mesma consciência está a latejar, a dançar. Nas árvores, nos rios, nas montanhas, nos oceanos, nos olhos das pessoas, nos seus corações, é a mesma canção, é a mesma dança — e você participa nela. A sua participação é boa. A sua não-participação é má.

A segunda questão:

Quem inventou Deus? Terá sido simplesmente o homem por não querer assumir a responsabilidade pela sua própria vida? Não será o padre igualmente vítima do seu próprio medo de olhar para dentro, como todas as outras pessoas?

O medo inventou Deus.

O padre é tão vítima como você. Mas ele é mais astuto.

O medo que o homem tem da escuridão, da doença, da velhice... o medo que o homem tem da morte, faz com que precise de alguém que o proteja. Ele não conseguia encontrar proteção em mais nenhum lugar. Quando não se consegue encontrar proteção, tem de se inventar uma, como consolação.

Hoje estava a ouvir uma música de um dos grandes poetas urdus, Mirza Ghalib. Uma frase diz: *Hamko maloom hai jannat ki hakikat lekin dil ke bahlane ko ghalib khayal achchha hai*. Isto significa: «Nós sabemos muito-bem a verdade sobre o seu paraíso, ele é bom como consolação.»

Nós sabemos que não está lá, nós sabemos que é uma mentira, mas para se consolar convença-se de que depois da morte os anjos estarão à sua espera,

a tocar as suas harpas, que o São Pedro o receberá nas portas do céu e que Deus estará à sua espera... Ghalib tem razão... dil ke bahlane... como consolação é uma boa ideia.

Os padres sabem muito bem, talvez melhor do que você, que Deus não existe. Mas o padre tem a profissão mais astuta do mundo — a pior e a mais feia profissão, muito pior do que a prostituição. A prostituição é um produto do padre; é o número dois. Primeiro vem o padre, a seguir a prostituta, e depois vêm todas as outras doenças do mundo.

Os padres repararam que toda a gente tinha medo e queria proteção.

Por isso o medo criou Deus como uma segurança, como um seguro para depois da morte. Caso contrário, iria parecer que depois da morte apenas nos espera a escuridão eterna. O que acontecerá? Onde estará você? Todos os seus amigos ficarão para trás, a sua família ficará para trás, ninguém virá consigo. Nem sequer pode levar dinheiro depois da morte. Um autêntico pedinte, nu, como um esqueleto que se move em direção à morte. Eternamente...? Isto cria-lhe uma ansiedade insuportável — que tipo de vida haverá depois da morte?

O nosso medo, o nosso receio, a nossa morte criou Deus. O padre viu imediatamente um pretexto para explorar as pessoas. Ele tornou-se o intermediário. Você não consegue ver Deus, por isso é possível que, se não houvesse um padre continuamente a insistir na existência de Deus — a filosofar, a criar teologias, escrituras, templos, estátuas, rituais, rezas, o drama todo... Ele está entre si e Deus, e diz-lhe: «Eu tenho uma linha direta para Deus. Você não tem uma linha direta. Diga-me, confesse-me os seus pecados, e eu pedirei a Deus que o perdoe.»

Obviamente, como não consegue ver Deus, sente um grande alívio por alguém o conhecer, por estar ali alguém que tem uma ligação direta. E parece-lhe barato. Você peca, e receia ter de sofrer no inferno. Mas o padre está lá; se for ter com ele e confessar o seu pecado, o padre dir-lhe-á: «Ponha cinco dólares na caixa dos donativos e eu rezarei por si.»

E Deus é muito piedoso; ele perdoa sempre. O seu pecado é perdoado por apenas cinco dólares — esses cinco dólares vão para o bolso do padre; eles nunca chegam a outro sítio porque não há um Deus a quem dar os cinco dólares.

O que faria Deus com cinco dólares? Ele está só, não há centros comerciais, o que fará ele com cinco dólares? E neste momento já deve ter acumulado bilhões e triliões de dólares — tudo para nada. O que fará ele com esses dólares, com essas notas? Ele não vem ao mundo para comprar coisas, e nunca li nas escrituras que haja mercados no paraíso. Os santos não precisam de nada. No paraíso você não precisa de comida, no paraíso você não precisa de nada. Tudo está realizado; basta-lhe viver simplesmente a vida eterna. E deixa de ser um corpo para ser um espírito. E os espíritos não precisam de comida, não precisam

de água, não precisam de medicamentos. O espírito nunca adocece, nunca envelhece, nunca morre. Por isso, o que fará Deus com esses cinco dólares?

Mas o padre católico todos os domingos recolhe uma boa maquia, e os outros padres têm as suas formas de fazer o mesmo. O padre hindu apanha-o desde o princípio. Mesmo antes de nascer, a criança é apanhada pelo padre. Antigamente, o padre hindu até costumava dizer-lhe em que noite deveria fazer amor com a sua mulher, e a que horas, para que lhe nascesse um filho mais inteligente, mais sagrado, mais santo. E a Índia em peso é prova de que o padre estava errado. Não vejo crianças sagradas em lado nenhum. A criança foi apanhada desde o início, mesmo antes do início. Ela ainda não está no ventre da mãe e o padre já lhe diz em que noite e a que horas...!

Eu costumava ficar em casa de um dos deputados mais antigos da Índia. Ele foi deputado durante sessenta anos consecutivos. Costumavam chamar-lhe «O pai do parlamento indiano». Há apenas duas pessoas que foram deputados por sessenta anos. Uma delas foi o meu amigo, Dr. Seth Govind Das, e a outra foi Winston Churchill em Inglaterra, ambos eleitos sucessivamente, sem qualquer interrupção, ao longo de sessenta anos. O Dr. Govind Das era um hindu devoto, por isso eu sofri continuamente com os seus fanatismos.

Eu costumava ficar com ele em Nova Deli. Sempre que estava em Nova Deli para falar ou dar uma palestra, ficava com ele. E ele era tão fanático... na Índia há imensas pessoas assim, ele não era o único. Ele perguntava ao seu padre quando é que devia voltar para a sua circunscrição, a que horas devia sair de casa. Ele perguntava ao padre, o qual, consultando vários diagramas, o seu mapa astral, e através das escrituras e da astrologia, lhe indicava o momento certo para sair de casa.

Ora, os comboios não são regidos pela astrologia. O comboio partia à meia-noite e o astrólogo disse-lhe: «Você tem de sair de casa às três da tarde.» Tive de ficar sentado com ele na estação de comboio das três até à meia-noite.

— Que estupidez, isto de termos de esperar aqui — disse-lhe eu. — Podias ter saído de casa às três e ter voltado a entrar pela porta das traseiras. Que tortura desnecessária...

— Não, eu tinha de *sair* — contrariou ele.

— Há milhões de hindus que continuam a perguntar a mesma coisa, mas os acidentes de comboio continuam a acontecer — acrescentei. — Já houve muitos hindus que consultaram os seus padres, que lhes disseram: «Esta é a hora certa, uma boa altura para você viajar» — e o comboio afundou-se no rio, a ponte desmoronou-se por inteiro.

Na Índia as pontes colapsam a toda a hora, porque é um país muito religioso, um país muito espiritual! Confia em Deus, não no cimento. Então as

pontes são construídas com a mínima quantidade possível de cimento; a maior parte é apenas areia. É boa, a ponte é boa para a cerimónia de inauguração com o primeiro-ministro. Isso basta. Logo da primeira vez que o comboio passa, o comboio e a ponte acabam ambos dentro do rio. E todos os hindus no comboio devem ter consultado os seus astrólogos, os seus padres: «Qual é a hora certa?» Na Índia não devia haver acidentes.

— Por que há acidentes? — perguntei eu ao Dr. Seth Govind Das. — Na Índia não devia haver acidentes.

Ele próprio esteve envolvido num acidente de automóvel. Quando o fui visitar, disse-lhe:

— O que aconteceu à sua astrologia?

— Não devias discutir comigo, pelo menos enquanto estou a sofrer com fraturas múltiplas — respondeu ele.

— Esta é a altura certa para te provar que foste estúpido durante a tua vida inteira. Perguntaste ou não perguntaste ao astrólogo?

— Perguntei — assumiu ele.

— Então como justificas este acidente?

Mas as pessoas não têm a coragem para rejeitar o passado, mesmo que seja um passado absolutamente podre. Os casamentos na Índia são celebrados por astrólogos, e todos os casamentos são um falhanço. Nunca conheci um casamento que não fosse um falhanço.

≈

Eu costumava viver num sítio chamado Raipur. Durante seis meses fui professor em Raipur e vivi lá. A cidade era tão retrógrada que me cansei de viver com aquelas pessoas. Por todo o lado havia inscrições nas paredes: «Se sofre de fantasmas, venha até mim», com a morada. «Se sofre de bruxas, venha até mim. Se sofre de magia negra, venha até mim. Eu sou o homem que o irá curar.» Toda a cidade estava cheia de magia negra, bruxas e fantasmas.

No meu bairro vivia um astrólogo famoso que costumava arranjar casamentos pela análise do mapa astral. Ficámos amigos. Eu disse-lhe que aquilo não funcionava:

— Não está a funcionar nem no teu caso. — A mulher dele costumava bater-lhe. Eu perguntei-lhe: — O que aconteceu? Tu és um astrólogo tão bom. Arranjas centenas de casamentos. As pessoas não se casam sem o teu aval, sem as estrelas serem compatíveis. — Tem de haver uma certa sintonia entre as

estrelas de ambos os mapas. — O que aconteceu? Não consultaste o mapa astral da tua mulher?

— Sim, consultei — disse ele.

— Então o que se passou?

— Não abuses de mim — pediu ele. — Eu já sou suficientemente abusado pela minha mulher, e agora vieste tu para o meu bairro para abusares de mim?

— Eu não estou a abusar de ti. Só quero saber se tu acreditas na tua astrologia — respondi.

Ele era, sem dúvida, um homem sincero. E disse-me:

— Não digas a ninguém. É a minha profissão, mas eu não acredito nela. De facto, às vezes acontece que os mapas astrais não são compatíveis. Mas, se for um homem rico, ele vai dar-me pelo menos cem rupias pelo meu aval e pela confirmação de que o seu casamento vai correr bem. Por isso, às vezes eu altero os mapas. Eu faço um mapa astral para a rapariga que seja compatível com o mapa do rapaz.

≈

O padre sabe perfeitamente que Deus não existe. Ele é a única pessoa que o sabe perfeitamente. Mas é a sua profissão; ele vive de explorar as pessoas. Por isso persiste em afirmar que Deus existe. Deus é o seu negócio. E quando é uma questão de negócio, é uma questão de subsistência.

E há milhões de padres, pertencentes a diferentes religiões. Há diferentes tipos de padres em cada país, mas todos eles exploram as pessoas ao oferecer-lhes consolo: «Este casamento vai ser ótimo.» E todos os casamentos são uma tragédia. Eu nunca vi um casamento que fosse uma comédia.

As pessoas só podem ser felizes se não forem casadas. Assim têm uma certa liberdade. É a partir desta liberdade que decidem permanecer juntas, não a partir de um contrato ou negócio qualquer, ou por serem forçadas pela sociedade. Não por causa de nenhuma lei, mas por causa de amor — estão juntas apenas por amor, e quando o amor falha...

E tudo falha, lembre-se. É ficção dos poetas que o amor é eterno. Não, o amor que você conhece não é eterno, e o amor que os poetas conhecem não é eterno; desvanece-se. Mantém-se se os amantes não se encontrarem.

Terão existido apenas três ou quatro casais de eternos apaixonados em toda a história da humanidade — porque eles nunca se encontraram. Por isso não havia discussões, não havia a questão de o seu amor ser uma desilusão. A

sociedade não autorizou que eles se encontrassem, os seus pais não autorizaram.

Na Índia nós temos a história de Laila e Majnu, Shiri e Farhad. Os amantes nunca se encontraram porque a sociedade estava contra eles. Eles pertenciam a castas diferentes, sociedades diferentes, religiões diferentes, por isso o seu casamento não era possível. São conhecidos por serem eternos apaixonados, porque o seu amor nunca se desvaneceu — a verdade é que nunca começou! Uma vez começado, o fim está para breve.

Todo o começo tem um fim. Mesmo quando você nasce, a morte está perto. Todos os dias está mais próxima.

E uma vez que esteja casado, o problema torna-se mais complicado. A partir da sua liberdade você pode viver com alguém, porque sabe que vive em liberdade; é-lhe possível mudar a qualquer momento. Com muita amizade, com gratidão mútua: «Tu deste-nos momentos tão belos, dias e noites tão belas. Nós vivemos em poesia, em música, em canções. Estes poucos dias e noites foram todos dourados, mas agora a temporada acabou, a Primavera acabou, a lua-de-mel acabou. É melhor para ambos que nos separemos.» Com uma enorme gratidão... não há vingança, não há ódio, não há razão para raiva. Ambos deram tudo o que puderam um ao outro; estão mais enriquecidos do que antes. A experiência enriqueceu-os.

Mas o casamento não permite a mudança. O amor acaba, mas você tem de fingir que continua a amar. E sempre que tem de fingir sente um peso no seu coração. Sempre que finge, está a ser falso — você sabe-o e o seu parceiro também o sabe.

Quando o amor desaparece não é possível enganarem-se um ao outro. Talvez o consiga fazer durante uns tempos, trazendo gelado todos os dias, mas por quanto tempo? Aliás, o momento em que começa a trazer gelado é o sinal de que o fogo original do amor acabou, agora vem aí o frio.

Só as pessoas como Dale Carnegie... e eles só podem ser eficazes nos Estados Unidos, em mais nenhum sítio. Dale Carnegie é o único filósofo dos Estados Unidos. Ele vendeu tantas cópias do seu livro que só é ultrapassado pela Bíblia Sagrada. O livro chama-se *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*¹. É tudo falso naquele livro. Ele diz: «Todos os maridos deviam beijar as suas esposas antes de saírem para o escritório.» Se ele a ama ou não, isso não interessa, ele deve beijá-la e dizer: «Amo-te, querida.» Quando regressa a casa deve novamente abraçá-la, trazer umas rosas e dizer: «Amor, estive a pensar em ti o dia todo.» Pelo menos três vezes por dia e três vezes por noite, ele deve dar-lhe a entender que a ama. E o mesmo se aplica à esposa. Ambos estão a seguir Dale Carnegie; mas não há amor. E estão sempre a dizer o mesmo...

O marido telefona à esposa uma ou duas vezes por dia, simplesmente para lhe assegurar que a ama. E enquanto ele está ao telefone, a secretária está sentada ao seu colo! Isto acontece em todos os escritórios, sem exceção. As secretárias não são escolhidas por serem mais eficientes do que as outras... Quando são entrevistadas pelo patrão...

≈

Eu ouvi uma história. Uma secretária apareceu e disse que tinha muita experiência, que tinha todos os certificados e que era muito rápida na máquina de escrever. Chegou outra; ela era fresca, mais jovem, mas não tinha qualquer experiência. Depois chegou a terceira, e chegou uma quarta; eram pelo menos uma dúzia. Finalmente, quando o gerente perguntou: «Qual delas é que escolheu?», o patrão disse: «Aquela que tem as mamas maiores.»

≈

As secretárias são escolhidas por causa das mamas? É assim a vida.

Quando se começa a sentir enjaulado em algum lado, sente necessidade de escapar imediatamente, está numa prisão. O seu Deus, os seus padres, são todos carrascos. Eles continuam a criar prisões novas para si — da moral, do casamento, da responsabilidade pelos filhos, de todo o tipo de envolvimento e correntes. O principal objetivo é mantê-lo infeliz, porque se não se sentir infeliz não irá à igreja.

Se não se sentir infeliz você não vai rezar. Só se lembra de Deus quando está miserável — e tem consciência disso! Só se lembra de Deus, da Bíblia, da Bhagavadgita, só vai ao templo quando está a sofrer, quando está infeliz.

Bertrand Russell tem muita razão quando diz: «Se conseguirmos que toda a humanidade seja feliz, as religiões desaparecerão.» Eu concordo absolutamente com ele, mas ele não sabe como fazer feliz o mundo inteiro. Eu sei como fazer feliz o mundo inteiro.

A alegria nasce da meditação profunda. Você fica tão feliz, o dia todo, a noite toda... sem uma razão. Está simplesmente a borbulhar dentro de si. É a sua natureza, o seu *dharma*. Então não precisa de nenhum Deus, nem de nenhum padre, não vive infeliz nem prisioneiro. No momento em que sente que algo se tornou falso, que alguma coisa se tornou pseudo, que algo se tornou apenas uma máscara, você simplesmente deixa-a cair. Então permanecerá verdadeiro para com a sua consciência — esta é a sua única responsabilidade. E tudo o resto se seguirá, e a sua vida será uma vida de júbilo.

Não só a sua vida será uma alegria, mas a sua morte também será uma alegria. A morte não destrói nada. Os cinco elementos do corpo são reabsorvidos

de volta para a sua origem, e quanto à consciência há duas hipóteses: se não conheceu a meditação, irá passar para outro ventre; se conheceu a meditação, se conheceu a sua eternidade, a sua imortalidade, passará para o cosmos e desaparecerá na vastidão da existência. E esse desaparecimento é o momento alto da vida, em que se unifica com a sua origem, em que regressa e desaparece nela.

A religião autêntica não precisa de nenhum Deus, não precisa de nenhum padre. Não se esqueça: basta que explore o seu mundo interior.

Essa exploração é o que eu chamo Zen. Em sânscrito chama-se *dhyan*; em chinês chama-se *ch'an*; em japonês chama-se *zen*. Mas é a mesma palavra. Dirigir-se ao seu interior, alcançar o ponto a partir do qual pode olhar, uma porta que se abre para o cosmos divino. Nesse ponto, você é um buda. E toda a sua vida muda; é uma metamorfose. Vai tornar-se um novo homem.

Nós precisamos deste novo homem urgentemente. Nunca foi tão urgente como agora. O novo homem é a única esperança para toda a humanidade. Se o homem novo não chega em breve, o homem velho está prestes a cometer suicídio, um suicídio global.

A terceira questão:

Uma vez ouvi um fundamentalista cristão dizer: «Você percebe que um escravo é mais livre do que o seu amo? Isto é porque o amo tem toda a responsabilidade e o escravo não tem preocupações. Nós temos sorte em ter Deus como nosso amo!» Gostaria de comentar?

É uma afirmação absolutamente correta no sentido em que se você faz de alguém escravo, está a tornar-se dependente dele. Tem de cuidar dele, tem de cuidar da saúde dele. Você assumiu uma grande responsabilidade.

Mas se o escravo perdeu a sua responsabilidade, ele também perdeu a liberdade; ele também perdeu a sua dignidade, a sua humanidade. Ele tornou-se uma besta, um estorvo; ele é como uma máquina. Você também cuida da máquina: lava o seu carro, limpa o seu carro, está sempre atento para ver se alguma peça precisa de ser substituída. Assim como cuida das suas máquinas, você cuida dos seus escravos.

Por isso é verdade que o amo também se torna, de certa forma, dependente do escravo. Mas o cristão que lho disse não se apercebe das implicações da sua afirmação; ele está a dizer: «Você percebe que um escravo é mais livre que o amo?» Então Deus é menos livre do que você!

Mas um Deus menos livre torna-se inferior a si, um Deus menos livre não pode oferecer-lhe a liberdade. Ele próprio é menos livre. Por isso, porquê dar

importância a um Deus que nem sequer é tão livre como você? Em termos de liberdade ele é-lhe inferior.

Mas os fanáticos não percebem a lógica, não percebem os argumentos. Os fanáticos são como pessoas cegas. Caso contrário, ele não teria dito: «Isto é porque o amo tem toda a responsabilidade e o escravo não tem preocupações. Nós temos sorte em ter Deus como nosso amo!» Ele devia ter dito: «Nós temos sorte por ter Deus como nosso escravo porque ele arca com todas as preocupações e com todas as responsabilidades; ele cria o mundo, e ele cria o pecado, e cria todo o tipo de problemas, e cria todo o tipo de soluções, e ele enviou o seu próprio filho para salvar o mundo.»

E ele manda profetas atrás de profetas para lutarem lado a lado e para matarem pessoas — ele tem um envolvimento e um negócio tão grande, ele é tão ocupado! E o que recebe ele em troca? Apenas estes fanáticos!

Se há um Deus, o homem não é apenas um escravo, o homem não existe. O homem é uma marioneta. Se, de acordo com a crença dos cristãos, Deus fez o homem com barro e depois deu-lhe o sopro da vida, então o homem não passa de uma marioneta. Todos os cordões estão nas mãos de Deus. Num qualquer momento, tal como em certo momento o fantástico Deus criou o homem... O que estava ele a fazer antes? É necessário colocar esta questão, porque segundo os cristãos ele criou o mundo há apenas seis mil anos. Isto é totalmente absurdo, porque na Índia nós encontramos cidades de magníficas culturas e civilizações — Mohenjo Daro e Harappa, que os exploradores cristãos andavam a escavar. Eles não podiam acreditar — Deus destruiu aquelas cidades há sete mil anos... antes de ter criado o mundo! E na China, foi encontrado o esqueleto de um homem a quem deram o nome de Homem de Pequim, que tem oitenta mil anos.

Sem dúvida que o mundo é muito mais antigo que Deus. Talvez o homem tenha criado Deus há seis mil anos — isso talvez esteja correto. Mas idiotas são idiotas...

Um bispo muito erudito ficou intrigado com o Homem de Pequim, com Harappa e Mohenjo Daro, e com certas afirmações de um homem residente em Pune, um famoso intelectual, Lokmanya Tilak, que dizia que os Vedas hindus têm noventa mil anos. E as suas provas eram irrefutáveis. As suas provas não eram lógicas, eram científicas, astronómicas. No Rig Veda, uma certa constelação de estrelas foi descrita em muito pormenor; isto aconteceu, de acordo com os cientistas, há noventa mil anos. A não ser que o Rig Veda tenha sido escrito por pessoas que tivessem visto esta constelação, não teria sido possível descrevê-la em pormenor, e desde então esta constelação não voltou a aparecer. Porventura um dia mais tarde poderá aparecer, mas não apareceu durante noventa mil anos. A descrição é uma prova sólida de que o Rig Veda foi escrito por pessoas que viram a constelação; sem ver a constelação não lhes teria sido possível descrever a posição de cada estrela. E eles descreveram-no

tão cientificamente que não há qualquer possibilidade de aperfeiçoamento. Quando este bispo se apercebeu disto...

E nos Himalaias, no topo das mais altas montanhas dos Himalaias, foram encontrados esqueletos de animais do oceano. Isso significa simplesmente que, a certa altura, quem sabe há cem milhões de anos, havia um oceano no local dos Himalaias. É óbvio que os animais do mar não poderiam ter saído do oceano, atravessado toda a Índia e subido ao topo dos Himalaias para depois morrerem lá. A única hipótese é — e isto é hoje um facto científico — os Himalaias terem surgido de dentro do oceano. E quando eles surgiram de dentro do oceano, muitos fósseis de animais terão ficado no seu topo. As terras continuaram a ser empurradas para cima e estes fósseis ficaram cobertos de neve. E ao mesmo tempo que esta vasta cordilheira de montanhas se ergueu, o oceano retrocedeu.

O Hind Mahasagar, o grande Oceano Índico, costumava estar onde estão hoje os Himalaias — há cem milhões de anos. Aqueles animais são a prova, porque eles têm cem milhões de anos. Há métodos para estimar quantos anos tem um esqueleto, e que são hoje em dia absolutamente exatos.

O bispo ficou louco, porque aquilo ia totalmente contra a Bíblia. Então ele decidiu inventar uma teoria — é por isto que eu digo que um fanático nunca se aperceberá da verdade; ele vai fazer o possível por manter a sua crença numa mentira, inventará todo o tipo de desculpas. Vale a pena, com certeza, tentar entender esta desculpa. O bispo inventou uma teoria segundo a qual Deus tinha criado o mundo há seis mil anos, tal como é relatado na Bíblia, mas como ele é todo-poderoso, criou os animais do mar e pô-los no topo dos Himalaias. E fê-los de maneira que eles aparentassem ter cem milhões de anos. Ele criou as ruínas de Harappa e de Mohenjo Daro, fazendo com que parecessem ter sete mil anos; ele criou o Homem de Pequim de forma que parecesse ter oitenta mil anos... tudo para pôr à prova a fé cristã!

Que lógica fantástica! Deus deve ser um homem muito matreiro: «É só uma questão de fé.» Mas é um facto que, de acordo com a ciência, a Terra tem quatro biliões de anos. E o homem existe há pelo menos um milhão de anos, tendo passado por muitas fases de evolução diferentes até à de Gautama Buda, a fase mais elevada da consciência, o Evereste.

Este fundamentalista cristão está a dizer: «Nós somos muito sortudos por ter Deus como nosso amo.» E Deus? Será ele sortudo por o ter a si como sua responsabilidade? Se Deus é responsável por tudo... e ele deve sê-lo; se ele criou o mundo, então é responsável por Adolf Hitler, pela Segunda Guerra Mundial, Hiroxima e Nagasáqui. Quem mais poderia ser? Se ele toma conta do mundo e puxa os cordelinhos das pessoas, também puxou os cordelinhos do presidente Truman para lançar a bomba atómica em Hiroxima e Nagasáqui. Então Truman não é responsável — Deus puxou os seus cordelinhos; o que poderia ele ter feito? Quando alguém puxa os cordelinhos da marioneta, a

marioneta dança. Ao puxar de forma diferente, a marioneta luta. Quando se larga a marioneta, ela vai-se abaixo e dorme. E quando se puxa os cordelinhos outra vez, a marioneta está de volta, pronta para tudo. Se Deus criou o mundo, então somos todos marionetas; não temos espiritualidade, e não passamos de pó.

Será que Deus fica feliz por ter todas estas marionetas a provocar esta trapalhada no mundo? E ele é responsável! Mas os fanáticos não querem saber de lógica. O argumento deles prova que Deus é um escravo dos seus próprios escravos; ele não é um amo. Você é o amo; ele está a tomar conta de si.

Em vez de olhar de frente para a realidade, as pessoas continuam a criar hipóteses, mentiras, ficções — imaginação, alucinações. A mente tem todas estas capacidades.

A não ser que esteja para além da mente, não pode ter a certeza de que o que está a ver seja real. Só se apercebe da realidade uma vez que esteja para além da mente, e só aí. E nessa realidade não há um Deus.

Buda não encontrou nenhum Deus. No seu derradeiro estado de iluminação, ele não encontrou nenhum Deus e não conseguiu encontrar o início do universo. No auge da sua iluminação, Mahavira não encontrou nenhum Deus, e também não encontrou a criação. O mundo, a existência não tem um começo nem um fim. Os vinte e três *tirthankaras* dos jainas não encontraram Deus quando estavam em *samadhi*. Quando eles estavam para além da mente, não havia medo, nem arrependimento, nem morte; não havia a necessidade da hipótese de Deus. Deus simplesmente desapareceu como uma sombra da mente.

À medida que os sonhos desaparecem e você desperta... a iluminação não é mais do que o despertar e o desaparecimento dos sonhos. Milhares de pessoas iluminadas confirmaram que Deus é um sonho.

Apenas os ignorantes acreditam em Deus. Apenas as pessoas sem dignidade acreditam em Deus. Todas as pessoas que atingiram a realização do seu potencial, que desabrocharam como flores de lótus, negam a existência de Deus.

Há três religiões no mundo: uma que surgiu da inspiração de Gautama Buda, uma outra que surgiu da inspiração de Adinatha e uma terceira que nasceu da inspiração de Lao-Tsé, o Tao. Estes três são os pontos mais elevados alguma vez atingidos, e nenhuma das três tem um Deus.

Comparadas com estas três, o islamismo, o cristianismo, o hinduísmo e o judaísmo são muito imaturas. São bons brinquedos, servem de consolação, mas não resolvem nenhum problema e não lhe dão a liberdade. Elas não o levam para além do nascimento e da morte. Limitam-se a fazer de si um escravo.

Eu desprezo a escravatura e esforço-me para o libertar de tudo o que o prende. Só quando estiver livre de todas as amarras é que alcançará uma beleza tremenda, um esplendor de fazer inveja a um imperador.

≈

O sutra:

Quando Impo deixou Ma Tzu, este perguntou: — Onde vais?

Ma Tzu é um dos grandes mestres iluminados; e não só é grande, como também é muito estranho. Não há ninguém que se compare a Ma Tzu em lado algum. O seu comportamento é absolutamente único. Diz-se que ele andava de pés e mãos no chão, como os animais. Por estar em tão grande sintonia com a natureza, ele deixou de andar só com os pés. Ele disse: «Andar de pé criou a mente.» Essa é a razão pela qual os animais não têm religião, não têm Deus. Os animais estão muito bem assim; não vão a nenhuma igreja, não fazem vénias a uma pedra talhada em forma de Deus. Os animais simplesmente existem; os burros não querem saber. Apenas o homem parece ser estúpido.

Se os animais falassem — e há suspeitas entre os cientistas de que eles o fazem; eles têm símbolos, têm certas linguagens, vários tipos, não exatamente como os humanos —, então eles estariam a rir-se. Em segredo estariam a piscar o olho uns aos outros: «Olha para aquele fulano que está ali ajoelhado perante um Deus macaco!»

Ma Tzu pensava que o cérebro se desenvolveu por causa da posição ereta do homem. E esta ideia é fruto de um raciocínio lógico. O cérebro não se desenvolve — a ciência está de acordo com Ma Tzu —, o cérebro não pode desenvolver-se se você permanecer com os quatro membros no chão, porque quando está na horizontal, a mover-se como um animal, o cérebro recebe um fluxo tão grande de sangue que os seus pequenos e frágeis nervos não se conseguem desenvolver. A circulação de sangue destrói-os. Conforme o homem se ergueu sobre os dois pés, o sangue que chegava à cabeça diminuiu, porque estava a ir contra a força da gravidade. Tudo é puxado para baixo e o seu coração tem de impulsionar o sangue para cima. É uma tarefa difícil. É por isso que só o homem tem ataques de coração — os animais não sofrem desse problema. Apenas o homem está constantemente doente, porque ele tem de lutar contra a gravidade a toda a hora. A terra puxa tudo para baixo e o ser humano ergue-se contra a gravidade. Por isso é uma luta.

Ma Tzu andava de pés e mãos no chão para ir para além da mente e para estar em sintonia com a natureza. Toda a gente se ria. Diziam: «Que estranho!»

E ele parecia um tigre. Ele tinha olhos tão brilhantes que quando olhava para as pessoas parecia um tigre. Os discípulos que se reuniam em torno de Ma Tzu eram homens de grande coragem, porque ele costumava atirar-se às

peessoas, espancava-as. Ma Tzu considerava que espancar e esbofetear eram métodos de meditação. Talvez não acredite mas ele conseguiu fazer mais pessoas atingir a iluminação do que o próprio Gautama Buda, porque descobriu um segredo. Quando ele se atirava a si, bruscamente a sua mente parava. Você não podia pensar: «O que está a acontecer?» Então ficava baralhado, nunca lhe tinha acontecido nada assim antes.

A mente só sabe o que aconteceu; a mente só sabe o que já aprendeu. Como nunca viu ninguém a andar de pés e de mãos no chão, como nunca ninguém se atirou a si... Quando, pela primeira vez, você vê Ma Tzu a andar de pés e de mãos no chão, o seu cérebro fica em choque: o que se passa? Depois ele olha para si como se fosse um tigre — isso choca-o mais uma vez — e de repente atira-se — ele era um homem muito forte, obviamente, como um gorila —, senta-se no seu peito e pergunta-lhe: «Percebes?»

Uma pessoa tinha de dizer «Percebo!», porque se não o fizesse, ele continuaria. Poderia espancá-lo, esbofeteá-lo, ele era capaz de qualquer coisa. Mas só o facto de ele se atirar a si fazia com que a sua mente parasse de funcionar. Estava a acontecer uma coisa completamente absurda, a mente não conseguia funcionar. A mente é um mecanismo lógico e racional. Não consegue funcionar perante o absurdo.

Por isso, quando Impo disse a Ma Tzu que queria deixá-lo, Ma Tzu perguntou-lhe: «Onde vais?»

— Vou ao encontro de Sekito — respondeu Impo.

Nessa altura Sekito era muito famoso e procurado por muitas pessoas.

— O caminho no topo da pedra é escorregadio! — avisou Ma Tzu.

Você pode ir, mas lembre-se do companheiro Sekito Cabeça de Pedra... Porque ele permaneceu sempre numa rocha, sentado numa rocha, e tinha a cabeça rapada, também ela parecida com uma rocha, chamavam-lhe «Sekito Cabeça de Pedra». Ele era por mérito próprio um mestre sem igual. Até Ma Tzu reconhecia a sua singularidade, e quando este reconhece alguém, é mesmo um reconhecimento. «O caminho no topo da pedra é escorregadio!», avisou Ma Tzu.

— Eu tenho a vara de acrobata comigo... — disse Impo.

Provavelmente já viu alguém a andar numa corda. Sempre que alguém anda numa corda tem de manter uma vara na mão, para se equilibrar. A pessoa tem de se equilibrar continuamente, caso contrário pode cair da corda. O truque é equilibrar, e esse equilibrar necessita de auxílio... quando se sente a descair para a esquerda, põe a vara para a sua direita para se equilibrar; quando se sente a descair para a direita, põe a barra para a esquerda. Aquela vara é apenas uma ajuda para manter o equilíbrio entre a direita e a esquerda, para manter a pessoa no meio. Sem a vara nenhum acrobata consegue andar numa corda. O

segredo é a vara. É o seu apoio; caso contrário, se descair para a esquerda e não tiver nada em que se apoiar para manter o peso equilibrado, irá cair.

Este homem, Impo, disse: «*Eu tenho a vara de acrobata Comigo.*» Ele disse: «Não se preocupe. Por mais escorregadio que seja o caminho de Sekito Cabeça de Pedra, eu tenho a vara comigo, eu já andei na corda. Não se preocupe; eu mantereí o equilíbrio impecavelmente.»

— ... posso utilizá-la sempre que queira — e foi-se embora.

Quando chegou junto de Sekito, Impo deu uma volta ao banco zen deste, girou a sua vara com um grito e perguntou:

— Qual é o *dharma* disto?

Esta é uma questão importante. Ele está a perguntar: «Qual é a verdade disto?» A bater com a vara na pedra onde Sekito está sentado, ele pergunta: «Qual é a natureza deste estado de ser?» Na língua de Gautama Buda, qual é o significado de *tathata*, estado de ser assim? Todo o ensinamento de Buda pode ser resumido a este estado de ser, ser, o momento presente. Qual é o significado deste momento presente?

Quando ele perguntou «*Qual é o dharma disto?*», Sekito disse: «*Que tristeza! Que tristeza!*»

Por que é que ele disse isso? Ele está a dizê-lo porque, se você souber isto, não fará a pergunta. E não pode fazer a pergunta se não o souber.

Está a ver o problema: se você sabe isto — este momento, este silêncio —, se você sabe isto, não fará a pergunta. E se não sabe isto... como pode fazer uma pergunta sem a saber?

Foi por isso que ele disse: «*Que tristeza! Que tristeza!*» Você apenas sabe a pergunta, mas não sabe o que está a perguntar. Esta questão não pode ser colocada, apenas pode ser experienciada. Parece que você é uma pessoa com conhecimento, que deve ter lido as escrituras onde isto é descrito. Vez após vez, o Buda diz: «Este momento é tudo.» Se consegue perceber o segredo deste momento, então percebeu toda a existência, porque a existência é sempre no presente, nunca no passado, nunca no futuro.

O passado é a sua memória; o futuro é a sua imaginação. A existência permanece no presente. Não tem passado, nem futuro.

Por isso, se entende o estado de ser, a presença do momento presente, então percebeu todos os segredos e todos os mistérios. Não há nada para além disso.

Mas ele está a perguntar como estudioso, não como quem pratica a meditação. Foi por isso que Sekito disse: «*Que tristeza! Que tristeza! Você sabe*

a questão certa, mas não conhece a experiência certa. E sem a experiência, a questão fica sem sentido. Se tivesse tido a experiência, então não teria perguntado, teria ficado simplesmente sentado ao meu lado e experienciado... Este estado de ser rodeia esta montanha. Este silêncio, esta imensa tranquilidade e calma... você perturbou-a ao bater com a sua vara na minha pedra. Este foi o único distúrbio no silêncio da montanha. Antes tudo estava tão tranquilo. Deixa-me tão triste que você seja apenas um homem da mente, que não saiba o segredo da não mente.»

A mente não pode saber nada sobre a existência, só pode saber através de escrituras e das afirmações de outros. Todo o seu conhecimento é emprestado. Não conhece nenhuma experiência direta, e só a experiência direta pode libertar uma pessoa.

«*Que tristeza...*» Impo não conseguiu dizer nada, ele não conseguiu pensar em nada para dizer. Ele nunca esperou que o homem dissesse: «*Que tristeza! Que tristeza!*» Não era esta a resposta à sua pergunta! Ele ficou envergonhado.

Impo não tinha nada para lhe dizer, mas voltou para Ma Tzu e contou-lhe o que se tinha passado. Este disse:

— Volta para lá, e quando Sekito te disser «*Que tristeza!*», começa a chorar.

Ma Tzu está a jogar um jogo, tal como Sekito está a jogar um jogo. Ambos procuram que ele se aperceba deste momento. Agora Ma Tzu está a dizer: «Meteste-te em sarilhos. Eu disse-te desde o início que o caminho de Sekito é muito escorregadio. Agora ficaste a saber. Voltaste de imediato. Apenas uma pergunta e esqueceste-te da tua vara! Volta para lá outra vez e faz a mesma pergunta.» Esta é a estratégia de Ma Tzu. Ele está a pô-lo outra vez em dificuldades. Ele está a dizer-lhe: «Vai e faz a mesma pergunta, e quando Sekito disser “*Que tristeza!*”, começa a chorar.»

Então Impo voltou para ao pé de Sekito e tornou a perguntar no mesmo tom:

— Qual é o *dharma* disto?

Face a isto, Sekito começou a chorar.

Este é um plano fantástico concebido entre os dois mestres, que nunca falaram entre eles, que não se conhecem, que nunca se encontraram! Ambos são iluminados.

Este monge não entende a linguagem da iluminação. Quando Ma Tzu o mandou de volta com uma resposta, ele sabia que Sekito não iria repetir: «*Que tristeza! Que tristeza!*», porque um homem iluminado nunca repete nada. Ele responde sempre de uma nova forma a cada situação.

Pois esta é uma situação nova. A primeira vez, Impo foi sem saber o que ia dizer; agora vai sabendo perfeitamente o que vai dizer. Isto muda totalmente a

situação. Este homem vai agora com o conhecimento da resposta anterior. Mas a resposta anterior já não é válida. E a resposta de outrem não pode ser a sua resposta.

Então Ma Tzu deu-lhe a resposta: «Vai lá outra vez. Ele vai dizer “Que tristeza, que tristeza”.» Ele sabia que o outro não diria isso! «E quando ele disser isso, começa a chorar.» O mestre ofereceu-lhe a resposta.

Mas uma resposta oferecida por alguém não serve para nada, porque em cada situação a pessoa iluminada responde de uma maneira nova. Por isso, quando foi perguntado outra vez a Sekito: «Qual é o *dharma* disto?»...

«Face a isto, Sekito começou a chorar.»

Agora ele está a dizer: «Isto é demais! Eu já estava triste; agora a tristeza parece não te ter afetado. Ainda estás a fazer a mesma pergunta! Fico com vontade de chorar!»

Novamente o pobre Impo ficou sem resposta, porque lhe tinham dado a resposta: «Deves chorar.» Agora o próprio Sekito estava a chorar, o que fazer?

Impo, de novo sem saber o que dizer, regressou para junto de Ma Tzu, que comentou:

— Eu avisei: o caminho no topo da pedra é escorregadio!

«Onde está a tua vara? Tu escorregaste duas vezes! Tu envergonhas-me!» — é isto que Ma Tzu está a dizer — «Sendo meu discípulo, escorregaste duas vezes, e não conseguiste responder.»

Isto faz-me lembrar uma pequena história que o ajudará a perceber.

≈

Havia dois templos no Japão, que se opunham um ao outro. Um pertencia a Shinto, o outro pertencia a Zen. E há séculos que havia discussões e zangas entre eles. Ambos tinham mestres, e ambos tinham jovens rapazes, porque os mestres eram velhos e precisavam de alguém que os ajudasse, para trazer vegetais ou cozinhar. Os mais novos encarregavam-se disso.

Ambos disseram aos jovens rapazes: «Não fales com o outro rapaz do outro templo — nunca! Nós somos inimigos há séculos, nós não nos falamos.»

Mas rapazes são rapazes, e porque ambos eram reprimidos, ambos se sentiam tentados... Por isso um dia, quando foram buscar vegetais ao mercado, encontraram-se na estrada. Um rapaz perguntou ao outro — este era o rapaz de Shinto, vindo do templo de Shinto. Ele perguntou ao rapaz de Zen:

— Onde vais?

— Para onde o vento me levar — respondeu o rapaz de Zen. Ele tinha estado a ouvir o seu mestre, todo o tipo de coisas, por isso ele conhecia o Zen e dera aquela resposta.

O rapaz de Shinto ficou perplexo com isto. O que havia de responder? Ele queria fazer amigos, mas este rapaz parecia totalmente desinteressado; ele tinha-o despachado completamente. Não era possível conversar — o que dizer agora? Ele estava a dizer: «Para onde o vento me levar.»

Muito triste, o jovem regressou para junto do seu mestre e disse:

— Desobedecei-lhe, desculpe. Eu estava curioso por conhecer o outro rapaz. Estava a sentir-me só e pensei que ele também pudesse sentir o mesmo. E os vossos templos podem estar um contra o outro há séculos, mas nós somos apenas rapazes. Podemos ser amigos.

— Mas você tinha razão; não foi bom ter perguntado. Aquelas pessoas são, com toda a certeza, perigosas. Eu perguntei ao rapaz: «Onde é que vais?» e ele respondeu-me: «Para onde o vento me levar.»

— Eu avisei-te — disse o mestre. — Amanhã vais outra vez e ficas no mesmo sítio, e quando o rapaz de Zen aparecer, perguntas-lhe outra vez: «Onde é que vais?» E quando ele disser «Para onde o vento me levar», tu perguntas-lhe: «E se o vento não soprar, o que acontece...?»

Ele lá foi. E ficou no mesmo sítio, a observar. O rapaz Zen estava a aproximar-se. Então o jovem de Shinto perguntou:

— Onde é que vais?

— Para onde as pernas me levarem — respondeu o outro.

Agora ele não podia responder o que o mestre lhe tinha dito: «E se o vento não soprar...» Seria absurdo responder isso. Então, muito triste, foi ter com o mestre de Shinto e disse:

— Aquelas pessoas são muito estranhas! Aquele rapaz mudou de tática! Eu fiz a mesma pergunta, mas ele respondeu: «Para onde as pernas me levarem.»

— Eu tenho estado a tentar avisar-te — disse o mestre. — Agora estás a ser derrotado desnecessariamente, e isso também é uma derrota para o teu templo. Isto não é bom. Vai lá outra vez! Amanhã regressas ao mesmo sítio, e quando o rapaz vier tu perguntas: «Onde é que vais?», e quando ele responder «Para onde as pernas me levarem», pergunta-lhe: «Se fosses deficiente, irias a algum lado ou não?»

Então, encantado da vida, o rapaz lá foi outra vez e ficou no mesmo sítio, a observar. O outro rapaz saiu do templo. O jovem de Shinto perguntou-lhe «Onde é que vais?», feliz porque agora sabia a resposta.

— Vou buscar legumes — respondeu o jovem de Zen. A situação tornara-se absolutamente diferente. Ele não podia dizer «Se fosses deficiente...», ele não podia dizer «Se o vento não soprar...»

Regressou então, muito zangado, e disse ao mestre:

— Aquelas pessoas são estranhas! Até o rapaz é estranho.

— Eu tenho estado a dizer-te, mas tu não percebes — disse o mestre.

≈

A história é exatamente a mesma. A moral da história é que cada momento é tão novo que nada de velho deve ser repetido. O rapaz de Zen soube, através do seu mestre e do seu diálogo constante com os discípulos, que nada pode ser repetido, porque a situação nunca é a mesma.

Daí que você tenha de responder de uma forma nova a todas as situações — de acordo com a sua consciência, tal como um espelho. Se estiver ali um espelho e olhar para ele, vai ver a sua cara. E se um macaco olhar para ele, o macaco verá a sua cara. Se um burro olhar para ele, o burro verá a sua cara. O espelho é um meio refletor, não tem opinião. Não pode dizer que o espelho é contraditório, que é inconsistente: às vezes mostra a cara de um homem, outras vezes a de um macaco, às vezes a de um burro, que tipo de espelho é este? Tem de ser consistente! O Zen não é consistente com o passado, mas é absolutamente consistente com o presente. A sua consistência é um fenómeno totalmente diferente de todas as coisas que alguma vez aconteceram no mundo. É único.

Os filósofos são consistentes com as suas afirmações do passado. Seja o que for que tenham dito antes, eles continuarão a ser consistentes com as suas teorias por toda a vida, mas essa consistência está morta. No primeiro dia em que afirmou algo, morreu. E eles continuam a repetir a mesma afirmação apesar da situação estar permanentemente a mudar.

O Zen é consistente não a nível de tempo, mas a nível da existência. Simplesmente observa a existência e seja o que for que surja. Não é artificial. Quando o rapaz disse pela primeira vez «Para onde o vento me levar», essa foi a sua resposta naquele momento. Claro que da vez seguinte não poderia repeti-la, porque o outro veio com uma resposta pré-feita, e respostas pré-feitas não são válidas no mundo Zen.

Apesar de ser apenas um rapaz, ele vivia numa atmosfera Zen onde interiorizou uma coisa: nunca repetir, porque a existência nunca se repete. Não se encontra duas pessoas iguais no mundo. Não se encontra duas folhas idênticas numa árvore; não se encontra duas rosas exatamente iguais. A existência nunca se repete. Cria sempre um original; não acredita em cópias.

Respostas pré-feitas não funcionam numa atmosfera Zen.

Por isso é de esperar que um mestre Zen tenha sempre uma reação nova. Ele é sempre jovem e sempre fresco, e responde à situação. Ele não está preocupado em recordar respostas anteriores, não se interessa por elas. Ele está sempre aberto ao presente, tal como um espelho.

Buson escreveu:

Eu saio,
tu fica —
dois Outonos.

O que quer ele dizer com este *haiku*? O Outono é muito belo no Japão; daí que apareça repetidamente nos *haikus*. É uma das alturas mais belas do ano. Buson é um mestre Zen, despertado, iluminado. E quando diz: «Eu saio. Vou-me embora — tu fica», ele está a falar com o Outono. O Outono está a ir-se embora e quase dói que se esteja a ir embora. Então ele diz ao Outono: «Fica. Eu vou-me embora. Eu também sou um Outono; tal como tu és belo, glorioso, também eu o sou. Em vez de tu ires, posso ir eu, fica.»

Isto mostra uma compaixão tremenda. «Por que é que te vais embora quando eu estou disposto a ir por ti? E as pessoas adoram-te, elas gostam de ti. Elas dançam quando o Outono chega. Não perturbes a sua alegria. No que diz respeito a ir embora, eu estou pronto para ir.»

Eu saio,
tu fica —
dois Outonos.

«Tu és um Outono, eu também sou um Outono. Tu desabrochaste, eu também desabrochei. Por isso não há problema, eu posso ir no teu lugar. Tu fica aqui.»

É como se estivesse a falar uma rosa que vai deixar cair as suas pétalas e desaparecer. Você sente uma compaixão tremenda por esta rosa e diz: «Não te vás embora. Eu posso ir embora; tu ficas. As pessoas gostam tanto de ti. Elas ficam alegres quando tu danças ao vento, à chuva e ao sol. Todos te adoram. E o meu tempo já foi. Eu já desabrochei, eu atingi o meu auge. Não há mais nada para mim. Eu cheguei ao fim do caminho. Eu posso ir embora; tu ficas.»

Só um mestre Zen pode ter um diálogo destes porque se sente em sintonia com a existência. Seja Primavera ou Outono ou Verão ou Inverno, não interessa. Ele está em sintonia com o universo. Ele deseja que tudo o que seja belo perdure para poder ser apreciado pelas outras pessoas. Ele está pronto para partir, para desaparecer no vasto oceano da existência. Este *haiku* é absolutamente deslumbrante.

Eu saio,
tu fica —
dois Outonos.

Tal como tu, também eu tenho uma atmosfera bela. O meu Outono chegou. Por isso eu posso partir. Não há necessidade de ir. As pessoas gostam tanto de ti.

A última questão:

No seu livro, *Daybreak*, Friedrich Nietzsche escreveu:

«No meio do oceano de nos tornarmos, despertamos numa pequena ilha, mais pequena que um barco — nós, aventureiros e pássaros de passagem -, e olhamos à nossa volta por um momento, tão inquisitivamente e nitidamente quanto possível, não fosse a qualquer momento o vento soprar-nos para longe ou uma onda varrer-nos da pequena ilha, para que nada de nós restasse!»

«Nós vivemos um minuto precário de saber, de adivinhar, por entre o alegre bater das asas e o chilrear de uns com os outros, e em espírito nós partimos, aventureiros, para o oceano, tão orgulhosos como o próprio oceano.»

Não será a trindade de Nietzsche — alegria, audácia e amor à vida — muito mais valiosa do que a trindade dos deuses hindu e cristão? E não será a loucura de Nietzsche mais significativa do que a pseudossanidade do cristão que morreria em nome das suas fantasias?

Nietzsche é um poeta magnífico, é um poeta sem igual. Ele escreve poesia em prosa — um fenómeno raro. Ele nunca escreveu poesia, mas toda a sua prosa é pura poesia. Cada frase é poética, simbólica. Tudo o que ele disse é extremamente belo, apesar de nunca ter ido além da mente.

Apetece-me dizer a Nietzsche, tal como Sekito disse ao seu curioso monge: «Que tristeza! Que tristeza!» Este homem merecia ter sido um buda. Mas só porque estava no Ocidente, não conseguiu encontrar o caminho para fora da mente.

Você tem razão, as trindades cristã e hindu não são comparáveis à trindade de Friedrich Nietzsche: alegria, audácia e amor à vida. É isto que eu tenho estado a ensinar.

A trindade cristã é mera ficção. Deus, o Espírito Santo e o único filho, Jesus Cristo, são todos ficção. Jesus Cristo é noventa e nove por cento ficção, um por cento realidade. De toda a trindade apenas Jesus Cristo tem um por cento de realidade, como ser humano. Mas todos os milagres são inventados. O ter andado na água é absurdo; o ter ressuscitado os mortos é absurdo; o seu nascimento virgem, a concepção imaculada, é ilógica, não científica; a sua ressurreição é falsa, uma fraude. Ele nunca morreu na cruz, por isso a questão da ressurreição nem se põe. Ele simplesmente escapou da gruta; foi uma conspiração do governador-geral romano, Pôncio Pilatos, com os seguidores de Jesus. O próprio Pôncio Pilatos estava a sentir-se mal por causa da crucificação de Jesus, mas não a conseguiu impedir.

Era tradição em cada festival judeu, quando os criminosos que tinham sido sentenciados eram crucificados, os rabis, particularmente os padres chefes do grande templo judeu de Jerusalém, terem o direito de pedir que um dos prisioneiros fosse libertado, como um ato de clemência.

Três pessoas iam ser crucificadas. Duas delas eram assassinos. Um, chamado Barrabás, era o pior criminoso de todos, com sete assassinios e violações, e todo o tipo de crimes na sua consciência, ainda por cima bêbado, apesar de ser um homem muito forte, Barrabás. O segundo homem também era um criminoso. Pôncio Pilatos tinha esperança de que os judeus pedissem para Jesus ser libertado. Ele era absolutamente inocente, não tinha cometido nenhum crime, não tinha feito nada ilegal. Ele era absolutamente inocente.

Mas os judeus estavam furiosos porque ele se tinha proclamado filho de Deus. E eles não acreditam que Deus tivesse família, porque uma vez que você tenha uma família, ela não tem fim. Você tem irmãos, e depois tem cunhados, e tem irmãs, e tem cunhadas, e é um nunca mais acabar. Assim Deus teria uma esposa, e Deus teria um pai e um avô, e quem sabe onde acabaria a família? Deus tornar-se-ia uma família. Primos afastados também alegariam a sua divindade. Os judeus não aceitam nenhuma trindade. Deus está sozinho; ele não tem filho ou Espírito Santo. Por isso os judeus estavam furiosos por este homem se proclamar o único filho de Deus.

Porquê «único»? O que aconteceu a Deus? Terá ficado impotente? Não poderá ele criar mais filhos à semelhança dos hindus? Uma dúzia de filhos é o normal na Índia. Duas dúzias já começa a parecer um feito. Deus teve apenas um filho, nem sequer uma filha para brincar com o filho? É absolutamente contra a mentalidade judaica; daí que eles não pudessem pedir que ele fosse perdoado. Pôncio Pilatos não era judeu, por isso não percebia qual era o problema. Ele era romano pagão, não acreditava em nenhum Deus. Então qual era o problema?

Deus não existe, e se este homem é um pouco excêntrico e se considera o filho de Deus, não há mal nisso. A declaração inofensiva mostra simplesmente que ele era um bocado louco, excêntrico, um palhaço! Mas não se põem bananas² na cruz. Você aprecia a banana, não a põe na cruz. Este fulano é um pouco palerma; divirta-se com ele, mas ele é inocente. Ria-se dele, mas a crucificação não me parece ser justa.

Então Pôncio Pilatos estava à espera, mas os judeus não pediram para libertar Jesus; pelo contrário, todos eles gritaram, todos os rabis — e havia dois mil rabis no templo. Era o grande templo dos judeus que foi destruído. E o padre mais poderoso desse templo era praticamente o rei dos judeus — todos eles gritaram ao mesmo tempo: «Libertem Barrabás!»

Até Barrabás ficou incrédulo. Também ele estava a pensar naquele jovem rapaz, que tinha apenas trinta e três anos... o próprio Barrabás o tinha ouvido, ele estava sempre a falar em todo o lado. Ele andava de um lado para o outro em Jerusalém, no seu burro, e sempre que se aproximava de um grupo começava a falar. Ele era um pregador de rua — por isso Barrabás já ouvira os seus discursos, e gostava dele. O rapaz era simpático e dizia coisas muito belas. Obviamente que ele tinha esperança de que o libertassem. E nem podia acreditar quando os judeus lho disseram. Ele ficou chocado. Quando o tiraram da cruz, ele continuava incrédulo; não acreditava que fosse real e olhou para trás várias vezes, ao caminhar em direção ao bar. E passados sete dias voltou a matar um homem.

Então, Pôncio Pilatos estava cheio de vontade, e a gruta onde colocaram Jesus foi guardada por um guarda romano. Os judeus não o podiam fazer porque era o *Sabbath* deles, um dia em que não podem fazer nada. A crucificação aconteceu numa sexta-feira, foi combinado. Todo o mérito é de Pôncio Pilatos, não é de Deus nem da ressurreição. Foi assim combinado para uma sexta-feira — porque ao sábado é o *sabbath* dos judeus; eles não fazem nada, pára tudo — e nessa sexta-feira a crucificação foi atrasada o mais possível, porque não podia acontecer antes de Pôncio Pilatos chegar. Ele chegou tão tarde quanto possível e a crucificação aconteceu um pouco depois do meio-dia. E a cruz judaica é feita de tal maneira que nela um homem saudável demora quarenta e oito horas a morrer — é um processo muito demorado, uma tortura lenta. O corpo começa a perder sangue a partir das mãos e das pernas. Apenas são usados quatro pregos: dois nas mãos, dois nas pernas.

Por isso, uma pessoa demora quarenta e oito horas a morrer na cruz judaica, porque o sangue vai coagulando aos poucos; alguém tem de remover o sangue seco para permitir que o sangue novo comece a sair. Demora quarenta e oito horas, e Jesus esteve apenas seis horas na cruz — do meio-dia às seis. À medida que o Sol se punha, ele teve de ser retirado da cruz e trancado numa gruta, porque no sábado nada podia ser feito. Pára tudo; até a crucificação tem de parar. Em seis horas um jovem com trinta e três anos não morre. Isto é um

facto científico. Nenhum judeu se ofereceria para o guardar, porque isso seria contra a sua religião; ele estaria a trabalhar, a cumprir um dever. Por isso ficou de guarda um romano — o que era perfeito. A pedra foi removida da entrada da gruta e os seguidores de Jesus levaram o seu corpo. Ele estava vivo, apenas ferido — eles levaram-no da Judeia, que era um país muito pequeno, e mantiveram-no escondido durante alguns dias até que estivesse recuperado. Depois sugeriram que ele não voltasse para a Judeia: «Eles crucificam-te no ano que vem, não te deixarão em paz.» Foi por isso que ele veio para a Índia.

Ele tinha estado na Índia anteriormente — por isso é que conhecia o país —, entre os treze e os trinta anos. A Bíblia não diz nada acerca do que se passou na vida de Jesus durante esses dezassete anos ou em que sítios esteve. Ele esteve na Índia a estudar, em Nalanda, em Takshsila, e esteve em Ladakh e talvez no Tibete.

Buda tinha morrido apenas quinhentos anos antes; ainda se sentia o seu cheiro no ar. Takshsila e Nalanda eram duas universidades, as mais antigas do mundo e que ensinavam acima de tudo a meditação, porque a mensagem de Buda baseava-se na meditação. Então ele estava a aprender a perspetiva oriental. Estes dezassete anos são ignorados, não há registo na Bíblia cristã. Mas há registos em Ladakh, um mosteiro budista, da sua segunda visita.

Há cento e cinquenta anos um investigador russo descobriu os registos no mosteiro budista em Ladakh, onde Jesus era descrito ao pormenor: que ele visitou o mosteiro, que permaneceu lá por três meses, que era judeu, que vinha de Jerusalém, que tinha sido crucificado mas que havia escapado após seis horas... estava tudo lá. E este russo escreveu um livro, que está disponível, no qual descreve tudo. Mas quando os cristãos descobriram isto — o país estava sob a lei da Bíblia —, mandaram destruir essas páginas do mosteiro de Ladakh, nas quais estava a descrição de Jesus. Apenas faltam essas duas páginas. E é possível verificar isto porque todas as páginas estavam numeradas. Pode ver no livro do investigador russo que são mencionadas aquelas duas páginas com os seus respetivos números. Foi o Império Britânico que destruiu aquelas duas páginas para se assegurar de que mais ninguém pudesse afirmar que Jesus estava na Índia, ou em Ladakh, ou quem sabe no Tibete.

Há, no entanto, uma sepultura em Caxemira, perto de Pahalgam... é uma coincidência fabulosa que exatamente ao lado da sepultura de Moisés esteja a sepultura de Jesus. Ambos estiveram na Índia. Moisés veio quando já era idoso, em busca da tribo perdida dos judeus, que se haviam estabelecido em Caxemira. Ele estava demasiado velho para voltar para Jerusalém, e Caxemira parecia mesmo a terra de Deus, era tão bela. Não há nada que se lhe compare em todo o mundo. Ele ficou e aí morreu. Jesus veio e ficou por bastante tempo... ele viveu até aos cento e doze anos de idade. Está tudo escrito na sua sepultura. Aquelas duas sepulturas são as únicas sepulturas de judeus na Índia, porque não há judeus no país. E a inscrição está em hebraico. Na Índia ninguém percebe

hebraico e apenas os muçulmanos sepultam os mortos; os hindus queimam o corpo. As sepulturas muçulmanas têm de estar orientadas para a Kaaba; a cabeça tem de estar nessa direção. Mesmo quando está prestes a morrer, uma pessoa não pode ter os pés em direção a Kaaba; isso seria insultuoso. Por essa razão, em todas as sepulturas muçulmanas a cabeça está voltada para a Kaaba. Apenas estas duas sepulturas não estão assim direcionadas, porque não são sepulturas muçulmanas. De todas as sepulturas da Índia — e procurei exaustivamente em muitos cemitérios — apenas aquelas duas sepulturas não estavam direcionadas para a Kaaba, porque não havia ali judeus.

E todos os outros judeus que aí se estabeleceram tinham sido forçados a tornarem-se muçulmanos. Quando o domínio islâmico chegou à Índia, todos os judeus foram convertidos ao islamismo. Apenas uma família de judeus foi poupada para tomar conta destas duas sepulturas, porque os muçulmanos respeitam Jesus e Moisés. Então, esta família, por tradição, geração após geração, tem tomado conta delas.

O nome da vila mais próxima é Pahalgam; em Caxemira significa «vila do pastor». Jesus costumava autodenominar-se o pastor, e costumava chamar ovelhas à humanidade. Por isso Pahalgam faz sentido; é a vila do pastor. E estas duas sepulturas estão situadas muito perto de Pahalgam.

Jesus não morreu na cruz nem ressuscitou. Tudo isso é apenas ficção criada pelos cristãos. Nenhuma literatura contemporânea de Jesus menciona sequer o nome dele. É inacreditável — se uma pessoa anda em cima da água, cura os outros com um simples toque, põe os cegos a ver, os surdos a ouvir, os mortos a regressar à vida, você não acha que todo o país estaria a falar sobre ele? Ele seria mencionado em todos os jornais e literatura da época. Tal homem não poderia ser ignorado. Mas nenhuma literatura do tempo menciona sequer o seu nome.

Por isso é que, de toda a trindade, apenas um por cento parece ser real — Jesus Cristo, o filho do carpinteiro. E a trindade hindu nem chega a ser um por cento real. É absoluta ficção. Um homem tem três cabeças — o que vai ser um problema constante! Uma quer ir para este lado, a outra quer ir para aquele lado, a terceira quer ir para outro lado, e não podem ir a lado nenhum sem que as três concordem. As três têm esposas... eu fico intrigado, porque o corpo é só um, por isso o mecanismo sexual é só um, mas três cabeças e três esposas? Como é que eles gerem isto?

Isto é pura mitologia, uma mitologia feia, obscena. E quando digo tais coisas, os sentimentos religiosos são ofendidos — mas o que posso eu fazer? São as suas próprias escrituras que estão a ofender os seus sentimentos religiosos. Oponha-se às suas escrituras sagradas — elas têm de ser destruídas!

Sem dúvida que a trindade de Nietzsche é bela: alegria, audácia e amor à vida. Estas podem ser tidas como as características de quem busca: alegria, audácia e amor à vida.

≈

Depois de tão séria discussão, uma boa gargalhada é necessária como antídoto.

Muffin Snuffler estava a sofrer do que aparentava ser um esgotamento nervoso. Então, depois de um período de grande depressão em que se afundava no álcool, finalmente decidiu consultar um psiquiatra.

O psiquiatra fez algumas perguntas a Muffin e começou logo a perceber o que se estava a passar.

— Senhor Muffin — afirmou o médico —, você está com um grave problema. Está a viver com uma coisa terrível, uma coisa diabólica — algo que está a possuí-lo dia e noite. Tem de descobrir o que é para a destruir!

— Shhhhhh, doutor — sussurrou Muffin, nervosamente. — Não fale tão alto que ela está sentada ali fora na sala de espera!

≈

A situação não está fácil para os membros da Igreja Católica. A sua imagem está a ser denegrada pelas histórias de sexo e perversão passadas no interior do sacerdócio. O seu pseudocelibato está a tornar-se motivo de chacota para o mundo inteiro.

Então o papa polaco chama o seu secretário de imprensa e ordena-lhe que invente uma campanha para encobrir isto.

— Bem, Sua Santidade — disse o secretário —, eu já pensei muito neste assunto. Estou convencido de que a melhor solução será mudarmos o estilo das nossas roupas. Neste momento, quando olham para nós, as pessoas só veem uma data de hábitos sujos!

— Sim — disse o papa —, talvez tenhas razão. Então o que é que devemos fazer?

— É fácil! — respondeu o secretário. — O que tenho em mente é uma mudança de imagem completa. Vamos cobrir a cidade com *posters* com uma freira em biquíni!

— O quê? — gritou o papa polaco. - Uma freira em biquíni? Como é que isso é suposto promover o celibato no mundo?

— Bem — explica o secretário —, a modelo na fotografia vai ser muito parecida com a Madre Teresa!

≈

Agora a meditação:

Esteja em silêncio. Feche os olhos, sinta o corpo como se estivesse paralisado.

Este é o momento para se virar para dentro. Concentre as suas energias, o total da sua consciência, e apresse-se em direção ao seu centro, como se fosse a sua última oportunidade. Só com uma tal urgência pode alguém atingir imediatamente o seu centro.

Mais profundo e mais profundo... tudo depende da sua intensidade... a distância não é grande.

À medida que se aproxima do centro, um tremendo silêncio apodera-se de si, tal como uma chuva suave a cair. E consegue sentir uma imensa frescura.

Um pouco mais profundo e começa a sentir uma paz sem fim, o que os místicos chamam uma paz para além do entendimento.

Só mais um passo e estará no centro.

De repente sente-se embriagado com o divino. Um enorme êxtase apodera-se de si, você fica luminoso, toda a escuridão desaparece. Você deixa de existir. Bruscamente, apercebe-se da sua face original.

No Oriente nós utilizamos a face de Gautama Buda como símbolo para a face original de todos nós. É apenas simbólica. Você está a encontrar Gautama Buda, não pelo seu exterior mas sim pelo seu ponto mais interior. Você tornou-se o coração dele.

Lembre-se apenas de uma coisa, que é o testemunhar. Isso constitui todo o ser de Buda. Chame-lhe percepção, chame-lhe consciência, chame-lhe o que Buda costumava chamar, *sammāsati*, lembrar corretamente, mas testemunhar é a palavra mais importante de todas.

Seja simplesmente testemunha de que você não é um corpo. Seja testemunha de que você não é uma mente. E, finalmente, seja testemunha de ser apenas uma testemunha, nada mais.

Vai entrar, neste momento, na parte mais secreta do seu centro.

Este é o começo de uma longa peregrinação, para desaparecer no cosmos. Esta é a porta a abrir para o cosmos. Nós e o todo somos um.

Simplesmente continue a testemunhar, e tudo se tornará mais profundo, mais profundo, mais profundo...

Para tornar o testemunhar mais claro para si...

Descontraia. Deixe tudo para trás. Mas continue a ser uma testemunha.

À medida que o seu testemunhar se torna mais e mais claro, você começa a derreter como gelo no oceano, a derreter para uma só consciência, a consciência universal, a consciência eterna, a consciência imortal, a consciência para além do nascimento e da morte.

Este é o seu ser autêntico.

O que desapareceu foi apenas a sua personalidade. Agora resta o essencial, o existencial, o experimental. E esta consciência existencial não é apenas sua, pertence ao cosmos. Você é apenas uma gota de orvalho que caiu da flor de lótus para o mar.

Alegre-se com isso!

Perceba que é a pessoa mais sortuda do mundo. Neste momento, enquanto todos estão preocupados com coisas triviais, você está a explorar o mais majestoso, a mais esplendorosa experiência; o lugar mais divino, mais sagrado em que está a entrar.

Recolha todas estas experiências — esta alegria, este testemunhar, este silêncio... É tudo! Guarde-as bem. E convença o buda a vir consigo.

Ele é a sua natureza, ele é o seu *dharma*, ele é o seu derradeiro segredo.

Traga-o consigo.

Estes são os três passos para a iluminação: primeiro o buda aparece por trás de si como uma presença. Você vai senti-lo, ele vai rodeá-lo, é um campo de energia que mudará todo o seu comportamento, que lhe dará uma nova direção na vida. Vai dar-lhe uma nova moral, só sua, uma espontaneidade de existir. Vai dar-lhe um amor à vida, uma alegria que não conhecia, e coragem. No momento em que perceber que é eterno, todas as suas fraquezas desaparecem, toda a inferioridade desaparece.

No segundo passo o buda passa a estar à sua frente. Você torna-se na sombra.

No terceiro passo a sua sombra desvanece-se. Você deixa de existir, apenas resta o buda. Ele é a sua eternidade, ele é a sua verdade, ele é a sua beleza, ele é a sua religiosidade.

Agora... regresso. Mas volte com a mesma graciosidade, com o mesmo silêncio, com a mesma paz. E sente-se por uns segundos simplesmente para lembrar o caminho que percorreu para o interior. É um caminho dourado. O centro que alcançou não é apenas o seu centro, é o centro de toda a existência.

No centro todos nós nos encontramos. Os pássaros, as árvores, os rios, as montanhas, todos no centro. Somos diferentes nas circunferências, mas somos todos um só no centro.

E conhecer esta unidade é a iluminação.

¹ Porto: Civilização Editora, 1994. (N. da T.)

² Banana, em inglês, significa também alguém louco, com pouco juízo. (N. da T.)

SOBRE O AUTOR

Os ensinamentos de Osho não são fáceis de categorizar. Eles abrangem desde a busca de sentido de cada indivíduo até aos temas sociais e políticos mais prementes dos nossos dias. Os seus livros não foram escritos, mas transcritos de registos audiovisuais de palestras improvisadas feitas em todo o mundo ao longo de 35 anos. Osho foi descrito pelo Sunday Times de Londres como “um dos mil construtores do século XX” e pelo autor americano Anthony Robbins como “o homem mais perigoso desde Jesus Cristo”.

Osho disse acerca do seu próprio trabalho que estava a tentar ajudar a criar as condições necessárias para o nascimento de um novo tipo de ser humano. Ele descreveu muitas vezes este novo tipo de ser humano como “Zorba, o Buda” — um ser capaz tanto de desfrutar dos prazeres terrenos, como Zorba, o Grego, como de ter a serenidade silenciosa de um Gautama Buda. Uma visão que contém tanto da sabedoria intemporal do Oriente como do potencial da ciência ocidental atravessa toda a sua obra.

Osho era também conhecido pela sua contribuição revolucionária para a ciência da transformação interior, com uma abordagem à meditação que tem em conta o ritmo acelerado da vida contemporânea. As suas “meditações ativas” são uma criação única destinada a libertar o corpo e a mente do stresse acumulado, para poder depois explorar com maior facilidade o estado de descontração e ausência de pensamento da meditação.